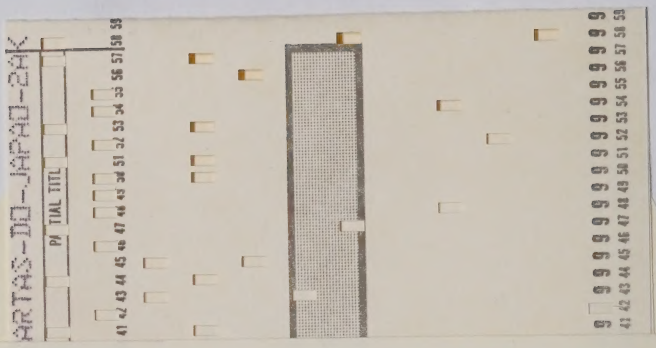


THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DS837
.M68
1927
v. 1

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
Form No. 513			

WENCESLAU DE MORAES

ARTES DO JAPÃO

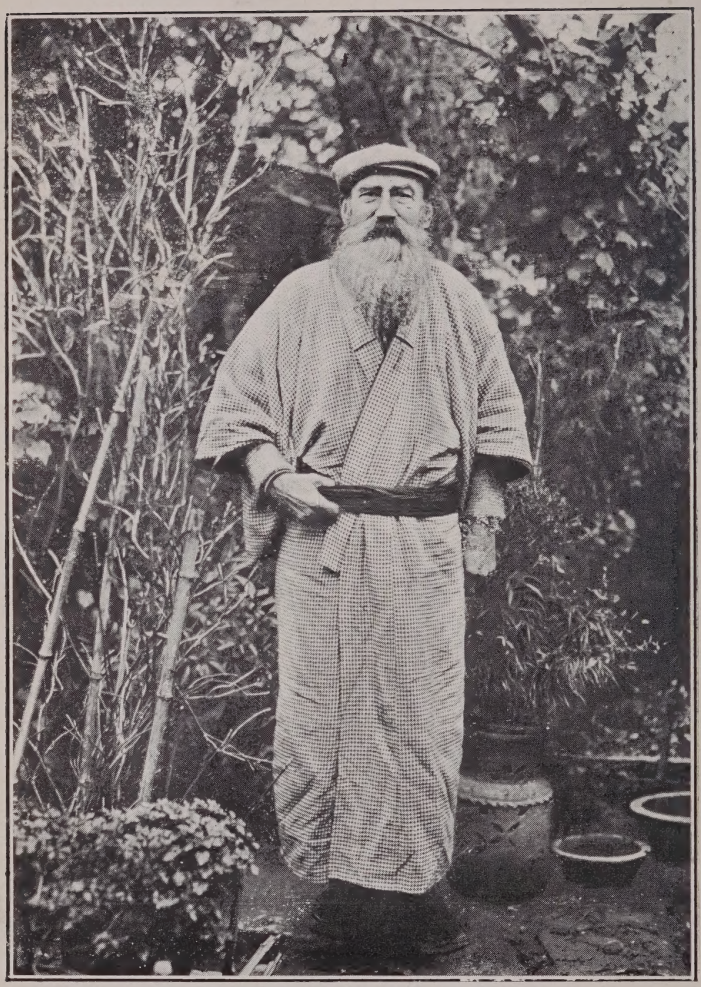
S E PORTUGAL BRASIL
LISBOA

3 vols - 3$

CARTAS DO JAPÃO

D'esta edição foram impressos 200 exemplares em papel couché, *numerados.*

185-



WENCESLAU DE MORAES

DS 837
.M65
1927
v.1

WENCESLAU DE MORAES

CARTAS DO JAPÃO

I

2.ª SERIE — 1907-1908

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu tambem pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano.

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 – LISBOA

Ha já bastantes annos, deu-se publicidade no Porto, em tres volumes successivos, ás Cartas do Japão, *com que o auctor d'estas linhas iniciou e continuou as suas correspondencias noticiosas para o jornal portuense* "O Commercio do Porto„. *As* Cartas *fôram succedendo-se, os volumes cessaram. Tenta-se agora publicar, em outros volumes successivos, as* Cartas *que, a partir do anno de 1907, não passaram das columnas do citado jornal portuense. E' claro que a importancia de taes escriptos, destinados principalmente á simples enumeração de factos, perdeu muito com o andar dos tempos. Todavia, alguns curiosos de coisas japonezas ainda poderão encontrar sufficiente interesse em uma ou outra pagina solta; é para elles que agora se recolleccionam as ultimas* Cartas do Japão, *apparecidas no periodo que decorre desde o anno de 1907 até meados de 1913 — se não me engano, — quando o auctor, abandonando a vida publica, se retirou para o isolamento onde se encontra.*

Tokushima, julho de 1927.

W. DE M.

I

16 de janeiro de 1907

A proposito do anno findo; uma impressão do anno novo — O inglez Lafcadio Hearn e os seus escriptos — Referencia a uma correspondencia anterior; a proposito de rolhas; considerações despertadas pelo assumpto.

Não digamos nada, para não sermos fastidiosos, do anno de 1906, que se foi para nunca mais voltar. O passado não volta. Esperemos os acontecimentos do anno de 1907, que inicia o seu ephemero reinado. Aos leitores d'estas cartas, os meus *compliments of season,* como dizem, com certa graça e notavel economia de rhetorica, os nossos amaveis alliados.

Registremos apenas, de passagem, que o anno de 1906 marca, para este paiz do Nippon, um notabilissimo periodo na sua pasmosa evolução, no tocante aos progressos da sua industria, do seu commercio, da sua marinha mercante, n'uma palavra, ao caminho feito em direcção do ideal ardentemente ambicionado — a sua hegemonia no Extremo-Oriente. Nós, os brancos, mal conhecemos, mal presentimos tudo isto; porque o Japão, que cada vez mais abre as suas portas aos estrangeiros, cada vez mais lhes fecha as suas janellas. Será o futuro que nos revelará um dia quanto póde o firme proposito

de um povo abrazado em enthusiastico patriotismo e dispondo de dotes de sagacidade e de intelligencia deslumbrantemente excepcionaes.

— Uma impressão do anno novo, no Japão.

A vinda do anno novo é solemnisada aqui com grandes festas, de caracter familial e de caracter religioso. Durante os primeiros dias de janeiro, todo este Nippon é regozijo, cumprimentos congratulatorios, peregrinações aos templos; todo este Nippon é fato novo que se estrea, bandeiras, lanternas de papel, folguedos pelas ruas, banquetesinhos domesticos, acompanhados de libações de *saké,* o vinho indigena. Da alegria de cada um resulta uma alegria de todos, que é uma cousa enorme, que não se vê e não se sente, mas que existe, que se subtiliza, que se evola, que paira no ar, que enche o ambiente como um fluido hilariante; impressionando, por contagio, até estranhos, mesmo aquelles para quem o anno novo, após uma longa série de annos novos, a que melhor chamarei — uma longa série de annos velhos, — só invoca recordações pungentes, saudades de um passado remoto, vivido e sentido na patria distante.

Pelo que particularmente me respeita, confesso que não me deixam indifferente o aspecto pompejante das ruas da cidade e a multidão em galas e sorrisos, rumorosa; compenetrando-me perfeitamente da noção da chegada do anno novo, por mais alheado que me encontre das indicações do calendario. No entretanto, de tudo que vejo e de tudo que ouço, o que talvez mais me impressiona n'esta quadra, até ao ponto de commover-me — parecerá ridiculo o incidente — é um simples grito popular, que vem, na madrugada do segundo dia de janeiro, interromper-me o somno: — «*Waita, waita!*...

Furó ga waita!...» — Isto póde traduzir-se assim: — "Quente, quente!... O banho está quente!...»

Ora, em assumpto de banho, sabe-se bem que o japonez, de qualquer classe a que pertença, faz do banho um uso habitual, podendo assegurar-se que as casas de banhos publicos são os pousos mais frequentados, em cidades e aldeias (na Europa são as tabernas). Ha comtudo um só dia no anno, em que nenhum filho de Nippon se permitte o regalo de banhar-se: é o primeiro dia do anno. Duas razões explicam o phenomeno. Falta o tempo para tomar banho, votando-se o dia inteiro ao convivio com os parentes, á ida ao templo, ás visitas de preceito. A outra razão deriva de que em tal dia ninguem trabalha — são os deuses que assim mandam; — fecham-se as fabricas, fecham-se as lojas, nem mesmo se deve cosinhar, convindo que se prepare de vespera as refeições; e por este motivo tambem cessa o trabalho dos pobres serviçaes que cuidam de encher a grande tina publica, de aquecer a agua, de attender a clientella. Mas correu alegre e rapido o dia do anno novo, e soou a meia noute; entra-se então no segundo dia do anno, já se impondo o esforço e a fadiga ao braço mercenario; e toca a encher a tina, e a botar carvão na fornalha, e a accender o fogo; e quando o banho está quente, muito quente, fumegante (que é como o japonez o quer), isto por volta das duas horas ou tres da madrugada, vem para a rua, por velha usança, a criadagem de cada casa de banho, munida de um tambor em que esmurraça, percorrendo os logares visinhos e berrando em ar de aviso: — "*Waita, waita!... Furó ga waita!...*»

Este berro, que o silencio da noute permitte que se ouça repetido das bôccas dos que passam perto e d'aquellas que esvozeiam a distancia, traduz-se n'um

grande côro, que se eleva de toda a cidade em trévas; uma especie de hymno do trabalho, solemne e impressivo, que me acorda e me enternece. Mais do que as festas, de que não pude partilhar e apenas relanceei, traz-me elle a evidencia de que um anno acabou, de que um anno começou; e — grande philosophia das pequeninas cousas! — canta-me aos ouvidos, arredados da colcha, uma inteira epopeia da lucta pela vida da pobre humanidade, a qual, mesmo n'este paiz de delicias, se acaso se permitte o capricho de vinte e quatro horas de descanso, tem de acordar á meia noute e de vir gritar para a rua, como um voto expiatorio, que de novo prosegue na sua faina, na sua faina eterna! ...

— Penso eu que citar os escriptos do eloquentissimo amoroso do Nippon, que foi o inglez Lafcadio Hearn — elle proprio nipponico, pois se naturalisou japonez alguns annos depois de vir habitar este paiz — vem sempre a proposito n'uma correspondencia do Japão, ainda mesmo quando, como no assumpto que vou expôr, o Japão não entra em nada para o caso.

N'um recente periodico estrangeiro appareceu reproduzida uma carta de Hearn, datada da Martinica, junho de 1888, e dirigida a um seu amigo. N'ella, o delicado escriptor faz algumas interessantes considerações sobre a vida litteraria nos paizes tropicaes; refere-se ao facto de uma longa permanencia em taes paizes, onde faltam bibliothecas e livros á venda, e onde, sobretudo, a natureza nos prohibe de pensar, de estudar com afan e de trabalhar com ardor; e conclue que semilhante permanencia irá tornando de dia para dia mais difficil a tarefa de escrever.

"Revolte-se a gente contra a natureza; e verá como

uma febresinha, com que ella nos contemple, nos deixará, durante mezes, prostrados e imbecis».

Mas a natureza é, todavia, tão bella, que o residente amal-a-ha cada vez mais, cessando gradualmente de reagir contra as suas leis e costumes locaes.

"Lentamente, continúa Hearn, vai-se perdendo toda a affeição por essa grande e rude educadora do norte, que nos ensinou a pensar, a trabalhar, a aspirar. Após, esta nua, morna, selvatica, amorosa natureza do sul consegue persuadir-nos de que o trabalho, o esforço, o proposito, são cousas vãs, e de que a vida póde ser bem agradavel sem ellas; até que nos encontramos habilitados a confessar que as aspirações e as inspirações nascidas no norte, na lucta pela existencia, são simples loucuras, que nos desperdiçaram annos de vida, os quaes poderiam ter sido deliciosamente empregados de outro modo, n'um paiz de ar sempre tépido, de mar sempre côr de saphira, de bosques sempre verdes como a plumagem do verde papagaio.»

Hearn, continuando nas suas considerações, confessa que, depois de haver permanecido na tropical Martinica, julga impossivel o poder resignar-se a viver em uma grande cidade e n'um clima frio, no meio das aggressivas caracteristicas da existencia de uma sociedade altamente organisada.

Diz mais:

"Eu percebo claramente que um homem enamorado dos tropicos só tem uma de duas cousas a fazer: — abandonar o trabalho intellectual, ou vencer a fascinação da natureza.» — E conclue, referindo-se á somma de conhecimentos que pódem fornecer esses climas feiticeiros: "Suspeito que só nos é permittido utilisar n'uma atmosphera do norte o material colhido nos tropicos.»

Creio eu agora que seria inutil insistir sobre a veraci-

dade das considerações do illustre pensador. O que valerá a pena é desenvolver o motivo, no tocante a buscar tirar d'elle algum conceito, de generalidades que nos sirvam.

Talvez a primeira consequencia que possamos deduzir do que ficou exposto, é a noção da immoralidade das colonias, para aquelles paizes que as possuem; noção a que tambem chegariamos, se quizessemos, por considerações de ordem differente, commentando a sorte do indigena que opprimimos. Refiro-me ás colonias tropicaes, ou quasi tropicaes, como quasi todas são — fócos miasmaticos, que debilitam, que envenenam, que depravam as massas emigrantes; e refiro-me a toda a gente, porque não são só os trabalhadores da penna, mas todos os trabalhadores, que soffrem a influencia encantadora e deprimente do meio exotico, onde permaneceram por alguns annos. Para nós, portuguezes, antes mesmo de fallarmos das colonias portuguezas, já o Brazil, não colonia, mas ex-colonia, nos instrue, pois nos vinha fornecendo até ha poucos annos bastante ensinamento na materia: sendo notorio que as energias dos que para lá iam lá se perdiam ou voltavam exangues; chegando, quando muito, nos que regressavam ricos (agora todos regressam pobres), ao extremo esforço de erguerem em qualquer canto do paiz uma vivenda de preguiça, pintada de verde e de amarello, onde então o resto da vida ia passando, vegetando, achacado e improductivo. As nossas colonias, com mais razão, vão sendo actualmente vastos viveiros de dyspepsias e de ociosidades; com o grave risco, para cada individuo e para o Estado, de poderem transformar-se em achaques chronicos.

A escassez de producção intellectual, por parte d'aquelles que modernamente teem residido nos nossos distantes dominios coloniaes, encontra-se cabalmente explicada e

desculpada na carta de Lafcadio Hearn; não sendo só nas lettras, infelizmente, mas em tudo, que a penuria de trabalho se annuncia. O remedio para este grande mal, se remedio ha, no tocante ao corpo de funccionarios do Estado, deveria consistir na acção energica dos governos em difficultar-lhes quanto possivel uma mui longa permanencia nos meios deleterios. As licenças periodicas, com passagens pagas pelo Estado, deveriam ser não só permittidas, mas favorecidas, mas até impostas.

A minha qualidade de residente do Japão e a indole d'estas cartas estão-me indicando que alguma cousa devo dizer d'este paiz, com referencia ao assumpto em que toquei. Antes de tudo, o proprio Hearn é um exemplo soberbo, quando se queira provar que o Japão não prohibe ao europeu o trabalho intellectual: vindo da Martinica para cá, aqui escreveu cerca de treze volumes, magistraes. O Japão central, onde geralmente habitam os residentes europeus e americanos, offerece quatro estações distinctas, como em regra os paizes na nossa Europa; contando-se um estio bastante quente, que lembra em ardencia o clima da Africa tropical, e um inverno rigoroso, com o competente cortejo das saraivadas e das neves. O estio é esmagador, derruba o branco; os mezes de julho e de agosto são particularmente incompativeis com qualquer tarefa litteraria que reclame applicação séria. Um brilhante chronista, que ha pouco tempo expedia de cá, para um jornal francez, interessantes correspondencias, confessa em uma aos seus leitores que os calores caniculares o obrigavam a escrevel-a, vestido ... com o que eu poderei chamar o costume primitivo do nosso pai Adão, quando andava comendo maçãs no paraizo; quanto a mim, julgo que o expediente pouco consôlo lhe traria. O inverno é felizmente reparador; o

organismo rehabilita-se; as energias exercem-se sem fadiga em qualquer ramo de actividade.

Quanto a essa magica seducção da natureza, que Hearn encontra nos paizes tropicaes, existe aqui tambem, embora além dos tropicos. O scintilante exotismo que resalta de tudo isto, um ambiente de sorrisos, mal definido, o grande mysterio asiatico enfeitado de flôres de cerejeira, deslumbram o branco, captivam-no, educam-no nos prazeres contemplativos, na sciencia da harmonia das côres, no amor da paizagem, em detrimento das suas aptidões para a labuta social dos grandes centros. E' um bem? E' um mal? Relancear, sem sombra de interesse, o artigo do jornal do seu paiz, quando esse artigo lhe falla de uma eleição de deputados, ou da valsa em moda que as meninas vão moendo nos pianos familiares, póde não representar um inconveniente muito grave, se o desterrado assentou definitivamente arraiaes no sólo estranho, com a perspectiva de ter de transitar apenas do lar exotico, provisorio, para a cova do cemiterio, pouso eterno, sobre o qual virão pairar, pelas madrugadas, bandos de corvos, cantando-lhe matinas. Mas se o desterrado nutre ainda desejos de volver ao sólo patrio, de trabalhar nos partidos militantes, de adquirir uma commenda, de frequentar salões e ser bem acolhido pelas damas, de participar, emfim, da existencia de um grande centro europeu, então o seu tirocinio extremo-oriental não lhe poderá ser senão nocivo; cuide depressa da bagagem, arranje as suas malas, compre um bilhete de passagem para a Europa e abale emquanto é tempo . . . se ainda é tempo.

— Numa correspondencia anterior, referi-me ligeiramente ao curioso facto de haverem algumas concei-

tuadas firmas do Japão tentado realisar no nosso paiz importantes compras de rolhas de cortiça, o que não poderam ainda levar a effeito, por serem os preços do artigo, no mercado portuguez, superiores aos preços nos outros mercados. O assumpto merece, por certo, mais amplas considerações.

Assim aconteceu, com effeito, graças ao inicio da linha de vapores allemães, tocando em Lisboa e Porto e dirigindo-se a este imperio; o que veio naturalmente despertar as attenções para Portugal, conhecido como o primeiro centro corticeiro do mundo, e onde, parecia, o genero devêra poder ser adquirido em mais vantajosas condições do que n'outra parte. Deu-se, porém, o estranho caso de errarem os calculos, isto é, de serem os preços portuguezes mais elevados do que os preços de outros paizes, embora não productores de cortiça. Succedeu então o que era de esperar: sei de firmas que, mallogradas as tentativas com Portugal, dirigiram logo as suas encommendas para Hamburgo, onde os preços das rolhas são notavelmente inferiores aos nossos e as facilidades mercantis incomparavelmente simplificadas, visto ter aquelle porto um longo tirocinio de exportação do artigo com o Japão.

Como explicar este phenomeno paradoxal? Quer-me ainda parecer que as difficuldades que agora surgem aqui, para a compra directa da cortiça portugueza, são apenas momentaneas, provenientes de certa hesitação, por parte dos nossos industriaes, em encetarem relações com um meio que desconhecem, e tambem, sobretudo, por ainda não terem elles comprehendido bem quaes as qualidades de cortiça que aqui se precisam, que são as inferiores.

Se, infelizmente, me engano; se as difficuldades são

invenciveis; se Portugal, o primeiro paiz productor de cortiça, tem de ceder o logar, na venda de rolhas para o Japão, á Allemanha e á Inglaterra, que não produzem cortiça, mas que a importam de Portugal; se assim é, então teremos de invocar, a proposito d'este simples exemplo com que deparamos, tristissimas verdades, amargas como fel, que explicam o phenomeno, condemnando-nos.

Em regra (com algumas excepções), um paiz que não tem marinha mercante, não tem commercio; a mercadoria vai até onde vai a bandeira (a nossa vai até á Madeira, até aos Açores, até Cabo Verde, até S. Thomé, até Angola, d'onde retrocede). O que está ainda mais averiguado, é que um paiz não póde deixar-se adormecer durante seculos para acordar quando bem queira e encaminhar então as suas iniciativas para um ramo qualquer de negocio que lhe agrade. Quando acorda tarde, nada póde fazer; encontra-se isolado, excluido da familia mundial que trabalha, encerrado dentro de uma muralha de aço, indestructivel.

Pelo que respeita o Extremo-Oriente, nós, que em primeira mão o percorremos, que temos feito, durante quatrocentos annos, para aqui implantarmos relações fructiferas de trabalho e de negocio? Macau, que tão util nos poderá ser, o que é Macau?

Pelo que respeita o Occidente, a propria Europa, de que Portugal é uma párcella, será caso que nos tenhamos interessado pelos seus enormes progressos, em nosso proprio interesse? Mandamos aos grandes centros productores e industriaes, engenheiros, machinistas, agricultores, artifices, negociantes, caixeiros, estudantes de todas as profissões, para aprenderem os seus processos? Fallamos ao menos inglez, que é a lingua dos nossos

alliados, e a lingua essencialmente mercantil, sem a qual, em rigor, não se póde comprar ou vender em boas condições, ao sahir a fronteira, um par de peúgas ou um lenço de assoar?...

Voltemos ás nossas rolhas, que constituem um magnifico exemplo do assumpto em que palestro. Acordamos, queremos vender rolhas ao Japão. Mas o Japão está saturado do artigo, que lhe vendem os allemães e os inglezes, para não fallar n'outros; e, o que é peor, não podemos competir com os preços dos allemães e dos inglezes. Estes sujeitos, que carregam para cá as rolhas nos seus vapores, pagam fretes diminutissimos, que nos são patrioticamente recusados.

Na Allemanha e na Inglaterra, o fabrico das rolhas, feitas de cortiça portugueza, é muito mais barato do que o nosso fabríco, mercê das machinas apuradissimas de que se servem. Haverá tambem processos de lavagem, de compressão, etc., que transformem a nossa cortiça ruim, a nossa cortiça velha, em cortiça de magnifica apparencia. Junte-se a isto que o nosso tratado de commercio com o Japão não cuida de beneficiar o trafego do artigo, nem tão pouco talvez as nossas proprias pautas aduaneiras.

Isto basta para explicar o facto, se é que o facto se dá, de, paiz essencialmente corticeiro, não podermos competir com outros paizes exportadores de cortiça para o Japão, a qual, na maior parte dos casos, será cortiça portugueza.

O que acontece com a cortiça acontece igualmente com outros productos portuguezes, o vinho, por exemplo; e acontece com o Japão, como com muitos outros mercados importadores. E' bem triste confessal-o. Somos uma nação independente, dizemol-o nós, dizem-no todos e parece que assim é. Mas o nosso commercio, para não

fallarmos senão do commercio, encontra-se enfeudado, escravisado a meia duzia de estrangeiros, que exploram a seu bel prazer o melhor que o torrão patrio nos offerece, importando em massa os generos e distribuindo-os depois pelo mundo inteiro, como melhor lhes convém, em seu especial beneficio.

A final de contas, aquella famosa medida que tanto riso nos dá, do alfacinha que ia a Cacilhas fazer a barba por economia, não sahe fóra do justo:—se quereis o melhor e mais barato vinho do Porto, ide compral-o á Inglaterra, á Allemanha, á Hollanda, a qualquer parte, mas nunca ao Porto; se quereis boas rolhas de cortiça portugueza, a Inglaterra, a Allemanha, a Hollanda e outros mercados estão promptos a fornecel-as, e por preços inferiores aos do mercado portuguez.

Devemos porventura perder já de todo a esperança de negociarmos com o Japão? Ainda é cedo para o desanimo. Os pedidos de cortiça vão continuando, de cá para Portugal; podendo acaso resultar algum accordo fructuoso. Pequenas transacções de outros artigos, sem já fallar n'um notavel numero de amostras que se trocam, se effectuam. Seguem para Portugal alguma louça, algumas quinquilherias. Ainda ha pouco, algumas duzias de garrafas de vinho portuguez foram aqui vendidas facilmente. Uma importante carregação de amendoim seguiu tambem para Portugal.

Estes factos e a nova carreira de vapores allemães devem animar-nos a proseguir no intento. Os alludidos vapores, dispondo de magnificas condições para conforto de passageiros, devem mais despertar no animo da nossa gente de commercio o desejo de vir conhecer os mercados do Extremo-Oriente, estudando as suas condições mercantis e adquirindo agentes.

A este Japão d'onde vos fallo, meus caros senhores, concorreram ha bem mais de tres seculos bastantes portuguezes, movidos pelo ideal de então: o de catechisar as massas dos pagãos. Nos dias presentes, este ideal caducou, no que respeita o Japão; mas não haverá outro ideal – o de desenvolver as relações productivas da mãe-patria com este mesmo imperio e com todo o Extremo-Oriente – que decida meia duzia de portuguezes a vir agora aqui, quando de mais a mais não correm o menor risco de serem crucificados, como aconteceu a muitos dos missionarios jesuitas d'aquelles velhos tempos?...

II

30 de janeiro de 1907

Não ha noticias sensacionaes a relatar de cá — Calmaria na politica — O desenvolvimento das forças internas do paiz prosegue em silencio e na sombra, quasi despercebido de estranhos, lembrando de certo modo o trabalho paciente da formiga, sem apparatos externos que venham despertar a nossa attenção, occupada curiosamente na grande comedia mundial, em scenas onde o espectador tem franca entrada.

TENHO-ME referido por varias vezes, n'esta já longa série de correspondencias do Japão (marco a presente com o numero de ordem 111 nos meus apontamentos), á arte japoneza, especialmente á pintura, na qual reside de certo modo a feição typica de todas as outras manifestações artisticas; e tenho procurado interpretar, como melhor julgo, o seu particularissimo cunho caracteristico, que tanto a torna inconfundivel com a arte occidental. O que mais impressiona estranhos, no trabalho do pincel japonez, é a intenção predominante que o anima, não a reproduzir por cópia, tão fielmente quanto possa, um objecto ou uma nesga de paizagem, mas sim a suggerir no espirito do observador a ideia d'esse objecto ou d'essa nesga de paizagem, pela invocação das recordações das cousas vistas ou sonhadas, chamando-nos á representação mental das nossas sympathias, dos nossos

desejos ou das nossas saudades. D'aqui, o que muitas vezes se nos affigura incongruente, disparatado, por incomprehendido, — no capricho dos traços e contornos, na graduação exotica do colorido.

O assumpto é inexgotavel; quanto mais digamos d'elle, mais nos falta ainda a dizer. Penso eu que, de um vasto conjuncto de contribuições que lhe respeitem, variando os processos de interpretação, é que poderemos concluir, em synthese, alguma noção aproveitavel, que esclareça e nos deleite.

Permitta-se-me, pois, ainda hoje, umas ligeiras referencias á pintura japoneza.

Desejo, antes de tudo, mencionar que a minha demorada permanencia n'este paiz, cujo estudo absorve a inteira attenção do residente estrangeiro, que o seu fulgurante exotismo impressiona, explica por certo de sobejo a predilecção que professo pelas manifestações artisticas do Nippon. Quanto á arte em geral, e ao amor que se lhe vota, praticando-a, estudando-a ou discutindo-a, o que poderá parecer a muitos, nos dias de positivismo e de utilitarismo que correm, uma manifestação improductiva e morbida da sentimentalidade humana, não resisto á tentação de reproduzir aqui uma bella phrase de certo escriptor francez contemporaneo, encontrada n'uma revista que me chega agora ás mãos. Diz Marcel Boulanger, a proposito da critica de outro escritor a um seu recente livro, a que chama ironicamente "romance aristocratico„: — "Nenhuma classe social vale mais do que a sua rival. E nada é importante, interessante no mundo, senão a obra de arte.„ — Parece que este tristemente desillusionado exclusivismo encerra carradas de verdade, quando lhe oppozermos prudentemente algumas restricções. Occupemo-nos calorosamente da chusma humana, ap-

plaudamos, elevemos aos pincaros da apotheose esta ou aquella facção da sociedade que nos rodeia, em detrimento de outra facção, quando n'isto vá o nosso interesse particular, quando combatamos pelos nossos proprios beneficios, ainda com a agradavel possibilidade de sermos uteis a mais alguem. Mas ha, infelizmente, homens (ou felizmente?) e não tão raros como inadvertidamente poderiamos suppôr, que se encontram n'este mundo sem beneficios de que cuidar, e para os quaes a sociedade se patenteia n'uma quasi uniforme chateza de paixões, mesquinhas e villãs; e ha ainda o grupo de homens — estes muito mais numerosos do que aquelles — que, embora empenhados na labuta da existencia, sentem por intermitencias, como que por instincto de hygiene privada, a necessidade de fugir em espirito do planeta, elevando a alma no espaço, não talvez até ao céu, que está muito longe, mas deixando-a divagar no azul. Para aquelles e para estes, para todos os desgraçados, para todos os tristes, para todos os sonhadores, os quaes sempre existirão na terra emquanto existir a humanidade, a arte será sempre o dôce refrigerio — a arte, e tambem a natureza, na sua magnificencia de espectaculos, não sendo a natureza, a final de contas, senão a irmã mais velha da arte. Dêmos, pois, fóros de cousa util á arte, seja ella japoneza, ou chineza, ou franceza, ou hottentote, ou de qualquer nacionalidade imaginavel; e sirvam estas considerações de desculpa ás minhas insistencias, posto que modestissimas, no assumpto.

Entro em materia. Occorre-me que uma das maneiras mais interessantes de estudar a indole da pintura nipponica, que tão imperfeitamente conhecemos, consiste em pôl-a em confronto com a indole da litteratura europeia, que nos é familiar. Sabemos como, em bellas lettras,

o escriptor, no intuito de dar a quem o lê vivida suggestão da ideia concebida, recorre a imagens, a periphrases, a substituições artificiosas, que venham emocionar o nosso espirito. E' este o processo fundamental de uma moderna escola litteraria a que se chamou o symbolismo, a qual cuida especialmente de pôr em evidencia as relações existentes entre as cousas reaes e a acção affectiva que provocam; um symbolista, querendo dar a noção, por exemplo, de um punhal, preferirá á minuciosa descripção geometrica do instrumento os detalhes sobre a dôr que produziu cravando-se nas carnes. Mas, se o symbolismo faz d'isto o seu crédo absoluto e exclusivo, é certo que todas as escholas litterarias e todas as fórmas de expressão pela palavra recorrem á imagem, ao emblema, ao symbolo, ao effeito psychico; abstendo-se, por necessidade e por elegancia, de empregar apenas a phraseologia, fria e incompleta, consagrada pelos diccionarios para exprimir a ideia sem rodeios.

Quando se diz — "Eu quero pão", — ou — "Eu tenho sêde", — é claro que a ideia ficou nitidamente enunciada, sendo superfluo e de mau gôsto ornamental-a com outros termos. Mas descrevamos uma paizagem, ou uma scena qualquer complexa da nossa vida; e então, notaremos, a collecção de vocabulos de que dispômos mostra-se deficiente para o nosso trabalho, que visa sobretudo a vir impressionar, interessar o leitor desprevenido. Teria agora cabimento transcrever n'este logar algumas phrases soltas, de auctores consagrados nas lettras, as quaes viessem exemplificar, no conceito escripto, a importancia da imagem, que ás vezes quasi alcança o disparate, pelo exaggêro; mas a escolha demandaria muito tempo, que me falta.

Permitta-se-me a liberdade de compôr eu proprio al-

gumas phrases, que julgo acceitaveis sem reparo. Eil-as: — O vento açoutava as cerejeiras em flôr, produzindo uma chuva de pétalas. Um mar espelhado. Aguas prateadas. Os raios do sol cahiam a prumo, como uma chuva de ouro. Uma phrase quente. Um gesto frio. Fallou com voz de trovão. Uma chuva de disparates. Sentia um vulcão na alma . . . — Não vale a pena proseguir na lista dos exemplos.

Digamos agora que na musica, principalmente na musica moderna, a imagem, o symbolo, desempenham igualmente um papel caracteristico. E que diremos então do canto, já no theatro, já nos salões, já na canção popular? Acaso se falla como se canta? Não, certamente; mas, falseando a verdade, introduzindo a melodia, isto é, o symbolo, comprehendeu-se, e muito bem, que o effeito emotivo da palavra multiplicava de valor. E' curioso, porém, fazer sentir n'este momento que na pintura europeia, onde o artista procura, como na litteratura, como na musica, como no canto, dar a impressão de uma ideia concebida, a imagem, o symbolo, são systematicamente excluidos. Os processos de perspectiva poderão, em rigor, considerar-se como symbolos; mas difficilmente outros se encontrarão. Porquê? A imagem e o symbolo, nas lettras, induzem evidentemente a um trabalho cerebral, embora inconsciente, do qual resulta a assimilação; devemos então concluir que o olho europeu, por educação, ou antes por falta de educação, recusa-se a impressionar o cerebro; vê apenas; pouco excede em merito o olho apathico do lagarto, que apenas se delicía na luz e fita imbecilmente a môsca appetecida. Assim é que a obra de arte, no quadro que o pintor occidental expõe ao nosso exame, offerece, quanto possivel, a reproducção rigorosa, *litteral* do objecto representado, agradando sim-

plesmente á vista, não reclamando esforço de assimilação mental.

Ora, é n'este ponto da palestra que urge fazer surgir de chofre as differenças capitaes que afastam a pintura japoneza da pintura occidental. O pintor japonez comprehende que, assim como em lettras o vocabulario despido de symbolos é insufficiente para traduzir uma ideia, assim, em pintura, o traço e a côr, despidos de symbolos, são insufficientes para traduzir uma ideia.

D'aqui, a série de processos de *rhetorica graphica e chromatica* — digamos assim — facilmente discriminavel na obra artistica nipponica e constituindo o seu principal exotismo; nós não apreciamos taes processos, mas os japonezes apreciam-nos.

O artista japonez pintará uma linha recta, ou um circulo, exactamente como nós; correspondem estes exemplos ao — *Eu quero pão* — ou ao — *Eu tenho sêde* — das phrases simples, comprehensiveis sem a imagem. Mas, quando cuide em executar uma scena complexa, então vem essa multidão assombrosa de expedientes estranhos, que não são outra cousa mais do que a imagem, do que a periphrase, de que o symbolo, na eloquencia da pintura: — traços caprichosos, nuvens indecisas, esboços caricaturaes, folhas soltas no espaço, montanhas azues, fundos rubros de paizagem, manchas prateadas, salpicos de ouro — tudo isto e muito mais. O não iniciado experimenta apenas, após o exame, um certo mal-estar, de quem relanceia uma incoherencia.

Mas digam-me: se a phrase — *aguas prateadas* — nos traduz melhor, do que qualquer outra, uma condição occasional da superficie liquida, porque será que uma mancha prateada, destacando da téla, não nos leva á mesma concepção?

Mysterio de orientação esthetica, variando de individuo para individuo, de povo para povo. Um final exemplo talvez nos deixe indicio vivido do que seja a expansão emblematica, symbolica, da sentimentalidade artistica do japonez: nós admittimos as phrases — *multiplicar-se em gestos, multiplicar-se em carinhos;* — os japonezes, na mesma ordem de ideias, representam graphicamente Kwannon, a deusa das graças e dos perdões, com muitos braços, com muitas mãos! . . .

Parece dever-se apurar de tudo isto: no Occidente, ha o symbolismo em litteratura, mas não ha o symbolismo em pintura; no Japão, onde a litteratura é igualmente symbolista, a pintura, como todas as outras manifestações da arte, é eminentemente symbolista; n'este facto reside o segredo do grande exotismo da arte nipponica. Não espante o phenomeno: no sólo japonez, de deliciosos caprichos, de aspectos requintadamente delicados e extravagantes, de surprehendentes modalidades, a creação é, em verdade, a primeira cultora do symbolismo; a arte nipponica não será, pois, mais do que uma deliciosa irmãsinha, franzina e irrequieta, intelligente e impressionavel, aprazendo-se em imitar os gestos da sua irmã mais velha, a boa e pompejante Natureza.

— A verdadeira ventura n'este mundo consiste nos dotes de sagacidade e de justiça de perceptibilidade individuaes, que livrem uma pessoa dos maleficios do diabo, das mil tentações que na tortuosa estrada da vida buscam prejudicar, arredar do bom trilho, o honesto viajeiro. Creio eu que ninguem duvidará d'este conceito, embora nos tempos de descrença que correm, que até nem mesmo permittem já que se acredite no diabo, haja de modificar-se um tanto a phrase, substituindo o nome do por-

tentoso scelerado por algum circumloquio de rhetorica, que venha, a final, a dar na mesma cousa. — A felicidade é para os espertos — este é que é o grande principio, inalteravel e eterno.

Calha semilhante consideração a proposito da historia que passo a relatar em curtas linhas.

Ha mui distantes annos, vivia um joven principe, que era filho do daimyô ou senhor da provincia de Tosa, e se chamava Yamanuchi Kadzutoyo. A diversão mais favorita d'este principe era a pesca; e justamente o caso que agora nos interessa refere-se a certa occasião em que sua alteza regressava de uma distante e proveitosa pescaria, acompanhado apenas de um vassallo, que em cesto apropriado levava para o palacio não sei quantas duzias de prateadas trutas, colhidas na ribeira.

Sobrevem, quando menos se esperava, uma borrasca. A chuva cahia a potes. O principe, que a principio se abrigára debaixo da rama de um salgueiro — arvore de mau agouro, — vendo que não cessava de chover e que a noute ia avançando, metteu-se a caminho e finalmente, acenando ao companheiro que o seguisse. Ora, já em plenas trévas, appareceu-lhes cerca um vulto, que a luz dos relampagos accusou ser de uma rapariga muito joven e muito cheia de belleza. Olá! . . . o principe admirou-se d'aquella estranha apparição; os dous pararam; e então o vassallo, fallador, interpellou a moça por esta fórma: — "Irmãsinha, d'onde vem? para onde vai? e que fatalidade lhe succede, para se achar a estas horas, com este tempo, n'estes campos, tão longe do povoado? . . ." — A menina, entre choros, replicou ser a filha de um guerreiro, de um samurai, vivendo na cidade, nas dependencias do castello, e passando dura vida com os maus tratos da madrasta; ainda ha pouco, acrescentava,

ausente o pai, fôra espancada cruelmente, fugindo então de casa, cuidando de ir procurar abrigo em casa de uma tia, que morava na aldeia; mas surprehendera-a a tormenta, demorando-a na jornada, perdendo-a nos caminhos... O vassallo, enternecido, já amoroso, ia prestar soccorro, por qualquer fórma, á misera; quando então sua alteza, tirando rapido a espada da bainha, pôz termo áquella scena, cortando a cabeça á rapariga.

Chegados ao palacio, o companheiro, a quem o caso profundamente compungira, julgou do seu dever narrar ao pai do joven principe e amo seu a acção cruel de que fôra testemunha. O daimyô, nobre caracter, enfureceu-se a ponto tal, que resolveu matar o filho sem detenças, expiando por esta fórma o crime atroz que lhe enodoava a honra; pois bem comprehendia que ao senhor cumpre proteger seus subditos, procurar-lhes conforto e aninho, e nunca ir para a estrada derrubar uma mulher em angustia, filha de um honesto servidor. Quando, porém, de braço erguido e espada em punho, ia fazer justiça, o principe, de joelhos e mui respeitosamente, ponderou-lhe que elle proprio fôra educado nos preceitos da justiça e da clemencia, e nunca ousaria commetter acto algum que viesse deslustrar o nome honrado de seu pai e seus avós; rogava que lhe poupasse a vida até que, enviando-se gente pelos campos em busca do cadaver, a verdade se esclarecesse, pois estava convencido de que não assassinára um sêr humano, apenas exterminára um vil demonio; no entretanto, se as provas o culpassem, por suas proprias mãos se puniria...

O daimyô accedeu á supplica do filho. Logo ao romper do dia, correm os serviçaes montes e valles, até que, no sitio onde a tragica scena se passára, se lhes depára estendido no sólo, n'um mar de sangue, com a cabeça

para um lado e o corpo para outro lado, um *tanuki,* um texugo, que é, como se sabe, um animal damninho, dado a feitiços e ao serviço do diabo. Assim ficou illibada a conducta do joven principe de Tosa.

O daimyô, já sereno, quiz esclarecer até ao fim este mysterio; perguntou então ao filho como fôra que no vulto, que o vassallo tomára por uma formosa rapariga, elle descobrira um *tanuky.* O principe respondeu que tambem se lhe affigurára uma mulher; mas, como uma mulher alli era estranha apparição, o caso aconselhou-o a ser prudente e minucioso. Examinando a joven, viu que o seu vestido estava enxuto, quando o d'elle e o do seu companheiro de jornada se achavam ensopados da agua da chuva que cahia. Bastára-lhe este indicio; o *tanuky,* cobiçoso das trutas que o vassallo levava, meditando uma cilada, transformára-se em rapariga, bella e chorosa, para os tentar; mas esquecera-se — porque até os diabos são sujeitos a esquecer-se — de molhar o *kimono* que vestia e assim se dar apparencias de uma pessoa que houvesse exposto o corpo aos successivos aguaceiros d'aquella noute tormentosa... Não hesitou um momento e cortou-lhe a cabeça.

Quando o daimyô ouviu o final da narrativa, ficou maravilhado por tanta prudencia e agudeza de julgar de que acabava de dar provas cabaes o principe seu filho. Os annos já lhe pesavam, sentia-se cansado. Resolveu abdicar n'aquelle instante, investindo na honra suprema de senhor da provincia de Tosa o principe Kadzutoyo.

— Se os leitores d'estas cartas me arguirem do crime que commetto, remettendo a presente correspondencia em data demasiadamente proxima á da anterior — o que é roubar espaço, com os meus japonezismos, a outras pu-

blicações mais proveitosas — apresso-me em apresentar-lhes, como desculpa, as seguintes considerações:

Na passada correspondencia, mencionei o estranho caso de parecer averiguado, para completo desbarato das esperanças dos commerciantes corticeiros portuguezes que pretendem negociar directamente com o Japão, que as rolhas vindas de Portugal chegam aqui mais caras do que as rolhas trazidas de Hamburgo ou de qualquer outra procedencia. Ha motivos que nos induzem a julgar que assim possa succeder, mas não, felizmente, provas decisivas; e é isto que convém annunciar sem mais demora, attenuando as minhas ultimas referencias, um tanto pessimistas. Sei que duas firmas de Kobe, pelo menos, porfiam nas tentativas referentes á importação directa das nossas rolhas e da nossa cortiça, emquanto se não convençam em absoluto da impossibilidade de tal trafego; sendo certo que importantes encommendas do artigo acabam de ser dirigidas a Portugal, embora os lucros se apresentem muito duvidosos. Resta confiar no bom senso dos nossos industriaes e negociantes, esperando que por seu lado empreguem todos os esforços no sentido de se chegar a um satisfactorio resultado n'esta materia, que tão benefica poderá vir a ser ao nosso desenvolvimento mercantil.

Tambem me consta que foram recentemente enviadas d'aqui ao nosso paiz amostras de arroz e de amendoim, havendo-se já realisado algumas remessas d'este ultimo genero. Estamos, pois, evidentemente, em presença de um verdadeiro inicio de permutações entre Portugal e o Japão; sendo muito para desejar que do inicio se transite para um commercio firme e proveitoso. Venham alguns negociantes portuguezes ao Japão, a fim de estudar o mercado; semilhante visita impõe-se impreterivelmente.

Vem a proposito commemorar aqui uma data, o dia 27 do corrente mez de janeiro. N'este dia, largou de Kobe para Hamburgo, com escala por Lisboa, o paquete allemão "Silesia„, munindo-se o capitão dos papeis de estylo no respectivo consulado portuguez. E não tremeu a terra!... O estupendo acontecimento explica-se pelo facto de dever embarcar no "Silesia„, com destino á metropole, um contingente militar estacionado em Macau e chegado agora ao termo da sua commissão. Seja como fôr, o caso de um vapor de commercio largar do Japão com rumo á terra lusitana, á cidade de marmore e de granito, é virgem, se não me falha erudicção em tal assumpto. Saudemos, pois, com palmas este caso virgem, que representa uma quebra de virgindade, virtude que, digamos de passagem, ia já demasiadamente envergonhando as longas barbas do velho Portugal, veterano de tantas façanhas aventurosas e viris!... Quebrou-se o feitiço! Ora, que esta primeira viagem seja o preludio de muitas outras, e que os vapores das linhas do Extremo-Oriente encarreirem de vez para a costa portugueza — não carregados de soldados, mas de carga mais util — é o que sinceramente deseja o enfadonho escriba que assigna estas linhas com um *S,* que quer dizer: *Semsaborão.*

III

26 de fevereiro de 1907

Negociações para o novo tratado russo-japonez — O incidente americano — Lembranças de boas-festas — Impressões de uma excursão; casos curiosos — Interessante para os que tiverem lido os livros de Hearn.

Em assumptos de ordem politica, que tenham referencia com este imperio, continuam merecendo a attenção publica as negociações estabelecidas em S. Petersburgo para o novo tratado de amisade e de commercio entre a Russia e o Japão, e o incidente americano.

A imprensa mundial, sempre propensa a exaggerar os factos, tem dito muitas cousas sobre estes dous pontos importantes; imaginando já não sei quantos conflictos, que, parece, estão muito longe de se dar.

Pelo que respeita o tratado de amisade e de commercio, consta, com effeito, que algumas difficuldades teem surgido, principalmente motivadas pelo direito de pescarias, que os nipponicos reclamam para si, nas aguas territoriaes da Siberia; pensam, porém, as opiniões mais dignas de credito que tudo se aplanará em breve espaço. A Russia, segundo as mesmas opiniões, não quer, de modo algum, a renovação da guerra, cujos resultados,

contando com todas as probabilidades, seriam ainda mais desastrosos do que foram os primeiros. O Japão tambem não póde querel-a; devendo contar, sim, com os louros da victoria, mas sem compensações apreciaveis dos sacrificios que fizesse; porque, para se oppôr a taes compensações, levantar-se-hia agora contra elle a raça branca em peso. Está n'isto o maior elogio que póde fazer-se á alta coragem, ao entranhado patriotismo e á esplendida organisação das forças d'este povo.

Quanto ao incidente americano, annuncia-se já um accordo provavel, reabrindo-se as escholas ás creanças dos residentes japonezes, em compensação de um novo regulamento repressivo, visando os trabalhadores nipponicos que pretendam emigrar para a republica. Talvez assim se consiga uma aprazivel suspensão dos azedumes, que ameaçavam complicar-se. O Japão, provavelmente, mostrar-se-ha conciliador; mas não lhe passando da memoria, claro está, o que a lição lhe trouxe de substancial ensinamento. Já se aponta uma diminuição sensivel nas importações vindas da America; era de esperar.

Emfim, ficamos nós sabendo, e fica o Japão tambem sabendo, que o commodoro Perry, vindo em 1853, em nome dos Estados-Unidos americanos, impôr ao Japão, pela força, que abrisse as suas portas, esqueceu-se de dizer que assim era preciso, para que os estrangeiros podessem entrar no sólo japonez; mas, quanto ás portas da America, a republica reservava-se o direito de bater com ellas na cara dos nipponicos, quando estes em virtude de reciprocidade de conducta, para lá se dirigissem. A philosophia da historia, meus senhores, alcança muitas vezes meritos de peça comica; reclamando, consequentemente, acompanhamento — com musica do Offenbach: — Ora, falta-me aqui o zabumba e o rabecão...

— Ha alguns dias, em horas de ocio, puz-me a inventariar, por desfastio, o maço de lembranças de boas-festas, vindas pelo anno novo, no dia 1.º de janeiro d'este anno.

Banalidades. Sediças praxes de rito social e mercantil. Avolumavam os bilhetes de visita com o *B. F.* do estylo por baixo do nome e do titulo official do cavalheiro; cheirando toda esta cartonagem ao bafio do chapéu alto e da sobrecasaca domingueira, sacados dos armarios em occasiões solemnes. Duas ou tres chromo-lithographias allegoricas, contendo a phrase quisilenta — *A happy new year,* — traduzindo os convencionaes desejos de duas ou tres damas inglezas. Alguns bilhetes postaes de reclamo, engenhosamente illustrados, com os affectuosos cumprimentos do proprietario do hotel de *tal* ou do sapateiro *Fulano*... Tudo ao fogo!...

Do inteiro pacote, um unico bilhete postal me inspirou attenção enternecida, escapando assim do auto de fé. Uma illustraçãosinha de ameixeeira em flôr, o que é symbolo de pureza. A phrase sacramental, traçada em graciosos arabescos — *Shin nen ó-medetô* (felicitações pelo anno novo). — Mais nada, além do endereço, dá estampilha e do competente carimbo do correio. Seria, pois, um bilhete postal anonymo, se a classificação não envolvesse uma certa pretensão, que vem mal cabida para o caso. Nenhum mysterio. Era um simples bilhete de ninguem, uma palavra dôce desprendida de personalidade, que voára pelo espaço até entrar-me em casa, sem desejos a retribuição ou a agradecimento. Por curiosidade, estudei o carimbo do correio: lia-se, em caracteres japonezes, a data e a palavra — Fuschimi. — Fuschimi é uma aldeia visinha da cidade de Kyoto. Julgo ter adivinhado a procedencia. Em Kyoto, frequentei por alguns annos uma

chaya, uma hospedaria, cujo proprietario tinha uma filhinha encantadora, O-Riyô-San (a menina Dragão), que eu vi crescer e desenvolver-se, como cresce e se desenvolve um botão de graciosa flôr. O-Riyô-San ia á eschola; mas ao domingo, dia a que eu dava preferencia para as minhas excursões, tinha sueto; o que permittiu entrarmos em relações muito amigaveis: — eu, enfeitiçado por aquella bonequinha, feita de uma mistura de sêdas e sorrisos; ella, a principio simplesmente curiosa do meu exotismo de homem louro, pouco a pouco affeiçoando-se, a final minha amiga e grata pelos presentinhos de confeitos que lhe dava. Tive depois motivos para enfadar-me de tal hospedaria, pondo termo ás visitas; e alguem me disse que O-Riyô-San, a fim de completar a sua educação em prendas feminis, fôra mandada para Fuschimi, para casa de uns parentes. Será ella que me tenha enviado as felicitações pelo anno novo; e tão modesta, coitadinha, que nada quer de mim, nem mesmo que fique sabendo que é ella que m'as dá, ella, que mui provavelmente nunca mais pousará em mim o seu olhar... Ha, na espontaneidade, na humildade e no desinteresse d'este acto, um adoravel abandono, que só póde ter proveniencia de uma alma juvenil, de mulher, e ainda por cima japoneza...

Que os deuses te protejam, O-Riyô-San!...

— Seguem algumas impressões colhidas n'uma recente excursão, que me levou até á cidade de Nagoya.

Convém, antes de tudo, apontar qual o pretexto que me arredou do pouso habitual. Ia festejar o anno novo, ou melhor, vêr festejal-o; isto em pleno fevereiro, o que parecerá, certamente, caso estranho, mas não é. Até ao anno de 1873 regulava-se o Japão pelo calendario lunar,

como a China até hoje se regula. Depois d'aquella data decretou-se a adopção do calendario gregoriano; mas o povo aldeão, que põe, com muito tino, os seus costumes acima dos decretos, continuou seguindo a moda antiga, festejando o anno novo no primeiro dia da primeira lua de cada anno, data variavel, que calha ahi pelos fins de janeiro ou pela primeira quinzena de fevereiro; este anno foi a 13 de fevereiro. De sorte que, em regra, ha um dia de anno novo para a gente civilisada das cidades, e ha um dia de anno novo para a gente rude das aldeias; não sendo raras as pessoas que, a fim de prestarem culto ao modernismo, sem offenderem tradições, commemoram dous dias de anno novo em cada anno. Ora, justamente eu fôra convidado pela familia Makino, de Nagoya e das minhas relações, para commemorar o auspicioso dia 13 de fevereiro e ir implorar bençãos dos deuses ao afamado templo de Atsuta, que fica algumas leguas distante da cidade.

Da terra onde habito até Nagoya, contam-se umas oito horas em caminho de ferro. Nevava então. Que surprehendentes alvuras, que deliciosos espectaculos, ao longo das rusticas paizagens!... Nada é mais lindo do que a neve, que imprime aos scenarios não sei que ares de pureza ultraplanetaria, incompativel com a vida animal, como se nos achassemos relanceando mundos mortos, frios, na paz eterna da materia!... O lisboeta que nunca tenha visto uma paizagem campestre toda branca de neve, nunca viu a cousa mais bonita d'este mundo. Eu tambem sou lisboeta e nunca na minha terra vira a neve; em Africa, onde fiz durante longos annos a minha aprendizagem de bohemio, nem em sorvetes a avistei; vim encontral-a, pela primeira vez, aqui, n'este Japão; e acaso devo, em grande parte, as sympathias por este sólo

exotico ás neves que, de quando em quando, lhe branqueiam as montanhas, os bosques, as planicies e os telhados... E' Catulle Mendés que conta, creio eu, a commovente narrativa de uma princeza da India abrazadora, a qual princeza, pelas descripções que lhe faziam, se pôz a adorar a neve e a requerer ardentemente conhecel-a por seus olhos. Forçado o rajá, seu pai, a satisfazer um tal capricho, lá vai a princeza de viagem, rumo ao norte, até ás terras frigidas. Quando, por vez primeira, se lhe depara um campo alvo de neve, eis que se deita sobre aquelle fôfo leito, louca de jubilo; e alli se deixa morrer enregelada... N'este assumpto — e não em nenhum outro — eu lembro um tanto a princeza da India abrazadora...

Adiante. Vem-me agora á lembrança o triste capitulo, após a guerra, de um veterano, de um heroe, que anda agora a puxar uma carroça, acarretando pedras. E' o caso que o filho de Makino serviu tres annos o paiz, como soldado de um regimento de cavallaria de Nagoya; depois, como reservista, despiu a farda e ao lar voltou; mas, passados tres mezes, rompeu a guerra com os russos e foi de novo chamado ao regimento, partindo para a Manchuria, onde fez toda a campanha. Volveu de novo ao lar, o anno passado, e é possivel que para nunca mais vestir o uniforme. Volveu, e com elle o seu cavallo, o companheiro fiel de dezoito mezes de perigos, de trabalhos, de duras privações.

O cavallo, estropeado, foi vendido, e puxa agora uma carroça. O moço contava-me isto; e ajuntava que conhecia o paradeiro do animal, indo vêl-o todas as manhãs á estrebaria e offerecendo-lhe uma mão cheia de feijões.

Minuciando estes detalhes, tremia-lhe a voz de com-

moção; o grande affecto do homem pelo bruto, visivel na solemnidade inconsciente de que o rosto se animava, vinha ferir-me o sentimento. Sentia vontade de chorar por aquelle heroe de quatro pés, obscuro vencedor de mais de uma duzia de batalhas; agora, decadente, acarretando pedras, sob a ameaça do chicote do carreiro...

Duas palavras, a respeito de outro cavallo, este bem mais feliz. Refiro-me ao cavallo do templo de Atsuta, ao serviço do deus que alli se adora e deus quasi tambem; em todo o caso, passando vida indolente, monastica, sem cuidados, constantemente amarrado á mangedoura.

A chusma de peregrinos, n'aquelle dia de anno novo, rodeava o animal, estendendo mãos piedosas, que lhe atiravam com dinheiro, com feijões. Do grupo que eu acompanhava, O-Masu, a gentil filha de Makino, avançou com ares contrictos, comprou por uma moeda de cobre alguns feijões, offereceu metade d'elles ao garrano e a nós a outra metade; cabendo-me um feijão, esverdeado, redondinho e macio, que mastiguei e enguli, com modos reverenciosos de pagão...

De volta da romaria, reservava-me o acaso uma impressão inolvidavel. Trata-se de Jizô. Jizô é a divindade buddhista, conhecida em sanskrito pelo nome de Kshitigarbha; mas adaptada á sentimentalidade do nipponico e constituindo effectivamente uma das entidades religiosas mais enternecedoras d'este povo. Jizô é o deus protector dos caminheiros, encontrando-se commummente a sua imagem, de pedra, em nichos ao longo das estradas, como que para animar o peregrino a proseguir. Protege tambem as mulheres gravidas, que vão implorar seus beneficios em favor d'aquelle que será em breve um homem ou uma *musumé,* e já estrebucha no ventre maternal. E' tambem o deus das creancinhas que se des-

prendem d'este mundo, que morrem, defendendo-as no outro mundo das artimanhas dos diabos. Sós, sem mãe e sem pai, os pobres pequeninos passariam uma eternidade amargurada, se o bom Jizô não viesse em seu soccorro, servindo-lhes de ama sêcca, amparando-os, amimando-os, divertindo-os. Representa-se de ordinario em postura ajoelhada sobre a flôr do lotus mystico, com vestes sacerdotaes, tendo na mão esquerda uma pedra preciosa e empunhando o bordão dos peregrinos com a outra mão. A sua serena physionomia resplende de perenne benevolencia carinhosa, incompativel com os simples mortaes; havendo até um proverbio popular, respeitante ao limite que a gente deve dar aos impulsos da bondade, o qual diz:—*Jizô no kao, mo sando made* (cara de Jizô, até tres vezes).

Ora pois, regressando de Atsuta e voltando uma ruasita de Nagoya, deparou-se-me de surpreza, em certa esquina, um pequenino templo escancarado, e dentro um montão de estranhos objectos, dando a ideia de uma loja de adelo alli aberta ao publico. Aproximando-me e pedindo explicações á familia Makino, fiquei sabendo o que vou expôr. O templo era dedicado ao deus Jizô. Os objectos que alli estavam a monte eram centenas de bonecas, papagaios de papel, peões, trombetas, mil outros brinquedos infantis, uma infinidade de pares de tamanquinhos, vestidos, laços, enfeites de cabello, tudo usado, rasgado ou meio destruido por mãositas que a gente adivinhava turbulentas. Tudo aquillo era o immenso arsenal dos despojos do enxoval das creancinhas mortas, trazidos pelas mães e offerecidos a Jizô, com os nomes dos donos primitivos escriptos em pedaços de papel. Lá, onde o deus se encontra, tendo em torno o seu enxame de pupillos, tudo aquillo tem prestimo, é ser-

vivel, distribuido com equidade, já para vestir decentemente as almasinhas, já para lhes proporcionar distracções apropriadas a seus gôstos... Adoravel trapagem e adoravel intenção!...

—Se ha em Portugal alguem que tenha lido os livros encantadores que Hearn escreveu sobre o Japão, poderá a noticia que segue offerecer algum interesse.

Publicaram-se no fim do anno passado, na America, dous formosos volumes, com o titulo:—"The Life and Letters of Lafcadio Hearn", por Elizabeth Bislan";—são elles a derradeira contribuição trazida á obra vasta do delicadissimo escriptor, que viveu os seus ultimos quatorze annos de existencia no paiz que mais amou, o Nippon. Como o titulo está indicando, a publicação citada abre com uma biographia de Hearn, urdida por uma sua grande admiradora; biographia abundante de bellas gravuras documentaes e moldada nos processos mais modernos de investigação scientifica, não faltando até reproducções photographicas de algumas paginas manuscriptas do auctor que quer honrar. Seguem-se numerosas cartas de Hearn, que elle dirigiu a amigos varios, desde a sua juventude até ao dia da sua morte. N'estas cartas, primorosas de fórma, mas não visando a publicidade, Hearn mostra-se despreoccupadamente sincero. O leitor, que já conhecia e adorava o escriptor, fica agora conhecendo e amando o homem, que ora se revela impressionado pelas suas esperanças, ora pelos seus desalentos, ora pelos seus desesperos. Pelo que respeita o Nippon, accentua-se nitidamente nas cartas a aversão que Hearn ia votando ao Japão moderno, artificial, dos nossos dias: em contraste com a sua grande estima pelo velho Japão, como a lenda o representa e

como ainda se entrevê no interior, longe dos portos abertos ao commercio dos estrangeiros; aos quaes — aos estrangeiros — elle, Hearn, ainda menos queria do que ao Japão artificial. Em resumo: os dous novos volumes completam brilhantemente a collecção das admiraveis paginas anteriores, merecendo ser lidos e relidos.

IV

19 de março de 1907

Recorda-se um caso de ha quarenta e tantos annos; a grammatica japonesa; curiosidades da mesma e divagações a proposito — A palavra «ingra»; narrativa curiosa — Um punhado de noticias.

ORA, vão os senhores ficar sabendo uma cousa que nada importava que soubessem. Eis o caso: Foi ha quarenta e tantos annos que eu comecei a tomar conhecimento com os verbos, com os substantivos, com os adjectivos, com as conjuncções, com os adverbios, emfim com toda a caterva de graves figurões de que a grammatica se occupa. A iniciação em taes mysterios — maçonaria da infancia — foi-me dada, em Lisboa, no Collegio de Santo Agostinho, no terceiro andar de um triste e sujo casarão, com esquina para a rua da Bitesga e para a rua dos Fanqueiros, entrando a gente por uma loja de cal dentro. Eramos então uma chusma de fedelhos, que dispersamos pouco a pouco, que debandamos como os pardaes; indo uns não sei para onde, morrendo outros. De dois ou tres apenas conheço ainda o paradeiro; occupando agora um d'elles, por signal, uma das mais altas posições da publica governança. Lembrar-se-ha elle de mim? oh, não, por certo!...

Mas fallemos da grammatica, que é o que importa para aqui; enfadonha sciencia, que, para muitos de nós, só a palmatoria do Anjos tinha o condão de introduzir, ás martelladas, dentro da caixa dos miolos!... Estava eu então bem longe de suppôr quantas bellezas encerra a grammatica de um povo; e mal pensava que, tomando para thema a grammatica japoneza, ainda um dia havia de rabiscar algumas linhas com pretensões a sentimentaes e a humoristicas... E', porém, o que succede.

Já n'uma anterior correspondencia me occupei do assumpto. Fallei na quasi ausencia dos pronomes pessoaes e tambem dos pronomes e dos adjectivos possessivos. A causa d'isto está em não haver pessoas, ou antes, serem ellas em geral quantidades dispensaveis. Para me tornar comprehensivel, cito a opinião antiga que os povos do Occidente faziam de si mesmos: embebidos de orgulho, julgavam a terra e o sol, e a lua, e as estrellas, e o universo inteiro, creados para o homem, para seu regalo e satisfação plena; o homem era, por este modo, o rei supremo, a quem a creação em peso obedecia. Pois o nipponico, pela sua feição ethnica differente, vê as cousas ao reverso: para elle, não é a creação que é a escrava do homem; é o homem que é o escravo da creação; e tão escravo, que a sua individualidade quasi desapparece. A humanidade é nada, ou quasi nada. E' poeira. Perguntem ás particulas da poeira se ellas se distinguem entre si por individuos e por nomes. Por este motivo, voltando á grammatica, não ha *eu,* nem *tu,* nem *elle,* pois não ha individuos; os raros vocabulos, que consideramos como pronomes pessoaes, exprimem antes uma porção de espaço, o espaço que occupamos; assim, *temae,* que traduzimos por *eu,* significa litteralmente *á mão, ao pé da mão; anata,* que traduzimos por *tu, vós,* significa *além,*

para aquelle lado. Da ausencia de pessoas, resulta a impersonalidade dos verbos, que só variam nos tempos. E digamos: a estranha circumstancia de haver um povo que individualmente se ignora está bem em harmonia com a immensa coragem, com o desamor á vida, com a facilidade no sacrificio, de que um tal povo tem dado tantas provas; imaginam-se possiveis estes dotes, onde o individuo não conta para nada.

Uma outra curiosidade dos verbos japonezes encontra-se no seu imperativo. Este tempo, nú e crú, raras vezes se empregará. — Pára! corre! come! — não se diz. Ao imperativo ordinario dos verbos juntam-se commummente certos imperativos cortezes, que lhes attenuam a rudeza. A phrase imperativa do japonez poderá em geral traduzir-se por: — Pára, condescende, — ou mais portuguezmente: — Pára, por favor. — Deriva isto do complicadissimo codigo da cortezia nipponica. No Japão, ordena-se e obedece-se, sem duvida, e mais talvez do que em qualquer outra parte; mas quer o feitio moral d'estes nipponicos que a ordem venha sempre mascarada de doçura, de modo que não humilhe o obediente. Na constituição patriarchal da familia, o pai, o esposo, o amo, são despotas; mas ser desposta é ser deus; e os deuses são sempre benevolentes com a pobre humanidade. Ainda sobre a cortezia nipponica, os verbos e os nomes honorificos e humildes prestam-se a interessantes considerações; mas já toquei anteriormente no assumpto, e por esta razão passo adiante.

Tambem já fallei na onomatopeia, tão frequente na lingua japoneza, e que é a linguagem candida das creanças, e tambem a dos homens primitivos. Do que podemos concluir que o povo nipponico, tão álerta para seguir todos os processos de evolução, transmittidos por

outras civilisações mais avançadas com que entre em contacto — a China anteriormente e desde alguns annos o Occidente, — apéga-se ainda á linguagem da tribu barbara, dos remotissimos ascendentes, como por um extremo requinte de piedade filial que chegasse até ao macaco, o pai classico das éras perdidas no passado...

E' agora meu intento chamar a attenção d'aquelles que me lêem para a exotica circumstancia de não conhecer o japonez classificação alguma de generos para os seus nomes; não ha masculino, não ha feminino, não ha neutro. Tal circumstancia deriva fatalmente da impersonalidade na linguagem; onde pouco conta o individuo, menos deve contar o genero, isto é, o sexo. O que convem fazer sentir desde já é que esta particularidade grammatical se harmonisa perfeitamente, como devia acontecer, com a indole sentimental do nipponico, tão dissimilhante da nossa. Nas nossas linguas occidentaes, cada nome tem o seu genero, o seu sexo; os vocabulos ligam-se no discurso quasi como mulher e marido, os maganões. Temos então que a palavra europeia é sexual, e que a palavra japoneza é insexual. Eis uma grande differença que distingue as duas psychologias, a do japonez e a do europeu; sobre o assumpto, cuido de apresentar alguns commentos.

Já se tem visto n'este logar, em correspondencias anteriores, que o japonez accusa uma notavel indifferença pelos sexos. No europeu, dá-se o contrario, como bem se poderia presumir da sua grammatica amorosa. *Cherchez la femme.* Quando nos dispozermos a estudar o intimo segredo das nossas acções — já não digo das nossas paixões — havemos sempre de descobrir a preoccupação dos sexos. O branco trabalha para a mulher, o branco goza com a mulher, o branco vive para a mulher, o

branco sonha com a mulher. O casamento, para que tende em regra a evolução affectiva de nós todos — homens brancos — constitue o mais incontestavel testemunho d'esta preoccupação: pelo casamento, o homem apaga da existencia o seu passado — os seus sonhos, as suas faltas, os seus affectos; deixa paes, deixa avós, deixa irmãos — para dedicar-se, corpo e alma, á *metade de si mesmo,* á estranha, á esposa. A causa do crime é a mulher. A causa da loucura é a mulher. A causa do heroismo é a mulher. A mulher é tudo. Fóra d'este quadro, perfeitamente definido, em que, na comedia da vida, o homem e a sua companheira desempenham o papel predominante, podemos ir mais longe, affirmando que em todas as nossas emotividades estheticas, em todas as nossas concepções artisticas, em todos os nossos prazeres, e até em todas as nossas fórmas de linguagem, o encanto dos sexos, embora extra-humano, surge como o estimulo supremo.

No japonez, succede o inverso. A mulher é um deleite certamente, mas comparavel a uma flôr, mas comparavel a um perfume; nada mais. O casamento conclue-se sem amor, por meio de simples accordos prévios, em que as iniciativas dos nubentes se encontram em geral adormecidas; e nunca o casamento representará para o japonez uma ruptura em habitos e em affectos. A arte, a esthetica, como os habitos do ramerrão da vida, não pedem á mulher inspiração; os sexos não preoccupam, n'uma palavra. Alguns exemplos elucidarão melhor este phenomeno. Sabe-se que ainda até ha pouco tempo, em toda a parte do Japão, e actualmente nas aldeias, o banho era e é commum, entrando na vasta tina, ao mesmo tempo, homens e mulheres; a quem julgar vêr n'isto indicios de depravação de costumes, vicios de concupiscencia, deve

dizer-se que é justamente o contrario que se dá: — simples indifferença de sexo para sexo. — A arte do nú, tão cultivada pelo branco — no desenho, na esculptura — não encontra sérios executantes n'esta terra e ainda menos um publico que a aprecie; é que tal arte requer um trabalho amoroso de contornos, para o qual o japonez se mostra inhabil. Se alguma exigencia official leva o nipponico a um baile, pasma o sujeito, de enfado e de desgosto, perante o espectaculo aperitivo das costas núas, dos seios nús, intencionalmente perfumados, como manjares, para despertarem cobiças glutonas. O namoro é desconhecido no Japão; nem mesmo aqui se comprehende o habito, quasi innocente, do homem louro dar o braço, em passeio, á mulher loura. Em litteratura o japonez desconhece por completo o romance, tal como elle sahe da penna do nosso homem de lettras e é acolhido pelo publico com favor: — estudo analytico de amores, de lucta de paixões de sexo para sexo, estendal de adulterios, de todos os desmandos, de todos os mysterios de alcova, inventario das faltas dos paes, dos maridos, das filhas, das esposas, barril do lixo da familia com os ouropeis da rhetorica á mistura...

D'este surprehendente phenomeno psychologico que acabamos de descobrir no japonez — a sua indifferença pelos sexos, ou, por outras palavras, a sua despreoccupação do amor — começando a ser reconhecivel na ausencia de generos na sua grammatica e accentuando-se em todas as manifestações da sua vida emotiva e sentimental, devemos concluir, e com razão, que o nipponico nasce e morre, ignorando os arrebatamentos que animam a juventude do branco, que lhe engrinaldam o coração de dôces chimeras, que lhe povoam o espirito de sonhos côr de rosa e que acabam por sublimar-lhe a alma na

experiencia das desillusões e do soffrimento. Inspira-nos piedade essa pobre alma de eunucho. Poderemos suppôr seguidamente que, sendo o amor, na raça branca, um dos grandes estimulos, se não o maior, na esthetica, na Arte, no dom de sentir a vida e a creação, o japonez, como homem insensivel, vegeta, alheio á comprehensão de todas as cousas bellas d'este mundo. No emtanto, reconhecemos, pelo estudo e pela experiencia dos olhos e contrariamente á nossa espectativa, que a Arte do japonez é adoravel e palpitante de deliciosos requintes, como nenhuma outra, e que elle sente a creação com dotes mil vezes mais subtis do que os nossos proprios dotes. Foi, pois, erroneo o nosso raciocinio. Devemos antes imaginar que, não concentrando na mulher — n'uma mulher — a massa das suas qualidades passionaes, estas qualidades do japonez adquirem, pela liberdade de acção, appetites vagabundos, espalhando-se por todas as graciosidades, como um bando de borboletas por todas as florescencias. D'aqui, o reconhecido affecto, o reconhecido amor, o reconhecido pantheismo, intensivamente testemunhados pela arte, do nipponico por toda a natureza — grandes aspectos e pequenos aspectos, céus, oceanos, montanhas, arvores, flôres, aves, insectos, tudo. — A mulher deixa de ser o idolo unico, o manipanso que era para o louro, adorado e temido, anjo e algoz, para passar a ser simplesmente uma entre mil, uma entre cem mil, das gentilezas mundiaes. Devemos ainda presumir que, por este modo, as paixões se transformam em contemplações, os transportes em deleites; attingindo assim a existencia affectiva do nipponico um grau excepcional de placido equilibrio, sem sobresaltos, sem esgotamentos nervosos, sem desregramentos precarios. E' effectivamente sob este aspecto que a existencia nipponica se

nos revela, em todas as circumstancias em que nos é permittido relanceal-a: — deslisando entre sorrisos.

No entretanto, não devemos esquecer que o japonez é um homem como qualquer outro homem — consequentemente um ente passional. Se a paixão dos sexos se não exerce n'elle, outras paixões se exercerão, redobrando de energias pela exclusão de uma d'ellas. E' como se pódem explicar, entre diversas manifestações psychicas do povo que estou considerando, o seu incomparavel patriotismo, os seus sentimentos de odio, de vingança, de sacrificio, tão eloquentemente professados durante a sua historia medieval, e após tambem.

— A palavra japoneza *ingwa* (causa e effeito) é um termo buddhista, que serve para designar um destino desgraçado, ou a consequencia funesta de faltas commettidas n'uma existencia anterior; admittindo a doutrina de Buddha, que os espiritos dos mortos possuem poder para injuriar os vivos, mas unicamente nos casos em que estes mereceram castigo pelas suas más acções, praticadas n'uma existencia precedente. Assim, diz o japonez: — *Nan no ingwa de... ni kurô suru darô* — que se traduz: — Por causa de que *ingwa* estarei eu soffrendo tanto? — ou, aportuguezando mais: — Por causa de que falta da minha vida anterior estarei eu soffrendo tanto?

Posto isto, exporei aqui uma curiosa narrativa, exemplo commovente da *ingwa* referida. Que a leitora me desculpe, se as linhas que vão seguir-se fôrem desagradavelmente impressionar a sua sensibilidade delicada.

A bonza ou monja pedinte Dassetsu foi vista pela ultima vez no anno de 1846, por signal na aldeia de Tanaka, provincia de Shimotsuké, em casa de Naguchi Dengozayémon, onde de passagem pernoutou. Desde

então ninguem mais ouviu d'ella fallar. N'aquella noute, muitos visinhos se reuniram em casa de Naguchi, instando com a monja para que contasse a sua historia; o que ella fez, pouco mais ou menos, como segue, segundo testemunhas presenciaes.

Dassetsu era o seu nome religioso, o seu nome mundano fôra Yukiko, a senhora Neve, indicando o sufixo *ko* a nobreza da condição da dama. Bella, instruida em prendas feminis, passára a juventude no palacio de um rico daimyô, senhor feudal, como então era costume. A esposa do daimyô definhava-se, dia a dia, hora a hora, no seu leito de dôr e apathia, minada por não sei que enfermidade, sem remedio. Durante cerca de tres annos assim permaneceu. Quando a primavera do anno de 1829 se prodigalisava em esplendores, a misera envolta em soberbas colchas de setim, silenciosa, exangue, ia pensando nas florescencias das cerejeiras dos jardins do seu palacio, com que ella outr'ora tanto se aprazia; ia pensando nos principes, seus filhos; ia pensando no daimyô, seu esposo, e de preferencia em Yukiko, então com 19 annos de idade, em plena florescencia de graça e seducções...

O daimyô julgou então do seu dever avisar a querida esposa das tristes condições em que se achava. Entre caricias e com lagrimas nos olhos, informou-a de que todos os esforços dos melhores medicos do imperio haviam sido vãos. Confessou-lhe que vinha perto o dia em que ella deixaria esta terra de tormentos; esperando que acceitasse com dôce resignação os dictames da sorte, com alegria até, na crença de subir sem detença ao paraizo, á paz do Buddha; devendo ficar certa de que todos os ritos religiosos e preces cultuaes se empregariam n'este intuito...

A moribunda, olhos cerrados e voz que mal se ouvia, agradeceu em phrases commovidas a dedicação do es-

poso. Assegurou-lhe que estava preparada para tudo. Julgando a vida a termo, apenas lhe pedia, movida por um interesse derradeiro pelas cousas terreaes, que mandasse chamar a bella Yukiko, a quem votava a estima carinhosa de uma irmã mais velha por uma irmã mais nova, e á qual algumas recommendações tinha a fazer.

Veio Yukiko e ajoelhou junto do leito. — "Ah, és tu, minha linda, minha querida Yukiko!... Chega-te bem para mim, para que ouças tudo o que te digo..." — A moribunda, entreabrindo as palpebras, a custo continuou por estas palavras: — "Vou morrer. Confio que sejas, junto do nosso amo e senhor, a digna substituta de mim propria, tornando-o ainda mil vezes mais feliz... Oh, Yukiko! não cubras o rosto, com gestos de modestia mal cabida... Tu serás a sua esposa, a sua legitima esposa; sim, sou eu que o desejo, sou eu que o quero e que t'o affirmo, nos ultimos momentos de vida que me restam. Torna ditoso o teu senhor e esposo, e sê tambem ditosa..." — Emmudeceu. Parecia nada mais ter que dizer e aguardar serenamente o triste fim. Mas, como de improviso, acercou com a mão a Yukiko e confessou-lhe que um capricho agora lhe occorria: — seria ella bastante complacente para leval-a, ás costas, até ao jardim, a fim de contemplar pela ultima vez as flôres de cerejeira?... — e a voz tornava-se clara e forte, como se a vehemencia do desejo lhe restituisse a robustez.

Não se podia negar um tal favor. Yukiko, ajoelhada na postura habitual da mãe ou da serva que offerece o apoio das costas á creança, disse: — "Estou prompta, minha ama." — A moribunda ergueu-se a meio sobre as colchas, com um vigor inconcebivel; e, rapidamente, enfiou seus braços esqueleticos por entre as roupas da humilde companheira, indo os dedos aduncos apertar-

lhe os seios, roseos como flôres de cerejeira. A moribunda soltou então uma gargalhada diabolica e exclamou em desabafo: — "Oh, posso agora morrer! Realisei o meu desejo, o meu grande desejo, com respeito ás flôres de cerejeira; não as do jardim, em que não penso; mas estas, mas estas!... „ — e apertava com mais força. Cahiu sobre o collo de Yukiko; estava morta.

Correu gente a separar da moça afflicta o cadaver da esposa do daimyô. Vãos esforços: as mãos collavam-se-lhe aos seios. Os doutores do paiz nada podéram fazer em caso tão estranho. Foi chamado o melhor physico que se encontrava no Japão, um sabio hollandez de grande fama. Sem comprehender nada do phenomeno, o sabio reconheceu que só poderia arrancar aquellas mãos, esphacelando as carnes de Yukiko, o que era dar-lhe a morte. Optou então em cortar as mãos teimosas, e assim se procedeu. As mãos exangues cedo se mirraram e cedo ennegreceram, a lembrarem duas enormes aranhas retendo a sua presa. Não estavam mortas. Pelas palmas, adheriam intimamente aos seios de Yukiko, como se fizessem parte integrante do seu corpo; os dedos, porém, estavam livres. Em cada noute, ahi pelas duas horas, que é quando os espiritos dos mortos melhor pódem exercer-se, aquelles dedos tinham movimentos, que só cessavam quando o sol rompia. Começavam palpando a pelle, tamborilando, produzindo pruridos insoffriveis. Após, apprehendendo os seios, beliscavam-nos, torciam-nos para a direita e para a esquerda, repuxavam-nos, cravavam n'elles as unhas, longamente, como que sedentos de tortura...

Yukiko cortou á navalha os seus cabellos, fez-se monja pedinte, mudou de nome. Terminando a sua historia, Dassetsu assegurou a todos os ouvintes que havia já

dezesete annos, durante cada noute, soffria dôres atrozes nos pobres seios macerados, infligidas por aquellas mãos mirradas; embora, em cada dia, em supplicas se humilhasse, implorando perdão ao espirito da morta... E concluiu:—*"Nan no ingwa... de ni kurô suru darô"* (Por causa de que falta da minha vida anterior estarei eu soffrendo tanto?)

—Um punhado de noticias para terminar:

O grave assumpto concernente á exclusão das creanças japonezas das escholas de S. Francisco e o não menos grave, que visa á repressão, por parte do governo da republica, da immigração japoneza no sólo americano, não se acham ainda definitivamente regulados. Esperemos.

No dia 3 d'este mez, naufragou perto da costa, a curta distancia de Yokohama, para onde se dirigia, o magnifico paquete "Dakota", vindo de Seattle, com grande numero de passageiros e malas da America e da Europa. O vapor considera-se totalmente perdido; todas as vidas foram salvas; a correspondencia é que que se perdeu em parte, sendo eu um dos muitos que agora se lamentam da falta de cartas dos amigos. O sinistro deu-se ás 5 horas da tarde, em mar espelhado, vindo o "Dakota" espetar-se sobre um baixo perfeitamente conhecido; é inexplicavel. Logo após o encalhe, o paquete viu-se rodeado por um cardume de barquinhos de pesca, cujos tripulantes instaram com os passageiros para que embarcassem sem demora e ganhassem terra firme; houve hesitação, natural em quem abordava o Dai-Nippon pela primeira vez e se via em presença de uma multidão de homens quasi negros, quasi nús, selvaticos em gestos; mas lá se decidiram, embarcando nos barcos, recebendo então carinhoso acolhimento da gente pescadora e aga-

zalho nas aldeias, recusando-se o povo a receber qualquer remuneração pecuniaria. Diga-se isto em abono do caracter japonez.

Quanto a cortiças, registra-se o seguinte:

Os recentes esforços de algumas firmas d'aqui, no intuito de encetarem o commercio directo de cortiças portuguezas — pranchas e rolhas — téem dado em resultado um muito prospero trafego do artigo com... Portugal? não, com á Hespanha!... Raros dos nossos negociantes (um ou dois, talvez um) corresponderam satisfactoriamente a taes esforços. Quanto aos outros, em vez de mandarem logo para cá pequenas remessas para ensaio, e a preços accessiveis, accusaram indicios de preguiça, ou de desconfiança, ou exaggeraram muito os preços. Como o Japão não se acha apaixonado pelas cortiças portuguezas, as firmas referidas voltaram logo as suas vistas para a Hespanha, encontrando maior actividade, maior confiança, melhor boa vontade por parte da sua gente de negocio.

Em 1905, Portugal exportou para o Japão 10:588 *kins* (1 *kin* vale 6 hectogrammas) de cortiça em prancha, no valor de cerca de 270 libras esterlinas, e a Hespanha exportou apenas 2:092 *kins*, no valor de 19 libras; mas em rolhas a Hespanha exportou 54:484 *kins*, no valor de 4:559 libras, emquanto que Portugal exportou apenas 3:997 *kins*, no valor de 307 libras. Não se publicaram ainda estatisticas completas para o anno de 1906, mas tudo faz prevêr que o commercio corticeiro da Hespanha com o Japão haja augmentado consideravelmente, conservando-se o nosso quasi estacionario.

E querem os senhores carreiras directas de vapores de Portugal para o Japão!... Não lhes bastava a carreira de Cacilhas?...

V

16 de abril de 1907

Um ensaio de estudo psychologico — Uma visita á eschola superior feminina de Osaka; as recordações que ficaram d'essa visita — A historia de Kinumê — Commemoração dos esplendores primaveraes do Japão — Os vapores allemães entre Portugal e o Extremo-Oriente.

Na correspondencia anterior occupei-me, se a memoria me não falha, de uma curiosa caracteristica da alma japoneza — inhabilidade para o amor, — amor, como nós o comprehendemos e sentimos, estimulo supremo das energias sentimentaes que nos animam. O japonez ama a mulher, considerando-a sob o aspecto de uma das mil e mil gentilezas com que a creação o gratifica; digna do seu aprêço, como é uma flôr, como é um perfume, como é um canto de ave, como é um murmurio de aguas, como é uma paizagem graciosa, como é uma noite de luar. O *Eterno-Feminino* não é o despota da sua mentalidade e das suas acções, o idolo soberano, como acontece nas sociedades do Occidente.

No entretanto, o suicidio por amor, ou assim chamado, é relativamente frequente no Japão. Pareceu-me interessante cuidar de descobrir razões que conciliem a concorrencia de taes factos, que nos parecem paradoxos; é este

o assumpto das linhas que vão seguir-se, visando a simples ensaio de estudo psychologico.

Convém dizer antes de tudo que, no empenho de apressar o epilogo da existencia, o japonez e a japoneza suicidam-se por causas muitas vezes comparaveis ás que induzem o branco ao mesmo extremo; notando-se, porém, por parte dos japonezes, mais requintes, mais melindres, mais susceptibilidades, nas intimas locubrações da consciencia. A vergonha, a miseria, a doença tida por incuravel, as graves questões de familia, o proposito de fugir ao castigo ou de infligil-o por si proprio, são outros tantos motivos, entre muitos, que levam o nipponico a dar cabo de si. O soldado, para furtar-se ao opprobrio de cahir nas mãos do inimigo, mata-se. O famoso *karakiri* dos velhos tempos, ainda hoje praticado, era o suicidio, voluntario ou imposto pelo principe, exigindo grande ceremonial, rasgando-se a victima o ventre com a lamina de um sabre. Nas épocas feudaes, e ainda presentemente, o suicidio apresenta-se por vezes como o meio de testemunhar a sinceridade de um juizo, de uma supplica, de uma queixa contra o chefe; ou é a manifestação de pezar, perante um infortunio nacional. Exemplo frisantissimo d'esta ultima categoria offerece o caso de uma pobre rapariga, criada de servir, que viajou de Tokyo até Kyoto, onde se suicidou, em expiação da vergonha do paiz e da magua do soberano, quando, ha alguns annos, foi gravemente ferido no Japão o actual czar das Russias, então simples czarevitch, por um agente da policia japoneza, empregado em seu serviço.

No Japão, o chamado suicidio por amor é geralmente um duplo suicidio, que se conhece pelo nome *shinjû*. Elle e ella dão-se as mãos, ou se enlaçam um ao outro

por meio de uma faixa de setim; e assim se precipitam ao rio, ou se atiram do alto da torre do pagode buddhista, ou esperam sobre a linha ferrea o comboio que passa e que os esmaga; ou então, elle crava-lhe no coração o fino sabre do antigo samurai, voltando após a arma contra si. Elle é sempre quem premedita o lance, que impõe á *musumé* o sacrificio. Ella, dôce creaturinha sem vontade, ou antes, animada de uma unica vontade — a obediencia — acceita sem resistencia, sem commento, sem pezar, a decisão do dono — porque dono é, com effeito, quem lhe domina o sentimento.

No *shinjû*, ella não é, de ordinario, a mulher honesta e recatada dos nossos dramas passionaes; é a moça deshonesta, rastejando nas ultimas camadas da escala social. Elle, em geral, é o joven de conducta desregrada, dissipador, frequentador de pousos de má fama. Já isto vem dar alguma luz no assumpto em que me occupo. Não se trata, pois, do lance amoroso e romanesco, motivado por tremendos obstaculos, que se agitam no mysterio psychico dos anhelos. Apontam-se tambem obstaculos que véem explicar o *shinjû*, mas de outra ordem: resumem-se commummente na falta de recursos pecuniarios que permittam resgatar da ignominia a pobre escrava, tornal-a livre, para que possa escravisar-se áquelle a quem agrada. No drama japonez, actua pelo certo o prestigio sexual, mas muito attenuado; por parte d'ella, deu-se apenas obediencia, passibilidade; por parte d'elle, accusa-se sobretudo o desgosto que uma quebra de habitos agradaveis acarreta, amargurado ainda pelo opprobrio da bolsa esvasiada.

Mas estudemos mais de perto o que se passa, ou julgamos que se passa, na sentimentalidade do nipponico, quando se resolve a dar as mãos á companheira de

longas horas de prazer e a precipitar-se com ella no abysmo da torrente. Imaginemos que, por qualquer causa, uma ruptura se impõe, fatal, inadiavel. O homem do Occidente, em similhantes circumstancias e em comparação com o japonez, mais facilmente poderá soffrer um tal desastre; porque elle, em virtude da sua sentimentalidade amorosa, da sua esthetica passional, vê a mulher em tudo, sente o encanto feminino em toda a natureza que o rodeia; encanto feminino impessoal, anonymo, nas condições ordinarias da existencia; mas personificado no ente querido, se o amor lhe exalta os dotes emotivos. Por este facto, não se dá jámais ruptura absoluta entre o occidental e a mulher dos seus affectos; ausente embora, separado dos seus affagos, vê-a em tudo, ouve-a em tudo, sente-a em tudo; do que deriva, se não a esperança, pelo menos a saudade, que já é uma consolação, bastante para poder obstar ao suicidio. A saudade não é um sentimento negativo, desintegrante; é um sentimento positivo, creador; servem de exemplo muitos infelizes amorosos, que a dôr elevou a gloriosas culminancias, no campo das lettras e das artes. Ora, o japonez, que não exteriorisa na creação os seus amores, que desconhece a esthetica passional, não póde recorrer ao consolo da visão, ao consolo da saudade, perante a dôr da perda. A mulher, no positivismo da existencia, é para elle cousa sua, como que um membro do seu corpo — uma perna, um braço. A ruptura traduz-se-lhe por um facto de ordem material, absoluto e irremediavel, insusceptivel de substituição, insusceptivel de lenitivo. A ruptura é a amputação — a amputação de um braço ou de uma perna. A disformidade leva-o ao suicidio, como nas nossas sociedades se suicida algumas vezes o cego, o estropeado, o enfermo desenganado pelos medicos,

fartos da vida. Dois factores facilitam tal desfecho: um d'elles é o pouco apreço que a propria existencia merece ao japonez; o outro é a crença poetica, em parte trazida do buddhismo, que faz acreditar que os mortos, assim reunidos, renascerão para uma outra vida, no futuro dos tempos, para então se amarem sem estorvo...

E' pela forma que foi exposta que eu me explico o chamado suicidio por amor, no drama psychico japonez. Uma explicação, como qualquer outra, talvez bem longe da verdade.

—Ha cerca de cinco mezes, n'um delicioso dia de outomno, levou-me a curiosidade bohemia a visitar a eschola superior do sexo feminino, em Osaka, frequentada por cerca de setecentas raparigas. Acompanhado pelo amavel director d'aquella eschola, assisti por alguns minutos aos exercicios gymnasticos das alumnas, consistindo em curiosos movimentos de pés, de pernas, de braços, de mãos, de cabeças, executados em fila, simultaneamente, á voz de commando de outra alumna. Pareceram-me taes exercicios de notavel proveito, derivando d'elles uma grande destreza, uma grande flexibilidade de musculos, com que ganha a saude do corpo e com que ganha a esthetica.

Da visita ás aulas, guardo as seguintes recordações:— n'uma aula, a professora explicava ás discipulas o emprego e vantagem da vacina, preventiva, contra a variola; n'outra aula, a professora discorria sobre a constituição da representação nacional no imperio, entrando em minucias a respeito das duas camaras, dos pares e electiva. Julguei interessante notar aqui taes incidentes, que põem sufficientemente em relêvo o alto grau de cultura que se está ministrando no Japão a um grande

numero de raparigas, cuja idade varía entre quatorze e dezoito annos. A parte comica d'esta visita — não fujo á gana de contal-a — e á qual devo algumas horas de popularidade não prevista, consistiu em que, pela tarde, demorando-me em excursão por Osaka, e quando o enxame das escolares debandára, para se dispersar pela cidade inteira, em cada rua, a cada esquina, ia encontrando uma pequena, que parava e me saudava reverente...

O bom snr. Shiba, o director, promettera-me que me convidaria a assistir á ceremonia final do curso, em fins de março; e foi assim que, no mez passado, de novo me encontrei na eschola superior de raparigas. Chego tarde, por ter andado acompanhando e iniciando em repastos japonezes um cavalheiro europeu e a sua esposa, recem-chegados (ardua tarefa). Chego tarde, quando a festa ia quasi a termo; mas ainda a tempo para assistir a um espectaculo deliciosamente emocionante.

A eschola em peso, com o director, os professores e as professoras á frente, fanfarra em alegres melodias, procedia á marcha final, na vasta esplanada do edificio.

Era um garboso regimento de setecentos lindos soldadinhos, armados com bandeiras nacionaes — uma em cada mão — em vez de carabinas; soldadinhos minusculos, frescos e roseos como flôres primaverís, com mãositas de fadas, com olhos humidos de ternura, com laços nos cabellos, *kimonos* multicôres — todas as graças emfim proprias do sexo e do trajo.

As manobras não eram precisamente copiadas das que o marechal Oyama exigira dos seus heroes, nos campos da Manchuria; permittiam-se-lhes variantes, que transformavam por vezes a marcha em contradança; ou estacavam todas de repente, entoando hymnos patrioticos e agitando as bandeirinhas.

Era soberbo, suggestivamente enthusiastico. Concluia-se, do espectaculo, até que ponto extremo o espirito militar é cultivado no Japão, chegando até ás moças!... Haverá n'isto um ridiculo a apontar? Não ha. Nós não imaginamos que aquellas setecentas raparigas, bem como todas as raparigas do imperio, sujeitas á mesma educação, marchem um dia, em defeza da patria, para combate (e quem sabe?...); mas, passarão quatro ou cinco annos, e todas aquellas mulheres serão mães; e comprehende-se como, com o leite, os filhitos irão bebendo, desde a mais tenra meninice, a commoção guerreira, o amor pelo estandarte nacional e pela patria!...

A' primeira vista, nos tempos presentes, de evolução pacifica, poderá no entretanto parecer exaggerado este sôpro mavorcio, que está oxigenando a população inteira no Japão. Mas não é. Lembremo-nos de que o evolucionismo pacifico, entre occidentaes, visa especialmente as suas mutuas relações de visinhança, derivando mais de um sentimento de prudencia do que de um sentimento humanitario; não attinge os exoticos. Para prova, saberemos que na proxima conferencia da Haya, já tão fallada, nenhum philantropo cuidará da paz com os indios, ou com os malaios, ou com os zulús, ou com os landins. E o povo japonez é tambem para nós — e elle sabe-o — um povo exotico, mantendo a sua independencia, a sua integridade, pelo proprio prestigio, e nada mais.

— Durante o tempo do imperador Shômu, que reinou no Japão desde o anno de 724 até ao anno de 748 da nossa éra christã, viveu na provincia de Sanuki, districto de Yamada, uma gentil rapariga de nome Kinumé, que quer dizer — Aureas-flôres-de-ameixoeira. — Esta moça, cuja historia ainda hoje se conserva de memoria, tinha

dois paes e duas mães; e resa a tradição que, por morte dos dois casaes, herdou pelos dois lados, o que lhe permittiu realisar uma fortunasinha menos má.

Para convenientemente explicar este phenomeno a leitores da minha terra, aos quaes poderia parecer o caso inverosimil, convém saber, antes de tudo, que os preceitos buddhistas mandam venerar tres cousas preciosas: — o Buddha, a sua doutrina e os sacerdotes. — No entretanto, entre o povo, muita gente estende a sua devoção a outros motivos, chegando a prestar culto a certos deuses malfazejos, como o deus da peste, como o deus dos raios, como o deus dos incendios e muito mais, pedindo-lhes favores; provando a experiencia, todavia, que taes favores, quando mesmo concedidos, tarde ou cedo acarretam nefastas consequencias.

Vamos agora á historia de Kinumé. Contava ella dezoito primaveras, quando uma terrivel epidemia de peste começou a grassar n'aquelle sitio, fazendo vastas victimas. Por fatalidade, Kinumé foi atacada d'este mal, perdendo-se quasi a esperança de salval-a. Então o pai, então a mãe (estamos ainda no periodo em que ella tinha um só pai e uma só mãe), recorreram á protecção do deus da peste, como o expediente que mais poderoso lhes pareceu para arrancar da morte a filha querida. Novenas, promessas, supplicas fervorosas, não faltaram, votadas á terrivel divindade.

Após sete dias de doença, a moça contou assim um sonho que tivera. Appareceu-lhe o deus da peste, assegurando-lhe que se sentia realmente enternecido por tanta uncção nas preces e tanta angustia de seus paes, e no proposito de salval-a da doença a que devia succumbir. O deus accrescentou que o caso, porém, era difficil, e que, para que tal milagre succedesse, alguem teria de

perder em troca a propria vida, compensando-se por tal fórma a exigencia dos destinos. — "Conheces, disse o deus, alguma rapariga que tenha o mesmo nome do que tu ?„ — Ella acudiu de prompto: — "Conheço, sim senhor; além, no districto de Utari, ha outra Kinumé„. — O deus disse ainda mais: — "Leva-me a casa d'ella„. — Então os dois voaram nos espaços, em espirito e n'um instante apenas, até á casa da Kinumé de Utari, onde encontraram ainda a familia toda em lida, em trabalhos domesticos, embora fosse tarde. A Kinumé de Yamada apontou com o dedito e murmurou: — "Ella alli está ...„ — E o deus da peste, tirando um finissimo estylete da saccola carmezim que lhe pendia da cintura, arremessou-o á fronte da Kinumé de Utari, que cahiu logo no chão, em agonia.

Tal fôra o sonho da Kinumé de Yamada, como ella o relatára ao pai e á mãe. Permaneceu ainda, durante tres dias successivos, gravemente prostrada pelo mal; até que, de repente, erguendo-se do leito com um vigor inexplicavel e como que possuida de delirio, começou a fitar a familia com estranheza, depois gritou em altos berros que aquella casa não era a sua casa, e, finalmente, deitou a fugir pelas ruas fóra.

Mas a moça não estava delirante. As cousas haviam-se passado pela maneira que vou expôr. A Kinumé de Utari morreu de peste, com grande magua da familia. Fizeram-se as ceremonias usuaes, os bonzos cantaram ladainhas, o corpo foi sujeito á cremação e as cinzas recolhidas, e uma modesta louza se elevou no cemiteriosinho aldeão, cerca dos verdes arrozaes.

Quando o seu espirito desceu ás profundezas do Meidó, que é o mundo do invisivel, que é o mundo dos mortos, Emma-Dai-O', o rei e juiz das almas, mostrou certa surpreza e observou severamente a seus acolytos

que aquella era a Kinumé de Utari, que alli comparecia antes do tempo; que a mandassem de volta ao mundo dos viventes e lhe trouxessem a Kinumé de Yamada, que era quem devia apresentar-se. Então, o pobre espirito repudiado fez-se ouvir em supplicas humillimas, implorando admissão; havia já tres dias que se encontrava longe do mundo dos viventes; seu corpo, segundo os ritos, fôra queimado e reduzido a cinzas, nada d'elle restava; e, sem corpo, como poderia o pobre espirito voltar á terra e viver entre os homens?... Emma-Dai-O' respondeu-lhe com enfado e com certos ares de zombaria: — "Não te rales, pequena; o espirito da Kinumé de Yamada vem para aqui, como foi determinado; eu dou-te o corpo d'ella para abrigo, e ganharás na troca, porque o seu corpo é bem mais gentil do que era o teu, que eras feia e aleijada...„ — E despediu-a com um gesto.

Ora, n'aquelle mesmo instante, o espirito da Kinumé de Yamada desprendeu-se da terra, voou para o Meidó, introduzindo-se no corpo abandonado o espirito da Kinumé de Utari. Fôra então que a enferma de subito se ergueu, como atraz já apontei, não conhecendo a casa onde se achava, gritando e fugindo para a rua. Correu a bom correr, até ao albergue onde habitava a familia da Kinumé de Utari; alli rejubilou, dizendo a todos que resuscitára, querendo abraçar o pai e a mãe, que a fixavam espavoridos, não a reconhecendo. A familia da Yamada, correndo tambem, em busca da doente, viera parar ao mesmo albergue; falla-se muito, cada qual conta o que sabe, a moça expõe a estranha aventura que tivera, pouco a pouco aclara-se o mysterio.

Diz então a mulher de Yamada:

— "Bem, esta pequena tem o espirito da Kinumé de Utari e tem o corpo da Kinumé de Yamada; é filha, pelo

espirito, de vocês; é filha, pelo corpo, de mim propria e do meu homem; concordam vocês no que lhes conto?...»

Concordaram.

Foi assim que aquella rapariga teve dois paes e duas mães.

— Sirvam as breves linhas que seguem de modestissima commemoração dos esplendores primaveraes que agora esmaltam o Japão inteiro, em apotheoses encantadoras. Bemdita primavera, que traz a alegria a todos, até aos tristes...

Está tudo florindo. Os pecegueiros, os damasqueiros, as cerejeiras, apresentam-se deslumbrantes. Montes e campinas matizam-se de mil côres. As grandes varzeas de colza, da humilde crucifera de cuja semente se extrahe um oleo commum, abrazam de intensissimo amarello. Com as flôres, surgem os insectos, uma multidão de graciosos sêres.

A proposito de colza, occorre-me dizer que a borboleta branca prefere a sua florescencia a qualquer outra. D'aqui, uma gentil cantiga popular, que as rapariguinhas das aldeias cantam, quando vão para a eschola, campos fóra; cantiga que nos dá commovente exemplo de uma grande verdade, pelo menos n'esta terra: — que raparigas, flôres e borboletas são irmãs, todas se entendem. — Diz a cantiga:

Chô-chô, chô-chô, na no ha ni tomare; Na no ha ga iyenara, te ni tomare...

Que se traduz em versos de pé quebrado:

Borboleta, vem pousar
Na tenra colza — ou então,
Se te não agrada a colza,
Vem pousar na minha mão...

— Parece que, felizmente, se regularisa o serviço dos vapores allemães entre Portugal e o Extremo-Oriente. Dos portos do Japão já seguiram para a Europa, fazendo escala por Lisboa, tres paquetes — "Silesia", "Scandia" e "Habsburg" — e julgo que o serviço assim continuará. Presumo que os tres vapores apontados nenhuma carga levaram para Portugal, o que accusa lamentavel indifferença, por parte dos nossos negociantes, pelos productos japonezes, cuja introducção no paiz deveria ser tentada com insistencia. Do reino teem aqui chegado ultimamente algumas duzias de garrafas de vinho do Porto e algumas rolhas de cortiça; devendo-se manter a esperança de que as remessas, sobretudo em rolhas, augmentem em breve de importancia, de modo a virem constituir um trafego consideravel.

O Japão está fazendo já um importante consumo de azeite de oliveira, que lhe vem, em geral, de Italia e é destinado á manufactura de conservas de sardinha; industria aqui nascente, mas esperançosa. Nós poderiamos concorrer tambem com o nosso azeite; mas para isso seriam necessarias uma grande boa vontade e muita regularidade nas expedições, — qualidades de trabalho talvez incompativeis com o nosso temperamento.

Tratando de cousas portuguezas, vem a proposito citar, com jubilo, que o snr. Francisco X. da Silva e Souza, subdito portuguez ha bastantes annos residente no Japão, acaba de estabelecer-se em Kobe, dando á sua firma o nome de *D. S. Dady Burjor C.ª*. A bem das relações entre o Japão e Portugal, ha muito a esperar das iniciativas do cavalheiro que citei, justamente apreciado pelas excellentes qualidades do seu caracter e tido em muito aprêço nas firmas onde anteriormente serviu. O snr. Souza propõe-se entrar desde já em relações com os ne-

gociantes de Portugal, desejando promover, a valer, a importação de cortiças e, se possivel, a do azeite; conta enviar brevemente ao Mercado Central de Lisboa um mostruario de productos japonezes.

O interesse manifestado pelas raras firmas portuguezas, estabelecidas no Japão, em estreitarem relações mercantis com Portugal, está accusando um interessante phenomeno sentimental, bem digno de menção e de aproveitamento. Estes portuguezes são todos filhos de Macau, ou descendentes de macaenses; bem poucos terão pisado o sólo da metropole e até alguns nem fallam portuguez. Mas o prestigio da nacionalidade commum constitue uma grande força de sympathia, e é esta grande força de sympathia que está impellindo os portuguezes de cá a dirigirem-se aos seus irmãos distantes.

Para o nosso caso, pouco importa saber se as casas inglezas ou americanas, ou allemãs, no Japão, são mais recommendaveis, do que as casas portuguezas, n'este imperio. A experiencia está demonstrando que as casas estrangeiras nada querem comnosco, ignoram-nos. Se, pois, queremos estreitar sériamente as relações mercantis entre Portugal e o Japão, ou enviemos para cá negociantes nossos, ou entendamo-nos lealmente, com confiança, com estima, com os macaenses que aqui se encontram, aos quaes bem possivelmente teremos ainda de agradecer as condições de prosperidade que attinja o nosso negocio no Japão.

VI

14 de maio de 1907

Ultima glorificação da campanha russo-japoneza; um livro de Kuropatkine apprehendido; as revelações do conhecido general russo sobre o seu paiz — Homenagem a tres estrangeiros heroicos; recordação de um acontecimento tragico; o templo de Yasukini — Reminiscencia triste — Representação turca no Japão — Uma exposição industrial em Tokio.

Ás maravilhosas victorias, alcançadas pelos nipponicos durante a recente campanha russo-japoneza, faltava uma ultima glorificação, que chega agora, vinda da origem com que menos se poderia contar — a propria Russia. Refiro-me ao livro, recentemente publicado, de Kuropatkine, aquelle que foi o generalissimo do exercito do czar nos campos da Manchuria e que, logo no inicio das hostilidades, annunciava aos quatro ventos a época proxima em que viria a Tokio, para impôr ao inimigo vencido as duras condições de uma paz affrontosa.

E' de todos sabido que o general Kuropatkine acaba de fazer a historia da guerra, em tres volumes. A obra foi immediatamente apprehendida, confiscada, por ordem do governo de S. Petersburgo; mas deve presumir-se que alguns exemplares foram poupados e passaram as fronteiras, havendo-se occupado ha pouco a imprensa

mundial em transcrever e commentar longas passagens, as mais interessantes, de tão extraordinario trabalho.

Kuropatkine, na opinião dos que o lêram, não se honrou como escriptor e como critico, como não se honrára como general; consegue apenas pôr mais a nú, perante olhos estranhos, a grande chaga social que alastra no seu paiz, incluindo a pessima organisação do exercito, de que elle foi, antes do conflicto, o chefe supremo e responsavel, como ministro da guerra. No entretanto, para investigadores de fóra, o livro citado offerece-se como um valioso documento de consulta; constituindo sobretudo um mui insuspeito elogio das brilhantissimas qualidades da nação japoneza e dos feitos dos seus bravos defensores.

Posto que o assumpto deva já ser sobejamente conhecido dos leitores, pareceu-me que alguma cousa tem de ficar aqui memorisada, sendo estas correspondencias, pela sua indole, um resumo de todos os acontecimentos que interessam o imperio japonez e o seu povo.

Kuropatkine insiste (no que nos não diz nada de novo) sobre a vantagem que existia para os japonezes, encontrando-se elles senhores do mar; e acrescenta (o que é mais interessante) que possuiam além d'isto as sympathias das populações, que os informavam das medidas estrategicas tomadas pelos russos, emquanto que os russos deliberavam ás cégas.

Alargando-se em considerações de ordem moral, Kuropatkine confessa que as questões da Coréa e do predominio no Pacifico eram de tamanho interesse vital para os japonezes, que para estes se tratava de uma verdadeira guerra nacional. O Japão preparava-se para ella havia dez annos; e, quando a guerra rebentou, foi a nação japoneza inteira que a fez. A aristocracia nipponica

enviou seus filhos para a frente, para vencerem ou morrerem. Foram celebradas ceremonias funebres em honra dos officiaes que partiam; quando estes eram feitos prisioneiros, embora feridos, suicidavam-se, na grande maioria dos casos.

Os soldados, profundamente convencidos da importancia capital, para o seu paiz, dos actos de heroismo que praticassem, luctavam com uma energia e com uma bravura nunca vistas em nenhuma outra guerra precedente. Só por um similhante conjuncto de sentimentos patrioticos se póde explicar o facto de, quando os russos capturavam povoações occupadas pelos japonezes, muitos d'elles se encerraram em grupos nas habitações, preferindo uma morte certa á captura ou á capitulação: nas batalhas defronte de Mukden notaram-se muitos d'estes exemplos.

Kuropatkine não poupa censuras aos generaes que serviram sob as suas ordens, talvez com uma unica excepção — o general Michtchenko; — todos os outros se mostraram indisciplinados, estupidos ou criminosos.

Dirigindo-se á nação inteira, expressa-se por estes termos:

"Na hora presente, quando as victorias se pagam tão caro, não é ao exercito apenas, mas ao paiz inteiro, que incumbe desempenhar um papel. A victoria torna-se mais facil para aquelle que lucta, quando a nação não economisa nem os seus recursos nem a vida dos seus filhos, enviando-os com bençãos ao combate, animando-os, louvando-lhes os esforços e não perdendo jámais, nem por um instante sequer, a confiança no triumpho final dos seus soldados.

Foi esta a attitude da Russia, no que respeita á guerra? Precipitaram-se acaso para o campo de batalha os filhos

da nossa nobreza, dos nossos negociantes, dos nossos intellectuais? Mostrou-se ardente em reunir-se aos combatentes a juventude das nossas escholas?

As escholas achavam-se fechadas, em consequencia da *grève;* mas bem poucos estudantes se juntaram ao exercito, ou talvez nenhuns. Os recrutados e reservistas, chamados aos regimentos, foram acolhidos com uma chuva de proclamações, que os convidavam á revolta, condemnando o governo. Proclamações d'esta especie foram mesmo distribuidas na Manchuria; as nossas tropas recebiam-nas dos japonezes, mas igualmente dos russos.

E as cartas e os jornaes que nos chegavam seriam ao menos redigidos de modo a incutir enthusiasmo e energia á nossa gente?

Conflictos internos, desordem contínua, insultos e queixas contra os poderes constituidos, o exercito tratado com desprezo, eis o que era lido em frente das tropas, não sómente pelos officiaes, mas pelos simples soldados.

Nunca se havendo chegado a bem comprehender as causas e fins d'esta guerra, similhantes noticias, vindas da mãe-patria, não contribuiam certamente a incutir no exercito o necessario espirito militar; exerciam, pelo contrario, uma acção desmoralisadora e deprimente, mesmo no animo dos melhor dotados. Se a Russia houvesse querido realmente ganhar a victoria, e a esperasse do seu exercito, deveria tel-o tratado de uma outra maneira.»

As phrases queixosas do velho soldado, sobre quem pesam gravissimas responsabilidades, mas que foi, como muitos dos seus compatriotas, um grande infeliz, não carecem de commentarios. Fallam por si.

—Um jornal do paiz informava ha poucos dias que acaba de ser officialmente resolvida a inscripção, no

templo de Yasukuni, em Tokyo, dos nomes dos tres officiaes estrangeiros do paquete "Hitachi-maru", cujas vidas se perderam com o vapor, quando este foi encontrado, torpedeado e mettido a pique pela esquadra de Vladivostok, no estreito da Coréa, durante a guerra. Havendo já sido obtida a sancção imperial n'este sentido, irão os tres nomes figurar n'aquelle templo, como os dos primeiros estrangeiros alli venerados pelo povo.

O terrivel facto deu-se em 1904, a 14 de junho. O "Hitachi-maru" era um barco da Companhia Nippon Yusen Kaishe. Alcançado e inutilisado pela chuva de metralha, os russos convidaram por signaes os tripulantes a virem apresentar-se a seu bordo, antes que os torpedos afundassem o navio. Não foi acceite tal convite, por varios motivos, sendo um d'elles o estar então o mar tão revoltoso, que impediria a viagem expiatoria aos raros escaleres que ainda restavam ao paquete, suspensos dos seus turcos; e o "Hitachi-maru" afundou-se, crivado de torpedos, emquanto que a sua guarnição, formada no convés, gritava: — *Nippon banzai!* (Viva o Japão!). Contavam-se no numero o capitão John Campbell, o immediato Bishop e o primeiro machinista Glass.

Proseguindo em commentarios, que o caso bem merece, direi agora que o templo shintôista de Yasukuni (o templo do paiz da tranquillidade), foi mandado erigir pelo actual soberano em 1869, e votado ao culto d'aquelles que pouco tempo antes haviam perecido pela causa imperial, com armas na mão contra os partidarios do shôgun. Seguidamente, os nomes das victimas imperialistas da revolta de Satsuma, e depois os dos soldados e marinheiros mortos na guerra contra a Russia, encontraram

naturalmente alli o seu altar, no *paiz da tranquillidade,* onde ha espaço para todos e para muitos mais; e por fim mais tres nomes — Campbell, Bishop, Glass, — véem augmentar a longa lista. Em diversos periodos do anno, praticam-se ceremonias em honra dos espiritos d'aquelles mortos todos, presidindo o proprio imperador, supremo sacerdote e officiante.

Bem. Temos agora tres christãos, tres inglezes, adorados n'um templo shintô, a religião patriarchal, o classico paganismo da terra dos Mikados. Que admiravel e enternecedora tolerancia! . . .

Quantos actos de expiação, de tortura, de penitencia e de conversão teriam de ser impostos em vida a um japonez, para merecer depois de morto um cantinho de altar em qualquer igreja de Londres, de Madrid ou de Lisboa? . . .

Mas é que o shintô não é, rigorosamente fallando, uma verdadeira religião, como os occidentaes a comprehendem — hieratica, fria, severa, dura, intransigente; é o respeito, o culto dos benemeritos, d'aquelles que por qualquer fórma trabalharam pelo bem da terra japoneza; é uma moral civica; provando agora á saciedade o facto apontado que a nacionalidade do homem prestadio, a côr dos seus olhos, a côr dos seus cabellos, e mesmo o crédo intimo, nada contam no respeito das massas japonezas, quando se trata de glorificar um heroe! . . .

Emquanto no Japão houver templos shintôistas e crentes que os frequentem, está-me parecendo que este paiz será uma nação privilegiada, unida por fortes cohesões de sentimentalidade e a coberto de todos os grandes perigos sociaes que alastram pela Europa e pela America . . .

— Ha alguns dias, encontrando-me em Kobe, tive de ir receber ao desembarque uma familia portugueza que vinha de Macau; dirigindo-me para o effeito á ponte-caes, conhecida pela curiosa denominação de *american-hatoba,* a ponte americana.

Da ida á ponte e da curta demora que alli tive, guardo uma reminiscencia triste. O caso parecerá inconcebivel, quando é certo que a *american-hatoba* offerece em regra um espectaculo hilariante, profundamente grotesco, a quem a relanceie por alguns minutos.

O amplo porto de Kobe está cheio de paquetes. Chegam ou largam dois, tres e mais, em cada dia; vindos da China, da Inglaterra, da America, da Allemanha, da França, da Austria, da Australia, do mundo inteiro, ou para lá se dirigindo, carregados de passageiros, de *touristes.* As lanchas, içando os distinctivos das varias Companhias de vapores, ou dos hoteis da localidade, enxameiam; indo, vindo, cruzando-se, assobiando, apitando, no afan do serviço de embarque; e todos véem atracar á *american-hatoba,* que se torna, pelo facto, o ponto de reunião da inteira população dos viajantes.

Ora, os *touristes* formam uma interessantissima classe, quasi uma casta, que poderá commover as almas bem dotadas, mas que antes de tudo provoca riso e mofa. A massa dos *touristes* é, na sua grande maioria, composta do cosmopolitismo endinheirado, marcado das taras de degenerescencia que particularmente ataca a gente rica: — uns meio nevroticos, outros meio imbecis, outros meio loucos, outros meio scelerados, todas as mazellas emfim que impellem ás grandes viagens sem intuito, ao movimento pelo prazer do movimento, quando a vida normal, na patria e na paz do lar, se torna intoleravel. Passeando ao longo da *american-hatoba,* attentai n'estes grupos que

chegam, vindos do mar ou indo para o mar. Já é suggestiva a primeira vista de olhos que lançais sobre esta procissão afanosa de gente de todos os paizes, sobraçando malas, maletas, toda a especie de pacotes, binoculos, camaras photographicas e caricatural no trajo, e caricatural nos gestos, berrando ao mesmo tempo em trinta linguagens differentes!... Mas encarai-os bem: reconhecereis a duqueza avariada pela hysteria, a dama em caça de aventuras, a litterata com uma fabrica de conservas em Chicago, o millionario impando de dyspepsia, o ancião devasso, o imberbe sem idade e sem caracter, o sabio corrido dos institutos de sciencia, o alcoolico, o prodigo, o pandego, o pedante; e, como todos os achaques se lhes chegam, um será côxo, outro leso de um braço, a outro falta um olho ou o nariz e outro terá a bôcca torta. Pois todas estas senhoras e todos estes senhores véem ao Japão para estudar os seus aspectos e critical-os, para estudar a sua arte e critical-a, para estudar os seus costumes e critical-os; serão elles os julgadores supremos, perante o mundo inteiro, do Dai-Nippon e do seu povo. Bem vos dizia eu que o quadro é hilariante!...

Mas, porque notei eu ha pouco que a visita forçada que fizera á *american-hatoba* me deixou uma impressão pungente? Passo a contar. Emquanto esperava, reparei n'uma pobre mulher que alli estava tambem, vestindo um humilde *kimono* japonez, conchegada a um canto, exposta ao frio e á chuva, tendo em frente de si um taboleiro com caixas de phosphoros e pacotesinhos de cigarros, que cuidava de ir vendendo á marujada, aos carregadores, aos barqueiros, a toda a ralé da praia,— triste modo de vida, pouco distante da miseria.—A japoneza tinha os cabellos louros, quasi ruivos, e langui-

dos olhos azulados; accusando estes signaes, como um ferrete, a sua qualidade de mestiça.

Comprei-lhe phosphoros e perguntei-lhe pela mãe: vivia em Yokohama. E perguntei-lhe pelo pae: nadá d'elle sabia, nunca o vira.

Ora, os leitores conhecem bem os avisos que, em certos sitios, os municipios ou outras instituições mandam affixar, para conhecimento e proveito dos que passam; taes, entre outros: — *E' prohibido o transito de vehiculos. Cautella com estes animaes. Cuidado com os larapios. E' prohibido arrancar flôres.* — Pois aquella pobre japoneza loura e de olhos azulados, alli no caminho de todos os estrangeiros que chegam para visitar o Japão, parecia-me estar equivalendo a um aviso severo da consciencia nipponica, que bradasse: — "*Touristes,* eis o que vocês cá véem fazer! . . . "

— Chega-nos da Europa uma noticia interessante, que merece aqui ser registrada, embora de passagem.

A Turquia é a unica grande nação que até hoje não mantem representação diplomatica nem consular no paiz do Sol Nascente. Pois é o caso que os dois Estados tratam agora de uma approximação n'este sentido, cuidando de reciprocamente se enviarem os seus representantes. Parece que Londres está sendo o centro de taes negociações, as quaes encontram uma viva opposição, mas certamente não invencivel, por parte da Russia, como deveria presumir-se.

Aquelles que se interessam no espectaculo do drama mundial não devem perder de memoria o incidente, que constitue um exemplo suggestivo das sympathias que se estão desenvolvendo entre os povos não christãos, mais ou menos opprimidos, e o imperio glorioso de Nippon.

— Uma exposição da industria do districto de Tokyo, estabelecida no formoso parque de Ueno, está attrahindo á capital numerosa concorrencia de visitantes, nacionaes e estrangeiros.

E' claro que do nosso paiz não vem nenhum. Mas não se esqueça que dentro de cinco annos, isto é, em 1912, haverá em Tokyo uma exposição internacional, que promette ser grandiosa; e seria então vergonhoso se um só visitante portuguez, pelo menos — para amostra — não abordasse a estas paragens.

VII

9 de julho de 1907

Falta de novidades e, consequentemente, aproveitamento de incidentes minusculos; «invasão armada» no Japão; as manobras do Exercito de Salvação; a visita do seu general; o que elle fez n'essa visita; considerações e a conclusão dos factos que se apontam; o Christianismo, o Mahometanismo e o Buddhismo; entrada nas generalidades do assumpto — Uma reminiscencia interessante — O commercio directo de Portugal com o Japão — Convenção franco-japoneza — A' ultima hora: o pedido de protecção contra o despotismo japonez na Coréa.

VAI-ME sendo tarefa assás difficil encontrar, na vida corrente japoneza, novidades que possam ser de algum interesse a leitores em Portugal. Dizer-lhes que floriram cerejeiras e peonias, e que estão florindo azaleas — estes e outros pequeninos nadas que occupam as attenções quotidianas no paiz onde me encontro, — não póde servir senão de enfado. Tem então a gente de aproveitar minusculos incidentes, augmental-os ao microscopio da rhetorica, envolvel-os em divagações e em commentarios, impingindo-os assim ao leitor desprevenido, com risco, verdade seja, de ir provocar tambem enfado.

Seguindo este programma, fallemos, pois, pachorrentamente, de uma curiosa *invasão armada,* que se está dando no Japão. Vinham estes nipponicos gabando-se

do facto, sem parallelo na historia das nações, de jámais o santo imperio haver soffrido, desde os mais remotos tempos até hoje, a invasão de forças estrangeiras. E' certo que, por 1281, uma tentativa de penetração occorreu, por parte das tribus mongolicas continentaes; mas os deuses castigaram-lhes a ousadia, sobrevindo um milagroso temporal, que afundou no abysmo o cardume de barcos — tres mil — que já abicavam á terra, nas costas da ilha de Kyushû; perecendo então, afogados ou massacrados, noventa mil aventureiros.

Seja como fôr, e gabem-se os japonezes como entendam, não é menos certo, todavia, que, desde alguns annos, um exercito europeu vem invadindo este archipelago. Refiro-me á *Salvation Army*, ao Exercito de Salvação; instituição religiosa de propaganda protestante, de origem ingleza, de facto não manejando o sabre ou a carabina, mas permittindo-se o capricho de uma hierarchia militar, com o seu general em chefe, com os seus coroneis, com os seus capitães — de ambos os sexos — com os seus uniformes, etc.; e assentando arraiaes em qualquer parte, rufando tambores, attrahindo a chusma, e arremessando então os seus projecteis, que não passam, felizmente, de exhortações bombasticas, para arrebanharem proselytos. Talvez os senhores nunca tenham visto a *Salvation Army* em acção, em manobras, em evoluções. Eu deparei pela primeira vez, ha longos annos, com um troço dos seus intrepidos soldados, em plenas ruas da cidade do Cabo, no extremo sul da Africa, ferindo zabumbas, assoprando em trombetas, convertendo pretinhos. Vim depois encontrar no Japão uma guerrilha d'este exercito, aqui menos ruidoso do que no Cabo, mas igualmente diligente, intromettendo-se na vida privada dos nipponicos, devassando-lhes as intimidades,

prégando ás turbas, tendo por vezes de sustentar com a plebe verdadeiros pugilatos, a sôco e a pontapé, até acudir a policia japoneza; e não raro nos entra pela casa uma dama ingleza, em uniforme de tenente ou de sargento, fazendo a guerra á nossa bolsa, pedindo-nos pratinhas.

Pois ha poucas semanas tivemos aqui a visita do proprio general, que vinha passar em revista as suas forças extremo-orientaes e em pessoa fazer a guerra ás nossas algibeiras. Tal visita constituiu o maior acontecimento d'esta quadra. O general Booth, fundador da seita, é um velhinho de 79 annos, com longas barbas brancas, ainda activo e ainda fallador. Foi recebido com alvoroço e ovações. O povo japonez enthusiasma-se facilmente. No entretanto, este velhinho ainda cheio de energias, mui provavelmente sincero nas ideias, de que se faz propagandista, tem jús á nossa estima enternecida. Por outro lado, a *Salvation Army* glorifica-se, com mais ou menos fundamento, de ter salvado da vida desregrada algumas pobres raparigas japonezas, o que impunha a cortezia, por parte dos japonezes, de apparentarem regozijo em occasião tão especial. O general Booth, incansavel, discursou em Tokyo, em Osaka, em Kobe e n'outros centros importantes; encheu de cobres a saccola, abençoou os seus soldados e safou-se, pensando talvez que havia convertido ao seu crédo a população inteira japoneza... Dôce velho!...

Em assumpto de religiões de importação, não é só a visita do general Booth que devemos registrar. Quasi ao mesmo tempo, reunia-se em Tokyo um congresso protestante, affluindo participantes de varios pontos da America e da Europa, e até alguns crentes japonezes. Discursou-se, tomaram-se deliberações varias.

Por ultimo, um interessante boato merece aqui leve menção. Parece que os jesuitas americanos cuidam em vir estabelecer-se no Nippon, abrindo escholas e iniciando propaganda.

Taes iniciativas, na opinião de alguns observadores, terão partido da côrte do Vaticano, desejosa de desprestigiar os padres da missão catholica franceza, que téem sido até hoje no Japão os unicos campeões do catholicismo.

Effectivamente, dispondo os padres francezes de magrissimos recursos, não resta duvida de que toda a sua influencia se desvanecerá pelo estabelecimento dos ricos jesuitas americanos; sendo ainda a lingua ingleza, muito mais em favor entre japonezes do que a franceza, uma causa bastante poderosa para induzir os jovens adeptos a preferirem escholas americanas.

A França é que pagará as favas, no respeitante á propagação, já muito restricta, da sua lingua entre nipponicos; pois são os padres francezes, nos dias que correm, quasi que os unicos obreiros de tal propagação.

Podemos concluir dos factos apontados (deixando sem menção outros de importancia secundaria), que n'este momento as attenções do mundo religioso, nas suas multiplices seitas, estão convergindo sobre este imperio com desusada ancia. O phenomeno não deve causar espanto. O Japão, após a guerra, collocou-se prodigiosamente em evidencia; toda a gente falla n'elle, toda a gente pensa n'elle; naturalmente, sendo pagão o povo japonez, as energias dos partidos religiosos militantes sentem ganas de multiplicar n'este campo os seus esforços; e é o que acontece. Ora, as crenças religiosas, sejam ellas quaes forem, téem direito ao maior acatamento, não se prestando por isso á discussão. Refiro-me ás cren-

ças individuaes, como intimas manifestações da consciencia humana. Mas quando taes crenças se transformam em arma de propaganda social, e de mais a mais em terra alheia, então o caso muda muito de figura. O missionario é um homem publico, um funccionario; a sua religião é uma profissão, que pode e deve ser discutida sem rodeios. Conviria mesmo que, por parte de tantos espiritos independentes e esclarecidos, que se interessam pelo Japão e em geral pelo Extremo-Oriente, se tentasse lançar luz sobre o merecimento da influencia missionaria n'estas terras, para que a verdade surja bem visivel. As linhas que vão seguir-se sobre o assumpto não passam de ligeiros commentarios, palestrando.

Tres grandes systemas religiosos dominam presentemente no universo:—o Christianismo, o Mahometismo e o Buddhismo. Poder-se-ha facilmente reconhecer, perante a historia e perante outros ramos da sciencia humana, que o alastramento de cada um d'estes tres systemas, apontados, téem-se exercido bem menos pela influencia teimosa da catechese missionaria do que pelas naturaes tendencias ethnicas dos povos.

Pelo que respeita ao Christianismo nascido na Asia e deslocando-se para a Europa, que quasi inteiramente convertera, implantaram-no depois na America as hordas invasoras, exterminando ao mesmo tempo as populações indigenas.

Não se póde esperar maior expansão a este crédo, por se oppôr a sua adaptação á indole dos outros povos. Pergunte-se á historia qual tenha sido o resultado da pertinaz insistencia christã na Africa e na Asia, sobre as massas indigenas. Nullo, ou antes—quasi nullo,—o que é ainda menos do que nullo. A preoccupação do Christianismo militante deve hoje limitar-se a tentar manter

intacto o seu emporio, o que já será ardua tarefa; nada mais.

Ao Mahometismo, pelo contrario, offerece-se ainda um campo de alastramento muito vasto. Uma grande parte da Asia e da Africa septentrional obedecem á lei de Mahomet; e o resto da Africa, isto é, quasi que a inteira Africa negra, denuncía as melhores disposições para converter-se.

Finalmente, o Buddhismo. O Buddhismo, como o Christianismo, attingiu quasi a sua maxima expansão. E' buddhista a immensa China, é buddhista uma grande parte da India, a Indo-China é buddhista, o Sião é buddista, a Coréa é buddhista, o Japão é buddhista e shintôista, e ainda outras tribus são buddhistas. Pouco mais póde ir além. Os phenomenos que se devem esperar são os que tendam a uma completa integração de dogmas, pela eliminação de ligeiras dissidencias; resultando então mais intimas sympathias de povo para povo.

Mas, voltemos ao Christianismo, aos missionarios christãos e especialmente aos seus designios na Asia extremo-oriental. Ignoram, porventura, os missionarios, que as caracteristicas ethicas das populações indigenas d'esta vastissima região, que considero, se oppõem em absoluto á adaptação do Christianismo? Ignoram que as suas civilisações remotissimas emanam de crenças firmemente arreigadas, mantidas pela hereditariedade, pela tradição e pela educação, durante seculos sem conta, as quaes o catechista occidental baldadamente tentará apagar das consciencias? Ignoram — sejamos francos — que a historia do Christianismo no Oriente e no Extremo-Oriente, desde o longinquo passado até aos nossos dias, é representada por uma série de tragicas perseguições, de conquistas insaciaveis e sangrentas, de intolerancia,

de despotismo, que deixaram na alma asiatica uma impressão indelevel de terror e de aversão pela doutrina? A India deve a sua desintegração ao Christianismo. A China deve igualmente ao Christianismo, ou antes áquelles que labutam em seu nome, todos os ultrajes de estranhos, todas as usurpações, todas as complicações com o Occidente, incluindo a ultima bem triste peripécia, a chamada guerra dos Boxers.

Alludindo particularmente ao Japão, é bem conhecida a série de discordias que o advento do Christianismo trouxe ao imperio dos Mikados. Após curtos annos de apparente serenidade e de rapida propaganda, começam as intrigas entre jesuitas e franciscanos, as cobiças, as intolerancias, as perseguições, a guerra civil emfim. O periodo foi então tão medonho, que os modernos criticos europeus — refiro-me aos mais independentes e aos mais conceituados, — classificam-no de profundamente perigoso para a integridade do paiz; pôde salval-o do abysmo o shôgun Ieyasu, talvez o administrador mais eminente de todos que registra a inteira historia do Japão.

Não insistirei agora nas differentes considerações que o assumpto póde suggerir, já ligeiramente apontadas em cartas anteriores. Recordarei apenas um interessante episodio d'aquella época distante, o qual põe bem em relêvo o espirito que animava os tenazes aventureiros e explica em grande parte a perseguição de que os missionarios foram alvo.

Em 1596 — resam as chronicas, — o capitão Landecho, commandante do galeão hespanhol "San Felipe", que arribára ás costas da ilha de Shikoku, andava em queixas com o daimyô de Tosa, principe Chôsokabé, que pretendia confiscar-lhe a carga. O capitão, no intuito de intimidar o principe, não encontrou melhor expediente

do que mostrar-lhe uma carta geographica que trazia, indicando-lhe a dedo os vastissimos dominios de que então o rei de Hespanha se orgulhava. Um dos japonezes presentes perguntou como um só homem podia ser possuidor de tantas terras, ao que Landecho retorquiu: — "O nosso rei começa por enviar frades aos paizes que cuida de tomar, os quaes frades induzem os povos a converter-se á nossa religião; após alguns progressos, envia tropas, com que se combinam os christãos novos, sendo então facil ao rei realisar os seus intentos". — Esta explicação, segundo consta, foi transmittida, palavra por palavra, a Taikô-Sama, o generalissimo do imperio, que se enfureceu contra os christãos. E, já que estamos n'este assumpto, permitta-se-me uma curiosa diversão: — um dos actuaes descendentes do citado principe Chôsokabé é o snr. Miguel Hada, professando a religião catholica apostolica romana, dirigindo em Kyoto uma fabrica de leques, de que um importante industrial hespanhol se fornece, achando-se tambem em relações com alguns negociantes portuguezes...

Mas deixemos divagações, entremos nas generalidades do assumpto, para concluir. Querem os missionarios — catholicos, protestantes, de qualquer seita conhecida — insistir na conversão das massas japonezas? Não reparam, que, contra o intuito se levanta uma barreira de invenciveis obstaculos — a feição typica da raça e a tradição de cobiça e de desordem dos primeiros campeões do Christianismo no Japão? — Pois perdem o seu tempo. Direi mais: imaginando, por um momento apenas, similhante conversão possivel, os verdadeiros homens bons, os verdadeiros amigos dos japonezes, os verdadeiros admiradores das suas qualidades, não a desejariam. O phenomeno moral da completa christianisação do Nip-

pon importaria a sua immediata desintegração. A dynastia, que é uma dynastia religiosa, remotissima, a mais remota de todas as dynastias, sossobraria. O imperador-deus teria de cahir, para ceder o logar a outro deus, arrastando na sua quéda todas as tradições do povo, todos os seus laços de cohesão, todo o seu pantheismo, todos os seus sentimentos delicados, todos os seus sentimentos patrioticos... Estamos imaginando: a christianisação do Nippon esmagaria de um golpe todas as suas energias presentes; os louros poderiam sorrir, animados pela esperança de novas conquistas, de novas expansões coloniaes...

Uma reminiscencia interessante. O principe imperial tem ultimamente procedido a largas excursões pelo paiz.

No dia 27 de maio, anniversario da batalha do mar do Japão, encontrava-se o principe no famoso templo shintôista de Izumo, na costa do Oéste. A's duas horas da tarde d'aquelle dia, o almirante Togo apresentou-se a cumprimentar o principe, recordando-lhe que em tal data e á mesma hora, havia dois annos, a batalha naval proseguia accêsa, tendo já ido a pique dois navios russos e não restando duvidas sobre a victoria final da esquadra nipponica.

O barão Senghe, administrador do templo e tambem presente, acrescentou que da sua residencia se ouvia então distinctamente o troar da grossa artilharia das duas esquadras em contenda.

Sua alteza mostrou-se vivamente impressionado por esta recordação dos dias já distantes.

—Com respeito ao incipiente commercio directo do nosso paiz com o Japão, poderemos dizer que não vai

bem, comparando-o com o de outros paizes que mantéem prosperas relações mercantis com o Japão; mas tambem não vai mal, comparando-o com o de outros paizes que não mantéem prosperas relações mercantis com o Japão. Por outras palavras: não vai bem e não vai mal; antes pelo contrario.

Preferem detalhes sobre o caso? Vai-se mostrando quasi absoluto desinteresse, por parte dos negociantes portuguezes, para iniciarem a importação de productos japonezes. Pelo que respeita a exportação, algumas tentativas, embora timidas, proseguem; sendo certo que, até nos paizes menos dados á lucta commercial, alguns desejos medram, no sentido de desembaraçar-se a gente, com engodo no lucro, d'aquillo que sobeja no palmo de sólo patrio. No entretanto, mesmo nos ensaios de exportação, téem-se dado incidentes lamentaveis, chegando aqui varias remessas de vinhos e de cortiças, procedentes do Porto e de Lisboa, sem virem acompanhadas dos documentos indispensaveis, como é o caso, para os vinhos, do certificado de origem, o qual os beneficía de uma importantissima reducção nos direitos de importação, nas alfandegas japonezas. Por estas e outras irregularidades, vamos assim pagando velhos crimes de inacção, e soffrendo o resultado da nossa completa inexperiencia do trafego com o Extremo-Oriente, quando agora nos lembramos de concorrer com as innumeras e experimentadissimas firmas europeias e americanas, que ha longos annos negociam com o Japão.

Com respeito a cortiças, oxalá não alcancemos a triste convicção de que as que cheguem aqui, vindas directamente de Portugal, que é o primeiro paiz corticeiro do mundo, sahirão mais caras do que as que venham de outras procedencias, como por exemplo da Allemanha,

que não é paiz corticeiro; pois ha já bastantes indicios para recear tão estranha calamidade.

Sobre o assumpto, é interessante notar que a Hollanda, onde não medra uma só arvore de cortiça, é um dos primeiros centros productores de rolhas de cortiça. Chegou-me agora ás mãos o n.º 35 do jornal hollandez *De Kurben Industrie,* o qual se occupa exclusivamente, como o seu nome o indica, da industria e do commercio de cortiças. O jornal é impresso em Waddinxveen, pequena aldeia onde uma numerosa população de operarios se emprega no inverno, quando os frios prohibem outros misteres, no fabrico de rolhas, que são depois exportadas para o mundo inteiro. Não é isto um curiosissimo exemplo de actividades industriaes, o qual nos deveria servir de amarga lição, impellindo-nos a tirar o maximo proveito das producções nacionaes?...

— Falla-se agora muito por cá da convenção franco-japoneza e das relações, de dia para dia menos auspiciosas, entre a grande republica americana e o Japão. Mas estes dois assumptos, como ainda outros, demandam minuciosas considerações; e, como esta carta já vai longa, ficam para futuras correspondencias.

— Á ultima hora, o telegrapho falla-nos da deputação coreana que chegou de Haya e pediu protecção, junto de alguns membros da conferencia da paz, contra o despotismo japonez exercido na Coréa.

É em verdade caso emocionante o d'este imperio coreano, imperio de opera-comica sobre o qual o Japão lança a garra, com um imperador espantalho, que sorri aos dirigentes estranhos, emquanto que intriga por fóra, na esperança ainda de recuperar a independencia per-

dida... Mas que querem? A historia apresenta, infelizmente, fartos exemplos de nacionalidades que se extinguem por absoluta exterminação da raça. Taes nacionalidades representam, na humanidade, o que o mastodonte representa em outras familias zoologicas; e a Coréa é uma d'estas nacionalidades. No entretanto, a sua situação geographica é de tal importancia, perante o grandioso problema extremo-oriental, que uma intervenção estrangeira se impõe. Se não fosse o Japão, seria a Russia, ou a Inglaterra, ou a Allemanha, ou qualquer outra grande potencia, que viria estender a sua tutela sobre este povo exangue; seja pois o Japão, como paiz asiatico que é, ao qual caibam as honras e as responsabilidades de tão espinhosa missão.

VIII

6 de agosto de 1907

Cavallos que fallam; a phrase de um d'elles — Accordo franco-japonez; apreciação do mesmo — A proposito da integração asiatica — Cousas americanas relativamente ao imperio nipponico — Commentarios — O mundo dos espiritos no Japão — A revista portugueza «Os Serões» e os seus artigos sobre cousas japonezas — O assumpto palpitante da occasião: a Coréa.

SEGUNDO documentos que tenho á vista, os cavallos, na America, fallam. Mais uma gloria para a progressiva America! . . . Consta mais que os cavallos americanos usam geralmente, durante a força do estio, uns chapelinhos de palha, catitas, seguros ás orelhas, traduzindo o enfeite uma carinhosa previdencia de seus donos, que assim evitam aos brutinhos muitos golpes de sol... e tambem as desastrosas consequencias financeiras que facilmente se imaginam. Ora, uma vez, em certo dia abrazador, uma das duas miseras azemolas que iam puxando uma carroça pelas ruas de Nova-York, voltando-se para o companheiro, proferiu estas palavras memoraveis: — «Se não fizesse hoje tanto calor, amigo, comia o meu chapéu . . . » — Não sei se a sentimentalidade do leitor se acha disposta a comprehender sem esforço, como convém, este pungentissimo lamento do

bruto, atormentado ao mesmo tempo pelo sol dardejante e pela fome. Imaginemos que comprehende; e ajuntarei eu então que, pela presente quadra, durante estes torridos mezes de julho e agosto, a phrase do cavallo americano me vem frequentemente á bocca, n'uma ancia irreprimivel de me apropriar d'ella, fazel-a minha, vomitando-a em seguida ao companheiro, se fosse o caso que o tivesse, atrelado commigo á carroça que pela força dos destinos vou arrastando n'este mundo...

Notado o incidente, o qual, pelo menos, vos dá ideia de que uso chapéu de palha no tempo da canicula e da arrogante subida do mercurio, n'estas paragens, no tubo thermometrico, direi que é em similhantes circumstancias, improprias para longas considerações em qualquer ordem de materia, que eu me proponho, por dever de officio, fallar-vos de varios assumptos importantes, como é, sem ir mais longe, o accordo franco-japonez. Serei breve, quanto possa sêl-o; e creio que o leitor me dará plena desculpa.

A imprensa mundial, como é notorio, muito se tem occupado do accordo. A imprensa local tem feito côro. E, quanto a manifestações publicas, coincidindo com o dia da festa nacional da grande republica — 14 de julho — ou de tal data avisinhando-se, effectuaram-se commemorações festivas nas principaes cidades do Japão, participando n'ellas nipponicos e francezes em cordeal convivio.

Eis, pois, desfeitas, por encanto, como camadas de neve que o sol derrete, as pouco amenas disposições existentes até ha pouco entre os dois paizes, provocadas, como se sabe, pela attitude que tomou a França na ultima phase da guerra maritima entre a Russia e o Japão. No

que se tem dito em lettra redonda, pretendendo representar a opinião europeia no assumpto do accordo, vai muito palavriado inutil, vai muita rhetorica balofa; porque — deveis notar — a palestra banal dos individuos tem-se alastrado, n'estes ultimos tempos, ás sociedades, ás nações; não sendo, verdadeiramente, a voz publica mais do que um amontoado de phrases inconsequentes, que estão longe de traduzir uma convicção sincera ou uma vontade resoluta. Para mim, os accordos pouca importancia téem. Este com a França, pelo qual as duas altas partes contratantes (linguagem de protocollo) se promettem mutuo respeito pelos seus respectivos interesses na região extremo-oriental, vale tanto como todos os accordos: — em circumstancias anormaes de tranquillidade, desnecessarios, superfluos; em condições anormaes, quando sirvam de estorvo, quebram-se, salta-se por cima d'elles sem ceremonia.

No caso presente, a chamada opinião publica europeia rejubila com a prova manifesta que o Japão acaba de offerecer, no tocante ás suas modestas vistas politicas, admittindo a concorrencia das nações occidentaes na posse do sólo extremo-oriental. Tem muita graça a ingenuidade! ... Acaso se poderia admittir, mesmo por um só momento, que o imperio do Sol Nascente, glorioso da guerra contra a Russia e cioso da sua hegemonia nas regiões de que avisinha pela distancia ou pela raça, cuidasse agora de expulsar da Indo-China os francezes, de Hong-Kong os inglezes, de Macau os portuguezes, de Kiauchau os allemães, da Siberia os russos, das Filippinas os americanos, de Java os hollandezes?... Não, por certo; porque o Japão não quereria correr a uma completa ruina, ao suicidio, inevitaveis quando o Occidente em peso se erguesse contra elle; e sem auxilio

de estranhos, porque os differentes povos asiaticos que o rodeiam estão longe de uma maturação sentimental e de uma cohesão social capazes de prestarem efficaz auxilio aos defensores dos seus direitos . . .

Mas sejamos sinceros: a lettra do accordo franco-japonez acha-se em absoluta discordancia com a sentimentalidade da tribu nipponica e mesmo com a logica dos destinos. O Japão tem manifestamente uma enorme missão a cumprir, a qual poderá ou não levar a cabo, mas parece que levará. Tal missão é a de acordar energias latentes na massa inteira das populações asiaticas, chamando-as á comprehensão dos seus direitos, ao amor das suas tradições e do sólo patrio, ao trabalho proficuo, á marcha progressiva das civilisações, á integração asiatica, emfim; e chamando-as tambem, como consequencia impreterivel, á conquista da sua independencia, hoje compromettida pelos brancos.

Fica por este modo esboçado um programma immenso e — ouso dizel-o — gloriosissimo. Similhante apotheose, porém, requerendo, por certo, muitos annos de tenacidade — por acaso muitos seculos, — não surgirá evidentemente da revolução, mas sim da evolução; e para phenomenos sociaes de tamanha magnitude são muito recommendaveis os accordos como o que acaba de se dar, permittindo largos periodos de paz e de tranquillidade, altamente propicios ao alastramento mysterioso das ideias, lembrando a acção silenciosa e invisivel da formiga branca, que roe por muito tempo as madeiras dos edificios, até que um bello dia cahem, quando menos se esperava, desfeitas em pó . . .

— A proposito, e divagando:

Esta ideia da integração asiatica, cuja obra já começa

lentamente (recorde-se a recente agitação indigena na India ingleza), coincide com o que poderemos talvez chamar o inicio da desintegração occidental, accusado por varias fórmas, mas tambem certamente pelos recentes e tristissimos acontecimentos occorridos nos exercitos inglez e francez, na marinha franceza, etc.

A actual commoção patriotica das nações exoticas brotou das glorias nipponicas; o actual movimento sedicioso no Occidente brotou, a meu vêr, da derrota russa e da agitação interna que se lhe seguiu. Do estupendo acontecimento, que foi a guerra russo-japoneza, tão mal previsto pelo mundo civilisado, nasceram dois elementos ethicos contagiosos, um que vivifica o povo amarello, outro que anemisa o povo branco . . . tremendo enigma dos destinos! . . .

— As cousas na America, com referencia ao Japão, vão de mal para peor. Não ha dia em que o telegrapho deixe de nos annunciar mais uma prepotencia das auctoridades de S. Francisco ou mais uma aggressão popular contra os japonezes alli residentes. Após, é o assumpto, muito commentado, de uma esquadra americana que irá em breve cruzar nas aguas do Pacifico. Nada faz prevêr um rompimento de hostilidades; deve mesmo julgar-se que tal não acontecerá, em face dos gravissimos inconvenientes, para uns e para outros, que resultariam de tal facto; mas tambem é indiscutivel que um periodo de desconfiança e de azedume, amenisado quando muito pelas doçuras da rhetorica diplomatica, começou para os dois rivaes do Pacifico, não se podendo suppôr quando cessará, ou mesmo se cessará . . .

A' roda do incidente americano-japonez, poder-se-hiam ir bordando interessantes commentarios, como, por exem-

plo, respeitando o *Mayor* – presidente da municipalidade de S. Francisco – um dos mais encarniçados campeões contra a admissão das creanças japonezas nas escholas publicas da cidade, agora condemnado a uma dura pena pelos tribunaes locaes, em virtude do seu escandaloso procedimento official n'outros assumptos. Como rirão do caso os japonezes! . . .

Um outro commentario, talvez ainda mais jocoso, deriva da opinião attribuida ao general japonez Kuroki, concernente ao bello sexo americano. O bravo militar, um dos grandes heroes da Manchuria, visitou ha pouco a America, como é de todos bem notorio. Narra a imprensa *yankee* que, durante um passeio com certo magnate de Nova-York, Kuroki prestou culto enthusiastico ás damas americanas, as quaes classificou de amaveis, graciosas, gentis e delicadas, preferindo, comtudo, ás louras as morenas. Ora, se o caso assim se deu, o general estava troçando – digamol-o francamente. Nunca um japonez poderá sentir enlêvo com uma americana, sendo ella, como é, a antithese completa da filha do Nippon. A japoneza é a mulher miniatura, gracil, toda requebros e mimica chimerica; é o anjo sorridente do lar, toda obediencias, dedicações, pelo seu marido. A americana é, em geral, a mulher colosso, desairosa, ossuda, com aquelle queixo inferior proeminente, tão caracteristico do selvagem nativo, o pelle-vermelha – circumstancia de que os sabios se aproveitam em apoio da influencia irresistivel do meio nas raças importadas. Como typo moral, a americana é a mulher mais voluntaria, mais resoluta, mais independente, mais despotica que se conhece, realisando no lar uma verdadeira casa de Gonçalo, onde a gallinha governa mais do que o gallo. Digamos tudo: é opinião corrente que o americano encontra n'este mundo, para

os seus defeitos – que não são poucos – um unico castigo... a americana (admittamos muitas felizes excepções).

Ora, o general Kuroki estava brincando!...

– No Japão, sem contar com os espiritos dos vivos – homens e bichos – dotados de aptidões que nos são estranhas, a nós occidentaes, e sem contar com os espiritos dos mortos, ainda mais complexos, paira um mundo immenso de espiritos, porque cada montanha tem o seu, porque cada pedra tem o seu, porque cada ribeira tem o seu, porque cada arvore tem o seu, porque, emfim, cada objecto, cada cousa, tem o seu espirito proprio. Podemos já d'aqui concluir que todas as artes, todas as profissões, todos os místeres, ainda os mais humildes, investem necessariamente o artista, o obreiro, de funcções religiosas, sacerdotaes, sendo obvio que cada uma das suas acções deve tender a prestar culto aos espiritos das cousas e a não provocar-lhes desagrado.

Chegamos assim, mais uma vez, á conclusão de que a vida japoneza é uma inteira vida cultual. O scepticismo da época, o qual tambem alcança o imperio dos Mikados, pouco abala estas crenças, e consequentemente estas práticas, sobretudo na existencia dos simples, constituindo a grande massa popular; e póde em todo o caso prevêr-se que os ritos cultuaes, no manusear das cousas, crystallisados pela tradição em processos technicos, resistirão ainda por seculos ao furacão do indifferentismo, embebendo de gentilezas o ramerrão dos factos.

Sabei que as maneiras de segurar uma garrafa, de tirar agua de um poço, de arrecadar um espelho, de varrer a casa, obedecem a preceitos cultuaes. Cito exemplos, mas

a lista inteira d'elles todos seria interminavel. Citarei um ainda — a casa. O lar, o santuario da familia, desempenhando um papel tão importante na intima existencia, não poderia esquivar-se á regra; tem um espirito, e mesmo as differentes partes da casa téem seus espiritos. Os misteres de carpinteiro, de estucador, etc., são verdadeiros sacerdocios; devendo observar-se que durante a construcção de um edificio e em certos estados de adiantamento da obra, os obreiros praticam certas mysticas ceremonias. Erros de construcção, ainda os mais simples, dão origem a calamitosos resultados. No numero de taes erros, figura o chamado *sakasa-bashira,* viga ás avessas. Os carpinteiros empregam escrupulosas attenções no assentamento das grandes vigas verticaes das casas japonezas, devendo collocal-as na sua natural orientação, isto é, taes como se conservavam como arvores, com a parte sêcca da raiz para baixo, com a parte junto da rama para cima. A's vezes, dá-se o equivoco, assentando a viga... de pernas para o ar, como nós poderiamos dizer. O caso é dos mais graves. Acontece que o espirito da viga soffre atrozmente com aquella posição contraria aos seus instinctos e por longo tempo supportada. Pela noute desabafa em gemidos, as fendas da madeira escancaram-se como outras tantas bôccas afflictas, os nós abrem-se como outros tantos olhos espantados. Contorcendo-se em desesperos, a viga estremece e abala a casa toda; fura pelas paredes, penetra nos aposentos, offerecendo-se á visão dos locatarios, adormecidos, em fórmas diabolicas. E notai que este fracasso redunda em constantes maleficios, traduzindo-se em infortunios domesticos, em zangas, em disputas, que só cessam quando o mal é conhecido e se chama um carpinteiro, que dá então á viga torturada a posição appetecida.

— Como chronista do Japão, entra na lista das minhas attribuições o ir citando o que se escreve sobre este paiz do Daí-Nippon, especialisando ainda o que fôr redigido em portuguez. N'este proposito, compete-me dizer que me vão chegando cá de quando em quando os numeros da interessante revista mensal "Os Serões", de Lisboa, onde deparo frequentemente com artigos referentes a esta terra em que me encontro, com muitas illustrações, que possivelmente agradarão pelo exotismo. Deixemos o auctor ir tentando japonisar os portuguezes, se tal é seu desejo e se os leitores lhe vão consentindo a teimosia. Mas o caso leva-me a considerações de maior folego. Se um sujeito occupa longas paginas dos "Serões", palestrando sobre o Japão, sobre os seus aspectos e sobre a indole do seu povo, porque será que outro se não occupa, com mais razão, palestrando sobre Angola, e outro sobre Moçambique, e outro sobre S. Thomé, e outro sobre Macau, etc.?... A preguiça indigena devia abrir uma excepção nas paginas d'este attrahente "magazine", cuidando de popularisar, pelas impressões escriptas e pela illustração documental, hoje tão facil de obter, os aspectos das nossas colonias distantes, a indole e os costumes dos seus povos, as suas lendas, as suas tradições, as suas crenças. O facto forçaria a augmentar o formato da revista ou a tornal-a mais frequente, e ao mesmo tempo mais appetecivel; isto com manifesto aprazimento da sua distincta direcção. Mesmo porque, francamente, um paiz que possue, creio eu, um unico "magazine", sendo este mensal e de menos de cem paginas por folheto, está dando prova indiscutivel de que a leitura constitue um dos mais raros passatempos do seu bem-aventurado povo. Portuguezes que habitais os paizes exoticos, especialmente as nossas colonias: — mãos á obra!...

— Reservei para o fim o occupar-me do assumpto palpitante da occasião, esperando algumas novidades do ultimo momento.

Refiro-me aos acontecimentos da Coréa. Bem avisado andei na minha correspondencia anterior, notando o curioso facto de se ter apresentado aos delegados da conferencia da paz, na Haya, uma deputação coreana, protestando, em nome do imperador da Coréa, contra a suzerania japoneza. O facto, que poderia parecer, a principio, despido de importancia e apenas revestido de comica feição, deu, pelo contrario, origem a uma notabilissima transformação no regimen politico e administrativo no malfadado imperio. Yi Hyong, o imperador, forçado a confessar a sua connivencia no acontecimento referido, em manifesta discordancia com o tratado existente com o Japão, teve de ceder ás imposições dos seus ministros, que exigiam nada menos do que a abdicação do soberano. Yi Hyong, que conta actualmente 55 annos de idade e 43 de reinado, acaba de abdicar, entregando nas mãos do principe herdeiro, que conta 33 annos de idade, o supremo mando. Seguiu-se a este acto um novo convenio entre o Japão e a Coréa, pelo qual este ultimo paiz conserva apenas nominalmente a sua independencia, passando, de facto, a administração interna para a alçada do governo japonez. O exercito coreano acaba de ser dissolvido, não sem alguma resistencia, dando-se varios conflictos e algumas perdas de vidas, entre coreanos e japonezes. Mais alguns tumultos se devem esperar; mas julga-se que o jugo nipponico, duro mas moralisador e vivificante, saberá encaminhar para melhores destinos os vinte milhões de habitantes d'este triste imperio de *Chosen*, termo que por ironia da sorte se deve traduzir pelo... Imperio da Manhã Tranquilla!...

Sem já remontar aos velhos tempos historicos, a côrte coreana tem vivido sempre de intrigas, de expedientes tramados no mysterio dos palacios; a similhantes intrigas devem-se, póde affirmar-se, a guerra sino-japoneza e a guerra russo-japoneza. Tão perniciosa administração recebe agora o seu pesado premio, mas de modo algum surprehendente para quem relanceia, espectador attento, o desenrolar do drama extremo-oriental.

IX

2 de setembro de 1907

O accordo russo-japonez—Entre americanos e nipponicos—Na Coréa—Um telegramma agradavel—Palestra com um hollandez; o que este pensa dos japonezes; considerações a proposito—Uma impressão da actualidade: parasitas interessantes e divagações a seu respeito—N'uma carruagem de 2.ª classe de caminho ferro-viario; tres exemplares de tres grandes raças: a branca, a amarella, a negra—Um bom livro.

PASSANDO em revista os ultimos acontecimentos, a fim de offerecer d'elles aqui resumida menção, cabem as honras da primeira referencia ao accordo russo-japonez, publicado em Tokio em 15 do mez findo; accordo que se esperava, pois ao tratado da paz de Portsmouth devia logicamente seguir-se um tratado de amisade; em todo o caso bemvindo, contando-se que a sua influencia benefica saberá pôr termo de prompto a alguns ligeiros azedumes que frequentemente se estão dando nas relações sociaes dos dois paizes.

Da America, nada ha de importante a registar. O sentimento hostil entre americanos e japonezes lavra, parece; no entretanto, os governos de Washington e de Tokyo empenham-se sériamente em manter cordeaes relações

— como se diz — entre os dois paizes, e devemos contar que assim succeda.

Na Coréa, os tumultos continuam, por emquanto de pouca gravidade, mas fazendo victimas. A missão do Japão na Coréa é das mais delicadas, complicada ainda pelo facto de não poder o Japão n'este momento dispôr de grossas sommas monetarias, requeridas pelas innumeras reformas a emprehender. E não esqueçamos que o povo coreano, embora ignorante, miseravel, aviltado, se acha ainda embebido de um grande sentimento de patriotismo, d'esse patriotismo asiatico, que é por vezes terrivel nas suas manifestações, e que certamente opporá todas as resistencias possiveis á acção dominadora dos nipponicos.

Agora, um telegramma. Li com vivo prazer a seguinte noticia, que a Agencia Reuter nos enviou de Londres, no dia 18 de agosto: — "*The japanese cruisers Tsukuba, and Chitosé have arrived at Lisbon. The King of Portugal and admiral Ijuin exchanged cordial toasts at a banquet*". — Os dois cruzadores referidos emprehenderam, como é sabido, uma longa viagem nos mares da Europa, recebendo as suas guarnições, nos numerosos portos de escala, calorosas acclamações, officiaes e particulares; é agradavel saber que em Portugal encontraram o mesmo acolhimento, que traduz principalmente uma homenagem espontanea ao almirante Togo e aos seus bravos subordinados, que tão distinctamente assignalaram a sua coragem e a sua competencia profissional nos recentes dramas maritimos que encheram de espanto o mundo inteiro.

— Encontrava-me eu, ha alguns dias, palestrando com um residente estrangeiro d'este imperio, um hollandez. Este hollandez, que professa pelos nipponicos a mais

cordeal antipathia — está no seu direito, — tira do facto o assumpto predilecto das suas conversas habituaes. Dizia-me elle então que, em desabono do caracter japonez, não conhecia argumento mais concludente do que este: — Um seu compatriota, habitando o Japão ha uns quarenta annos (quasi uma existencia inteira), confessa não contar, entre os nipponicos, um só amigo. — O caso é grave, com effeito; e pouco lisonjeiro para japonezes... e tambem para o tal compatriota — ajunto eu. — Mas dão-me ganas de perguntar agora: — e durante os mesmos quarenta annos contou algum amigo entre os estrangeiros?... — Ia apostar que não. Amigos... abusa-se tanto do vocabulo!... Não haverá individuo, mantendo uma regular correspondencia, que não tenha escripto dez mil vezes — *meu amigo, sou seu verdadeiro amigo* — e outras quejandas phrases; e no entretanto a palavra é falsa como Judas, na grande maioria dos exemplos. Guardemos o termo *amisade,* no sentido de dedicação sincera e incondicional, no intimo sacrario das nossas consciencias; não o discutamos aqui. Mas contemplemos com um sorriso de ironia a definição dos diccionarios para o termo corriqueiro de *amigo*... — de Peniche, — tal como elle apparece no estylo epistolar e em outros usos comesinhos; considerando-o apenas como representando, nas mais favoraveis circumstancias, uma simples parceria, um simples accordo tacito de permuta de favores, de amenidades, consequentemente muito instavel.

Ora, pelas profundas differenças de raça, existentes entre japonezes e europeus, no tocante a interesses, a predilecções, a passatempos, ao modo de julgar as cousas, a tudo emfim, acontece effectivamente que as relações sociaes entre uns e outros são bem mais raras do que entre individuos de uma mesma raça; conseguintemente,

os *amigos*, mesmo na accepção banal que foi descripta, são mais raros.

Se encaro agora estas considerações como meramente preliminares e me aventuro a ir mais longe, ao estudo das emotividades intensas, então, sem que o caso me espante ou venha em desabono de europeus ou japonezes, apparece-me esta grande verdade: — europeus e japonezes detestam-se entre si. — As razões d'isto encontram-se, claro está, nas divergencias de caracter racial, dando origem a aspirações oppostas, irreconciliaveis, e levando fatalmente uns e outros a destinos mui diversos. No japonez, a aversão attinge bem maior solemnidade do que no europeu, em virtudes caracteristicas psychicas d'aquelle, mais vibrantes, mais intensas do que as d'este; o japonez vive abrazado em santo patriotismo, em piedoso respeito pelos seus deuses, pelas suas tradições, pelas suas instituições, pelos seus destinos, o que se não dá com o branco. Não se póde comprehender o facto, que seria uma aberração, do japonez votando uma viva sympathia a um paiz europeu, a uma instituição europeia, a um individuo europeu. A reciproca é ainda uma aberração, mais possivel, quando se leve em conta o supremo grau de objectividade mental a que chegou o branco, a grande excitabilidade, a grande morbidez do seu sentir; no emtanto, não conta elle nunca, em tal hypothese, com a gratidão do idolo. Eu tenho ouvido e lido curiosas lamentações de estrangeiros, de Lafcadio Hearn entre outros (nas suas cartas intimas), os quaes haviam votado as suas actividades ou os seus affectos a este povo nipponico, soffrendo depois por se sentirem esquecidos, ou até mesmo aggredidos. Ingenuos!... Mas não sabem elles que, tratando-se do Japão, ser-se branco é já um crime, que nos exclue das bençãos dos deuses e nos

marca de ferrete de raça condemnada?... Contra o branco que odeia o Japão, como é de regra, o japonez põe-se em guarda e precavê-se. Mas ser-se branco e tributar sympathias a este sólo, respirar com deleite este ar, relancear com jubilo estes aspectos, votar-se ao bem da terra, é o supremo crime, é um roubo que se commette contra o indigena, roubo que os codigos escriptos não pódem punir, infelizmente, com leis condemnatorias. Resumindo: — o branco que ama o Japão tem mais titulos á cólera do nipponico do que o branco que o detesta.

Acompanha-me ha muitos annos, na minha longa peregrinação bohemia, um modesto quadrinho, inspirado no famoso e muita repetido assumpto da Herodiada.

Hoje, relanceando-o suspenso da parede do aposento onde trabalho, offerece-me elle uma revelação, tiro d'elle um conceito generico que abraça todos os povos exoticos, nos casos em que as insistencias de estranhos se tornem importunas ou irreverentes; e applico o conceito a este Japão.

Para o estranho, cujas dedicações irritam, cujas sympathias offendem, a alma japoneza será sempre, em momento opportuno, cedo ou tarde, uma implacavel Herodiada; não faltando, por certo, uma Salomé, qualquer, isto é, o instrumento intermediario, para pedir e obter pelas suas graças, d'aquelles que regem os destinos do paiz — homens ou deuses, — a cabeça do imprudente.

Quanto a mim — confesso — sinto estima por este grande orgulho de raça.

No entretanto, aconselharia o forasteiro, se elle conselhos me pedisse, a fugir da tentação de amar este Nippon, salvo se no sacrificio achasse aprazimento.

A phantasia litteraria fez de João Baptista um apai-

xonado da bella Salomé; admittindo a hypothese por um momento apenas, é admissivel suppôr-se o mystico deleite do pobre encarcerado, quando os algozes lhe disseram que a sua cabeça ensanguentada era exigida pela propria Salomé... Vem isto para exemplo dos phenomenos psychicos reveladores do gôzo no martyrio.

E agora resta-me observar, a quem me lê, que não tome ao pé da lettra, para o caso, a tragica narrativa que invoco n'estas linhas. No Japão já se não cortam cabeças; o estrangeiro importuno deve apenas contar com a aversão das massas e com ligeiros percalços casuaes, em vez da gratidão que por ventura julgou merecer d'esta gente nipponica, sobejamente altiva para não acceitar reconhecida beneficios ou sympathias de ninguem...

— Uma impressão da actualidade.

Vou especialmente fallar de persevejos e de pulgas. Affigura-se-me possivel que os leitores d'estas linhas impetuosamente se revoltem contra o assumpto, julgado ignominioso, desprezivel. Não téem razão, porém — permittam-me a franqueza. Estes interessantes parasitas deveriam merecer de nós todos, segundo o meu criterio, mais carinhosas attenções. Sangue do nosso sangue, carne da nossa carne, não são elles de certo modo nossos parentes mui chegados; bem mais proximos em grau, parece-me, do que a chusma dos primos e do que o bando das priminhas, occupando logar proeminente na arvore genealogica familial?...

A enorme deficiencia de meios de observação de que dispomos é causa unica, por certo, de que não possamos distinguir profundas similhanças physionomicas, profundas similhanças de caracter, notaveis phenomenos de hereditariedade, emfim, entre nós mesmos e o parasita,

que quasi amamentamos, medrando, durante um anno inteiro, á custa do nosso proprio sangue. Mas não vos segreda a consciencia que a pulga intima que, por exemplo, sugou o generoso sangue de Victor Hugo no desterro, haja sido propensa a rasgos de poesia? . . . E o persevejo, occulto entre a farda chamuscada e o peito heroico de Napoleão I, não terá accusado particulares tendencias aguerridas? . . . Havendo assim cuidado de redimir do opprobrio as duas tribus de insectos, que apontei, entro em materia.

A pulga — *nomi* em linguagem japoneza — é, certamente um animal indigena no Japão, um aborigene, se o termo é permittido; proliferando admiravelmente n'este sólo, graças á amenidade do clima, graças á disposição das casas, graças á maciez appetitosa dos braços das *musumés,* graças, sobretudo, á fôfa esteira, o *tatami,* que atapeta os aposentos, offerecendo commodo abrigo e ninho de conforto á numerosa prole do industrioso insecto.

Já não poderei dizer do persevejo a mesma cousa. O seu nome japonez é *nankin-mushi,* isto é, o *bicho de Nanking;* o que está trahindo indiscutivelmente a sua procedencia — de Nanking e de toda a China sordida. O persevejo é, pois, um animal de importação, um emigrante, um residente estranho, como eu, como o leitor se cá vier, como todos os residentes adventicios que habitam este imperio; se tem direito a maiores honras do que nós, serão as de poder gabar-se de ter entrado aqui de mistura com a classica civilisação chineza das épocas remotas, talvez escondido entre as prégas da ampla sotaina de algum bonzo, santo apostolo buddhista. Resta dizer ainda que, sendo no Japão a pulga pullulante, o persevejo é raro, encontrando-se de preferencia em

casas habitadas por chinezes, por excepção em algum lar indigena onde reine o desleixo e a falta de limpeza... Inclue-se no numero o lar do célebre pintor Hokusaie, mestre da eschola vulgar e fallecido ha pouco mais de cincoenta annos: de quem resam as chronicas que uma vez recebeu a visita de um delegado do Shôgun, generalissimo do imperio, no acto de catar persevejos do kimono que vestia torcendo-os gravemente entre as pontas do dedo grande e indicador...

Ora, é na presente quadra, de calores torridos, que a pulga abunda. Vem então a proposito dizer que por estas noutes cálidas de agosto e de setembro — pela meia noute, pela uma hora, pelas duas horas — aos pregões dos vendilhões ambulantes de gêlo, de sorvetes e outras gulodices, e ás plangencias da flauta dos cegos que se dão ao officio da massagem — para consolação dos membros lassos dos nipponicos — se mistura o pregão dos vendilhões de pós para matar pulgas. — «*Nomi-tori kó! nomi-tori kó!*...» — vão elles gritando pelas ruas.

O artigo vende-se tambem nas drogarias, mas pouco procurado dos freguezes. O caso é interessante, como exemplo da dôce imprevidencia, nos actos corriqueiros d'esta gente. De dia, rindo e lidando, ninguem pensa na pulga. Mas é pela noute velha que ella se faz lembrada e aborrecida, picando-nos as carnes, «especialmente detestavel quando penetra dentro do kimono e se põe a saltar de um lado para outro», como ha cerca de mil annos escrevia uma dama da côrte, Gei Sônagon, no seu espirituoso livro de impressões. Então a *musumé*, após haver soffrido, resignada, quarenta ou cincoenta mordeduras, ergue-se das colchas somnolenta, em desalinho; e, entreabrindo a portinhola do lar, grita ao industrial noctivago:

«Ó senhor vendilhão de pós para matar pulgas, venha cá! . . . »

— Ha alguns dias, n'uma carruagem de 2.ª classe de caminho de ferro, em viagem de Kobe para Kyoto, acheime ao lado direito de uma franzina dama japoneza, mimosa em fórmas, miniatura viva, a lembrar uma bonequinha de louça que alguem alli tivesse vindo pôr, sobre o estofo dos assentos. Á sua esquerda encontrava-se um negro, vestindo o uniforme azul, com estrellas junto á alcaxa, de marinheiro da armada dos Estados-Unidos da America. De modo que, como eu então ia pensando exhibiam-se em linha, em tal momento, tres exemplares das tres grandes raças mundiaes — a branca, a amarella, a negra. A começar por mim, a escala offerecia-se descendente, isto é, partindo do typo superior para o typo infimo, como nós, os brancos, temos indo admittindo até agora. Vinha em primeiro logar o louro, o caucasico, o homem embebido de qualidades de eleição, exuberante de intelligencia, de sciencia, de iniciativas, seguindo altivo pela estrada da vida, até ao cimo dos seus altos destinos; seguia-se-lhe o asiatico, chimerico, abraçado aos seus preconceitos millenarios, estacionario, quando muito imitador; e vinha, finalmente, o negro, o homem na infancia, representando na série humana a intelligencia em embryão, rastejando pela imbecilidade, reclamando a tutoria providencial do branco. No entretanto, abrindo os olhos ao presente, abrindo os olhos á verdade, forçoso é confessar que eu era o filho degenerado de um pequeno paiz que fôra outr'ora de heroes e de valentes, que revolucionaram o mundo inteiro pelas suas ousadias, paiz que hoje se debate, como outros seus visinhos, contra difficuldades sem numero, de

ordem politica, social, economica, moral e ainda outras... A *musumé* franzina era a filha ou a irmã dos heroes de ha dois annos apenas, que surgiram do mysterio para imporem a sua vontade como barreira de aço á ambição dos russos, isto é, á ambição dos brancos; indo acordar, pelos seus feitos, iniciativas de liberdade em toda a Asia opprimida pela Europa, e deixando já adivinhar, na successão dos tempos, uma tremenda renascença da massa inteira dos povos amarellos. Quanto ao negro... mas o negro marinheiro americano era, por certo, de nós tres, o typo mais interessante, se não o mais sympathico, merecendo pelo facto mais demoradas considerações n'este logar.

O negro, meu companheiro de viagem, era um homem colossal.

N'este paiz do Japão, a sua figura immensa, côr de bronze, lembrava logo a estatua de um grande Buddha, de puro metal luzente, como tantas que os templos nos offerecem.

Os negros americanos, filhos ou netos dos escravos que foram levados em rebanho dos sertões africanos até ao novo mundo, influenciados pelo clima, pela alimentação, pela educação, pelas aspirações e ainda por outras causas, melhoraram muito, physica e moralmente, em relação ao typo primitivo. O negro americano é, em regra, um bello especimen de animal humano; até nem cheira a catinga.

O exemplar que tinha ao alcance dos meus olhos offerecia-se especialmente soberbo, enorme, como disse; na palma da sua mão aberta, poderiam pousar ao mesmo tempo os dois pésitos da *musumé* que o avisinhava e até ensaiar passos de dansa. Da sua inteira physionomia emanava como que uma inconsciente tranquillidade de

colosso, que nada teme; de feições regulares, de bronzeada pelle macia, de grandes olhos meigos, no rosto bello transpareciam indicios inconfundiveis de uma intelligencia superior, pouco culta talvez, mas certamente destinada a sublimar-se por successões, para os filhos, para os netos. Pois bem: taes filhos, taes netos, n'um futuro mais ou menos remoto, serão acommettidos a cada instante, *lynchados* pelos americanos louros dominadores do sólo, de dia para dia mais crueis, mais preoccupados com o problema social, mais receosos da concorrencia no trabalho e mais ciosos dos seus privilegios raciaes. Até que finalmente o negro americano, civilisado á moda europeia, mas conservando sempre a alma do negro, amaldiçoará a terra de escravidão e de martyrio, volverá em massa compacta ao paiz da sua origem, ao sertão africano; alli, superior ao indigena, seu irmão, que nunca abandonou o torrão patrio, dirigil-o-ha, educal-o-ha, tornal-o-ha forte, sacudindo n'uma apotheose estupenda o jugo do branco, offerecendo á civilisação um imperio africano, illustrado e independente!...

— Um bom livro. Acaba de vêr a luz da publicidade, no Japão, encontrando-se igualmente á venda na Europa, o magnifico volume II da obra do allemão Wenckstern, intitulada «Bibliography of the Japanese Empire», sendo uma lista classificada da litteratura, em linguagem europeia, referente ao Dai-Nippon. Este volume II, que abrange o periodo 1894-1906 e contém mais de 500 paginas, é obra indispensavel a todos os estudiosos que se occupam do imperio japonez, agora tanto em evidencia; devendo indiscutivelmente figurar, em logar de honra, nas bibliothecas publicas do mundo inteiro. Resta-me

ainda dizer, fallando com leitores portuguezes, que na longa indicação dos auctores, de variadissimas nacionalidades, alguns nomes portuguezes se encontram... o que demonstra que as relações intellectuaes de Portugal com o Japão téem avançado bem mais do que as relações commerciaes — haja em vista a cortiça...

— Triste consolação ao desbarato da nossa industria.

X

30 de setembro de 1907

A conferencia da Haya; divagações a proposito da mesma — Os acontecimentos de Vancouver — Curiosidades dos funeraes dos nipponicos — O crematorio de Kobe; a sua demolição e substituição por outro; uma guardiã do antigo — Taiko-Sama: o seu castello monumental — Inauguração dos trabalhos do porto de Kobe; cerimonial d'essa inauguração.

Á hora em que escrevo estas linhas, deve estar prestes a encerrar-se, na cidade da Haya, se é que ainda se não encerrou, a conferencia de paz, da qual tanto se occuparam a opinião publica e a imprensa mundial, e cujos resultados, parece, ficaram mui longe de attingir a importancia que se esperava. Deu-se, de certo modo, o parto da montanha. Esta conferencia de paz merece especial attenção d'aquelles que se interessam com o tremendo problema extremo-oriental, por varios motivos, sendo o que mais salta aos olhos o facto de ter sido a recente guerra russo-japoneza o ultimo grande conflicto que a historia registrou, o qual naturalmente veio servir de thema a muitos dos variadissimos assumptos de que os congressistas se occuparam.

Ora, meus caros leitores, na incompetentissima opinião de quem vos falla, mas com o unico merito de ser fran-

ca, a conferencia de paz, quando a encaramos pelo seu lado sentimental e humanitario, não deve ser tomada muito a sério. Fogo de artificio de eloquencia rhetorica, com acompanhamento de votos platonicos de alguns raros sinceros; nada mais. Discute-se a paz, no momento em que as grandes nações augmentam desmedidamente as suas forças defensivas e aggressivas; discute-se a philantropia, quando a oppressão reina sem peias e quando não sei quantas expedições europeias massacram os negros no sertão.

A conferencia de paz, vista pelo prisma que apontei, é talvez, mais do que tudo, uma manifestação morbida da degenerescencia dos brancos, n'esta época curiosissima em que tantas manifestações morbidas florescem, como o Feminismo, como a linguagem universal do Esperanto, etc.

O desenvolvimento progressivo das sociedades manifesta-se por duas ordens de phenomenos, que se alternam: pela evolução e pela revolução. Estamos atravessando, no nosso mundo occidental, um longo periodo de evolução, que nos trouxe enormes beneficios, mas que tambem nos trouxe os seus ridiculos, os seus precalços, que tanto maiores se irão tornando, quanto mais se prolongar a evolução.

Ora, é uma lei fatal, na philosophia da historia, que a revolução é tambem necessaria á existencia dos homens, entendendo-se por este termo o brusco acordar das massas em energias aggressivas e demolidoras, em defeza de um principio, de um ideal, de uma chimera.

Considerem-se os resultados da guerra entre a França e a Allemanha, guerra que representa a ultima grande commoção passada em sólo da Europa: após os tremendos horrores da chacina, surgiram beneficas consequen-

cias para os dois povos contendores, vencedores e vencidos, os quaes actualmente se encontram em notaveis condições de prosperidade, superiores ás que anteriormente iam gozando. Mas tal commoção, isto é, tal revolução, não passou de um simples episodio, limitado a um curto espaço, deixando quasi indifferente a grande maioria da familia occidental.

Pois bem: vão-se agora apontando, embora com pungente tristeza, as consequencias desintegrantes de um longo periodo de tranquillidade, de um longo periodo de evolução pacifica, arrastando os homens ao indifferentismo, ao egoismo, á dissolução dos laços de familia, á discordia civil, a todas as manifestações de degenerescencia, emfim, acompanhadas de phantasias allucinantes, como são o Feminismo, a constituição de uma lingua universal, as conferencias de paz, etc.

No entretanto, o phenomeno social das conferencias de paz, se póde ser encarado como um symptoma de decadencia de raça, póde tambem ser explicado por outro modo bem differente, que o salva do ridiculo, mas que vem complicar sobremaneira o problema mundial. As conferencias de paz, agora em moda, de companhia com as multiplices allianças e accordos que se vão estabelecendo entre as nações, accusam, ainda muito vagamente, mysteriosas e inconscientes tendencias dos povos occidentaes para se unirem, para se constituirem n'um tremendo *trust,* como agora na America os grandes industriaes se constituem em *trusts,* mas que será o maior d'elles, o *trust* da raça branca. E para quê? Para defeza, para ataque contra o grande inimigo commum que se presente, que é a raça amarella, que se constituirá tambem em *trust,* n'um periodo cujo momento historico está longe de poder ser assignalado.

Eis, pois, como uma chimera da época presente, filha da louca evolução, se offerece já como um indicio da época futura, que então será de revolução, quando as duas grandes raças do planeta — a branca e a amarella — se erguerem uma em frente da outra, para ajustarem entre si velhas questões de precedencia, rancores inconfessados, direitos de hegemonia, que sei eu... e, na impossibilidade de chegarem a um accordo, uma esmagará a outra, seguindo a vencedora por uma nova estrada de triumphos!... Nós — geração de hoje — não assistiremos a esse duello formidavel de raças, de crenças, de ambições; nem talvez os nossos filhos e nem talvez os nossos netos. Mas devemos desde já admittil-o como provavel, como esperado, na successão dos tempos; e acreditar no seu effeito proveitoso, seja qual fôr o vencedor, porque os phenomenos mundiaes avançam no sentido do progresso, não recuam... O que é preciso é admittir lealmente que o progresso não se define em geral pelo *meu* bem proprio, pelo *meu* conforto proprio, pela satisfação crescente do *meu* egoismo pessoal; obedece a outros designios...

— Ao insuccesso nas negociações encetadas entre os Estados-Unidos da America e o Japão, no sentido de um accordo que restringisse a emigração japoneza para aquella republica, vieram juntar-se os tristissimos acontecimentos de Vancouver, nos primeiros dias d'este mez, dos quaes os leitores terão já sido informados pelas noticias dos jornaes. Notemos que agora não é apenas a antipathia dos americanos dos Estados-Unidos contra os japonezes que se manifesta em aggressões; é tambem a antipathia dos americanos do Canadá, isto é, de subditos inglezes e por conseguinte filhos do paiz alliado, que

explude brutalmente contra os mesmos nipponicos. Os tumultos de Vancouver foram gravissimos, occasionando muitas perdas de vidas e de propriedade; os japonezes residentes tiveram de armar-se, defendendo-se corajosamente, como poderam, contra a furia da turba. O snr. Ishü Kikujiro, director dos assumptos de commercio no ministerio dos negocios estrangeiros de Tokio, andava em missão pela costa do Pacifico, estudando as condições de existencia em que se encontravam os colonos seus compatriotas; e chegava a Vancouver quando rebentou o motim, que parece ter sido premeditado para justamente se mostrar áquelle funccionario que os inglezes do Canadá não querem no seu sólo os japonezes.

O incidente é symptomatico. Diz-se, para amenisar as apparencias, que não se trata de uma lucta de raças, mas sim de uma lucta de trabalho. Chamem-lhe o que quizerem — não passa de uma questão de palavras. — A dura verdade é esta: os brancos, pondo de parte a lettra dos tratados, insurgem-se contra a concorrencia dos asiaticos, especialmente dos japonezes, em virtude da sua existencia mais sobria e conseguintemente da barateza dos seus salarios; e o drama passa-se na America, por agora, por ser alli que os asiaticos abundam e que a sua influencia economica é sentida. Entrará tambem, por certo, como fautor de ordem moral, o ciume, que já muito transparece contra este povo cheio de meritos, de ambições e de prestigio. Similhante lucta não surprehende; entra na ordem natural das cousas, admittida a indole aggressiva do homem contra o homem. Mas o problema é gravissimo; e lembremo-nos de que o povo japonez, elevado pelas suas ultimas façanhas ao nivel dos povos mais respeitaveis entre a familia das nações, não póde já ser corrido a pontapés, como uma horda de selvagens.

— Rebuscando aqui e alli, pela lenda e pelas crendices japonezas, não se perde inteiramente o tempo, penso eu; porque a cada passo nos surprehendem interessantes ingenuidades, distinctas das noções que possuimos, captivando-nos, deleitando-nos, commovendo-nos...

Vem isto agora a proposito da informação que ha poucos dias me foi dada, concernente aos funeraes d'estes nipponicos. O corpo do defunto segue n'um cofre apropriado e é ordinariamente sujeito á cremação; junto d'elle, deposita-se um sacco, contendo varias miudezas indispensaveis na outra vida, sendo uma d'ellas a quantia de seis *rins*, em seis moedas separadas (cada uma valendo meio real); por vezes, as seis moedas substituem-se por um pedaço de papel com as suas seis imagens, o que equivale então a um cheque á ordem. A razão d'isto é que os mortos, segundo resa a tradição budhdista, téem todos de transitar por um sitio do inferno, dividido em tres secções, onde são exercidos os tormentos: — pelo fogo, pela fome e pela retrocessão á vida bruta, de animal. — Um rio, Sanzu-no-kava, corre alli; e ha uma ponte que o atravessa, guardada nos extremos por demonios. Os espiritos dos mortos, apresentando a taes demonios a quantia de seis *rins* como preço da portagem, pódem passar sem demora aquella ponte, alcançando espaços calmos e esquivando se por esta fórma aos horrores de mil torturas, embora, talvez, por seus peccados as merecessem...

— Ha muitos annos, n'uma das minhas primeiras visitas ao Japão e á cidade de Kobe, fui um dia parar, galgando montes, ao crematorio, então situado n'um extremo da cidade, a meio da collina de Suwayama. O crematorio era um tôsco casinhoto de estylo muito simples, pro-

vido de quatro ou seis fornalhas que recebiam os cadaveres, que assim grelhavam, espalhando-se em torno muito fumo e um intenso cheiro a carne assada, com enfado da visinhança e transeuntes. Junto, erguia-se uma ainda mais tôsca e simples barraca, asylo de uma velha muito velha, que alli vivia, n'aquelle êrmo, tendo a seu cargo a guarda e a direcção do crematorio. Era ella quem, com a ajuda de alguns serviçaes ás suas ordens, dispunha a lenha nas fornalhas, introduzia os corpos, lançava o fogo, empunhava as tenazes, colhia as cinzas e attendia a tudo mais que a operação reclamava. Lembro-me ainda bem da calma e sorridente expressão do rosto da macrobia, do gesto complacente com que ella me ia explicando os processos do seu estranho mister e da agradecida reverencia que me fez quando, sobre a palma papuda da mão trémula, depuz uma pratinha de gorgeta.

Annos depois, com os progressos da cidade, foi demolido o crematorio e outro se construiu n'outro logar, grandioso, reunindo então todas as condições de hygiene, de recato e de decencia, requeridas para o caso. A macrobia, porém, não se moveu do seu antigo pouso; com tábuas pôdres, com folhas de zinco avariadas, com pedaços de telhas, arranjou um pobre albergue, que mais parece uma casa de cão; e alli vive, já sem forças para a lide, deitada n'uma esteira, com um bando de gallinhas, com um gato e com um cão por companheiros.

Ignoro quem lhe leva, de quando em quando, um punhado de arroz para seu sustento; alguma alma caridosa.

Uma vez, duas vezes por anno, vou fazer-lhe uma visita; e lá a encontro sempre, deitada sobre a esteira, sorrindo á minha apparição. Pergunto-lhe quantos annos tem. A pobre já não sabe fallar e creio que se atrapalha

em calculos mentaes; em resposta, estende as duas mãos e espeta os dedos, querendo indicar a sua idade; mas por certo os dedos não lhe chegam para exprimir as dezenas dos invernos que sobre ella téem passado, porque os acenos se multiplicam, os gestos se repetem... e eu fico sem nada perceber a tal respeito.

A conclusão invariavel que tiro é a seguinte: — Aquella velha nunca morrerá; será eterna. Passára a vida alli, queimando corpos de defuntos aos milhares por cada anno, habituando-se á ideia de alli ser tambem queimada, pondo já talvez de parte os melhores troços de madeira para o effeito, escolhendo a fornalha, dando instrucções á sua gente. E vai então, o municipio deita abaixo o crematorio; e ella, com essa teimosia invencivel dos velhos, agarra-se aos seus habitos, aos seus propositos, á sua ultima vontade, fica alli, fica esperando eternamente pela reconstrucção do crematorio, embora tenha de contar as dezenas dos invernos que lhe foram passando pelo lombo pelo numero dos dedos das suas duas mãos, e mais pelo numero dos dedos dos seus pés, e mais pelo numero dos cabellos que lhe fluctuam na cabeça, e mais pelo numero dos cabellos que lhe guarnecem as pestanas, e mais pelo numero de mosquitos que dansam em cardume sobre o telhado da sua misera barraca...

Ha trezentos e vinte e quatro annos, o famoso Taiko-Sama, generalissimo do imperio, escolhia na cidade de Osaka o local para um castello; e dentro de dois annos — tal foi a affluencia e tal foi a boa vontade dos obreiros — uma edificação monumental estava completa. Arrasado com o correr dos tempos, do castello só restam hoje, espelhando-se nos canaes glaucos, as suas muralhas magestosas, formadas pela juncção de enormes pedaços de

granito, alguns dos quaes medem dez pés de altura sobre quarenta de comprimento (dizem-no os minuciosos *touristes* inglezes), caso tanto mais para espantar, quanto é certo que a região é alli plana, de terrenos de alluvião, e assim em muitas leguas ao redor; tendo vindo, certamente, os monolithos de montanhas mui distantes do local. Haviam-me contado que, conforme a tradição, algumas de taes pedras offereciam, pelo seu estupendo peso, tamanha resistencia, que nem mil bois nem dez mil braços logravam movel-as do seu pouso. Vieram então formosas *gheishas,* em trajos de ceremonia, pousar, tocar, cantar, sorrir sobre taes pedras; processo milagroso, que as tornou bem mais ligeiras, sendo então facil o transporte, a braços e ao som de berros de prazer, até ao sitio conveniente. Confesso que só agora me foi dado comprehender os segredos d'esta mechanica nipponica, em que entram como factores essenciaes a rutilancia dos *kimonos* das mulheres, os accordes maviosos, os sorrisos...

Ha poucos dias, a 16 do mez corrente, inauguraram-se os trabalhos do porto da cidade de Kobe, comprehendendo o projecto o estabelecimento de quebramares de abrigo, de caes para carga e descarga dos vapores, de armazens, de docas, etc.

A primeira pedra foi lançada no fundo da bahia, ao som do hymno imperial e a um gesto do ministro da fazenda; e um cento de *gheishas,* bailando ao compasso das guitarras e cantando, commemoraram o evento... Ora, d'aqui a trezentos annos, ajudando a phantasia popular, talvez se affirme que foram as mãositas miudas d'estas bellas que dragaram o porto e cimentaram os alicerces das muralhas...

No entretanto, a parte mais curiosa e impressiva da ceremonia, pela sua archaica ingenuidade, foi um officio religioso segundo os ritos shintôistas, celebrado n'aquella solemne occasião.

A' beira do mar, no sitio onde as construcções se vão fazer, erguia-se um altar improvisado, melhor, uma barraca formada por troços de madeira cobertos de folhas sêccas e por um abrigo superior feito de palha – a casa do nomada emfim, – para alli serem os deuses recebidos. Perto os convidados acercavam-se, uns duzentos em numero, purificando as mãos em prévias abluções. Dez sacerdotes shintôistas, em alvas tunicas, começaram tocando melodias em estranhos instrumentos, no intuito de attrahirem os deuses tutelares. Quando se imaginou que tinham vindo (talvez os sacerdotes os avistassem...) foi-lhes servido um banquete primoroso, incluindo o vinho indigena, fructos, vegetaes, bolos de arroz, um enorme pargo, tudo offerecido em baixellas de simples apparencia, deslumbrantes de asseio, de fórmas primitivas, taes certamente como aquellas que ha mais de dois mil annos se empregavam em usos similhantes. Depois, o sacerdote principal, um lindo velho de longas barbichas venerandas, leu aos deuses, de joelhos, o programma dos trabalhos, implorando a sua protecção.

E terminou a ceremonia com o recolher das iguarias, com offertas de mysticas palmas de verdura e com novos accordes dos estranhos instrumentos, então convidando os deuses a voltarem á sua mansão de mysterio e de gloria.

A commemoração era sobretudo interessante para aquelles que possuiam noções, embora vagas, da mythologia japoneza. A barraca do nomada, o rito dos sacrificios, a singeleza da ceremonia, resuscitavam um

passado remotissimo, transportando o espectador aos tempos prehistoricos das hordas invasoras que conquistaram o sólo do Nippon. A scena recorda mesmo o drama legendario da deusa Amaterasu, a deusa da Luz, quando se recolheu a uma caverna, deixando o Japão em trévas... Os outros deuses, alarmados, reuniram-se então em volta da caverna e começaram a tocar melodias, para attrahirem Amaterasu. Eil-a, curiosa e enlevada, que alonga a cabecita para fóra. Então, os deuses agarram-se-lhe, arrastam-na para junto d'elles, tapando com um pedregulho a bôcca da caverna, e de novo o Sol e a Lua illuminaram o Japão...

Ahi, n'aquelle emocionante ambiente de archaismo, perante o que viamos e as divagações do pensamento, como horrendamente destoavam os nossos chapéus altos, as nossas sobrecasacas da etiqueta!...

XI

28 de outubro de 1907

Um rescripto do mikado; a attenção por elle despertada no mundo occidental; a sua traducção em portuguez — O problema extremo-oriental: um livro interessante sobre o assumpto; algumas das prophecias que contém: considerações a proposito — Outra obra, de que já se fallou, sobre a bibliographia do Japão; nomes portuguezes que na mesma se encontram — Uma curiosidade exotica do Japão para olhos e narizes da Europa; o incenso; do que elle é feito; os seus usos profanos; as suas virtudes — Mais uma aggressão em S. Francisco; inicio de uma lucta de raças; manobras de uma esquadra americana no Pacifico.

Ha cerca de 17 annos, isto é, no dia 30 de outubro de 1890, deu-se publicidade em Tokyo a um rescripto imperial, do qual pelo ministerio da educação foi dado conhecimento a todas as escholas, onde é sempre lido, até hoje, em todos os grandes actos solemnes. Este rescripto despertou ultimamente particular attenção no mundo occidental, motivado o facto pela leitura que d'elle deu, em traducção ingleza, e pelos commentarios que lhe fez, o barão Kikuchi, quando em Inglaterra realisou algumas notaveis conferencias sobre as instituições do seu paiz. Tão interessante foi julgado o documento, que o governo inglez enviou a traducção do barão Kikuchi ás suas escholas; e consta-me que, por um natural

espirito imitativo, estudiosos de outras nacionalidades cuidam tambem agora em traduzil-o, esperando talvez que os governos dos seus paizes respectivos dêem similhante destino ás varias traducções.

O rescripto é, realmente, um ramalhete primoroso de eloquencia nipponica; e, bem mais do que isto, é como que o resumo palpitante de tudo que ha de nobre na alma d'este povo, um crédo de alta sentimentalidade e de alto patriotismo, disciplinados ao culto dos antepassados e ao amor pela dynastia. Apresso-me em dizer que a traducção do suggestivo documento, em qualquer das nossas linguas, terá forçosamente de offerecer apenas um pallido reflexo do encanto original; sendo certo que a soberba vehemencia d'esta lingua japoneza, primitiva, agglutinante, quasi barbara se quizerem, é, por este mesmo facto, intraduzivel nas nossas linguas dessoradas. E acrescentarei agora que, independentemente de uma traducção fatalmente imperfeita, mal poderá um tal rescripto ir commover com intensidade a alma europeia, menos ainda servir tambem de crédo civico e de programma educativo á juventude occidental.

A alma nipponica aquece-se ainda á crença dos velhos tempos, embora se mascare com laivos de progresso; é sagrado o patrio sólo; o soberano é o patriarcha, deus e pai, tão adorado que, ainda ha poucos annos, perguntando Hearn aos seus muitos discipulos japonezes qual era a maior ambição que acalentavam, todos responderam, por escripto, sem concerto, — que morrer pelo seu imperador... — Ora, sabemos todos nós quanto os Estados europeus se acham afastados d'este archaismo social...

A titulo, sobretudo, de curiosidade, que julgo bem cabida n'estas cartas, offereço em seguida aos leitores

uma traducção portugueza, imperfeitissima, do documento a que alludi:

RESCRIPTO IMPERIAL SOBRE A EDUCAÇÃO

Attentai n'isto, subditos nossos:

Os nossos imperiaes antepassados hão erigido o nosso imperio sobre uma base ampla, indestructivel, onde profundamente, firmemente, implantaram a virtude; e os nossos subditos, em lealdade e filial piedade sempre unidos, téem vindo illustrando, de gerações em gerações, a belleza d'esta virtude primitiva. N'isto está a gloria do caracter fundamental do nosso imperio e n'isto está tambem a origem do systema da nossa educação.

Sêde, subditos nossos, piedosamente filiaes com vossos paes; affeiçoados a vossos irmãos e a vossas irmãs; como maridos e como esposas, cimentai a harmonia; como amigos, a verdade; guiai-vos vós mesmos pela modestia e pela moderação; estendei a vossa benevolencia a todos; perseverai no estudo e cultivai as artes, desenvolvendo assim os vossos dons de intelligencia e melhorando o poder moral de que dispondes; promovei igualmente o progresso do bem publico, dos interesses communs; em todos os tempos, respeitai a Constituição, cumpride as leis; em momentos difficeis, offerecei-vos vós mesmos corajosamente ao Estado; por este modo, guardai e fazei manter a prosperidade do nosso imperial throno, coevo de céus e terra.

D'esta maneira, não só sereis os nossos bons e leaes subditos, mas havereis illustrado as melhores tradições de vossos ascendentes.

Tal é a norma de conducta legada pelos nossos impe-

riaes antepassados, para ser observada simultaneamente por descendentes e por subditos, infallivel em todos os tempos, verdadeira em todos os logares. E' vontade nossa gravar no coração estas palavras, com toda a reverencia e em commum comvosco, subditos nossos, para que assim todos attinjamos a virtude em mesmo grau.

No 3.º dia do 10.º mez do 23.º anno de Meiji.»

(Sêllo Imperial Manual — Sêllo Imperial.)

— O problema extremo-oriental constitue certamente o assumpto mais grandioso dos tempos que vão correndo, embora se lhe não preste, em regra, a attenção que merecia. No entretanto, o Japão, a China e em geral a inteira familia asiatica, téem occupado e preoccupado ultimamente muitos intellectuaes, sendo abundantissima a litteratura em tal materia. De entre as recentes producções, figura o livro interessante, posthumo, de um notavel chimico de nacionalidade russa, o professor Mendeleyeff. Este chimico, que tambem é um philosopho, prophetisa que uma das causas que decidirá a China, regenerada, a atacar a Europa, será a preponderancia dos varões na sua população. Segundo elle, esta preponderancia é lei geral em toda a Asia, ao contrario do que se dá na Europa; e o drama do rapto das Sabinas deve repetir-se na historia da humanidade, mas em proporções bem mais terriveis.

Continuando nas suas prophecias, mais ou menos verosimeis, mas em todo o caso curiosas, o professor Mendeleyeff admitte que no decurso dos tempos os pequenos Estados desapparecerão, aniquilados ou fundidos com outros; e que, como resultado final, o mundo ficará constituido por seis grandes potencias — Russia, Allemanha, França, Inglaterra, Estados-Unidos e China — ás

quaes toda a familia humana prestará obediencia. Depois, parece, é que se dará o rapto das Sabinas.

Não crê que o Japão venha a ser uma importante potencia mundial, por não ser uma nação creadora, mas sim uma nação imitadora. Cuidando de alargar os seus dominios, resta-lhe contentar-se com magras nesgas de sólo que outras nações vão desprezando; ou terá que entrar em lucta desesperada contra a China, mas então cahem-lhe em cima as seis potencias, fazendo-lhe sentir que a época dos seus gloriosos successos não mais poderá voltar.

Prophetisa um russo, despeitado, azedado contra o inimigo, vencedor; e note-se que, para a desforra, vai buscar allianças com o mundo inteiro, o que de certo modo deve lisonjear o amor proprio dos nipponicos. No entretanto, se a philosophia da historia é applicavel ao Japão — temos soffrido n'este campo tantas desillusões! — somos inclinados a suppôr que o grande desenvolvimento nipponico e a intensa vida politica do imperio não poderão ir muito longe, por estes tempos fóra. O Japão representa, no meio das grandes apathias asiaticas, o pequenino nucleo irrequieto, curioso, audaz, acommettido de vividos sobresaltos, emocionado por vastos ideaes. A historia aponta, para paizes de tal tempera, um fim brusco, ou pelo menos uma decadencia irremissivel; lembrando taes paizes a luz da lampada que arde activamente e se consome, ou o perfume que por muito subtil se dissemina. Na historia antiga, é, por exemplo, a Grecia, que rompe com a indolencia e com o fatalismo orientaes, para dar nascença a uma nova civilisação, a civilisação occidental; reformadora de philosophias, de religiões, e delicada em artes; e que, após haver inoculado em torno dos povos que a avisinham o germen da revolução do seu pensar, cahe para não mais se erguer,

deixando apenas um nome glorioso e inolvidavel. Nos tempos modernos, tambem os exemplos não faltam. Basta-nos, para nós, o exemplo de casa: — Portugal, descobrindo mundos, ensinando á Europa como se navega e como se devassam continentes, revoluciona a terra inteira e chama sobre si o pasmo universal; passam-se alguns seculos; e eil-o hoje esquecido de todos e esquecido de si mesmo, apathico, aquecendo-se a uma restea de sol do torrão patrio, como um velho invalido em recreio na cêrca do asylo...

Sim, o Japão parece pertencer a essa classe de tribus-meteoros, destinado a encher de luz a Asia inteira, a acordal-a, a chamal-a aos seus deveres e aos seus direitos, civilisando-a a seu modo, misturando-se com ella, fundindo-se com ella, effectuando pelas suas iniciativas uma tremendissima revolução no equilibrio mundial... para desapparecer após, dissolvido na enorme massa asiatica!... As muito activas energias devem consumir-se mais depressa do que as lentas energias; isto é mechanica e isto é psychologia. E acontecerá assim? Se assim acontecer, o Japão terá legado á historia um nome brilhantissimo, eternamente memorado, que merecerá as sympathias das gerações vindouras, a partir do momento em que, dissipados resentimentos, houver gerações imparciaes para o julgarem. Se, contrariamente á nossa logica e ás nossas hypotheses, o Japão persistir, tanto melhor, — o mundo terá tudo a ganhar com este exemplo vivo de sublimes patriotismos, de união nacional, de união social, esmaltado ainda por uma sentimentalidade artistica tão intensa, que não admitte comparação com a de outros povos.

— N'outra carta me referi á copiosa litteratura europeia,

respeitante a este Nippon. Vem a proposito fallar ainda de uma obra que já aqui foi mencionada, os dois soberbos volumes de F. Von Wenckstern sobre a bibliographia do Japão. O 2.º volume, como foi dito, acaba de apparecer em Tokyo. A obra completa está reclamando um logar de honra nas bibliothecas publicas de todos os paizes europeus, indispensavel, como é, aos estudiosos, cada dia em maior numero, que se occupam d'este imperio interessantissimo.

Os dois volumes, com cerca de 1:000 paginas, onde se encontra em annexo a bibliographia japoneza do conhecido Leon Pagés, representam uma lista classificada da litteratura, em linguas europeias, relativa ao Dai-Nippon, desde o seculo XV até aos nossos dias, isto é, tudo no genero. O leitor portuguez, percorrendo com a vista estas paginas, encontra com prazer os nomes do nosso Mendes Pinto, dos nossos chronistas, dos nossos missionarios; e, nos tempos actuaes, os de alguns dos nossos modernos escriptores.

Vindo a obra de Von Wenckstern facilitar enormemente o estudo dos assumptos japonezes, occorre-me dizer que tal estudo merece desde ha muito séria attenção dos governos europeus; havendo em Berlim, em Londres, em Pariz, etc., escholas officiaes onde a materia é ensinada.

Portugal, claramente, não póde imitar estes exemplos; mas parece-me que seria agora tempo de introduzir n'um dos seus estabelecimentos escholares — o curso superior de lettras? — uma cadeira relativa a cousas japonezas, embora tratadas de corrida.

Portugal, que descobriu o Japão para a Europa, tem o dever de seguir a evolução da sua descoberta. Ha, antes de tudo, uma tarefa que se impõe: — a critica, se-

gundo as vistas liberaes da época, da nossa litteratura antiga, referente ao imperio japonez, ao seu povo, á nossa acção (principalmente religiosa) no paiz e ás consequencias que se déram – sendo tal litteratura abundante e preciosa, mas impregnada em geral de fradesco fanatismo, que falseia as deducções. Seguindo a isto, noções geraes da historia nipponica, de caracter japonez, da linguagem d'este povo, da sua litteratura, da sua arte, do seu papel mundial, completariam o ensino, que por certo iria abrir aos estudiosos desconhecidos horisontes, com utilidade manifesta. Porque o Japão é um paiz tão extraordinario, são tão attrahentes os seus aspectos, são de tamanha magnitude os seus ideaes, que conhecel-o e conhecel-os, tanto quanto se possa, constitue uma necessidade imperativa, pelo menos de bom gôsto e de prudencia.

– Uma das exoticas curiosidades do Japão, para olhos e narizes europeus, é, sem duvida, o incenso empregado na fórma de pivetes, de pastilhas, em pó, e servindo nos ritos cultuaes da religião buddhista. Nos altares de Shintô não se emprega.

Como é sabido, o Buddhismo alastrou-se da India para a China, da China para o Japão; o incenso fez tambem esta viagem, vindo da China, até aqui, mas os nipponicos déram-se muito a aperfeiçoar a droga.

De que é feito o incenso? E' pergunta a que não poderei cabalmente responder. Na sua composição entram a madeira de aloes, a madeira de sandalo, a canfora de Bornéo, o cravo da India, o almiscar; mas concorrem muitas outras substancias aromaticas, algumas desconhecidas dos profanos, e variando as misturas conforme as qualidades, vendendo-se os pivetes de uso vulgar a infi-

mos preços e outros, de luxo, sendo só accessiveis a abastados.

O perfume do incenso agrada aos deuses.

Nos templos de Buddha, em volta das mysticas imagens, ardem continuamente pivetes, de côres varias, apresentando a fórma de varinhas muito finas, de cerca de um palmo em comprimento, as quaes se espetam nas cinzas contidas em amplas urnas de porcellana ou de metal. O perfume do incenso agrada tambem aos mortos, que deuses ou quasi deuses são n'este paiz. Nos altarzinhos domesticos, votados aos defuntos queridos, queimam-se diariamente pivetes; e igualmente nos cemiterios, junto das louzas tumulares, alli levados pelas mãos piedosas dos filhos, dos netos, dos bisnetos.

No entretanto, o incenso tambem tem applicação nos usos profanos. Sirva de exemplo um luxuoso passatempo, consistindo em queimar preciosas qualidades da droga em presença de numerosa e escolhida companhia; cabendo aos olphatos experientes distinguir pelo aroma, umas das outras, estas diversas qualidades. Uma qualidade será denominada *Chuva de flôres,* outra *Fumo do monte Fuji,* outra *Flôr da pura lei,* outra imitará o perfume do lotus, outra o aroma das brisas estivaes, outra o cheiro do vento do outomno, etc.; bastando talvez esta technologia minuciosa para permittir ao leitor imaginar os requintes da arte de distinguir-lhes a fragrancia.

E' notorio que o incenso possue preciosissimas virtudes e mysteriosos poderes de invocação; podendo até dar vulto aos espiritos dos ausentes e mesmo aos espiritos dos mortos, quando o crente executar com fervor certas práticas sagradas.

Entre os muitos exemplos do que avanço, é famoso o do imperador chinez Wu, da dynastia Han, o qual se

morria de saudades pela nobre dama Li, uma das suas favoritas, havia pouco fallecida; fixando o olhar no fumo de certo incenso, pôde contemplar a seu contento a fórma esbelta da senhora, que só se desvaneceu quando o soberano tentou cingil-a nos seus braços . . .

Algumas das suas qualidades milagrosas são-me conhecidas por experiencia, embora não lograsse ainda relancear, nas emanações do incenso, as lindas figurinhas dos amores mortos da minha passada juventude. E' certo, todavia, que, não raras vezes, em tristes horas de nostalgia, de apathico langor, occorre-me accender um pivete e ir postar-me cerca d'elle. Se é de noute e apago a lampada, a pequenina luz avermelhada, lembrando uma cabeça de alfinete em incandescencia, a brilhar em plenas trévas, dá-me a ideia, nitida, emocionante, quasi real, de uma noute escura passada no oceano, sobre a ponte de um navio, apenas avistando o pharol vermelho, de bombordo, de algum barco de vella que emergisse de repente na linha do horisonte . . .

Dir-se-ha que n'este caso especial, em que os caprichos da illusão transformam em vasto mar o modesto aposento onde me encontro, os dons feiticeiros do incenso não actuam; dando-se apenas um exemplo da teimosa reminiscencia de uma quadra impressiva que vivi, buscando mil pretextos, em infimos incidentes, para se revelar ao meu sentir. Será assim. Quando, porém, em differentes circumstancias, demoro o olhar no fumo do pivete e vou respirando o seu aroma, não posso duvidar dos seus effeitos. O pivete, espetado a prumo nas cinzas contidas n'uma urnasinha de bronze, de estylo hieratico, vai ardendo lentamente, como arderia um charuto. O fumo, de uma transparencia opalina, começa erguendo-se em columna vertical, mas logo se afunila em calice e

desabrocha em tulipa, para em cima ondular em curvas destacadas, serpentinas, indecisas, que desmerecem e se perdem ... representação graphica da ideia, tal como brota do pensamento humano, nitida no inicio, para em breve se desintegrar em multiplices divagações, que se desprendem, fluctuam na mente e se dissipam!... Quanto ao perfume, sendo certo que o cheiro das cousas é um dos mais poderosos incentivos da memoria, é este perfume do incenso tão particular, tão inconfundivel, que me traz logo a impressão do ar que se respira nos templos de Buddha, acudindo-me a lembrança correlativa dos altares, das imagens, dos mysticos adornos, dos bonzos meditativos e da penumbra de paz que tudo envolve. Da suggestão da vista, da suggestão do olphato e por certo da potencia inexplicavel das essencias sobre a séde sensitiva dos meus nervos, resulta-me como que a consciencia de um banho de tranquillidade onde mergulhe, de um dôce desprendimento pelas miserias terreaes, de um discorrer placido de ideias, de um bem-estar quasi divino, como se do *Gokuraku,* o paraizo onde o Buddha preside, me acercasse, e onde, como consta, deliciosos incensos se respiram ...

— Reservei, para as novidades do momento, um pequenino espaço; mas pouco ha realmente que dizer.

Registra-se mais uma aggressão em S. Francisco, da parte da populaça contra os japonezes residentes.

Os governos dos Estados-Unidos e da Inglaterra, tentando lançar agua na fervura — como se diz — a proposito dos tristes accidentes occorridos, ainda ha pouco, na California e em Vancouver, empregam como melhor pódem a sua acção diplomatica, n'um intento conciliador; mas o problema é grave, sendo certo que crescem de dia

para dia, já com pouco disfarce, as animosidades dos americanos contra a emigração nipponica. Assistimos ao inicio de uma lucta de trabalho e de uma lucta de raças.

Sobre o assumpto das proximas manobras de uma esquadra dos Estados-Unidos nos mares do Pacifico, vão chovendo os commentarios, alguns arrojadissimos, da imprensa japoneza e ainda mais da americana. Não merecem por emquanto muito credito; muitos d'elles — os das folhas *yankee,* — particularmente inventivos, relacionam-se com a politica de aggressão contra a politica de Roosevelt, n'este momento emocionante, que avisinha da eleição presidencial. Esperemos.

XII

6 de novembro de 1907

Carta extraordinaria—Confucius e o confucianismo.

Seja-me permittido que hoje, por excepção, descurando assumptos palpitantes que se impõem ás attenções do chronista, divague—é tão bom divagar!—a respeito de velhas cousas d'esta Asia, para onde os destinos me trouxeram e cujos aspectos véem impressionando intensamente as minhas vistas de profano.

Não julgo, em todo o caso, inteiramente banal esta palestra, quando a gente se proponha discorrer a proposito de um homem que viveu ha quatro mil e quatrocentos annos, e cuja familia parece remontar ao anno de 1134 antes de Christo; e quando tal homem haja sido o mais célebre da sua enorme patria, e tenha merecido, como Deus ou quasi Deus, um grande culto de veneração até agora, ainda o assumpto sóbe muito de importancia. Refiro-me—adivinharam?—a Confucius, o philosopho, o historiador, o homem de Estado do imperio da China; e terminarei com umas leves allusões aos seus descendentes actuaes, dignos por certo de interesse perante o mundo occidental. As minhas ligeiras referencias não véem n'este logar fóra de geito, tratando-se da individualidade que mais influencia teve na alma chineza e

na existencia social do grande imperio; influencia que se alastrou até ao Japão, para o qual, como é sabido, a civilisação chineza foi a primeira fonte educadora.

Confucius (Khung-fu-tsen — o mestre Khung) nasceu no anno de 551 antes de Christo, n'uma cidadesinha do reino de Lu, onde seu pai era governador, *tafu;* e passa por ser parente da antiga familia Khung, que deu origem ao fundador da dynastia Tcheu, conhecida desde 1134. Entrando cedo na carreira publica — graças aos seus merecimentos — cedo tambem d'ella prescindiu, entregando-se então ao estudo dos velhos livros santos e á educação dos povos e dos principes. Apostolo do bem, divulgador de ideias, moralisador das turbas, viajou muito pelos reinos em que n'aquelles tempos a China se achava dividida; até que, desgostoso pela perda da esposa e de outros entes queridos, e pelas difficuldades que se oppunham ao triumpho da doutrina que ensinava, recolheu modestamente á patria, á pequena cidade de Chufou; e alli passou o resto da existencia, rodeado de discipulos fieis, dando os ultimos retoques na sua volumosa obra litteraria, moral e philosophica. Morreu com 73 annos, em 479, tendo sido contemporaneo de Thales, de Pythagoras, de Xerxes, de Leonidas; Socrates veio ao mundo nove annos depois da sua morte. Tido em melhor aprêço depois de haver cessado de existir — o Oriente e o Occidente offerecem muitos pontos de contacto — os successivos imperadores mandaram erigir, por todas as cidades, templos votados á memoria de Confucius, onde, até aos dias de hoje, o povo vem prestar culto piedoso ao grande sabio, ao santo philantropo.

Assim o Confucianismo se implantou; juntemos-lhe o Taóismo, que veio ainda depois; e teremos nomeado as tres grandes seitas religiosas — as duas primeiras nati-

vas e a ultima importada da India – da China inteira, d'essa mysteriosa Serique (a Terra da Sêda), como lhe chamavam os gregos e os romanos, d'esse Tchoung-Kuo (o Imperio do Meio), como lhe chamavam e lhe chamam os proprios chinezes, considerando orgulhosamente a sua patria no centro do mundo, tendo em volta outros Estados, como um astro luminoso, rodeado de satellites.

A feição saliente dos livros e da doutrina de Confucius resume-se em um indiscutivel bom senso prático, utilitario, despido de ideaes, e n'um intenso amor pela humanidade. Foi elle quem primeiro proferiu o conceito – "Não faças a outrem aquillo que não queres que te façam", – que mais tarde o Christianismo havia de admittir como seu proprio. Confucius foi, sobretudo, um compilador dos costumes e das crenças das épocas extinctas, um compilador da moral archaica, estudada por elle, com particular desvelo e elevada concepção, em remotos e sagrados documentos. A sua inteira moral inspira-se nos reciprocos deveres entre principes e vassallos, entre paes e filhos, entre concidadãos. No respeito pelos paes, pelos antepassados, pelo nome herdado, reside o principio da familia, o qual se estende ao machinismo dirigente da nação; o soberano é pae do povo, devendo-se-lhe por isto absoluta obediencia, mas cumpre ao soberano ser bom e justiceiro. O unico culto, a verdadeira religião nacional, é o culto pelos antepassados; Confucius pouco se occupa dos deuses, deixando sem solução o problema da immortalidade da alma. Dizia elle: – "Não se conhece o que é a vida... como, pois, quereis conhecer o que é a morte?" – Notemos agora de passagem que o Shintôismo nipponico, a que ninguem poderá chamar uma adaptação do Confucianismo, apresenta, comtudo, com elle, notaveis similhanças; deve

attribuir-se o phenomeno a mysteriosas affinidades éthicas, raciaes, existindo entre os differentes grupos da grande familia extremo-oriental, sendo uma d'ellas o profundo culto pelos mortos; em todo o caso, muitos preceitos confucianos déram entrada no Nippon, influenciando intensamente a alma da nação.

O Confucianismo divulgou-se, com os tempos, em toda a China; sendo em especial acolhido com favor, comprehendido, venerado pelas classes illustradas, dirigentes. Confucius prégа a vida patriarchal, o amor pela tradição, pelos costumes simples, pela tranquillidade, prégа o horror da guerra (como se elle fôra um membro da conferencia da paz, agora em moda), prégа a obediencia do povo ao soberano, prégа a justiça, prégа a estima do soberano pelo povo, notando-se-lhe uma independencia de opiniões e uma franqueza de exposição que maravilham, quando se pense que era assim que um homem fallava, ha vinte e quatro seculos, aos povos, aos ministros e aos reis!... Os homens actuaes, sem distincção de patria, não fallam — oh, ironia das liberdades conquistadas!... — com a mesma semceremonia...

A um rei que, entre varias questões pueris, lhe perguntava como devia um philosopho vestir-se, Confucius respondeu: — "Da mesma maneira que toda a gente do paiz onde se encontre." — E continuou: — "O verdadeiro philosopho só se occupa, desde pela manhã até á noute, do que possa procurar-lhe a acquisição de alguma virtude ou augmentar o seu saber. Estima os lettrados, mas não mendiga os seus suffragios; diante d'elles, não se humilha nem se eleva. Procedendo sempre como deve, encontra-se livre de receios; uma conducta irreprehensivel, junta a intenções puras e justas, é-lhe escudo con-

tra todos os golpes com que pretendam aggredil-o. O amor que consagra a todos os homens, sem excepção, dá-lhe o direito a não se temer de nenhum d'elles; a exactidão escrupulosa com que pratica as ceremonias, com que obedece ás leis, com que se submette aos usos, constitue a sua segurança, ainda mesmo quando se encontre em frente de tyrannos. Seja qual fôr a extensão do seu saber, trabalha sempre para augmental-o, applicando-se sem cessar, mas não até ao esgotamento.»

O rei, que o escutava commovido, assegurou-lhe que desde então dispensaria aos philosophos distincções particulares, cuidando ao mesmo tempo de respeitar os seus conselhos. Confucius retorquiu: — "Muito bem, mas um grande rei deve proceder ainda melhor: deve amar ternamente os seus vassallos, tornando-os felizes e contentes, felicitando-se por viverem durante o seu reinado.»

Quando pediam a Confucius que explicasse o seu systema, o sabio respondia: — "A minha doutrina é aquella que devem seguir todos os homens; é a doutrina de Yao e de Chun. Quanto á minha maneira de ensinar, é bem simples: cito como exemplo a conducta dos antigos, recommendo a leitura dos livros sagrados (King) e exijo que a gente se acostume a reflectir nas maximas que contéem.»

A um seu antigo discipulo, nomeado governador de uma provincia, o philosopho fallava assim: — "Sê diligente em todos os negocios; informa-te exactamente das varias circumstancias que possam contribuir a fazel-os conhecidos, descriminando o verdadeiro do que apenas parece verdadeiro, obtendo por esta fórma meios de resolvel-os com agrado. Sê justo, desinteressado, sempre igual ao que tu mesmo és. A justiça não faz excepção para ninguem, dando a cada um o que é devido ("A

Cesar o que é de Cesar„ – disse Christo). O desinteresse conduz á equidade; quando se é interessado, cessa-se de ser justo. Tudo que recebamos dos nossos inferiores, sob qualquer titulo que seja, é um roubo. A igualdade do humor n'um funccionario attrahe-lhe confiança; fal-o amado dos bons, dos maus temido, infunde respeito a toda a gente. Reune o povo, ao menos uma vez em cada uma das quatro estações de cada anno, para lhe explicares por ti mesmo os seus deveres; faze de modo que não lhe falte instrucção em tempo algum; porque, se elle ignora os seus deveres, como póde ser culpado em não cumpril-os?...„

Confucius diz algures: – "Antigamente, os homens eram muito cautelosos nos discursos proferidos; imitai-os; não falleis em demasia, porque quando se falla muito, acaba-se quasi sempre por dizer alguma cousa que deveria não ser dita.

Não vos encarregueis de muita somma de negocios; muitos negocios acarretam, em regra, muitos desgostos, ou, pelo menos, innumeros cuidados; occupai-vos apenas d'aquelles de que vos cumpre tomar conta. Não cuideis de grangear alegrias em excesso nem tranquilidade em demasia; as diligencias empregadas para tal fim seriam por si sós um tormento, um obstaculo ao repouso. Guardai-vos de jámais tomar uma decisão, que cedo ou tarde vos possa dar motivo a arrepender-vos. Sêde diligentes em dar remedio ao mal, por mais pequeno que pareça; um pequeno mal, descurado, vai crescendo, crescendo, até tornar-se muito grande. Fallando ou procedendo, nunca julgueis, por mais a sós que vos sentirdes, que não sois vistos nem ouvidos; os espiritos são testemunhas de todas as acções que praticaes. Aquelle que odeia o seu senhor legitimo, ao salteador é comparavel;

nivela-se pela vil canalha quem murmura contra aquelles que governam com justiça. Não se resiste ao soberano, senão quando elle exige muito; obedece-se-lhe sem custo, quando elle de pouco se contenta. Os homens communs, e mesmo o commum dos homens, não são os primeiros a fazer aquillo que ainda não foi feito, nem a formar projectos para uma nova empreza; fazem o que vêem fazer, precisam de modêlos; encontrando repetidas vezes homens circumspectos e respeitosos, bons e instruidos, tornam-se então como elles e por seu turno darão o exemplo a outros. O céu não tem parentes; trata todos os homens igualmente.» — A alguem que perguntava quaes os preceitos que levam ao caminho da virtude, respondeu o philosopho: — "Pratíca o bem em todo o tempo, em toda a parte, em todas as circumstancias; serás assim virtuoso. Pratíca o bem só pelo bem, sem motivos de interesse pessoal; justiça será feita, segundo os teus merecimentos; gozarás, sem regateio, da reputação de bom e virtuoso, porque tal reputação faz-se por si, em favor de quem se conduz pelos sãos principios, sem mostras de ambicional-a. Sê severo para comtigo, quando de teus defeitos se tratar; indulgente, quando se trate dos alheios. Não digas mal de ninguem, não faças caso do mal que disserem de ti; sobretudo, não desejes a opinião dos homens, nem tão pouco a desprezes, recebendo com identica indifferença louvores e vituperios. Se assim não contentas toda a gente, estás ao menos a coberto de seus odios. Não posso dar-te n'este momento outros conselhos.»

Um discipulo de Confucius proferiu, com a approvação do mestre, as seguintes palavras memoraveis: — "As plantas *hium* e *yeu* (a mais odorifera e a mais fetida de todas as plantas) não pódem crescer no mesmo campo; Yao e Kié não poderiam governar conjunctamente. Co-

mecemos, pois, por afastar para longe de nós os lisonjeiros e os viciosos, substituindo-os por homens sinceros e amigos da virtude; encarreguemos esses homens de instruir o povo nos cinco deveres primordiaes — philantropia, justiça, amor da ordem, fidelidade e boa fé, — ensinando-o a pratical os. Depois d'isto, não tendo inimigos que temer, não precisamos de tropa em pé de guerra, nem de defender as nossas cidades com muralhas e com fossos. Dos fossos, faremos campos de cultura; as pedras das muralhas serão empregadas na construcção das casas; do ferro das armas, faremos fouces e arados. Eis o que me parece mais propicio para o bem do povo.» O philosopho Mencius foi discipulo de um bisneto de Confucius; certo rei fallou um dia a Mencius a respeito de Tching-tong, que desthronou Kié e o expulsou, e de Wu-wan, que assassinou o rei Chéu; e perguntou-lhe se é permittido aos subditos desthronar e assassinar os reis; Mencius respondeu: — "Aquelle que faz um roubo á humanidade é um ladrão, aquelle que faz um roubo á justiça é um tyranno; ora, um ladrão e um tyranno são dois homens simplesmente, e como taes devem ser tidos, sem olhar a situações. Eu sempre ouvi dizer que um homem chamado Chéu fôra morto, e não que Wu-wan houvera assassinado o seu soberano ...»

Não nos alarguemos mais em citações; bastam estas para dar uma ideia de Confucius e da doutrina que ensinou, a qual, como foi dito, se funda principalmente na invocação dos velhos tempos, das velhas crenças, dos velhos usos, das velhas instituições. Confucius resuscitou o passado, isto é, fez retrogradar os tempos, fez recuar o presente.

Inspirando se no respeito pelos mortos, pelas tradições, aspirando ao regimen patriarchal dos povos, á vida

simples, condemnando a guerra, extinguiu as ambições na alma da nação, ergueu contra o progresso uma barreira immensa.

A China, abraçando o Confucianismo, passou a existir no espaço, distinguindo-se apenas pela extensão do seu territorio, occupado por uma mesma tribu humana; e deixou de existir nos tempos, não offerecendo differenças sensiveis, não accusando phenomenos de evolução, de seculo para seculo. Crystallisou. A nossa civilisação occidental tem azas, vôa; a civilisação chineza foi a ostra, o mollusco inamovivel, cujas valvas se concretisam com a rocha onde pousaram.

E' isto que os philosophos occidentaes verberam com vehemencia, sem se lembrarem de que, se Confucius prégou a paz, tambem elles em apparencia a véem prégando; e sem lhe agradecerem os effeitos, resumidos na apathia de iniciativas de uma nação enorme, circumstancia que foi permittindo aos louros porfiarem em incursões no sólo alheio, arrancando-lhe pedaços, mercadejando em drogas, enchendo as bolsas de dinheiro. Mas, a final, convém saber se Confucius errou, se prégou doutrinas falsas? Certamente. Um escriptor contemporaneo resume assim a sua critica: — "Em sciencia, foi o amor da simplicidade que perdeu a China; em moral, a ingenuidade." — A moral de Confucius, toda ella bonhomia e singeleza, incompativel com a guerra, com a lucta, poderia talvez ter feito a felicidade de toda a China em peso; mas, para tanto, seria forçoso admittir o absurdo ou o impossivel, isto é, ou que a China fosse o mundo inteiro, ou que ella podésse manter-se eternamente isolada dos outros povos. Confucius não considerou os outros paizes, julgou-os insignificantes, acreditou no eterno isolamento da sua enorme patria.

E não teve o presentimento, vago embora (mas quem ha 24 seculos o tivera?...) das estupendas energias de certas forças naturaes — o vapor, a electricidade, a resistencia do metal... — e da capacidade inventiva e irrequieta dos cerebros do Occidente. Dormia a China; ou pelo menos, deliciava-se na contemplação da natureza; nas artes e nas lettras; emquanto que as outras nações progrediam em sciencia, armavam-se e mais tarde viriam affrontal-a...

No entretanto, resta ao Confucianismo uma defeza, uma unica defeza: — o Confucianismo unificou a China; de muitos pequenos reinos, forjou um immenso imperio, animado de uma mesma feição sentimental, conservando-o assim até agora, durante seculos sem conta, como o alcool conserva um objecto de museu. E é effectivamente como uma força de cohesão, conservativa, que esta religião, se religião é, deve entender-se; desintegrante, destruidor, é por exemplo o Brahmanismo da India, o qual, pelas suas castas, divide os homens, arrastando-os antecipadamente á dissolução, preparando assim o terreno para a conquista, para o jugo inglez. Sem a cohesão confuciana, os factos teriam sido outros: — a China seria dividida, sub-dividida em multiplices Estados e naturalmente enfraquecida, abatido o prestigio da massa enorme da sua população; e, vulneraveis em toda a fronteira, taes Estados teriam hoje a sorte que tiveram o Annam, o Cambodge... — E'-se tentado a exclamar que uma intenção providencial inventou o Confucianismo, preservando por este modo a China até agora, com todas as suas forças latentes, para que manifeste a sua acção n'um dado momento historico, opportuno, o qual parece não vir longe.

— A China acorda — dizem muitos; e é verdade. Para

de todo despertar e civilisar-se á nossa moda, basta-lhe um programma de conducta: destruir de alto a baixo, até aos alicerces, o edificio moral que Confucius levantára. As torres superiores já vão em derrocada!...

Disse de Confucius e da sua doutrina o que desejava dizer n'este logar, não me espraiando em commentarios, para não abusar da paciencia do leitor. Resta-me fallar, como prometti, dos actuaes descendentes do philosopho.

Um viajante inglez, mr. W. J. Garnett, percorreu recentemente, em missão do seu governo, as provincias chinezas de Shantung e de Kiangsu, offerecendo-se-lhe então o invejavel ensejo de visitar o duque Khung, directo descendente de Confucius, em 76.ª geração.

A entrevista realisou-se na cidade de Chufou, de pequena ou nulla importancia commercial, mas muito venerada entre chinezes, por conter um vasto templo dedicado á memoria do philosopho, precisamente erigido no local onde existiu a casa em que habitou e onde por longos annos fallou aos seus discipulos. O duque Khung, que é uma robusta pessoa com trinta e cinco annos de idade, vive alli, cerca do templo, n'um amplo *yamên,* rodeado de numeroso pessoal; os seus rendimentos consistem n'uma especie de tributo que muitas cidades e aldeias em redor lhe vão pagando. O duque Khung recebeu com muita urbanidade—a urbanidade chineza—o viajante, manifestando-lhe as suas sympathias pelos occidentaes e o seu agrado em receber visitas de estrangeiros. Em seguida offereceu-lhe um banquete em estylo do paiz, servindo-se—oh, maravilhas do progresso!... cerveja, cognac, champagne e outros espiritos. Mr. Garnett foi levado depois ao templo de Confucius, magnifica construcção cheia de reliquias do passado e de preciosas dadivas de successivos soberanos.

Após, visitou o tumulo do mestre, rodeado de um tufo de cyprestes, symbolo da immortalidade. Por ultimo, relanceou uma eschola fundada pelo duque, onde oitenta discipulos concorrem, os quaes irão discorrendo não sei sobre que assumptos, á vista de cartas da guerra, japonezas, suspensas das paredes.

E agora uma nota derradeira: Ha dias, um jornal do Japão dava a seguinte noticia aos seus leitores:

"Entre os sete estudantes chinezes, chegados a Tokio ultimamente, conta-se um descendente, do sexo feminino, de Confucius.»

Não vos parece, leitor, extremamente emocionante o caso d'estas noticias actuaes, referidas aos parentes de um homem que viveu ha vinte e quatro seculos, e que já ia contando antepassados remontando a uns mil annos atrazados?... No Extremo-Oriente, em verdade, não desperta isto muito espanto. Aqui, pelo amor da tradição, pelo respeito dos avós, pela religião do lar, a memoria perpetúa a linhagem das familias. Pelo contrario, no Occidente, os tempos tudo apagam; a vida de hoje afoga-se amanhã no esquecimento. Imaginem como seria recebida uma noticia n'estes termos, lida nas folhas europeias: — "Uma prima de Socrates acaba de chegar a Torres Vedras, onde vem aprender a lêr pelo methodo de João de Deus...?» — Desatava toda a gente ás gargalhadas!.., Ai, pobres mortos, os nossos pobres mortos, os mortos do Occidente!...

XIII

29 de novembro de 1907

Motim sangrento em Vladivostok — O sentimento anti-nipponico nos Estados-Unidos; algumas considerações a tal respeito — Quem é o conde Okuma; assumpto interessante que se prende com essa personagem — O que ha cinco seculos e meio um escriptor da época dizia sobre a mulher e seus feitiços — O estreito de Shimonoski; batalha sangrenta ahi travada; uma historia commovente a proposito.

EMQUANTO que, pela Europa, a ancia philantropica se propõe, com alta benemerencia, acudir á triste sorte dos pretinhos do Congo, clamando contra as pretensões despoticas da Belgica; emquanto que, ao mesmo tempo, a metralhada exercida nas costas de Marrocos vai provando á saciedade que a efficacia dos canhões de tiro rapido é bem superior á da sublime coragem das tribus marroquinas, na defeza tenaz do sólo patrio; cá, pelo Extremo-Oriente, poucos factos, dignos de menção, vão occorrendo.

Nos fins do mez passado, deu-se em Vladivostok um sangrento motim, provocado, parece, por algumas raparigas das escholas, filiadas nos partidos avançados, as quaes se dirigiram a bordo de uns navios de guerra que no porto se encontravam, exhortando á revolta os ma-

rinheiros. Seguiu-se o bombardeamento da cidade. Houve mortes, prisões, e pouco após tudo acalmou. O caso, porém, não merece grande espanto: a revolta, sangrenta mas sem consequencias decisivas, entrou nos habitos russos, como uma expressão de allivio, de desabafo, na estranha psychologia d'esse povo; algumas victimas, algumas execuções periodicas, mais nada, e sem que avance o partido liberal nem soffra em seu prestigio o chamado partido burocrata.

Nos Estados-Unidos, continúa accentuando-se o sentimento anti-nipponico. No Canadá, tambem; sendo interessante mencionar que se acha agora no Japão o ministro do trabalho d'aquella importantissima colonia, vindo conferenciar com o ministerio japonez sobre os meios que resolvam, tão satisfactoriamente quanto possivel, a grande questão da emigração.

O que é fora de duvida é que um sentimento de reacção contra o Japão se vai alastrando pela Europa e pela America. Consulte-se a voz da imprensa. O Occidente poz-se do lado do Nippon durante o tremendo conflicto, em virtude de um phenomeno trivial na emotividade humana: — a sympathia pelo fraco. — Julgava o Japão fraco. Enganava-se. Perante os triumphos, o sentimento mundial quedou-se em pasmo, hypnotisado. Mas agora, quando o imperio glorioso pensa em aproveitar do seu prestigio, em desenvolver-se, em progredir, acode naturalmente o arroto de despeito, azedado pelos receios de concorrencia, de competencia . . . o branco não contava com mais este parceiro no jogo da grande lucta pela vida. No entretanto, a humanidade inteira é uma creança; a volubilidade encanta-nos: hoje, mal impressionados com os nipponicos, que querem partilhar do prato de arroz-dôce que nos estava reservado; ámanhã,

novos incidentes nos chamarão para outro lado, reclamando as nossas attenções contra outros lambareiros...

– Para se dar inteiro aprêço ás linhas que vão seguir-se, referentes a um assumpto interessante, que vem impressionando um tanto os estrangeiros residentes no Japão – em particular os inglezes – convém saber, em primeiro logar, quem é o conde Okuma.

O conde Okuma é, actualmente, um velhinho de 69 annos, de physionomia um tanto simiesca, mas cheio de viveza, extremamente activo, exuberante de vigor intellectual, orador de primeira ordem. Os seus compatriotas comparam-no ao marquez Ito (hoje principe), pelas suas altas aptidões de homem de Estado – o que é o maior elogio que lhe pódem fazer. – Okuma tem sido ministro varias vezes; em 1888, quando titular da pasta dos negocios estrangeiros, a politica que seguia não ia agradando a muita gente; um exaltado, aproveitando o ensejo do conde atravessar a cidade na sua carruagem, arremessou-lhe uma bomba que o feriu gravemente n'uma perna, tendo de ser amputada. Professando largas vistas e ideias muito independentes, Okuma prefere, parece, achar-se longe do poder, desenvolvendo sem peias a sua actividade. Uma das suas maiores obras foi a creação da Universidade particular de Waseda; dirigindo a educação dos jovens, creando se uma grande popularidade entre elles, discursando em reuniões, escrevendo em revistas é como o seu talento mais se apraz.

O conde é presidente de certa sociedade de Tokyo, destinada a desenvolver ás relações commerciaes das tribus nativas da India com o Japão. Diga-se de passagem que, depois da guerra, os indios téem mostrado muita sympathia pelos seus gloriosos irmãos asiaticos.

Muitos indios se encontram actualmente no Japão, em propositos mercantis, educativos e outros. Pois, ha poucas semanas, achando se em Kobe o conde Okuma, proferiu um discurso na sala da Camara do Commercio, do qual um jornal inglez da localidade extrahiu o seguinte trecho interessante:

"Os trezentos milhões de indios, que estão sendo opprimidos pelos europeus, aguardam a protecção do Japão contra a oppressão da Europa. Estes indios acham-se fomentando uma agitação para o *boycott* dos artigos europeus; se os japonezes falhàm em aproveitar-se de tal opportunidade, deixarão desapontado o povo indiano; se se recusam a receber o que do céu lhes vem, serão em conformidade punidos».

Imagine-se o espanto dos estrangeiros, principalmente dos inglezes—os alliados!... - Discutiu-se um tanto o caso pela imprensa, parecendo dever concluir-se que estas phrases, destacadas do resto do discurso, pódem apparentar hostis intentos, de que em verdade estão isentas; o conde referia-se puramente a cousas commerciaes, sem allusão politica nenhuma. Ainda assim, concorda-se em que, dando largas á sua costumada fluencia —de quem não traz de casa estudado o que dirá— excedeu-se um tanto mais do que devia e do que queria. Assim será. Para mim, as phrases a que alludo, consideradas como um irreflectido desabafo, téem em todo o caso a importancia de haverem sido proferidas por um homem cuja opinião é de grande peso no Japão, por um homem que conta por muitos milhares os partidarios do seu crédo: e, mais do que tudo, são um signo da época, um meteóro—embora passageiro—d'essa aspiração que paira sobre o mundo, indecisa hoje, para mais tarde pesar irresistivelmente nos destinos:—a liberdade

da India, a liberdade dos amarellos, a liberdade das raças opprimidas!...

—Não deixará de ser interessante ficar a gente sabendo como, ha cerca de cinco seculos e meio, se expressava no Japão um dos seus mais notaveis escriptores d'aquella época, Kenkô Boshi, com referencia á mulher e aos seus feitiços. Kenkô Boshi foi bonzo buddhista durante a ultima quadra da existencia; mas os longos annos que passou anteriormente junto da côrte do Mikado dão-lhe auctoridade para fallar em todos os assumptos.

Diz elle cousa parecida com o seguinte:—«O que mais impressiona o olhar do homem, quando contempla uma mulher, é a belleza dos cabellos. A distincção, e o caracter de uma mulher revelam-se-nos pelo seu modo de exprimir-se, embora um biombo a occulte ás nossas vistas. Ha occasiões em que a sua attitude, quando sentada, nos encanta; minados então por mil anhelos, supportamos o que é insupportavel, com risco até da propria vida. Só o amor é capaz de tanto, na verdade. Profundas são as raizes da paixão e remotas as origens. É possivel fugir a todos os feitiços d'este mundo de enganos; mas é muito difficil arrancar do coração a paixão por uma mulher. Velhos e novos, sensatos e dementes, todos são seus escravos. É por isto que se disse que, com uma corda feita de cabellos de mulher, podemos amarrar o enorme elephante e subjugal-o. Com um apito, feito da madeira de um tamanco de mulher, o veado, no outomno, virá sem duvida ao nosso chamamento. É similhante seducção que precisamos em nós mesmos castigar, ella que devemos temer e contra ella que devemos prevenir-nos.»

Assim fallava o bom do bonzo japonez, ahi pelo anno de 1330, pouco mais ou menos. Resta saber se os nossos psychologos modernos dão ou não dão razão aos seus conceitos...

— O estreito de Shimonoseki, dando entrada para os navios que véem de oéste, ao delicioso mar interior do Dai-Nippon, é bem conhecido de navegadores e de *touristes;* sendo até bem provavel que estas linhas vão recordar, a alguns dos seus leitores, horas gratas de quando, a bordo de uma canhoneira ou de um paquete, deram vista dos primeiros aspectos, verdejantes, pittorescos, do prestigioso imperio.

Pois foi no estreito de Shimonoseki, junto á costa, no sitio chamado Danno-Ura, que ha mais de sete seculos se travou uma das batalhas mais sangrentas de que reza a historia do Japão, entre os partidarios de Taira e partidarios de Minamoto, as duas grandes familias politicas, rivaes.

Os Taira foram chacinados, perecendo então afogado um imperador menino, Antoku Tennô, de companhia com damas da côrte, aias e altos dignitarios. O mar enguliu todos esses guerreiros e todos esses nobres. Não desappareceram porém, os seus espiritos, os quaes, conforme a tradição, assumiram a fórma de caranguejos, uns caranguejos especiaes que só alli se encontram, e em cuja casca, cheia de tuberosidades pelo lado inferior, se pódem distinctamente conhecer feições humanas, convulsionadas pela raiva, pela dôr, pela agonia. Houve tempos em que os espiritos dos vencidos amotinaram muito aquelle sitio, pelos seus disturbios e lamentos. Um templo, Amidaji, que alli, cerca do mar, em sua memoria foi erguido, e um cemiterio proximo, com tu-

mulos onde foram inscriptos os nomes dos mortos mais famosos, de certo modo acalmaram tal motim; mas ainda hoje, pelas noutes escuras, milhões de luzinhas fulguram sobre a vaga, á babugem da praia, as quaes não são outra cousa senão os olhos faiscantes das victimas innumeras; emquanto que o marulho da resaca nos traz os éccos dos seus gritos, das suas maldições, dos seus gemidos...

Muitos são os lances, muitos são os dramas, que a lenda recorda a proposito da batalha e que a poesia popular canta em soluços. Lafcadio Hearn narra, a tal respeito, uma historia commovente, que eu, por meu turno, vou narrar, resumindo-a, aos leitores das minhas cartas.

A historia tem o estranho titulo de - *Hôichi-sem-orelhas.*

Ha algumas centenas de annos, viveu em Shimonoseki um cego, chamado Hôichi, tocador de profissão do *biwa* — o alaúde indigena — e afamado pela mestria com que cantava a derrota dos Taira, acompanhando-se do *biwa,* arrancando lagrimas de commoção a toda a gente que o escutasse. Cahido quasi na miseria, o bonzo abbade do templo de Amidaji, grande amador de musica, deu-lhe agazalho e sustento no convento; e em troca, Hôichi, quando em folga das suas excursões profissionaes, deliciava o abbade com ternas harmonias.

Ora, em certa noute de estio, abrazadora, o abbade e o seu acolyto achavam-se distantes, tendo ido assistir a um funeral; e Hôichi, aguardando-os, pozéra-se a tomar o fresco junto de uma varanda do convento, dedilhando no instrumento para se distrahir. A varanda dava para um jardim. Era então mais de meia noute. Sentiu Hôichi passos estranhos, apressados, no jardim; e alguem se lhe aproximou, chamando-o rudemente pelo seu nome

e dizendo-lhe a que vinha: — um nobre senhor chegára a Shimonoseki, onde ficaria por alguns dias, no intuito de visitar aquelle sitio, que fôra theatro do drama de Dan-no-Ura; ouvira fallar de Hôichi e dos seus meritos musicaes; e elle, o visitante, vinha alli com ordem expressa de leval-o ao palacio de seu amo, que estava ancioso por escutal-o. — O cego percebeu, pelo desembaraço da linguagem, que era um *samurai* que tinha em frente e que de algum alto personagem se tratava; não cuidou, pois, em resistir-lhe — não se resiste a um *samurai* — embora a hora fôsse impropria para excursões e para descantes; a esperança n'uma boa gorgeta deu-lhe animo; emfim, sobraçou o alaúde e deixou-se guiar pela mão de ferro que pelo pulso o segurava. Partiram.

Lá foram os dois pelas ruas fóra, ora voltando para a esquerda, ora voltando para a direita. Pararam em certo sitio e penetraram n'um recinto. Hôichi ouviu então fru-frus de sêdas, o ranger de corrediças deslisando, conversas e risadinhas de criadas, tendo a noção de que se achava no palacio do alto personagem referido. Uma criada disse-lhe que se sentasse e que tocasse a «Derrota de Dan-no-Ura», porque seu amo e senhor queria escutal-o. O cego começou. Ia narrando as duas scenas do combate, os lances imprevistos; e o auditorio, que parecia numeroso, murmurava: — «Muito bem! muito bem! . . . »

N'esta altura, perdida toda a esperança, para os Taira, sobre o resultado da peleja, o drama transforma-se em tragedia. Nü-dono, a avó do imperador, que então contava oito annos de idade, toma-o nos braços, pousando resolutamente o pé na borda do barco onde se encontra, resistindo ás supplicas da imperatriz e mãe, que lhe adivinhára as intenções. O imperador pergunta para onde

é que a avó resolveu conduzil-o. Ella acalma-o, acarinha-o, chovendo-lhe lagrimas dos olhos. Recommenda-lhe que se volte para léste e saúde o altar do grande deus de Isé; depois que se volte para oéste e invoque o nome do Buddha piedoso: e conclue, dizendo-lhe que, fugindo d'este mundo de dôres e de miseria, leva-o comsigo para uma bella cidade de tranquillidade completa, erigida sob as vagas. Lançou-se no abysmo com a creança... E Hôichi, enthusiasmado com os applausos, pozéra-se á vontade, exaltára-se, cantando com todo o sentimento esta passagem dolorosa; emquanto que ás cordas do alaúde, feridas pela mão tremente, sóltavam soluços desesperados. Quando acabou de cantar, ouviu que todo o auditorio soluçava tambem, como o alaúde, e como se em pranto se afogasse...

Quasi rompia a aurora. Uma serva acercou-se do cego e disse-lhe que podia retirar-se, indo um *samurai* conduzil-o até ao templo. E acrescentou que tão maravilhado ficára de ouvil-o o seu amo e senhor, que lhe ordenava que viesse durante seis noutes successivas, para o que o mesmo *samurai* iria procural-o. A recompensa, fez-lhe entender, seria larga; mas exigia-se-lhe segredo absoluto sobre todas as peripécias do incidente, visto que o nobre personagem viajava então incognito.

Assim foi. Resumindo: por tres noutes a seguir, foi o cego procurado pelo mesmo *samurai* e levado ao palacio mysterioso, onde entreteve a sociedade, cantando a triste sorte dos vencidos. Na primeira noute o abbade de Amidaji não deu pela ausencia do seu hospede. Na segunda noute, foi a ausencia casualmente conhecida; e como, de regresso, lhe perguntasse o abbade onde ficara, as respostas evasivas de Hôichi levantaram suspeitas sobre o caso. Na terceira noute, chuvosa e carrancuda,

alguns criados, de emboscada, deram fé da partida de Hôichi, cuidando de seguil-o pelas ruas; mas era tal a escuridão, embora se munissem de lanternas, que não podéram alcançál-o.

Correram então de porta em porta, nas casas onde vulgarmente o cego tinha accesso, e por elle perguntaram; mas ninguem o tinha visto. Esfalfados, alagados, regressavam; tomando por um atalho junto á praia, foram então surprehendidos pelos sons do *biwa* e a voz do proprio Hôichi. Sons e voz vinham do cemiterio. Alli entraram, deparando-se-lhes um espectaculo estupendo: — Hôichi, sentado cerca do tumulo do imperador Antoku, sem dar pela chuva que o ensopava, fremente de emoção, ia dedilhando no alaúde e dando largas á sua voz potente, cantando a batalha de Dan-no-Ura; de cada tumulo, duas luzinhas, dois olhos scintillavam . . . — Será ainda preciso dizer n'este momento que o cego se encontrava em companhia dos espiritos dos vencidos da batalha e subjugado aos seus feitiços? . . .

Arrancado, á força, d'aquelle lugubre recinto e trazido para o convento, alli, junto do abbade e após alguma hesitação, tudo confessou, em bons detalhes. O caso era mui grave; mais uma noute d'aquellas bruxarias, e Hôichi estaria perdido sem remedio, na opinião do bonzo. Disse-lhe este que, por inadiavel dever do seu officio, teria de abandonal-o aquella noute, cumprindo-lhe assistir, com o acolyto, a um officio de defuntos; mas que de nada se temesse, se estava disposto a seguir á risca os seus conselhos. O cego acenou que sim. O *samurai* viria, continuou o bonzo, como de costume procural-o; mas que se conservasse mudo e quedo, não respondendo ao chamamento. Elle e o acolyto iam já escrever-lhe em todo o corpo, desde a cabeça até aos pés, certas phrases

buddhistas de piedosos exorcismos, que o tornariam invisivel ao dito *samurai,* e n'isso estava a salvação.

Assim procederam com effeito; um tanto á pressa, ajuntarei; e tanto assim foi, que, cobrindo-lhe o corpo de traços cabalisticos, esqueceram-se das orelhas; e lá partiram, bonzo e acolyto. Veio a hora fatidica. Appareceu o *samurai,* gritou por Hôichi; como não tivesse resposta ao chamamento, procurou, excogitou, exclamando emfim: — «Caso estranho! do tocador do *biwa,* só encontro o *biwa* e as suas orelhas . . . levo as orelhas a meu amo, provando assim que tentei cumprir as suas ordens.» — Dito e feito: segurou entre os dedos cadavericos as orelhas do consternado Hôichi e arrancou-lh'as de um puxão . . .

Foi profunda a magua dos culpados — bonzo e acolyto. As feridas cicatrizaram com o tempo e graças aos cuidados dos doutores. Conhecida a triste historia, choveram presentes sobre o cego, tornando-o rico em curto espaço; mas, claramente, nunca novas orelhas lhe nasceram; ficou sendo chamado *Mimi-nashi-Hôichi,* Hôichi-sem-orelhas . . .

XIV

30 de dezembro de 1907

Resumo dos ultimos factos — O amor pela symetria e o amor pela assymetria; comparações — O 96.º imperador do Japão; a morte de uma sua filha no exilio; monumento em memoria d'esse successo triste; a historia de um castanheiro que lhe fica ao lado — A insignificancia individual do povo japonez — Transportes da mulher do Japão — Um gracioso exemplo do culto da limpeza no lar japonez — Ligeiras notas sobre duas divindades — Um livro portuguez sobre o Japão.

DESEJANDO dar um resumo dos ultimos factos, alludo apenas á quadra em que me encontro, pela qual, em lares inglezes ou inglezados, vai fructificando a arvore do Natal, pendendo a ramaria ao peso das almofadas para alfinetes, das bolas de vidro prateado, das bocetas com confeitos e de outras bugigangas; a mais, um cheiro a cêbo, intoleravel, emanando do classico *plum-pudding*... Refugio-me no meu albergue, entrincheiro-me; e, se alguem vier aqui convidar-me para alguma festa . . . dou-lhe um tiro! . . .

Da Coréa, chega-nos o principe imperial, um menino, que vem completar em Tokyo a sua educação. O caso é significativo, vindo em abono da crescente influencia japoneza na peninsula coreana.

Registremos a sahida, das costas do Atlantico, da es-

quadra americana, dispondo-se a vir evolucionar na costa opposta, nas aguas do Pacifico. Qualquer governo tem o direito, é claro, de fazer manobrar os seus navios como melhor lhe agrade. Mas, no momento presente, depois das tristes occorrencias em S. Francisco, contra os emigrantes japonezes, e depois do largo discorrer da imprensa americana sobre o assumpto, o facto apresenta-se de certo modo provocante, aggressivo, e deixará, fiquemos certos, profunda impressão no animo nipponico.

E a crise monetaria universal, e a enorme desvalorisação da prata?... O commercio japonez resente-se sériamente d'esta critica situação que atravessamos todos nós; sobretudo, o seu trafico com a India e com a China acha-se em condições muito precarias, aguardando melhores dias. Emfim, um fim de anno chocho, restando-nos a esperança — para nos restar alguma cousa — de que o anno de 1908 nos será mais favoravel.

— Uma das curiosas caracteristicas do gôsto artistico, esthetico, dos occidentaes, e mui especialmente das grandes maiorias pouco cultas, é o amor pela symetria.

Pareceu-me interessante, á falta de melhor, apresentar aqui algumas ligeiras considerações sobre este assumpto, comparando o phenomeno com outro, inteiramente opposto — o amor pela asymetria, — em evidencia no gôsto esthetico dos nipponicos.

Relanceando, nas casas burguezas — em Portugal como em outras terras, — a mesa da sala, a *étagère,* um sitio qualquer emfim onde a dona da casa concentrou as suas preferencias e os seus requintes de bom gôsto, e onde as suas mãos habilidosas mais mimos dispensaram, salta aos olhos, em regra, o amor pela symetria.

Uma jarrinha de porcellana pede logo outra jarrinha de porcellana igual e em posição symetrica.

Um retrato pede logo outro retrato, concedendo-se por favor que sejam differentes as pessoas retratadas; mas, em todo o caso, deverão ser iguaes em dimensões, iguaes pelas molduras e symetricamente collocados.

Notaremos assim, em tudo, uma decidida estima pelos pares, pelos casaes; fazendo-se talvez excepção para um unico objecto, para um unico ornamento, que irá marcar o centro, o ponto de referencia, agrupando-se em torno d'elle, dois a dois, em symetria, os outros objectos.

O trivial scenario domestico do canapé, com a meia duzia de cadeiras em redor, é illustrativo.

Vem a proposito notar um facto interessante: Nos lares hollandezes, encontram-se ainda frequentemente ricas porcellanas do Japão, do tempo em que a Hollanda era o unico paiz da nossa Europa que mantinha relações com este imperio; no tocante aos preciosos serviços para chá, com cinco chavenas, como é de estylo entre nipponicos, abundam nas casas dos pobres mas escasseiam nas dos ricos, que desprezavam taes serviços justamente por causa do numero arrevezado de *cinco,* que não se presta á symetria.

Mas com os hollandezes dá-se mais: sendo elles muito apaixonados pela musica, o que requer um piano em cada sala, é de uso frequente collocar-se symetricamente outro piano, mas só piano pela fórma, caixa sem teclas, vasia, que serve então de caixa de despejos, onde as donas da casa guardam qualquer cousa — roupa suja, peugas rotas, etc.

Os nossos jardins são em geral peças symetricas, pela disposição dos canteiros de verdura, pelos renques das arvores, até pelas fórmas dadas a taes arvores, graças á

tesoura do experiente jardineiro. Symetricos são tambem os edificios. Em poucas palavras: symetricas são todas as manifestações da arte ornamental e da architectura do Occidente, symetrico é tudo em que entre em jogo o nosso gôsto esthetico.

E' licito investigar agora de onde provém esta tendencia. Devemos attribuil-a principalmente a duas causas: a importancia que nos merece a geometria e a nossa preferencia pela observação das unidades, sem attentar nas generalidades; acima d'estas duas causas, reside por certo a causa primordial — a nossa frieza pela arte, a nossa incompetencia como artistas. A geometria disciplina a nossa concepção aos seus principios, fazendo-nos conceber uma arte convencional feita de linhas rectas, de angulos, de polygonos... Ainda por cima regulares. Quanto á nossa preferencia pelas unidades, aprendemos a noção de symetria no crystal, na folha, na flôr, na ave, no homem. Mas uma rocha não é symetrica, nem uma arvore, nem uma florescencia, nem um bando de aves, nem um grupo de homens. Pouco importa; a observação do occidental é simplesmente minuciosa e restricta, estuda os objectos á lupa, não podendo alcançar as generalidades do scenario; por este facto, se acha escravisada á symetria, o que accusa porventura altas qualidades meritorias — amor da ordem, raciocinio methodico, disciplina moral, etc., — mas se encontra em opposição com o sentimento artistico.

A arte, a pura arte, deve inspirar-se toda na natureza mãe. A arte é talvez — se se póde definir — a manifestação da emotividade individual pelos encantos da creação, capaz de ser apreciada por outros homens, capaz de ir actuar nas suas emotividades. Ora, a creação, que é a unica educadora do gôsto esthetico japonez, desconhece

por completo a symetria, resultando já d'este facto as profundas differenças que distinguem a arte nipponica da arte occidental, o gôsto decorativo nipponico do gôsto decorativo occidental.

Relancêmos a paizagem: notaremos desde logo que as linhas rectas, os angulos, as fórmas geometricas em geral raramente se produzem na natureza, a qual prefere, como limite de contornos, a doçura das curvas; veremos mais que não ha uma colina igual a outra, ou fazendo com outra symetria; que cada arvore affecta uma fórma particular; que ao lado da flôr azul desabrocha a flôr vermelha; ouviremos que ao grito do corvo, que atravessa o horisonte, succede-se o coaxar da rã, escondida na lagôa, sempre e por toda a parte a asymetria, a variedade, a surpreza; a ordem na natureza é a desordem, isto é, a successão casual das cousas, a independencia absoluta das imagens.

Comprehenderemos talvez melhor agora muitas das manifestações estheticas do nipponico. A sua casa offerece tudo quanto ha de menos submisso á symetria, deparando-se-nos a entrada a um canto, a luz entrando ora por frestas, ora por aberturas circulares, ora por varandas caprichosas; casa que lembra no conjuncto — principalmente o lar campestre — um ninho enorme de andorinhas. No jardim japonez figuram pedregulhos trazidos das montanhas, serpeiam riachos, verdejam tufos de arbustos, no intuito de nos darem a illusão de um trecho de paizagem, em miniatura. No interior do lar, quasi nú de mobilias e de adornos, figura aqui um desenho suspenso da parede, alli uma só jarra servindo de recipiente de algumas flôres frescas, além um objecto de arte, reclamando, por ser unico, todas as attenções dos visitantes; tudo sem intenção de symetria, disposto

ao acaso, em dispersão. A arte de compôr ramos de flôres, muitas vezes substituidos por simples ramos de verdura, consiste no agrupamento de hastes floridas ou viçosas, taes como nos campos á vista se deparam. E quando, descendo nas minucias, fôrmos estudar as fórmas dos utensilios comesinhos, na ceramica por exemplo, onde a phantasia symetrica do Occidente tanto multiplica os seus adornos, notaremos, enternecidos, que taes fórmas — no bule japonez, nas chavenas, nas taças, nas jarras, nas floreiras, etc. — derivam das fórmas simples de troncos de bambú, dos fructos, das aboboras, das cabaças. Os pratinhos — recordemos que nos tempos barbaros era a refeição nipponica servida sobre folhas, costume ainda hoje não inteiramente fóra de uso — os pratinhos affectam, por vezes, a fórma e a côr de uma folha de arvore.

— O 96.º imperador do Japão, Gó-Daigô-Tennô, tentando subtrahir-se á despotica regencia da familia dos Hôjô, de Kamakura, deu causa a uma guerra civil de terriveis consequencias; sendo, finalmente, deposto e exilado para Oki-shima, isto pelo anno de 1332 da nossa era.

Uma filha do imperador, a joven princeza Kinako-Nai-Shinnô, decidiu-se heroicamente a acompanhal-o no desterro.

Partiram; mas, habituada ao conforto do palacio e melindrosa de mais para a existencia de privações que se lhe offerecia, falleceu pouco após, na aldeia de Gósen-goku-muraa, proximo de Yonago, na provincia de Tottori.

N'aquelle sitio eleva-se agora um monumento de granito, em memoria de tão lamentavel incidente. Cerca, um vetusto castanheiro ostenta no espaço a sua densa ramaria.

A historia d'esta arvore é como segue:

Certo dia, já gravemente enferma, minada de febre e enfraquecida de fastio, a princeza appeteceu castanhas. Correram logo os serviçaes e algumas lhe trouxeram. A princeza escolheu uma, levou-a aos labios, mordicou-a levemente e atirou-a fóra desgostosa.

Aquella castanha creou raizes, medrou no sólo, desenvolveu-se, fructificou; mas os seus fructos, em lembrança respeitosa da nobre viajeira, apparecem até hoje marcados das suas dentadinhas.

A arvore é chamada *Hagata guri-no-ki,* a arvore das castanhas com as marcas dos dentinhos...

—Como aqui tem sido dito, uma das notaveis caracteristicas do povo japonez é a insignificancia individual. O individuo é nada; a familia, ou antes a nação é tudo. Abundam os exemplos d'este facto. Um dos mais interessantes a citar é a ausencia de uma commemoração qualquer com respeito á data da nascença; a creança nipponica desconhece aquillo que tanto encanta a nossa—a festa do seu anniversario natalicio. Da data do nascimento—faça-se uma excepção para a do imperador—ninguem cuida; nem os parentes mais proximos a relembram. Assim acontece, nas sociedades do Occidente, com os nossos gatos, com os nossos cães, com as nossas arvores; tal laranjeira terá dez annos, mas pergunte-se ao lavrador quando é que ella nasceu... Ha, porém, em cada anno duas festas—a dos rapazes e a das raparigas; e então, em cada familia, em todas as familias, se festeja, collectivamente, a existencia de seus filhos.

A maneira de contar aqui a idade das pessoas lembra a contagem que empregamos, nós os occidentaes, com os brutos, com as plantas e mais particularmente com os

jornaes, com as revistas. Quando uma creança nasce, entra no seu primeiro anno de existencia... de *publicação,* dá-me vontade de dizer. No seguinte anno do calendario, entra no seu segundo anno de existencia. O dia do anno novo é, pois, de certo modo, um anniversario impessoal, o anniversario de toda a gente. De maneira que, por exemplo, o menino nascido no dia 31 de dezembro, entra no dia 1.º de janeiro no seu segundo anno; a mãe dirá que tem dois annos, e nós... que tem dois dias. Em geral, quando um japonez nos diz a sua idade, convém descontar-lhe um anno, pelo menos, reduzindo assim a cifra á nossa maneira de contar.

Se o dia do nascimento do individuo passa ignorado na familia, dá-se o contrario — para que tudo ande ao revés com os usos do Occidente — com a data respeitante á sua morte. Esposo ou esposa, filhos, irmãos, todos os parentes actuaes e ainda todos os parentes no futuro, de geração em geração, recordarão tal data, prestando homenagem e festejando a memoria do defunto. Para a sentimentalidade nipponica, é depois da morte que a vida começa realmente, que o individuo adquire fóros de importancia pela subtilisação do seu espirito, glorificando-se, divinisando-se, tornando-se o deus tutelar dos seus parentes.

— Sendo proverbial a dôce passibilidade da mulher japoneza, não escasseiam, todavia, referencias, na historia como na lenda, ao magico poder dos seus transportes, á energia das paixões em que se abraza, aos impetos do seu amor. O caso seguinte é comprovativo do que avanço.

Ha mui remotos annos, erguia-se perto de certa ribeira um templo ao Buddha, habitado por um *yama-*

bushi, meio anachoreta, meio bruxo, meio bonzo, em todo o caso não votado ao celibato. Do outro lado da ribeira, vivia um camponez com uma filha unica. O *yamabushi* tomou-se de amores pela rapariga. Até aqui nada ha de extraordinario; mas, quando o pai lhe fez sentir que era já tempo de esposal-a, eil-o que se alonga em evasivas, até que foge, indo refugiar-se debaixo do grande sino do seu templo. A moça perseguiu-o até á margem da ribeira; alli, a força da paixão deu-lhe artes para em serpente transformar-se, sendo-lhe facil, em tal estado, ganhar a outra margem. Chegada ao templo, a serpente enrolou-se, de desespero, á volta do grande sino; e então, ao calor amoroso do seu corpo, fundiu-se o metal, perecendo o seductor em tão terrivel conjunctura...

— Tenho-me referido, por varias vezes, n'estas cartas, ao facto de ser o asseio japonez, antes de tudo, um rito cultual. E'-se asseado n'esta terra, por devoção principalmente, não por hygiene. Os deuses estão comnosco em toda a parte e a todos os momentos; ha os deuses do lar, ha o deus da cosinha, ha o deus da comida, ha o deus do poço, ha o deus do lume... a lista não tem fim.

Ora, os deuses japonezes deliciam-se com a limpeza; sendo, pois, um acto piedoso satisfazer-lhes a vontade. E' por este motivo que, sendo o nipponico excessivamente meticuloso na limpeza do seu lar, a casa em estylo europeu, quando ao cuidado de gente japoneza, indica em regra a mais completa incuria; porque se admitte que nos nossos casarões, tão differentes da graciosa casinha do paiz, os deuses não habitam, vivem fóra.

Um exemplo gracioso do culto da limpeza no larzinho japonez e que cito como testemunha presencial,

dá-se quando a criadinha varre a casa fóra das horas do costume; porque o varrer, o espanejar, o lavar e todas as práticas de asseio téem horas proprias, em geral de manhã e pela tarde, mandando os deuses que á noute se descance. Mas imagine-se que se demorou mais o jantar, o que obriga a criadinha a vir após varrer a esteira, embora pela noute. Em similhantes circumstancias, não deixará ella de dizer em alta voz estas palavras rituaes:— *"Yomé toru, muko toru; yare, isogashiya, isogashiya!...»* (casou-se a noiva, casou-se o noivo; safa, que azafama, que azafama!...) — Adoravel ingenuidade, denunciando o malicioso proposito da *musumé* em querer enganar os deuses, procurando convencel-os de que se deu casamento em casa, o que desculpa, naturalmente e excepcionalmente, todas as infracções da regra...

— Fallei do deus do poço, fallei do deus do lume. Seguem umas ligeiras notas sobre estas divindades.

Em obediencia ao deus do poço, limpam-se os poços cuidadosamente uma vez em cada anno. O deus delega em cada poço dous dos seus acolytos, que são dous peixinhos de uma especie particular, chamados *funa*. As familias empregam o maior escrupulo em conservar estes peixinhos, cujo encargo consiste em manter a agua pura, destruindo os vermes e os insectos que casualmente alli medrassem.

Quanto ao deus do lume, aos deus do fogo, os nipponicos nutrem pela pureza da chamma, em homenagem a tal deus, melindres taes, que nos são totalmente incomprehensiveis. Ha ceremonias que requerem para o fogo madeiras especiaes, sendo então excluido o uso dos phosphoros, como impuros, recorrendo-se ao processo primitivo da fricção para accender o lume. Nos usos

corriqueiros exige-se grande cautela em não empregar madeiras sujas, polluidas, no fogo da cosinha; um tamanco velho, por exemplo, que é um dos despojos mais frequentes em villas e cidades, nunca irá prestar o seu concurso ao fogareiro, mesmo no albergue de um mendigo.

— Chega-me, enviado por um amigo, mais um livro portuguez sobre o Japão — "A vida japoneza". Por dever de chronista, dispunha-me a dedicar algumas linhas ao volume, quando uma circumstancia inesperada me veio impedir de assim fazer. Rasgo o involucro... e agora me ponho eu embasbacado, embasbacado, a olhar para a capa, a olhar para a capa... o que me impossibilitou de lêr o texto... Asseguram-me que não ha razão para lamentar-me.

XV

29 de janeiro de 1908

Modificação ministerial; grave crise economica; a sua causa; considerações varias — Trabalho litterario sobre o Japão; observações que contém; reparos por ellas suggeridos — Commercio exterior do Japão; phenomeno economico; as suas causas — Exemplos da sentimentalidade japoneza — Um assumpto ameno: desconhecimento do beijo no Japão.

RELANCEANDO os ultimos acontecimentos interiores, devem aqui registrar-se algumas mudanças ministeriaes; dois ministros resignaram, com effeito, havendo mesmo o gabinete em peso pedido a sua exoneração, o que não foi acceito pelo soberano. Dissidencias no ministerio, em questões de ordem financeira, déram motivo aos incidentes a que alludo. O Japão atravessa n'este momento uma grave crise economica, como é de muitos conhecido. Póde dizer-se que é agora que a influencia deprimente da guerra, influencia que nunca deixa de sentir-se em casos similhantes, está pesando duramente sobre todo o paiz; ao que vem ajuntar-se o mal geral de depressão monetaria e industrial, que grassa em toda a parte, na Europa, na America, na Asia. Os encargos do Estado cresceram enormemente após a guerra. Não se dando correspondencia proporcional na somma dos pro-

ventos, recorre-se aos impostos, aos monopolios, como unicas medidas salvadoras; e ainda o melhor da cifra das receitas é engolido pelas exigencias militares e pelas exigencias navaes, que prodigiosamente augmentam, sem que tragam compensação alguma aos sacrificios que se impõem. Foi nos meios de engrandecer os recursos do thesouro e de melhor distribuil-os que não estiveram de accordo os governantes, resultando seguidamente os casos referidos.

Quanto ao terrivel flagello dos armamentos — a tão famosa *paz armada* — sabe-se bem o que vai por esse mundo fóra em manifesta opposição com o que vão tagarelando varios philosophos pacifistas. O Japão, n'este ramo de actividades ruinosas — sorvedouro que absorve todas as actividades uteis das nações — tem ultimamente prestado o seu valioso contingente.

Do exercito, pouco se falla e tambem pouco se sabe, porque o seu desenvolvimento póde ir sendo feito pela calada. Mas já com a marinha não succede a mesma cousa, porque os cruzadores e os couraçados não pódem ser construidos em segredo; e é facto que, de quando em quando, chega-nos a noticia de haver sido lançado ao mar um monstro a mais, nos estaleiros nacionaes ou estrangeiros.

Devemos condemnar o imperio japonez porque persiste em desenvolver as suas forças defensivas e aggressivas? Condemnemos antes a época na sua feição psychica universal, feita de egoismos e de ambições individuaes e, peor ainda, nacionaes... se é que não devemos ainda acrescentar — e raciaes...

Se as allianças e os accordos se multiplicam agora no Occidente, bem como as visitas entre presidentes e soberanos, não será tudo isto mesmo um motivo de receio

para o imperio dos Mikados? Não se poderá imaginar, com certos visos de verdade, que taes allianças, que taes accordos, que taes visitas, traduzem a aspiração inconfessada de uma reintegração politica dos brancos, capaz de cahir um dia com toda a sua força sobre os povos amarellos, principalmente os japonezes? Não são os recentes tumultos do Canadá e de S. Francisco, as actuaes evoluções da esquadra americana e tambem as actuaes complicações a proposito da emigração dos japonezes no sólo americano, phenomenos symptomaticos de uma antipathia nascente contra os vencedores gloriosos do colosso occidental?...

Os japonezes, sós, porque não é por agora que elles poderão contrahir tambem allianças e accordos efficazes, claramente com outros povos asiaticos, cujos interesses se assemelhem, devem ter pensado seriamente em todas estas cousas. Por outro lado, na consciencia pesa-lhes, sem duvida, a responsabilidade immensa que os destinos lhes apontam — a defeza da grande familia extremo-oriental. Assim se explica o desenvolvimento das forças japonezas; e assim se desculpa, embora entrave os progressos pacificos do imperio; porque, julgando o assumpto friamente, devemos concluir que, se um dia faltasse ao Japão o apoio dos seus soldados e dos seus couraçados, o Occidente esmagava-o sem dizer — agua vai...

— Um dos mais recentes trabalhos litterários sobre o Japão e o seu povo é «Le Japon — Histoire et Civilisation», do marquez de La Mazelière, impresso em Paris, e apparecido ha poucos mezes; a obra deve comprehender cinco volumes, dos quaes só tres, segundo creio, estão publicados.

Relanceando os tres volumes, pareceram-me de expo-

sição assás confusa, defeito explicavel e mesmo desculpavel, quando se considera o vastissimo plano que o auctor quiz ter em vista; em todo o caso, abundantes em dados preciosos para aquelles que se interessam pela grande familia extremo-oriental.

De uma rapida leitura de alguns capitulos folheados ao acaso, julgo poder concluir que o marquez de La Mazelière cuida de accentuar, sempre que póde, que a nação japoneza não é esse povo sahido do mysterio que muitos imaginam, á parte de nós pela civilisação e pela raça e deslumbrando agora o mundo de improviso, pelos seus feitos e progressos.

O auctor observa que a Asia e a Europa formam um continente unico, figurando a Europa apenas como a extremidade occidental da mesma Asia. Emquanto que, de espaço a espaço, altas montanhas se levantam, como barreiras á expansão, nota-se ao norte uma linha quasi ininterrompida de planicies, estendendo-se do Atlantico ao Pacifico.

Remontando á geographia prehistorica, recorda que a Africa, assim como hoje é ligada á peninsula de Sinai, o foi igualmente á Hespanha, á Sicilia e á costa de Aden; muitas ilhas do Mediterraneo são restos de continentes desfeitos, esboroados; no fim da época terciaria, o archipelago de Sunda fazia parte da Indo-China e o estreito de Behring não separava a America da Siberia.

Unida a todas as partes do mundo, a Asia deve ter sido um grande centro de dispersão. N'um mundo assim, admitte-se facilmente a diffusão das civilisações; não ha civilisações independentes, todas permutam entre si os seus progressos. Quanto a raças, ninguem hoje póde admittir-lhes caracteristicas proprias, persistentes; todos nós - homens brancos, homens negros, homens ama-

rellos, — não somos mais do que modestissimos representantes de simples raças de mestiços; no europeu ha sangue negro, ha sangue amarello; no africano, ha sangue branco, ha sangue amarello; no asiatico, ha sangue branco, ha sangue negro.

Cahem por terra, como castellos de cartas de jogar, todas as distincções nobiliarias, de civilisação, de raça, com as quaes os povos se vinham orgulhando. E diz o auctor citado: «E' ideia popular que a Europa e a Asia são povoadas por duas raças totalmente distinctas, que não pódem possuir a mesma civilisação; á influencia d'esta ideia se deve attribuir a surpreza causada pelo desenvolvimento economico e politico do Japão.»

Assim é. A orgulhosa ignorancia occidental — fallando só de nós — admittia para si privilegios exclusivos, considerando como párias os povos de outra côr. Lições tremendas da éra em que vivemos vão demonstrando que não existem distincções radicaes da humanidade, que dotes communs animam todos os homens, que somos todos irmãos pelo sangue, pela civilisação, pelos ideaes, e que um povo de amarellos póde elevar-se tão alto como um povo de brancos, embora dos mais altamente collocados.

Fiquemos por aqui n'estas divagações. No entretanto, continuando a divagar, mas em campo mais restricto, é interessante dizer, n'este momento, a proposito da quéda de importancia que a distincção das raças humanas tem merecido, que é precisamente n'este facto que vão buscar apoio varios artigos de critica ultimamente apparecidos, contrarios á obra litteraria de Lafcadio Hearn. Quem foi este homem, ha tres annos fallecido no Japão, sabem, pouco mais ou menos, todos que amam as lettras; e n'estas cartas repetidas referencias téem sido feitas aos seus meritos.

Hearn foi um escriptor impressionista da mais delicada tempera; e, como narrador de cousas japonezas, nenhumas outras paginas, escriptas em qualquer lingua occidental, igualam em subtilissima percepção, em sentimento, em adoravel sympathia, em commoventes transportes, em amorosa e sugestiva exposição, a sua prosa de ouro. Hearn foi, entre estranhos, um dos maiores amigos do Japão; mas agora está em moda dizer mal do Japão e dizer mal dos seus amigos – phenomeno facilmente comprehensivel, de reacção, vindo após os louvores exaggerados, quasi historicos, que o imperio dos Mikados mereceu por algum tempo da America e da Europa, Dizem então os criticos de Hearn que elle peccou por enaltecer certas qualidades dos nipponicos, suppondo-lhes gentilezas, delicadezas privativas, inherentes á raça; isto, quando as distincções de raças cahiram de importancia perante o criterio scientifico, quando não mais se reconhecem predicados privativos de um certo povo, mas sim estados passageiros da sua evolução. Não são os povos que differem entre si, mas sim os tempos, mas sim os meios, mas sim os climas, mas sim os modos de existencia, mas sim os methodos de alimentação, mas sim as condições geographicas e mil outras circumstâncias, passageiras ou fortuitas.

Não tratarei de defender a obra de Hearn; sou mui pequeno para tal honra. No entretanto, notarei que, dentro dos limites da minha humilde iniciativa litteraria, tambem eu, n'um já longo discorrer n'este logar sobre cousas japonezas, tenho-me referido com frequencia a certos dotes dos nipponicos como suas qualidades particulares.

Ora, se não defendo Hearn, defendo-me a mim proprio de possiveis aggressões, e com todo o direito de fazel-o. Eu bem sei que n'este mundo de modalidades succes-

sivas e incessantes, onde cousa alguma alcança o dom da persistencia, as velhas distincções de raças de homens deixaram de ter curso.

As civilisações dos povos tambem não representam evoluções independentes. Raças e civilisações modificam-se com os tempos, misturam-se, mestiçam-se. Nada importa.

Os philosophos, os sabios, que vejam as cousas como queiram.

O impressionista, o escriptor de costumes e de aspectos — incluindo os da alma, — ainda encontra nas raças, e sempre encontrará, uma importancia incontestavel. Eu pinto o japonez tal como elle é, ou como se me affigura que elle seja.

Occupo-me de uma época, de uma scena — embora transitoria — da grande comedia humana. Que importa que a acção dos seculos, influindo pelas misturas do sangue e dos costumes, faça um dia desapparecer as caracteristicas que hoje encontro nos nipponicos? ...

A raça, n'um dado periodo, é a feição inconfundivel que distingue um homem de outro homem, um povo de outro povo. Se, d'aqui a 100 annos, d'aqui a 1.000 annos, os descendentes d'esses povos se não distinguirem entre si, que me importa? ... Ora, para o meu caso, encontramo-nos indiscutivelmente n'um periodo em que differenças profundissimas separam ainda um japonez de um occidental; isso me basta.

— O commercio exterior do imperio japonez vai de anno para anno prosperando, como é de todos bem notorio; offerecendo, porém, a particularidade interessante, menos conhecida, de ir decahindo ao mesmo tempo a importancia das firmas estrangeiras estabele-

cidas no Japão. Umas cessam transacções, fechando os seus escriptorios por falta de negocio, quando não é a bancarrota que as dizima; e ás que até agora se sustentam vai diminuindo, em regra, a cifra dos proventos. Prevê-se a possibilidade de, em breve trecho, terem todas acabado; tornando-se então o Japão, para estrangeiros, um simples paiz de *touristes,* de consules e de diplomatas. Estas casas estrangeiras téem vindo desempenhando, por muitos annos successivos, o papel de intermediarios entre os negociantes japonezes e os negociantes de outras terras; são meros agentes de importação e de exportação, trabalhando ordinariamente por conta alheia, no jogo da permuta.

Devem assignalar-se duas causas principaes a este phenomeno economico. A primeira causa reside na iniciativa intelligente dos nipponicos e é determinada pelo seu incomparavel patriotismo, pelo seu grande orgulho e pelo afan do ganho. O Japão, aberto ha meio seculo á civilisação occidental, precisando a principio do auxilio de estranhos em todos os ramos do progresso, vem maravilhosamente emancipando-se dos seus mestres, conselheiros, dirigentes. Foi o que succedeu já com a grande industria, com as sciencias, com a arte da guerra; e é o que se está dando agora com o commercio. Os japonezes aprendem as linguas do Occidente, instruem-se nos processos e segredos mercantis á nossa moda, cuidam de acreditar lá fóra as suas firmas por todos os meios que se offerecem, espalham-se por toda a China, por toda a India, por toda a Europa, por toda a America; de modo que, tratando-se do commercio exterior, estes nipponicos vão pouco a pouco dispensando-se de intermediarios, tratando directamente com as firmas estrangeiras ou de japonez para japonez.

A outra causa, que deve registrar-se, encontra-se na maneira inconveniente como o estrangeiro que vive no apão vai cuidando, ou antes descuidando dos seus proprios interesses.

As casas europeias e americanas, aqui estabelecidas (as seguintes considerações poderiam applicar-se a todo o Extremo-Oriente), são em geral administradas, não pelos seus proprietarios, mas por manejantes assalariados, pagos como principes.

O salario!... O salario e tambem o passatempo!... É d'isto que cuida, em regra o manejante.

Admitta-se como certo que o branco, pela longa permanencia n'estes paizes de exotismo — coitado!... — ordinariamente degenera, passa a pertencer a uma outra raça — a raça dos indolentes, dos prodigos, dos egoistas, dos desregrados — perdendo o melhor das boas qualidades que na patria o ennobreciam.

Eil-o no *bar,* eil-o no *sport,* eil-o em excursões, com casa na cidade, com casa na praia, com casa na montanha, dando-se a todas as manias e, por excepção,.. ao seu negocio.

Se é solteiro... santo Deus, que extravagancias!... Se é casado... não o imaginemos muito mais propenso aos bons costumes; e addicionemos á sua individual dissipação a dissipação da amavel esposa, em bailes, em passeios, em concertos, em subscripções de caridade, em carruagens, em laços, em fitas, em chapéus, em vestidos, em pelliças, em joias, no diacho!...

O quadro, que não peccará, talvez, por exaggêro, deixa antevêr em que mãos se encontram n'estas terras os interesses da actividade occidental. E poderemos depois imaginar o japonezito sagaz, comendo sobriamente o seu arroz cosido e rindo de todos nós; e apro-

veitando, claramente, as facilidades do momento para progredir, para desenvolver o seu negocio, no proprio interesse e no da patria e com prejuizo dos estranhos...

—Seguem alguns exemplos de sentimentalidade japoneza.

Quando, ahi pelo anno de 1600, alguns senhores feudaes romperam hostilidades contra Ieyasu, o seu prestigioso rival, que em breve, vencedor, havia de receber o titulo de *shogun* e iniciára a celebre dynastia Tokugawa, os chefes dos confederados resolveram surprehender e prender as esposas e os filhos de alguns dos generaes ao serviço do inimigo, dando-lhes Osaka por encerro e devendo alli permanecer como refens. A esposa de Hosakawa, ao facto da sorte que a esperava e receando que o marido, sabendo-a em captiveiro, se desviasse da norma conveníente aos seus deveres de homem de guerra, matou todos os filhos e suicidou-se após; os criados, obedecendo a ordens recebidas, lançaram fogo á casa, para que nem os cadaveres cahissem em poder dos aggressores.

Outro exemplo, este de tempos bem recentes.

Quando o actual czar das Russias, pelo anno de 1891, então simples czarewitch, viajava no Japão, um policia japonez da escolta que o seguia, ahi por alturas de Kyôto, desembainhou a espada e feriu-o na cabeça; se dois populares não acudissem, tel-o-hia assassinado.

Este acto contra a hospitalidade amargurou tanto a nação que todo este Nippon cahiu em luto, fechando-se os theatros, cessando as diversões; todos soffriam; e sabia-se que o *Teujin-Sama,* o Nobre-Filho-do-Céu, o imperador, era quem mais soffria. Então, uma criada de servir, vivendo em Tokyo, de nome Hatakeyama Yuko,

com vinte e nove annos de idade, resolveu expiar por si a falta da nação e levar de novo a alegria ao soberano, dando em sacrificio a propria vida. Para o effeito, vendeu os seus miseros vestidos, arranjou algumas pratas, tomou passagem para Kyôto — a cidade das nobres tradições — e alli se suicidou; deixou uma carta de despedida a um seu irmão e outra ás auctoridades de Tokyo, rogando n'esta que implorassem o imperador para não mais soffrer...

Ainda outro exemplo, contado mui por alto, porque perdi da lembrança em que livro o vi citado e onde agora desejava ir procurar alguns detalhes. Quando rebentou a guerra com a China, ha cerca de quatorze annos, um official japonez, que fôra nomeado para seguir com o seu regimento, viu-se no extremo embaraço de ter uma filhinha e ninguem, parente ou amigo, a quem a confiasse. O que fez elle? matou a filhinha... e partiu para a guerra, como era dever seu. No campo da batalha, portou-se como um bravo, expôz-se ao perigo, procurou a morte; e morreu effectivamente varado por um projectil...

Citei estes tres exemplos e poderia citar mil, ao acaso, devassando o drama nacional, no intuito de dar n'este logar um leve esboço do mysterio sentimental do japonez.

O patriotismo, vehemente, dominador, assombroso, afogando todos os outros sentimentos, resalta do enygma psychico. A nossa emotividade commove-se, alanceia-se e explude condemnatoria de impetos tão cruentos. Mas de vagar. Não condemnemos nada. Não será talvez melhor confessar incompetencia para julgar a alma japoneza, disciplinada a crenças que nos são desconhecidas, tendo da vida e da morte, e das vidas e das mortes sub-

sequentes, uma noção que nos escapa, impellida por outros ideaes, soffrendo sem duvida differentemente de nós todos, quem sabe se mais intensamente do que nós?...

Reparem os senhores:—as minhas rôlas matam de quando em quando um dos filhos recemnascidos, no proposito, creio, de poderem prestar mais intimos carinhos ao filho que pouparam.—Devemos condemnal-as? Não. Mas quem póde conhecer a elaboração mental que precedeu o acto? Quem pode definir o impulso ethico a que obedeceram? E quem póde contar a angustia lancinante com que os bicos dos paes dilaceraram o entesinho implume?...

— Mudemos para assumpto mais ameno... oh, muito ameno!...

Ora, diga-me a leitora: em menina, quantos beijos lhe déram, nas faces frescas e rosadas, e na boquinha gulosa de caricias, a sua mamã e o seu papá?... Não sabe, perdeu a conta... déram-lhe tantos!... Mas mais tarde, aos dezoito annos, aos vinte annos, quantos beijos lhe déram—conta redonda—certos labios travêssos, armados de bigoditos petulantes?... Tambem não sabe; ou então, não quer dizer... e córa envergonhada...

Pois seja como fôr, é forçoso, todavia confessar, que o beijo floresce tanto como as rosas nas nossas latitudes, nos nossos climas temperados da Europa, amorosa, expansiva e creadora. Mas, voltando o assumpto para o Japão, o que é, para mal dos meus peccados, a pedra de afiar onde vou gastando e desgastando a lamina ferrugenta da minha emotividade tagarella, convém saber o seguinte sobre o assumpto: não ha papás e mamãs mais carinhosos do que os papás e mamãs do Dai-Nippon;

na vida passional, o eterno feminino tambem desempenha dignamente o seu papel – diga-se embora em contrario muita cousa. – Pois bem, apesar de tudo isto, o beijo é desconhecido no Japão, ou, pelo menos, não ha d'elle documento. Quando eu estive na China, vi por vezes a mãe cheirar o filho, á laia de beijal-o; no Japão, nem o cheira; quando muito, se a creança estende as mãositas para o rosto da mãe, ella morde-as ás vezes, com gestos de panthera mordicando a ninhada. Em toda a litteratura japoneza, uma só vez se faz menção do beijo, antes do *chôchô* – cabendo aqui melhor esta onomatopeia portugueza. – É Hideyoshi quem escreve a palavra: – *Kuchisuu* (chupar com a bôcca) – Hideyoshi foi um grande general, mas sahido do povo, um rude em gestos e expressões; e usa do termo n'uma carta, dirigida a seu filho mais pequeno. Os escriptores japonezes, que commentaram esta carta, julgaram conveniente explicar aos seus leitores, em nota á parte, o que era o beijo, o que era o *chôchô,* o que era o *Kuchisuu;* pois, sem tal cuidado, não poderia o termo ser comprehendido por ninguem...

XVI

12 de fevereiro de 1908

Relembra-se a guerra russo-japoneza; um livrinho escripto por um tenente de infanteria japoneza; curiosidades que contém — Um episodio commovente do feudalismo japonez; transcripção de um documento para remate d'essa narrativa tragica — Visita do almirante Kamimura a Macau.

PARECE que, terminada a guerra russo-japoneza, não sobraria desejo em recordal-a, — drama tremendo de mil horrores, sem parallelo na historia moderna das nações. Assim devêra ser. No entretanto, justamente pela enormidade d'este facto, pelas consequencias que teve e pelas consequencias que terá, não póde a gente esquivar-se, de quando em quando, a relembral-o, impondo-se por vezes o commento. Quando não fosse outra a causa, os livros que constantemente vão sendo publicados, em todas as linguas cultas, referentes ao terrivel conflicto, bastariam por si sós para nos avivar recordações dos lances, ainda bem recentes, travados na Manchuria e nas aguas visinhas da China e do Japão.

Estas linhas são, principalmente, inspiradas pela rapida leitura de um livrinho apparecido ha poucos mezes, intitulado «Niku-Dan», em japonez, cuja traducção ingleza, profusamente espalhada pela Europa, se chama «Human

Bullets», que nós podemos traduzir por «Balas Humanas», ou melhor «Balas de carne». O auctor é T. Sakurai, um joven tenente de infanteria japoneza; e conta em summula as suas aventuras no campo da batalha, desde o combate de Nanshan até ao primeiro assalto a Porto-Arthur, onde então cahiu por terra gravemente ferido, com um braço varado, devendo a vida a um soldado japonez desconhecido, que o encontrou entre o montão dos mortos e carregou com elle até ás ambulancias; soldado que, um mez depois, era morto por uma bala em outro combate que se feria.

O livro é interessante como narrativa historica de alguns dos lances mais dramaticos da campanha, contados por quem n'elles tomou parte; mas recommenda-se principalmente como documento da alma japoneza, no tocante á feição psychica do seu culminante patriotismo, da sua extrema veneração pelo soberano, da sua coragem sem freio, qualidades que fazem sem contestação, nos tempos de hoje, do soldado japonez o primeiro de entre todos, e do Nippon inteiro uma nação estupenda, que maravilha e que apavora.

As 250 paginas d'este livro, desde a primeira até á ultima, não são mais que um estridulo grito de corneta marcial, uma exhortação á peleja e ao sacrificio de si mesmo, em honra do querido torrão patrio e do deus-imperador.

Escripto já em plena paz, quando os soldados victoriosos — entre sãos e estropeados — se aquecem já ao sol nipponico e se aprazem no lar e no convivio das familias, poderia parecer-nos o livrinho exaggerado, como se diz — armando ao effeito — se nós todos, que vivemos no Japão, não tivessemos assistido ao espectaculo unico do continuo passar dos comboios carregados de regi-

mentos, e relanceado então mil e mil rostos rejubilando por irem para a guerra; isto, entre linhas interminaveis de balões e de bandeiras festivaes, entre massas de povo profundamente confiado na victoria, applaudindo, glorificando. Scena indescriptivel, imponentissima, que se diria produzida pela alma inteira do Nippon, explodindo, derramando-se no espaço, golfando tangiveis manifestações da sua alegria perenne, do seu valor indomavel, do seu frenesi de affectos pela patria! . . .

E' pela leitura das paginas citadas, palpitantes de commoção guerreira, que á gente póde fazer ideia, embora mui de leve, da enorme cohesão, feita de estima, de sentimento do dever e de obediencia que une entre si, no campo de batalha, soldados e officiaes do exercito nipponico. Os laços intimos da familia patriarchal, que em tantos casos se vão ainda manifestando nas differentes collectividades sociaes d'este paiz, como herança dos velhos tempos, patenteia-se intensamente accentuada na grande familia militar, durante os transes da campanha. Alli não ha soldados, nem sargentos, nem capitães, nem coroneis, nem generaes; são membros todos de uma familia unica, como nos periodos barbaros da invasão, distinguindo-se o chefe—o pai, o patriarcha—e sendo todos os outros filhos seus e entre si irmãos—irmãos mais velhos, irmãos mais novos, irmãos mais experientes, irmãos menos experientes—reunidos todos por um inquebrantavel sentimento de amor, de confiança e de cega obediencia ao pai commum.

Nos momentos que precedem as horas mais solemnes do conflicto, soldados e officiaes agrupam-se, dão-se as mãos, abraçam-se, commungam, bebendo cada qual um golo de agua em commemoração da despedida derradeira, no mesmo copo, cheio de agua do cantil de um

companheiro; e juram então combater até morrer, largar da mão a espada ou a carabina só quando o corpo cahir para não mais se erguer. Morre-se, gritando — *Banzai!* (Viva!) — pelo imperador e pela patria. As scenas mais estranhas se succedem, como esta: Sakurai, o proprio auctor do livro, é mandado a distancia, ao quartel-general, a fim de receber instrucções para o seu regimento; na volta, receando chegar tarde e comprometter o bom exito da empreza, despe-se todo, para ficar mais leve, e, nú em pêllo, com a espada na mão direita e o revólver na mão esquerda, bota a correr, e assim regressa ao regimento em tempo azado e transmitte ao coronel as instrucções! . . . O hilariante ridiculo da scena dissipa-se, graças á magestade do momento: os tigres, os leões, nas luctas medonhas da floresta, não usam uniformes, nem calçam peúgas e sapatos; batem-se nús: e estes japonezes são tigres, são leões, quando se batem pela patria . . . Ora digam-me: como é que homens assim não haveriam de recolher as palmas da victoria? . . .

— Um dos mais commoventes episodios da existencia feudal do imperio japonez, dos mais lembrados pelo povo, assumpto de dramas e poemas, e dos mais caracteristicos da raça, é, sem duvida, a historia dos quarenta e sete *rônins;* tambem muito conhecida de estrangeiros, por ter tido menção em varias linguas europeias. Se ainda até agora não tenho alludido a este episodio, é porque, ha uns dezoito annos, n'elle tocou de leve a penna prestigiosa de Fialho de Almeida n'um numero dos «Gatos»; e sente a gente pejo, realmente, de servir em prosa chata aquillo que já foi escripto em lettras de ouro. No emtanto, tendo em conta a volubilidade nacional, quer-me parecer que de gatos de dezoito annos já

pouca gente cuida e raros escutam seus miados; ainda quando taes «Gatos» representam — como é o caso — o que de melhor, no genero felino, tem produzido a litteratura em Portugal. E vai então, decido-me a narrar hoje o episodio.

Ahi pelo comêço do seculo XVIII, Asano Takumi no Kami era o senhor do castello de Akô e suas dependencias, na provincia de Harima, que fica ao sul do imperio. Ora, aconteceu que este fidalgo fôra chamado a Yedo (o Tôkyô de hoje), onde o *shogun* (generalissimo) esperava a visita de um enviado do soberano; e Asano, com outro nobre, tivera o encargo de recebel-o e de banqueteal-o na cidade.

A um alto dignitario da côrte do *shogun,* por nome Kira Kôtsuké no Suké, fôra dada a missão de instruir Asano nas praxes de etiqueta requeridas; mas, avarento e não satisfeito com os presentes que d'elle recebera, pouco pensava na instrucção, muito, porém, em offendel-o sempre que para isto tinha ensejo; e, certo dia, a tal ignominia o sujeitou, que Asano, esquecendo-se do respeito que devia á residencia do *shogun,* onde se achava, desembainhou o sabre e feriu o insolente na cabeça, o qual pôde fugir sem maior damno. Usar de violencia no palacio era crime punido com a morte.

O delinquente foi condemnado a fazer o *hara-kiri,* isto é, a suicidar-se, rasgando-se as entranhas com um punhal; ao corpo deu-se sepultura no templo de Sengakuji, cerca de Yedo; o castello de Akô foi confiscado e despedidos em massa os *samurais,* os guerreiros, os quaes passaram a *rônins,* isto é, a *samurais* sem chefe, sem emprego, ao desbarato.

E assim terminou o drama, para começar, pouco após, um outro, mais terrivel.

Alguns d'estes *rônins* conseguiram entrar ao serviço de outros nobres; outros começaram a viver pelo negocio.

O mais distincto d'elles todos, Oishi Kuranosuké, que fôra conselheiro do defunto senhor do castello de Akô, pôde chamar a si quarenta e seis dos companheiros, formando com elles uma liga, no proposito de vingar a morte de seu amo; — vida por vida, — era forçoso que o rude Kôtsuké no Suké desapparecesse d'este mundo.

A tarefa, porém, não era facil, porque este, receando o desforço natural dos fieis servidores do pobre Asano, não sahia de Yedo, fazendo-se guardar por uma forte escolta de soldados, que um seu parente lhe cedia.

Os da liga dividiram-se então, para afastar suspeitas, dando-se a officios e ao commercio, em varios pontos do paiz; e o seu chefe, Kuranosuké, abandonando a esposa e os filhitos, deu-se á libertinagem, passando a existencia em Kyôto, ociosa e desregrada.

Uma vez, ao findar uma orgia, cahiu bebedo na rua e alli adormeceu; um *samurai* de Satsuma, que passava, conheceu-o, esbofeteou-lhe a face livida e escarrou-lhe na cara, censurando em altos brados que assim se désse ao vicio quem tinha por dever vingar o seu senhor.

As noticias d'estas e de outras curiosas peripécias iam sendo transmittidas, por espiões, aos ouvidos do fidalgo de Yedo, o qual com ellas jubilava, perdendo pouco a pouco o susto em que vivia; e dando isto em resultado que a guarda do seu palacio passou a ser mais diminuta, cahindo em abandono outras precauções instituidas. No entretanto, o libertino de Kiôto — apenas desregrado na apparencia, e sempre vigilante — ia tendo de tudo informação e architectando perseverantemente o seu programma; varios dos quarenta e sete conjurados foram, por sua

ordem, para Yedo; como carpinteiros, como estucadores, lograram, por vezes, ingresso na residencia do fidalgo, estudando por seus olhos a disposição dos aposentos, o numero dos provaveis defensores e até os seus dotes de coragem; a um *rônin,* levou o zêlo a desposar uma filha do constructor do edificio, logrando por este modo adquirir o seu plano minucioso. A um certo tempo, trocadas de tudo isto mysteriosas referencias, julgaram os *rônins* que era o momento asado para pôrem em execução o seu intuito: e assim se reuniram em Yedo os quarenta e sete companheiros.

Era de noite, uma noite frigidissimá de dezembro; o vento rugía duro, e a nevada, em densos flócos, fustigava arvoredos e telhados. Em similhantes condições, Yedo quedava-se em modorra, devendo presumir-se que o povo pacifico dormia a bom dormir, no confôrto das colchas, com os pés nús encostados aos brazeiros. Que bello ensejo para a arrojada empreza!... A ella, pois. Juntos em um banquete derradeiro — derradeiro, porque a morte era de esperar-se — os quarenta e sete *rônins* petiscaram, beberam, trocaram mutuas saudações, discutindo os ultimos detalhes; e convindo todos, sob o alvitre do chefe, de pouparem as vidas ás creanças e ás mulheres. A' meia noite em ponto assaltavam a residencia de Kira Kôtsuké no Suké.

Então, a tempestade soprava mais violenta e a nevada mais desapiedadamente ia cahindo, atapetando os caminhos de frigidas alvuras. Era medonha a scena; mas os quarenta e sete *rônins* nada sentiam e nada detinha seus passos decididos, ardendo todos em sêde, em furia de vingança. A' cautella, dividem-se em dois grupos: Oishi Kuranosuké commanda vinte e dois companheiros, junto da entrada principal; e é seu filho mais velho, Chikára, com dezeseis annos de idade, quem commanda os res-

tantes nas trazeiras do edificio. Saltam-se facilmente, com a ajuda de cordas, os muros do jardim. Lá dentro, reina a profunda paz das noites inclementes.

Oishi envia um mensageiro ás casas dos visinhos, dando parte que os antigos servidores do senhor do castello de Akô véem alli vingar seu amo; não são ladrões nem rufiões, não farão damno algum á visinhança, pedindo a todos que tranquillisem seus espiritos. Ao mesmo tempo, a porta da residencia do fidalgo é desfeita ás machadadas. Acodem de dentro, estremunhados, grupos de *samurais;* trava-se a lucta desesperada, pavorosa, ao longo das varandas dos corredores, dentro das salas. Os *rônins* vão levando a melhor, esgrimindo, como loucos, com os sabres e com as lanças, que já pingam de sangue dos muitos corpos derribados.

A' entrada do aposento particular de Kôtsuké no Suké, tres dos seus vassallos mais valentes parecem, todavia, impôr respeito á chusma vingadora; ninguem ousa avançar e já alguns recuam.

Então Oishi, que vê de longe a scena, mas sem poder approximar-se, pragueja de raiva e de despeito, alcunha de cobarde a sua gente e berra para a filho: - «Avança tu, rapaz, contra esses homens; se fôrem muitos para ti, morre...» — As palavras do chefe reanimam os animos vacillantes. Chikara, por seu lado, atira-se a um guerreiro; na lucta, rolam ambos até cahirem no jardim, escorregam para dentro de um tanque, e é com a agua pelo pescoço que o joven atrevido dá cabo do seu experiente contendor.

Os outros dois guerreiros cahem tambem aos golpes dos *rônins.* Cahem todos, ninguem já offerece resistencia aos quarenta e sete companheiros, arquejantes de fadiga, sujos de lama, sujos de sangue, mas illesos.

Mas onde está Kôtsuké no Suké?... E' elle que se quer,

e é elle que se esconde... Relanceiam-se varios vultos de mulheres e de creanças, tremendo de pavor; mas Kôtsuké no Suké não apparece. Organisam-se methodicas pesquisas. No seu quarto de dormir, Oishi encontra a cama ainda quente, o que demonstra que o sujeito não está longe. Renovam-se buscas cautelosas. Quando perdida quasi a esperança de encontral-o, um *rônin,* Yasada Jintarô, descobre que, por detraz de um *kakemono* pendurado, ha um buraco na parede; enfia por elle dentro e alli encontra, em um esconso que serve de deposito de lenha e de carvão, o proprio Kira Kôtsuké no Suké, com o seu ar respeitavel de ancião com sessenta invernos de existencia, vestindo um *kimono* de dormir, de bella sêda branca...

Tiram o velho para fóra e dão cabo de dois guerreiros que lhe faziam companhia e offereceram resistencia. Então Oishi, observando respeitosamente as praxes da etiqueta, ajoelhou diante do velho, dirigindo-lhe um discurso, pouco mais ou menos n'estes termos: — «Nobre senhor, nós somos os vassallos de Asano Takumi no Kami. O anno passado, vossa excellencia e o nosso amo travaram-se em questões no palacio do *shogun*, sendo Asano condemnado ao *hara-kiri* e cahindo sua familia na miseria. Viemos esta noite para vingal-o, como de fieis e leaes servidores é o dever. Rogo-vos, pois, nobre senhor, de admittir a justiça, d'este intuito, e todos vos supplicamos de fazer o *hara-kiri.* Eu proprio, com toda a humildade, receberei vossa cabeça, sendo minha intenção ir offerecel-a ao tumulo de Asano Takumi no Kami». O fidalgo, porém, não responde á exhortação, cobarde, trémulo de susto. Não ha tempo a perder. Oishi derruba-o e corta-lhe a cabeça com o mesmo punhal com que Asano se rasgára as entranhas. Manda depois apagar todas as luzes —

não venha algum incendio incommodar a visinhança. E os quarenta e sete *rônins*, com a cabeça do fidalgo mettida dentro de um balde de madeira, sahem caminho do templo de Sengakuji, em cujo cemiterio repoisava o corpo de seu amo.

Rompia já então a madrugada. O povo acorria a contemplar aquella sinistra procissão, applaudindo o exemplo da heroica dedicação de vassallos pelo senhor, que iam dando aquelles homens esfarrapados, cobertos de sangue e de lama dos caminhos, terriveis de apparencia. Um príncipe, de cuja residencia se aproximam, convida-os a entrar, louva-lhes o valor, offerece-lhes vinho e alguns refrescos. Continuam após a sua marcha, alcançam finalmente o templo de Sengakuji, depõem sobre o tumulo de Asano a cabeça do inimigo e um documento escripto, que offerecem ao espirito do morto. Estava cumprido o tremendo designio. Pouco, nada importava o resto. Alli, no templo, tranquillamente aguardaram a decisão do governo do *shogun*. Seguiu-se o julgamento. Foram todos condemnados a morrer pelo *hara-kiri*, que dignamente executaram, sendo seus corpos enterrados em tôrno da sepultura de seu amo.

O povo venera os espiritos d'aquelles quarenta e sete conjurados, cemo se deuses fossem; e ainda hoje vai, em peregrinações piedosas, orar junto dos tumulos, e enfeital-os com flôres.

Poucos dias depois dos factos narrados, um *samurai* de Satsuma, aquelle a que já me referi n'esta resenha, visitou a sepultura de Oishi Kuranosuké, ajoelhou, pedindo perdão ao seu espirito pelo ultraje que havîa commettido n'uma rua de Kiôto, chamando cobarde e vicioso a tão admiravel servidor; e, em expiação, suicidou-se pelo *hara-kiri;* o seu corpo tambem alli foi sepultado.

Fica agora bem, n'este logar, como remate da tragica narrativa que esbocei a leves traços, a transcripção do documento que acompanhava a cabeça do fidalgo de Yedo, e foi deposto, com o punhal, sobre o tumulo de Asano. Dizia assim o documento:

«15.º anno de Genroku, 12.º mez, dia 15. Nós vimos hoje aqui, quarenta e sete homens ao todo, desde o chefe, Oishi Kuranosuké, até ao ultimo soldado, Terasaka Kichiyemen, resolvidos a perder sem pena as nossas vidas; assim respeitosamente o declaramos ao venerado espirito do nosso defunto amo.

«No 14.º dia do 3.º mez do anno passado, o nosso venerado amo dignou-se atacar Kira Kôtsuké no Suké, por motivos que ignoramos, tendo por este facto de pôr termo á sua vida; mas Kira Kôtsuké no Suké ficou com vida. Receando embora que, depois do decreto publicado pelo governo, o procedimento que tomamos possa desagradar ao nosso nobre senhor, comtudo nós, que havemos todos d'elle recebido agazalho e sustento, não podemos sem córar recordar o preceito — «não poderás viver debaixo do mesmo céu ou pisando a mesma terra, com o inimigo de teu pai ou do teu amo»; — nem podemos conceber a possibilidade de um resgate do purgatorio e a admissão á vossa presença no paraizo, antes de levar a efeito a desforra iniciada. Cada dia de espera, parece-nos ter a duração de tres outomnos. Por isto, corajosamente havemo-nos arrastado pela neve durante um dia inteiro, perdão — durante dois dias inteiros, — provando um unico repasto.

«Os velhos e decrepitos, os doentes e indispostos, marcharam para a frente, afim de sacrificarem suas vidas.

«O povo deve rir de nós, comparando-nos a outros tantos gafanhotos, confiados na força dos seus musculos,

e de nós deve envergonhar-se o nosso amo; mas não sabemos deter-nos n'este proposito de vingança. Havendo-nos reunido e consultado, a noite passada, trazemos, junto do vosso tumulo, o nobre senhor Kôtsuké no Suké.

«Este punhal, com o qual, o anno passado, o nosso amo tão grande acto praticou e que em nossa guarda possuimos, a elle o devolvemos. Se o vosso espirito, senhor, se encontra presente diante d'esta sepultura, imploramo-vos de vos armar com esta arma e de ferir por segunda vez a cabeça do inimigo, para que todo o vosso odio para sempre se dissipe. E' esta a respeitosa exposição de quarenta e sete homens.»

— Informam-me de Macau que o almirante japonez Kamimura visitou, em fins de dezembro, aquella nossa colonia, entrando no porto a bordo de uma canhoneira e alojando-se por tres dias no Hotel Boa-Vista.

Kamimura, que é, como é sabido, um dos heroes da ultima guerra, percorreu a cidade em carruagem, acompanhado do governador da provincia, o qual lhe offereceu um banquete.

XVII

19 de fevereiro de 1908

A proposito do Confucionismo; outros systemas philosophicos; o marquez de La Mazelière; o Laoismo e o Taoismo; aphorismos chinezes; extravagancias litterarias da familia japoneza.

N'UMA correspondencia anterior, apresentei alguns ligeiros commentarios sobre o philosopho chinez Confucius e a sua doutrina — o Confucionismo; — doutrina que profundamente veio influenciar, por adaptação, a emotividade japoneza e de certo modo disciplinou os sentimentos ethicos dos nipponicos.

A doutrina moral de Confucius inspirou-se, como foi dito, nos costumes patriarchaes dos velhos tempos, no culto dos antepassados, nos deveres e nos direitos que uniam entre si o chefe de familia e os outros membros, o soberano e os seus vassallos. Moral de tradição, racionalista, despida de especulações ideaes; conservadora, apathica; e tão conservadora foi e tão apathica foi, que a ella se deveu o phenomeno social, curiosissimo, da cohesão de um paiz immenso, de uma população enorme, que permaneceu estacionaria, em estagnação, por seculos sem conta, perante a marcha evolutiva das nações.

No entretanto, o Confucionismo não se impôz em absoluto a todos os espiritos, não disciplinou todas as consciencias.

Sem já fallar do Buddhismo, religião importada da India, outros systemas philosophicos brotaram, estes puramente indigenas, afastando-se do frio convencionalismo de Confucius, entrando no campo do sentimentalismo, do espiritualismo, do individualismo.

No Occidente, os estudiosos modernos costumam catalogar estas manifestações dissidentes da intellectualidade chineza em duas denominações distinctas: o Laoismo e o Taoismo; peccando, por certo, a meu vêr, por demasiado amor á restricção e ao methodo.

Ora, um escriptor francez, o marquez de La Mazelière, que ultimamente se tem dedicado com fervor a estudos japonezes, admitte, e com razão, a grande influencia que o Confucionismo exerceu no espirito nipponico; admittindo tambem, e ainda em parte com razão, que o Laoismo e o Taoismo vieram por seu turno insinuar-se na alma do Nippon, creando aqui os dissidentes. Mas esta ultima influencia não deve ser considerada como absoluta e exclusiva. Deu-se, por certo; porém, sem ella, teriam apparecido do mesmo modo os dissidentes no Japão.

E' universalmente reconhecido que, em qualquer sociedade regularmente desenvolvida, o preceito, o dogma, a doutrina, a religião, originam desde logo o protesto, o scisma, embora nas pequenissimas minorias. Elabora-se um principio, para surgir logo após a controversia. É que as grandes doutrinas são feitas para as grandes maiorias, onde todos os membros se nivelam por um mesmo grau de capacidade evolutiva, phisica e moral e de equilibrio, vivendo todos em condições similhantes de existencia. Mas ha as excepções: — os espiritos mais lucidos, em avanço, os mais irrequietos, os descontentes, os que mais soffrem, os desgraçados, os loucos, os idiotas; — e é de taes elementos heterogeneos que se formam, natural-

mente e em toda a parte, as minorias protestantes, manifestando-se em queixa ou em revolta. Em todas as épocas e em todos os tempos, abundam os exemplos de philosophias de controversia, reflectindo-se em todos os ramos das sciencias, das artes e das lettras, nos costumes. Nos velhos tempos das civilisações em que a Europa commungou, é a cabala, a theosophia judaica, que se põe a commentar a Biblia a seu modo; derivando do facto, entre mil manifestações differentes, a alchimia, a astrologia, a bruxaria e outras artes occultas.

Nos tempos modernos e nos actuaes, mais facilmente apreciados, quantas escolas em antagonismo, com os principios geralmente admittidos!... Se eu fallasse da politica das nações, dos ideaes sociologicos dos povos?... Mas, para não relancear senão a litteratura, ahi temos o romantismo, o naturalismo, o impressionismo, o mysticismo de Tolstoi e não sei quantas mais fórmas dissidentes, que são simplesmente o Laoismo e o Taoismo — permittam-se-me aqui taes expressões — das litteraturas europeias. E' naturalmente nas sociedades opprimidas, ou infelizes, ou degeneradas, que mais se desenvolvem as doutrinas de protesto, as quaes são como que os cogumelos — de geração espontanea — que surgem abundantes nos antros insalubres e sombrios. No entretanto, não condemnemos esta vegetação das trevas. As doutrinas dissidentes, vindas de origens tão diversas — boas e más — representam um fermento, que vem por certo cheio de impurezas; mas é este o fermento do pão do nosso espirito combatendo a insipidez das ideias dominantes, levedando-as, modificando-as, transformando-as, tornando-as digeriveis.

O protestantismo, seja a respeito do que fôr, é a pura essencia do progresso, é indispensavel; e mesmo quando elle seja uma utopia, ou um crime, ou uma heresia, obser-

vemos que a utopia e o crime e a heresia de hoje serão talvez amanhã dogmas perfeitamente acceitos e consagrados.

Posto isto, e sem dar grande importancia á influencia do Laoismo e do Taoismo na mentalidade japoneza, pareceu-me interessante offerecer aqui aos meus leitores alguns trechos destacados das litteraturas dissidentes da China e do Japão.

Em contraste com o raciocinio optimista de Confucius, que acreditava incondicionalmente no bem, que impunha o altruismo, que exhortava o homem a dedicar-se pelos homens, os dissidentes do Extremo-Oriente — alguns deliciosamente originaes — accusam tendencias para o pessimismo, para o individualismo, para o isolamento, para a misanthropia; caracteristicas, devo dizer — se necessario é — que se encontram por igual nos dissidentes de todos os paizes.

Alguns dos intellectuaes asiaticos, de quinze ou vinte seculos atraz, pensam e escrevem como Baudelaire, como Verlaine; ou, nos seus desregramentos bohemios, pedem ao vinho, como Poe, as grandes commoções. Talvez — e *talvez* — uma unica differença se aponta: a obsecação do sexualismo passional não alanceia o asiatico como alanceia o europeu; o prestigio feminino, parece, exerce em nós — pobres almas doentes — muito mais intensamente os seus feitiços; não me consta que a Asia extremo-oriental alguma vez houvesse produzido um *Werther* ou uma *Graziella*. E agora, sem mais rodeios, dêmos-nos á agradavel tarefa de grupar as citações, escolhidas particularmente nos livros de La Mazelière e de Aston.

Comecêmos pela China, citando alguns aphorismos da doutrina da indifferença:

«Não faças nada, e tudo se fará.»

«Responder á injuria pela bondade.»

«Escolhe o ultimo logar para que te dêem o primeiro.»

«Esqueçam-se a prudencia e a sciencia, e o povo será cem vezes mais feliz.»

Chwang-Tse, que passa pelo verdadeiro fundador do Laoismo philosophico, dizia, ahi pelos meados do seculo IV antes de Christo:

«Sonho que sou uma borboleta. De repente, ao despertar, vejo que sou um homem.

«Qual foi o sonho? O meu estado de homem? O meu estado de borboleta?

«Talvez sonho não haja. Eu digo — despertar: deveria dizer — metamorphose.»

E mais adiante:

«Confucius e vós todos não sois mais do que sonhos; e eu, que vos chamo sonhos, não sou senão um sonho.»

Chwang-Tse dizia n'outra parte:

«A vida é o estado que vem depois da morte.

«Conheceis vós as leis da successão?...

«A nossa vida é o resultado de determinadas forças; se ellas se reunem, nascemos; se ellas se dispersam, morremos.

«A natureza é o fundidor. Nós somos o metal em plena fusão.

«Teria graça se o metal dissésse ao fundidor:

« — Eu quero ser um vaso, eu quero ser um sabre...

«E nós, na nossa hora da morte, diriamos:

« — Eu quero ser uma planta, um animal, um homem...

«Nós seremos o que o *Grande Fundidor* quizer que nós sejâmos.»

Certo dia, o mesmo Chwang-Tse encontra uma caveira, conta elle. Toma-a nas mãos e diz-lhe: — «Que carantonha de villão que tu me fazes!... E' a cara do juiz que des-

graça a sua terra, ou a gargalhada do devasso, ou a blasphemia do mendigo que vai morrer de fome?...» — E levou-a comsigo e fez da caveira um travesseiro. Agora o morto lhe apparece: — «Você tem a lingua bem comprida, meu amigo; mas falla-me como se eu fosse uma pessoa, e graças aos céus, já o não sou...» — Responde-lhe o philosopho: Cantigas! Dás então graças aos céus? Ia apostar que, se te offerecessem voltar a este mundo, voltarias, sem que hesitasses um momento.» — Mas torna-lhe a caveira: — «Está brincando! Como renunciaria eu a uma ventura maior que a de ser rei, para me ir de novo misturar ás angustias e ás luctas dos viventes?...»

No seu leito de morte, Chwang-Tse ordena a seus discipulos que deixem sem sepultura o corpo inerte. — «O céu e a terra — diz — se encarregarão do funeral.» — Acodem os discipulos: — «Quereis então que o vosso corpo seja devorado pelos brutos carnivoros?...» — O moribundo rematou: — «Sem duvida, a minha resolução vai prejudicar os vérmes da terra; mas terão estes realmente direitos adquiridos para me devorarem, em detrimento das fuinhas e dos corvos?...

Han-Fei-Tse caricaturisava o amor pela tradição, contando que certo esculptor empregára tres annos a fazer uma folha. A final, teve o seguinte premio do seu rude labor: misturada a folha artificial em um monte de folhas verdadeiras, nunca podéram differençal-a e recolhel-a. E concluía: — «Se o céu e a terra levassem tres annos a compôr cada folha, o que seria d'este mundo?...»

Ku-Ping, no nosso seculo IV, afogou-se de desespero no fundo de uma ribeira; ainda agora, uma vez em cada anno, durante a festa dos Dragões, galhardos remadores, em barcos engalanados, procuram o seu corpo por todas as ribeiras do imperio. Quando em exilio, por ordem do

seu principe, e recolhido em solidão, escrevia estas palavras:

«Existe, ou pelo menos assim creio, um Genio das montanhas. A sua cabaia é de glycineas, a sua cintura é feita de hera. Cavalga n'um leopardo ou repousa n'um coche, e gatos bravos lhe servem de esquadrão. E' um coche todo enfeitado de orchideas e de azaleas e com festões de acacias. O Genio recebe os aromas das flôres, que acordam recordações no seu espirito...»

E mais adiante:

«No cume da montanha encontro-me sósinho. As nuvens correm a meus pés; tudo é escuro. De léste sopra o vento dôcemente, e dôcemente cahe a chuva. Colho florinhas silvestres de entre um cahos de rochedos, onde trepadeiras se emmaranham. Bebo agua da nascente, ao abrigo dos pinheiros. Rebenta agora o trovão, do céu pluvioso. Macacos berram, toda a noite. Estala por vezes a tormenta, no meio das arvores que choram...»

Liu-Ling, que viveu pelo nosso III seculo, escrevia:

«Um velho lettrado meu amigo (era elle) não conhece differença entre um dia e a eternidade: não são os seculos, acaso, apenas um instante na successão dos tempos?... A casa do meu amigo tem por janellas o sol e mais a lua; o seu dominio tem por limites os quatro pontos cardeaes. Quer dormir? serve-lhe o céu de baldaquino e a terra é o seu leito. A regra do seu viver é a sua unica phantasia. Sempre com o copo em uma das mãos e com a garrafa na outra mão, não pensa senão no vinho, não cuida de outra coisa.

Li-Pé, do nosso seculo VIII, procura a solidão. Uma vez, repousa junto de uma ribeira. O murmurio do arvoredo embala-lhe o espirito e fal-o adormecer. De repente, acorda em sobresalto e dá-se á seguinte reflexão:—

«E' de manhã ou é de tarde?» — Responde-lhe a ave: — «Que importa! E' primavera: goza da vida que deslisa.» — Responde-lhe a ribeira: — «Que importa! E' primavera: bebe, canta e olvida».

Após estes curtos trechos, com referencia á immensa China, vamos agora, relancear, tambem por alto, as extravagancias litterarias da familia japoneza. Alguns espiritos dissidentes esquecem a disciplina viril do Shintôismo, ou os austeros preceitos do Buddhismo; resvalam para o mysticismo contemplativo, para o pessimismo, para a voluptuosa bohemia da preguiça, para os requintes do amor pela creação. Laoistas, taoistas, o que quizerem; homens, emfim, homens que soffrem; mas homens que se afastam do commum, que téem nos cerebros a particula do genio ou a tara da demencia, ou conjunctamente as duas coisas. A paizagem incomparavelmente carinhosa do Japão captiva os espiritos divorciados da sociedade humana, abraça-os em pantheismo, traduz-se em crenças para aquelles que, no oceano das descrenças, acabam de perder todas as suas illusões!...

Começarei pela traducção de duas pequenas poesias japonezas, que são do seculo IX:

«Sempre a gente occupando-se de assumptos, onde a nossa influencia é sem effeito... Não! mais vale esvasiar um copo de *saké!*...»

«Ora pois, como todo o vivente tem de morrer e despedir-se d'este mundo, eu quero divertir-me em quanto vivo fôr!...»

Ahi pelo nosso seculo XII, Kamo Chômei, poeta e musico, desgostoso e irritado por lhe haver sido recusada uma situação que pretendia, rapou os cabellos á navalha, fez-se eremita, retirando-se para um monte, Oharayama, a poucas leguas de distancia de Kiôto. No seu isolamento,

escreveu algumas obras; sendo um breve livrinho, *Hôjoki*, a mais notavel. *Hôjoki* quer dizer: — Descripções dentro de dez pés quadrados; — humoristica referencia á cabana onde o proprio Chômei passava a vida, occupando, com effeito, dez pés quadrados de extensão e sete pés do chão ao tecto, com paredes de lôdo sêcco e o telhado de caniços. Dentro do infimo casebre continham-se algumas santas imagens do Buddhismo, o altar familial, livros e manuscriptos, uma harpa, o alaude e um monte de folhas sêccas, que serviam de leito ao locatario. No seu *Hôjoki*, recorda o anachoreta as tres calamidades — o fogo, a fome, a peste — cujos horrores seus olhos presenciaram na cidade de Kiôto; e em seguida logo observa:

«Peores do que as calamidades naturaes, são os males que nos impõe o convivio social.»

E continúa:

«O mollusco recolhe-se na concha; a aguia do mar procura as costas desoladas e inhospitas, para alli se recolher longe do homem. Eu sou como elles são: aprazme o isolamento. Não votar estima a nada e a ninguem, não ter um só amigo, viver em paz, emancipado de cuidados, eis a minha unica ambição. Os homens levantam casas que não são para si, mas para as familias que elles téem, ou para os seus amos ou senhores, ou para os gados que possuem, ou para armazenarem seus thesouros; eu construi uma casa para mim proprio, não tenho um companheiro, não tenho um só amigo. Amigo? A amisade é o respeito que se tributa ao rico prodigo, e que é desprezo para aquelle que fôr honesto e bom. Amigos por amigos, prefiro a natureza e as harmonias. E ter criados? Elles só comprehendem gorgetas e castigos, e só nos chamam bons se muitos presentes lhes fazemos, espalhando assim nossos favores por gente que d'elles não precisa e mal

os sabe apreciar. Não: — sejamos os criados de nós mesmos.»

E mais adiante:

«Desde que renunciei ao mundo, deixei de conhecer receios e cobiças. Considero-me, a mim proprio, como uma nuvem do acaso; e, como o meu *Eu* não me inspira confiança, por isto não me merece o minimo cuidado. Sobre o travesseiro do espirito divagador, os gozos passageiros nada valem; e os desejos, que tanto amarguram a existencia, encontram pleno gôzo na contemplação das bellezas naturaes.»

De Kenkô, que viveu pelo seculo XIV, transcrevo, antes de tudo, os tres seguintes deliciosos pensamentos, que talvez no leitor vão acordar reminiscencias de vagos phenomenos da propria emotividade sensitiva:

«Quando ouvimos o nome de um sujeito, cuidamos logo de formar uma ideia a seu respeito; mas, invariavelmente, quando mais tarde fazemos d'elle conhecimento pessoal, vêmos que nos tinhamos enganado por completo.»

«Pergunto-me, a mim proprio, se eu sou o unico a experimentar, de quando em quando, a sensação de que certos discursos que ouço ou certas coisas que observo pela primeira vez, foram já por mim ouvidos ou já por mim observados... Quando? não sei dizel-o.»

«Não é sómente quando vêmos a lua e as flôres com os nossos olhos, que ellas nos dão aprazimento; n'uma noite de luar, ou n'um dia de primavera, a sua simples recordação, mesmo retidos no nosso quarto, nos é immensamente consoladora e ineffavel.»

Kenkô não despreza o vinho. Escreve elle:

«Ha occasiões em que o vinho é indispensavel. Por uma bella noite de luar, ou uma manhã de neve, ou quando

as flôres se abrem e os espiritos se sentem sem cuidados, o nosso deleite augmenta se, palestrando com um amigo, alguem nos vem servir um copo de *saké.*»

Ainda do mesmo Kenkô, este quadrinho encantador:

«Por um dia do X mez, fui de passeio á planicie de Kurisu; e, explorando certa região accidentada que cerca se apresenta, segui por uma estreita azinhaga atapetada de musgos, indo assim deparar com uma cabana solitaria.

Silencio absoluto em torno, interrompido apenas pelo ruido da agua que cahia n'um regueiro, que as folhas mortas mascaravam. A cabana, comtudo, era habitada: pude vêr, atravez dos chrysanthemos em flôr e da ramaria vermelha do outomno, o altar familial.

— Ah, pensei, quem podéra passar os dias em similhante paradeiro!... Mas, emquanto me quedava contemplativo, descobri uma grande laranjeira, cujos ramos pendiam até ao chão; achava-se a arvore defendida por um forte caniçado, que a rodeava inteiramente, denunciando intuitos avarentos; este facto arrefeceu um tanto os meus desejos; julguei que melhor fôra, se alli não se encontrasse a laranjeira...»

Kaibára Ekken, fallecido no começo do nosso seculo XVIII, escreve:

«Se fizermos dos intimos prazeres o nosso objecto principal, occupando os olhos e os ouvidos só como instrumentos que nos proporcionem taes prazeres, nunca seremos molestados pelos desejos dos sentidos.

Abrindo o nosso espirito ás bellezas do céu, da terra e das dez mil coisas creadas, o espirito nos dará satisfações illimitadas e perfeitas, sempre á vista, quer de dia ou quer de noite. O homem que se delicia n'estas coisas torna-se possuidor das montanhas e dos rios, da lua e

das florescencias, não precisando, para gozar, de fazer a côrte a outras bellezas.

Taes delicias não é a peso de oiro que se compram; sem dispender um chavo, e sem jámais as consumir, póde o homem gozar d'ellas até satisfação plena; e, posto que d'ellas disponha como suas, ninguem lh'as disputará, privando-o d'ellas.

A razão d'isto é que o encanto das montanhas, dos rios, da lua e das flôres, desde que o mundo é mundo, não é propriedade de ninguem.»

Mais adiante:

«Purifica-se o espirito, reunindo plantas e arvores n'um jardim e votando-lhes amor. Quando tivermos tempo, procuremos plantas mui communs—as primeiras que a nossos olhos se apresentem — ponhamol-as na terra e cultivemol-as. Se colleccionassemos raras qualidades — fosse o caso que importunassemos os amigos para as adquirir ou as comprassemos por bom preço — encher-nos-hiamos de orgulho pelo numero dos exemplares ou pela riqueza das especies; veriamos os outros colleccionadores como rivaes; e a jardinagem, arte amenissima, que deveria dar-nos poder sobre nós mesmos e paz na consciencia, ter-se-hia transformado em causa de angustias proprias e de maus desejos concebidos.»

Conclúo com uma passagem suggestiva do romance «Wasôbiôe»:

«Todos os sêres amam a vida, e todos a morte odeiam. E comtudo, se se profunda bem esta materia, não ha justo motivo que possamos invocar para que se considere a morte uma desgraça e, pelo contrario, a longa vida uma fortuna. Quando o homem envelhece, não cessa de soffrer em corpo e em espirito; dormindo, o corpo e o espirito repousam. Julgando por analogia e havendo estudado os

queixumes dos nossos gritos e dos nossos suspiros, parece certo então que a morte, quando uma vez chegada, deve ser deliciosa, tão deliciosa, que até nos dará pena de não a termos conhecido mais depressa e de não termos ido ao seu encontro. A lua e as flôres são de nossos olhos os encantos, justamente porque as flôres murcham bem cedo, e porque a lua desapparece para baixo do horisonte. Se as flôres desabrochassem igualmente em cada mez, ou se a lua brilhasse durante toda a noite, como se a neve cahisse em todo o anno, ninguem de taes coisas se occupára. Assim a vida humana. Immortaes, a vida ser-nos-hia sem prazer.»

XVIII

11 de março de 1908

Sobre o assumpto repetido d'estas cartas; as ideias pacifistas; referencia particular ao imperio japonez — S. exc.ª Wu Fing Fan; o seu espirito; divagação sobre a deusa Liberdade — A proposito da condemnação de Stoessel — Uma lucta tremenda do seculo XVI; confidencias de uma interessante velhinha — O incidente desagradavel de Macau.

UMA palavra tragica — a Guerra — tem servido de assumpto repetido a estas divagações. O leitor julgar-me-ha, possivelmente, um bulhento de maus figados, amigo de rixas e de sangue; cumprindo-me informal-o, para a hypothese apontada e em abono da minha inalteravel pacatez, que me parece que se engana. O facto de ser este povo nipponico o povo mais guerreiro dos tempos actuaes e o facto do recente conflicto russo-japonez, palpitante na memoria de nós todos, explicam talvez a insistencia. Ainda outra circumstancia, mais intimamente ligada com o que possamos ir dizendo sobre os destinos futuros do Japão, reside nas apparencias politicas, mundiaes, que levam a suppôr, n'uma época ainda indefinida, uma lucta tremenda de raças, entre brancos e amarellos, ou, mais propriamente, entre brancos e nipponicos. Pelas razões que ficam ditas, julgo, pois, que véem sempre bem cabidas n'estas cartas quaesquer palestras sobre a guerra.

Ora, é fóra de duvida que as ideias pacifistas vão ganhando terreno no mundo occidental, e que as probabilidades de um conflicto armado de Estado contra Estado — observe-se embora o formidavel augmento dos armamentos — vão de dia para dia escasseando. Ainda bem. No entretanto, fica entendido que nada d'isto tem que vêr com a guerra que uma nação da America ou da Europa descarregue sobre os povos exoticos da Africa ou da Asia.

A doçura dos modernos costumes e a nova orientação dos philantropos só condemnam as contendas de brancos contra brancos; não de modo algum, por exemplo, de brancos contra pretos; podendo, pois, os nossos canhões de aço ir continuando a metralhar o gentio indefeso nos sertões, sem que a rhetorica lacrimosa dos congressos pacifistas nos venha importunar com os seus zumbidos.

Desde que o mundo é mundo, se véem esgrimindo e registrando guerras. Variam, porém, os intentos e mais ainda as denominações. Registram-se guerras de invasão, guerras de defeza, guerras de desforra, guerras de independencia, guerras religiosas, guerras de imperialismo, guerras coloniaes e muitas outras. E' claro que, conforme as épocas e conforme as ideias moraes que predominam, assim se condemnam umas guerras e se applaudem outras. Servem de excellente exemplo para o caso as guerras religiosas, em que a nossa raça branca tanto em evidencia figurou: nos tempos do fanatismo imperante e dirigente, eram glorificados os arrojos da cruz contra os pagãos; a antiga phrase portugueza — *a cruz e a espada* — accusa bem a moral então em curso, embora pouco conciliavel com a doutrina que prégou o dôce Filho de Maria. No entretanto, annos após, já não se podia invocar impunemente a justiça da lucta contra crenças.

Pois bem. Chegamos a um momento historico, parece, em que a philantropia occidental condemna abertamente as guerras, quaesquer que sejam... feita excepção, como notei, das que se firam contra os povos exoticos, o que inclue as guerras coloniaes.

Mas já isto se me affigurára alta delicia, se não surgisse logo um contratempo.

Como que vindo comprovar a velha noção de que a guerra é uma fatalidade dos destinos humanos, constante, inevitavel, substitue-se já á lucta sangrenta pelas armas a chamada lucta pacifica do trabalho. Ouvide como a moral contemporanea applaude esta lucta, como outr'ora a moral de então applaudiu a lucta religiosa: — «Cessa a carnificina iniqua pelo canhão e pelo sabre; a guerra de hoje é a guerra incruenta da intelligencia, do esforço industrial, da competencia productora!...» — De accordo; mas é guerra tambem, infelizmente; estejamos certos de que surgirá uma época que a condemne; e, no entretanto, vou eu rabiscando para aqui o que o assumpto me suggere. Os soldados glorificados da guerra do trabalho não usam uniformes, vestem a camisola de operario; as armas não são canhões, são as machinas, os engenhos; os regimentos são os syndicatos, os *trusts;* os marechaes são os millionarios da America e da Europa; as fortalezas são as enormes officinas, as Bolsas e os Bancos; as esquadras manobram por todos esses mares, sem peças, mas com os porões cheios de carga; o campo de batalha é o mundo inteiro. Resultados?... Não estala o ruido do canhão, nem turva o horisonte a fumarada dos explosivos, nem cahem os cadaveres varados pelas balas; mas outros meios de devastação são empregados, rebentam tambem crises medonhas, como esta que ha pouco amedrontou e ainda amedronta o mundo inteiro, o que

quer que seja de depreciação da prata, provocado, diz-se, pelos *trusts* americanos; e morre de fome muita gente e cahem milhares e milhares de familias na miseria, e as listas dos suicidios accusam accrescimos tremendos... Então a guerra do trabalho é cruenta, como é a guerra pelas armas; guardemos esta noção no pensamento, embora não nos revoltemos contra a fatalidade dos destinos, que querem que todos os homens se disputem, cuidem de prejudicar-se entre si e vão ganhando uns á custa de outros.

Referindo-me agora particularmente ao imperio japonez, e assim justificando o motivo das leves considerações que apresentei, devo aqui observar que o Japão se encontra atravessando uma crise gravissima nos dias que vão correndo. Glorioso do terrivel conflicto, vê-se actualmente soffrendo da estagnação de actividades que em regra vem sempre após a guerra, e que — coisa curiosa — prejudica de preferencia o vencedor. O governo precisa de dinheiro e lança mão de novos impostos, medida que o povo recebe naturalmente de mau grado. Na Coréa e na Manchuria, o governo japonez pensa encontrar outros recursos, creando para o Japão uma situação privilegiada, na corrente commercial... um exemplo da tal guerra do trabalho, de que venho de occupar-me. Este facto, conjunctamente com muitos outros, provoca antipathias na China, que ainda está longe de poder cooperar efficazmente com o Japão no grande problema extremo-oriental; e, o que é muito peor, provoca antipathias em todo o Occidente, cujas manifestações mais graves são as actuaes animosidades, nos Estados-Unidos, no Canadá, contra os emigrantes japonezes. Isto tambem é guerra do trabalho, mas muito mais assustadora, com tendencias a alastrar-se, a tornar-se geral — uma especie de alliança

tacita dos brancos contra estes activos asiaticos. E de uma guerra de trabalho póde bem transitar-se para uma guerra de exercitos e de esquadras, tendo em vista, como disse, que os exoticos pouco impressionam ainda a philantropia occidental.

Estamos palestrando. Gravissimas complicações, de qualquer ordem, affiguram-se possiveis, mas muito longe de provaveis, na arrojada evolução que accusa o imperio japonez; evolução que não é nada menos do que o primeiro symptoma de um phenomeno colossal: — o acordar da Asia inteira. — Ainda muito acima dos seus meritos guerreiros, os nipponicos teem dado largas provas de um bom senso admiravel, de uma maravilhosa comprehensão dos seus deveres patrioticos, sociaes; deve, pois, confiar-se em que persistam n'este campo, com bastante prudencia para manter a distancia a inevitavel avalanche de invejas, de cobiças, a que os seus progressos dêem causa.

— Sua excellencia Wu Fing Fan (não se riam do nome), actual ministro da China na Republica dos Estados-Unidos da America, tem ganho, ao que parece, uma merecida reputação pelos seus ditos de espirito, lançados a proposito, em contraste — se quizermos ser sinceros — com muitos dos seus collegas, passados, presentes e futuros, os diplomatas de todos os paizes. Conta um jornal do Japão que, recentemente, uma dama americana, que se achava, n'um jantar, ao lado do alto funccionario a que alludi, perguntou-lhe porque é que os chinezes ligam tanta importancia ao seu Dragão; accrescentando: — «Vossa excellencia sabe perfeitamente que tal creatura não existe, não é verdade? Nunca viu tal Dragão, não é verdade?...» — O diplomata, retorquiu, curiosamente, á

pergunta, o que talvez possa chamar-se — responder *á chineza,* — o que vem em certos casos bem cabido. Disse elle: — «Minha cara senhora, porque é que os americanos ligam tanta importancia á deusa Liberdade, cunhada nas suas peças de moeda? Vossa excellencia sabe perfeitamente que tal cousa não existe, não é verdade? Nunca a viu, não é verdade?...»

A phrase dispensa commentarios; até ganha talvez em não os ter; no entretanto, eu, que palestro aqui para matar tempo e para demorar-me com o leitor, alguma coisa direi sobre o assumpto. Não se poderia synthetisar com mais primor a feição typica, actual, da grande nação americana, sobretudo quando é um asiatico que falla a uma dama americana. Essa noção de Liberdade mytho, equivalente ao Dragão mytho, mas prestando-lhe culto o livre *yankee,* é deliciosa!... Deliciosa — repito o termo, — quando se pense nas leis recentemente decretadas contra a emigração dos amarellos, nos tumultos de S. Francisco contra os residentes japonezes, nos vexames que soffre o negro indigena, que nem póde occupar, de mistura com os brancos, a mesma carruagem de um comboio.

Os proprios brancos poderiam queixar-se, se quizessem, dos travêssos beliscões com que a deusa Liberdade os gratifica. Mencionemos, para exemplo, o systema altamente proteccionista das alfandegas, systema que é uma terrivel barreira ao commercio mundial e que creou os *trusts,* fonte de grandes males para o proprio paiz onde se exercem. E ha a parte comica: ainda agora, em Nova-York, o municipio prohibiu o gôzo de fumar ao bello sexo, nos logares publicos, nos theatros, nos hoteis. E' claro que o cigarro vai mal ás gentis damas, como a bengala, como a gravata masculina, como o uso da palavra nos comicios; mas se esses pudicos vereadores co-

meçam, em nome da esthetica, a forjar decretos para uso exclusivo das senhoras...

Em compensação, a deusa Liberdade mostra-se de quando em quando sobejamente complacente e facciosa, n'aquelle bello paiz de exuberancias. Ha poucos mezes e ainda em Nova-York, o reverendo Hughes, protestante, celebrou um casamento dentro do tanque de uma praça publica. A noiva e a madrinha vestiam seductores fatos de banho; o noivo e o sacerdote trajavam calções de nadadores; os convidados, de ambos os sexos, caracterisados em sereias e em golfinhos, assistiam reverentemente á ceremonia. Não consta que, no numero d'estes ultimos, se encontrasse sua excellencia Wu Fing Fang...

— Chegou-nos a noticia de que o conselho de guerra, que funccionava em S. Petersburgo, acaba de condemnar á morte o general Stoessel, accusado da rendição ignominiosa da fortaleza de Porto Arthur; julgando-se provavel que seja commutada a sentença, por especial benevolencia do soberano.

Assim termina, pois, um dos capitulos mais tragicos da guerra russo-japoneza.

Quando, entregue a praça e ainda o conflicto em plena actividade, Stoessel voltava costas aos seus companheiros de trabalhos, aos seus soldados, seguindo estes para o captiveiro e elle para o conchego da patria, pareceu estranho a alguns observadores que o general fôsse ser alvo das glorificações mais ruidosas, emanadas da terra patria e tambem da terra alheia; estando ainda por certo na memoria de todos o facto de elle merecer, de parceria com o heroe japonez Noghi, as maiores distincções por parte da Allemanha. Tantos triumphos afogaram-se no opprobrio...

Mas egualmente vai parecendo estranho, aos observadores já apontados, este fim de apotheose, n'um assumpto que talvez ganhasse muito em ser esquecido, mas que tenazes despeitos, partindo provavelmente d'aquelles que não valiam mais do que Stoessel, levaram uma vez mais á discussão. Tudo isto é triste.

—Quando morreu Hideyoshi, em 1598, teve inicio uma tremenda lucta partidaria entre aquelles que seguiam a causa de seu filho e os votados á causa de Ieyasu; vencendo estes ultimos, finalmente, e estabelecendo-se por esta fórma a famosa dynastia shogunal dos Tokugawa, a qual só acabava tres seculos depois, com a restituição dos direitos imperiaes ao actual soberano. Durante a lucta a que alludi, correu durissima a existencia para o povo e tambem para os nobres, e abundante de episodios commoventes; servem de exemplo as linhas que seguem.

Yamada Kisuké, que vivia pelo comêço do nosso seculo XVIII, relatou as confidencias que lhe fazia sua avó, chamada An, morta aos 80 annos, na segunda metade do seculo anterior. A interessante velhinha gostava de descrever as privações por que passára e a sua existencia no castello, tão cheia de miseria, que durante quatro annos vestiu ella um só *kimono,* azul, que por fim, tão velho estava, que as pernas sahiam pelos buracos. Comia-se, raramente, um pouco de arroz pela manhã, e jámais durante o dia; á noite não se comia nada. As verduras constituiam a base dos repastos. De quando em quando, o irmão de An trazia do campo alguma peça de caça, e era então festa para todos.

Yamada Kiyoreki, o pae de An, servia a facção opposta aos Tokugawa, pelo que, e por ordem dos seus chefes,

teve de recolher ao castello de Ogaki, em Mino, onde lhe déram por missão o defender uma poterna. As tropas de Ieyasu cercaram o castello, começando então as hostilidades. E a velha An escreve a proposito as seguintes phrases commoventes:

"Nos primeiros dias, preveniam-se as mulheres antes de lançar fogo aos canhões, porque o choque era tamanho, que até as torres estremeciam, parecendo que a terra se ia abrir; o que muito assustava as menos corajosas. Com o tempo, habituámo-nos; e a mamã, eu, as outras senhoras e até as creanças passavamos na torre de observação o dia inteiro, a fundir balas. Os nossos soldados traziam-nos alli as cabeças dos inimigos degolados, para que lhes pozéssemos lettreiros. Tambem nos pediam para tingir de preto, com *okaguro,* os dentes das cabeças; n'aquella época, as pessoas da nobreza, por conseguinte mais em estima, usavam *okaguro* para pintar os dentes; e eis o motivo porque os soldados nos rogavam a trapacear n'esta operação, que favorecia os seus interesses. Por fim, não nos impressionavam taes cabeças, dormindo por alli, sem nos sentirmos indispostas com o cheirete do sangue que d'ellas escorria. Uma vez, havendo o tiroteio espalhado por toda a parte a confusão, veio dizer-nos um criado que o inimigo retirára; mas ainda não tinha elle acabado de fallar, quando uma bala prostrou por terra meu irmão, de quatorze annos de idade, matando-o n'um momento. Foi horrivel! foi horrivel!..."

E An termina assim, com a descripção de uma peripécia pouco heroica, pouco dos habitos nipponicos, mas cheia de naturalismo palpitante:

"N'aquelle mesmo dia, o inimigo enviou a seguinte communicação para meu pai, atada n'uma frecha:—

"Como fostes o professor de escripta de Sua Alteza Yeyasu, sereis poupado se abandonardes o castello„ — (cuja defeza era impossivel, registremos).

"O papá tomou conta de mim e da mamã, fez-nos trepar por uma escada junto á muralha do norte do castello, descer depois com a ajuda de uma corda e atravessar os fossos dentro de uma pipa. Eramos sete: o papá, a mamã, eu e quatro servos. A distancia de meia milha do castello, na direcção do norte, a mamã sentiu-se mal e deu á luz uma menina. Um dos criados lavou a creança na agua que inundava um arrozal e tomou conta d'ella, envolvendo-a n'um *kimono*. O papá carregou com a mamã ás costas e escapámo-nos no sentido das varzeas de Awonó.„

— Deve já ser conhecido dos leitores o desagradavel incidente que vou narrar, resumindo-o do que encontro nos jornaes locaes, sem poder garantir a veracidade de todas as minucias.

Ha algumas semanas, as auctoridades chinezas apresaram nas aguas de Macau (dizem os chinezes que nas aguas da China) o vapor japonez "Tatsu-maru„, que seguia de Kobe para aquella nossa possessão, com um carregamento de armas, consignadas a uma firma chineza da colonia. O vice-rei de Cantão, convencido de que o "Tatsu-maru„ se dava ao contrabando de armamento, que devia desembarcar, não em Macau, mas nas costas chinezas, mandou tomar conta do barco, fazendo-o seguir até ao posto de Cantão, com a bandeira da China içada, em vez da bandeira japoneza; e encontra-se agora em tal local, guardado por canhoneiras de guerra e das alfandegas.

O governo japonez não admitte as accusações enun-

ciadas, considerando o facto illegal e vexatorio. Por intermedio do seu ministro em Pekim, insta para que o "Tatsu-maru" seja immediatamente posto em liberdade, indemnisando-se os interessados, castigando-se as auctoridades chinezas culpadas; o desacato feito á bandeira reclama, além d'isto, desculpas de ordem diplomatica. O governo chinez, por seu lado, parece pouco disposto a dar prompta e categorica satisfação aos desejos do visinho imperio.

Eis a questão, que se suppõe será em breve resolvida, de uma maneira pacifica; mas que tambem poderia, pouco provavelmente, azedar-se, levando-nos a desempenhar um papel importante no assumpto.

XIX

15 de abril de 1908

O incidente do «Tatsu-Maru»; consequencias graves d'elle resultantes — As figuras que os pingos de tinta produzem no papel; a proposito dos borrões; as pinceladas que a Arte japoneza aproveita; a habilidade nipponica — Ao excursionista que se disponha a visitar os grandes scenarios do Japão; divagação — O dedo sem nome na China e no Japão.

REFERI-ME, na correspondencia anterior, ao desagradavel incidente occorrido com o vapor japonez «Tatsu-maru», apresado pelas auctoridades chinezas nas aguas de Macau, ou não nas aguas de Macau (não ficou para mim bastantemente esclarecido este ponto). Tal incidente, que poderia ter acarretado mui sérias complicações politicas entre os dois imperios asiaticos, terminou, felizmente, como já será conhecido dos leitores, tendo-se o governo chinez prestado a pôr em liberdade o vapor, apresentando ao mesmo tempo as suas desculpas ao governo offendido.

No campo diplomatico, talvez apenas para Portugal, que figurou incidentemente no assumpto, alguma coisa ficasse por esclarecer.

No entretanto o incidente trouxe consequencias desagradaveis, de outra ordem, as quaes ainda persistem.

Os commerciantes chinezes do sul da China decidiram, como desforra á humilhação soffrida pelo seu paiz, estabelecer o *boycott* aos productos japonezes, negando-se a importarem e a venderem artigos de procedencia nipponica. É assim que se estão passando actualmente as coisas.

A situação não será provavelmente duravel, como não foi duravel o *boycott* aos productos americanos; mas já occasionou e mais occasionará uma notavel depressão no trafico, com importante perda para o commercio entre os dois imperios. Acalmada a crise, ainda persistirá o resentimento, este mais difficil de apagar-se.

Novas fricções d'este genero, se irão dando; e mais numerosas serão ainda, á medida que a China fôr tendo mais nitida consciencia da sua posição pouco lisongeira, pouco desafogada, pouco digna, em comparação com os differentes Estados da grande familia das nações. A China está ainda muito longe de poder dar as mãos ao Japão, cooperando efficazmente com elle no enorme problema da regeneração asiatica.

Os grandes progressos do Japão e a sua invejavel situação mundial, coberta de prestigio, fazem sombra á China, azedam-lhe o animo, acordam-lhe antigos resentimentos, de que resultará constante attrito. No entretanto, todas estas hypotheses previstas não offuscam a missão redemptora (fallo com respeito á Asia) do Japão, nem tão pouco servirão de notavel obstaculo aos progressos do imperio chinez no caminho da civilisação moderna. O Occidente foi o mestre do Japão, no respeitante á sua ultima orientação social; mas isto á custa de frequentes fricções, de incidentes pouco amenos. Melhor poderemos admittir que o Japão seja o mestre da China, na evolução para que esta aspira, como uma necessidade

imperiosa da época; embora surjam de quando em quando complicações amargas, inevitaveis, que o tempo irá corrigindo e desfazendo.

— Cultiva-se na Europa uma arte, ou uma sciencia — não sei bem como chamar-lhe, — cujo nome me passa agora da cabeça, e que consiste, resumindo, em lançar pingos de tinta n'um papel, obtendo após, por sobreposições, por dobras habilmente combinadas, figuras surprehendentes, que excedem, pela extravagancia, pelo imprevisto, tudo que a imaginação possa suppôr. Já na prática dos processos se encontra interessante passatempo, como é facil de experimentar, mesmo por quem fôr profano no mistér; mas alguns iniciados vão mais longe, pretendendo descobrir revelações cabalisticas nas figuras, cuidando então de decifral-as. É longa a lista de nomes, distinctamente conhecidos, que se déram ou se dão a taes estudos; Victor Hugo foi um d'elles, segundo nota uma revista.

Ora, vem a proposito dizer que a Arte japoneza, se não cultiva precisamente estes processos, aproveita-se comtudo, por vezes, dos borrões, das pinceladas ao acaso, para alguns dos seus effeitos.

Ha desenhos — se tal nome é permissivel, — que consistem unicamente em uma mancha de tinta negra, alastrando-se e esbatendo-se na sêda ou no papel, ou de um simples rasto do pincel, que correu de um lado a outro lado.

Taes desenhos, de exotica belleza e intensivamente suggestivos, representarão nuvens, ou extractos de neblina, ou vultos de rochedos, ou distantes ramarias, ou reflexos de aguas, ou columnas de fumo, ou ainda talvez sombras, espectros alucinantes, de que as noites escuras

casualmente se povoam; quaesquer d'esses aspectos, emfim, indecisos, dissolventes, phantasmagoricos, em que a natureza se compraz e que nós não podemos definir; em pensamento ou por palavras.

É curioso observar, que a nossa technologia occidental, no respeitante a fórmas, enuncia a linha recta, enuncia o circulo, enuncia a elipse, enuncia o triangulo, enuncia o quadrado, enuncia a esphera, enuncia o cubo, enuncia a pyramide, enuncia a inteira série, emfim, das figuras geometricas que estudamos nos compendios e traçamos com regua e com compasso; e mais não sabe. Ao mesmo tempo, a creação, que ignora por completo a geometria, dá-nos a cada instante exemplos de fórmas variadissimas, que nós nunca poderemos, por palavras, classificar nem mesmo comprehender pelo pensamento. Isto mostra, além da miseria das linguagens, a enorme massa de incomprehensibilidade existente entre estas duas coisas: — a creação e o homem.

Referindo-me agora ao japonez, devo lembrar que lhe são reconhecidas qualidades artisticas especiaes e attribuidos dons de percepção da creação, que nós, os homens loiros, não possuimos; comprovam-no amplamente os seus productos de Arte, e o manifesto e inconfundivel aprazimento que experimenta, quando em contacto com as bellezas naturaes.

Considerando agora o caso particular das fórmas vagas, complexas, indecisas — nuvens, fumo, ramarias, etc., — parece que a linguagem japoneza é mais rica do que a nossa para podel-as definir. Sendo agglutinante, isto é, reunindo-se muitas palavras simples, representativas de ideias simples, para formarem uma só palavra, representativa de ideias compostas, comprehende-se como o vocabulo nipponico seja, como quem diz, um

ramalhete – ramalhete de ideias em vez de ser de flôres; condensando-se na unidade vocal uma multiplicidade de attributos, que pódem mesmo ser contradictorios. Os meus escassos conhecimentos da lingua do paiz onde me encontro não me permittem, de momento, citar exemplos adequados ao caso que me occupa; mas lembro-me do termo *shinhon* (manhã e noite), e do termo *myôken* (luz e trévas), e do termo *miké* (pêllo de tres côres), os quaes poderão já dar noção da complexidade de impressões que uma palavra unica é susceptivel de invocar; devendo assim julgar-se que a malleabilidade da linguagem seja capaz de traduzir o que as nossas linguas não traduzem – a fórma de uma nuvem, a fórma de um rochedo . . . – E não resisto á tentação de citar n'este momento a phrase portugueza – *circulo-bicudo,* – attribuida a um antigo general, famoso por seus ditos; ora, eis uma locução que bem poderia ser nipponica, resumida n'um só termo, como os que venho de citar; e – ria-se a turba embora da sua supposta extravagancia – deixem-me sinceramente applaudil-a, como sendo o meio mais conciso e mais frisante de exprimir pela palavra a complicada fórma de . . . um funil.

Voltando ao nosso assumpto, do que não resta duvida, é da habilidade do nipponico em reproduzir pela Arte as fórmas vagas a que me tenho referido.

Admittida a sua especial acuidade para poder comprehendel-as e retel-as de memoria, persiste ainda logar para admiração pelos processos que empregou em transmittir ao papel as mesmas fórmas, como nos desenhos de borrões e pinceladas que já foram citados n'este artigo.

Cuidando de explicar o caso, temos então de attribuir uma habilidade prodigiosa á mão do japonez, de con-

vencermo nos de que a alma do artista transita para os seus dedos. Fazemol-o sem esforço. Basta considerar a escripta. O japonez, que não usa de penna, mas que usa do pincel, não escreve, pinta.

O pincel é o instrumento que quotidianamente, durante algumas horas, manipula. Isto dá, pela prática crescente – sem já fallar na hereditariedade, – destrezas inconcebiveis ao movimento dos seus dedos, familiarisando-os com todos os caprichos dos contornos, com todos os segredos das curvas, com todas as evoluções das sombras, e inoculando-lhes o aprazimento das mimicas patheticas.

Poderemos agora melhor admittir como o artista nipponico saberá tomar partido de um pingo de tinta vertido sobre a téla: – inclinará a superficie, deixando correr a tinta; passará por cima, de golpe, nervosamente, a rama do pincel; por ultimo, uma dedada, tremente de commoção impressionista, completará a obra. – E eis que surgirá uma d'essas disparatadas concepções, que são comtudo imagens das fórmas naturaes, e vos darão a intuição da nuvem, ou do extracto de neblina, ou do vulto de rochedo, ou da distante ramaria, ou do reflexo de aguas, ou da columna de fumo, ou ainda talvez de algum espectro allucinante de que as noites escuras eventualmente se povoam...

Os disparates, em Arte, são muitas vezes as mais fieis reproducções dos espectaculos reaes.

– Quando o excursionista europeu se disponha a visitar um dos grandes scenarios do Japão, consagrados pela particular belleza dos aspectos, como é, por exemplo, a costa de Matsushima, cerca da cidade de Sendai, ou como é a estranha paizagem de Amano-hachidate, na

provincia de Tengo, e consulte para o caso um amigo japonez, colherá d'elle, naturalmente, abundancia de detalhes, que muito aproveitaveis lhe serão. O melhor itinerario a seguir, as paragens preferiveis, as hospedarias a escolher, as despezas provaveis da jornada, são minucias de que convém tomar logo nota na carteira. Ora, o amigo, japonez, não se esquecerá de observar que, para colher a completa impressão do espectaculo, em todo o seu encanto, deverá o viajeiro dirigir-se a um local apropriado, onde o panorama melhor se desdobre á sua vista; e então, dando as costas ao scenario, curvando o busto e com a cabeça para baixo, deve contemplar o quadro por entre o parenthesis das suas proprias pernas. E' em tal posição, com effeito, que o japonez se apraz em vêr as grandes paizagens commoventes...

Estou d'aqui adivinhando o espanto do leitor, perante mais esta excentricidade do nipponico, que veio ao mundo, parece, para nos divertir com os seus surprehendentes exotismos!... Se, no entretanto, por simples espirito investigador, a gente fizer como faz o japonez, e assim relancear a scena, mesmo de uma paizagem qualquer que ao acaso se apresente, reconhecerá pelos seus olhos que o japonez tinha razão, definindo-se os recortes com mais limpida nitidez, realçando com mais brilho as tonalidades differentes, embebendo-se, finalmente, todas as coisas de um não sei quê, de especial encanto.

Eu tentei descobrir qual o mysterio d'este phenomeno de visão; provavelmente, nada descobri; mas permitta-se-me aqui a exposição das considerações que formulei. E' facto que a postura referida é bem incommoda, fatigante, pouco recommendavel ao leitor e... incompativel com a leitora.

No intuito de facilitar a experiencia, notemos que similhante posição do observador corresponde a collocar-se de pernas para o ar — como se diz; — ora, se elle se conservar na postura habitual e fôr a paizagem que se inverta, as consequencias visuaes serão identicas. Experimente.

Mas pedir-lhe, por exemplo, que inverta a paizagem do Bussaco e que a contemple, de modo que o céu fique para baixo e o sólo para cima, seria pedir-lhe o impossivel. Ha meio de remediar este percalço: sem sahir de sua casa, do seu quarto, inverta uma photographia e examine-a; o retrato de uma pessoa de familia presta-se perfeitamente para o effeito. Notará o leitor — se não me illudo em conjecturas — mais firmeza nos contornos, melhor disposição das sombras, mais relêvo nas feições. Isto prova que o japonez tinha razão.

Se agora me pedissem explicações do phenomeno que apontei, aventurar-me-hia a suggerir que os nossos olhos, habituando-se aos aspectos normaes em que se fixam, vêem por fim, talvez, as coisas um tanto de memoria, por alto, sem se darem a fadigas; ao contrario, quando ao exame se offerece um objecto em posição estranha disparatada, o simples facto obriga a um trabalho mais consciencioso da visão, do que resultará ser mais nitida a imagem.

Poderia ir mais longe no campo das hypotheses. Não é a retina um *cliché*, onde as imagens de mil e mil objectos, que se avistaram, que se avistam, se estampam, se sobrepõem, se misturam, se confundem? A circumstancia de vêr uma arvore invertida, ou um rosto invertido, torna impossivel, pela raridade do incidente, a sobreposição com outras imagens anteriores; por conseguinte, mais impressiva a apparencia.

Ainda não disse tudo. Não se nos offerece a hypothese scientifica de que nós vêmos os objectos invertidos; e de que, pela experiencia do tacto, da realidade das fórmas, o pensamento elabora inconscientemente o trabalho de uma contra-inversão, indo collocar os objectos na sua verdadeira situação?

Sendo assim, o cuidado preliminar de inverter uma paizagem, uma figura qualquer, vem poupar um esforço mental ao pensamento; do que resulta economia de força e, conseguintemente, mais concentração proficua de perceptibilidade.

E todo este aranzel, meus caros senhores, para pretender justificar uma excentricidade japoneza; e — acrescentarei — para suggerir como consequencia fatal, que, em vez de nos servirmos de oculos e de lunetas, bem melhor fôra que começassemos a andar, todos, com as mãos pelo chão e os pés para o ar!...

— Mencius, um dos famosos philosophos da China, dizia pouco mais ou menos o seguinte: — «Ha o caso do terceiro dedo (terceiro, depois do pollegar). Se o terceiro dedo, ou dedo sem nome, de um individuo, ficou torcido por qualquer incidente, de modo que não possa endireitar-se, e se constar a esse individuo que algum curandeiro poderá dar remedio a um tal defeito, será capaz, embora o dedo lhe não dôa, de emprehender longa viagem, de um extremo ao outro do imperio, a fim de consultar o curandeiro. O individuo sabe que é assás desagradavel ter um dedo differente dos dedos da outra gente; mas não se disporá á mais leve fadiga, se o seu coração fôr differente dos corações dos outros homens. Prova isto como a humanidade despreza, em regra, a justa ordem das coisas.»

Ora, se na linguagem chineza ha um dedo que não tem nome, outro tanto succede na linguagem japoneza; O niponnico chama *oya-yubi* (o dedo pai) ao pollegar: ao seguinte, chama *hitosashi-yubi* (o indicador); ao outro, chama *naka-yubi* (o dedo do meio); ao dedo minimo, chama *ko-yubi;* mas, para o dedo que falta nomear, não encontra termo conveniente que lhe dê. E' verdade que algumas pessoas chamam a esse dedo *benisashi-yubi* (o dedo para pôr o carmim), alludindo á circumstancia de ser com a pontinha de tal dedo, molhada n'um cosmetico, o *beni,* que as damas avermelham os seus labios. Mas tal denominação não é geral, nem se pode dizer que tal dedo é o unico empregado no mister que referi; em todo o caso, o vocabulo é de pura technologia feminina, e apenas accusa uma funcção chimerica, superflua.

A razão de haver um dedo sem nome em cada mão, como em rigor se póde assegurar, provém do seu pouco prestimo, ou nenhum. Entre os varios misteres a que se dão os dedos, aponta-se para o pollegar e para o minimo a habilidade apprehensora; o japonez coça a cabeça com o dedo indicador; o dedo do meio é-lhe util na escripta; mergulha o minimo no vinho, tomado quente, para julgar do grau de temperatura; só do dedo sem nome não tira proveito conhecido.

Antes de pôr termo a esta palestra, é interessante referir que tambem as linguagens europeias pouca importancia dão ao dedo humano a que a lingua japoneza não dá nome. A nossa lingua, por exemplo, chama-lhe o annular, o dedo do annel; — n'uma lenga-lenga que a gente conta ás creancinhas, tal dedo é simplesmente — o visinho, o visinho do dedo minimo; — appellidos que bem pouco abonam do seu prestimo. Quanto ao uso utilitario que se lhe possa attribuir, não me lembro, com effeito, de

nenhum digno de meritoria referencia, — excluindo naturalmente o piano, instrumento de supplicio da época presente, para o qual os dez dedos das duas mãos são ainda poucos!...

Devemos, pois, concluir que o homem tem em cada mão um dedo a mais, um dedo sem valia, sem nome; quando muito, um dedo banal e faustuoso, cuja importancia physiologica se resume em acarminar os labios das mundanas japonezas e em enfiar anneis custosos, tratando-se das damas do Occidente.

Poupo ao leitor o enfado das considerações de ordem moral a que o assumpto se prestava, comparando os cuidados qne esse dedo inutil nos merece, se qualquer defeito o desfigura, com o desprezo que votamos aos nossos defeitos de alma, aos aleijões do coração...

XX

15 de maio de 1908

Uma carta de Lafcadio Hearn; considerações a proposito da mesma — Uma casinha minuscula; o seu jardim; as impressões recebidas; o «Nirvana»; o que este é — Dois serviçaes de barbaros instinctos: caso a proposito, contado por Lafcadio Hearn — Delicadezas miudinhas dos aspectos no Japão — A armada americana; commentarios a respeito da mesma.

FOLHEANDO a interessantissima collecção das cartas de Lafcadio Hearn, deparamos com a primeira carta do volume segundo, datada de 1890, a qual é tambem a primeira em que o delicioso escriptor, então recemchegado ao Japão, refere as suas impressões do Dai-Nippon. A carta é dirigida a uma senhora americana, Isabel Bisland, grande admiradora de Lafcadio e a elle ligada por estreitos laços de estima; sendo tal dama quem colligiu as cartas, acompanhando-as de uma extensa biographia e dando-lhes luxuosa publicidade.

A primeira carta do segundo volume diz assim:

"Minha cara Isabel. — . . . Vejo-me indescriptivelmente pender para o lado do Japão. Sem duvida, a natureza d'aqui não é a natureza dos tropicos, tão esplendida e selvagem, e omnipotentemente formosa, que eu sinta, no momento de escrever estas linhas, a mesma oppressão

no coração que senti quando deixei a Martinica. Esta é uma natureza domesticada, que ama o homem e se faz bella para agradar-lhe, vestindo-se de pallidos tons como as mulheres japonezas; as arvores parecem conhecer que a gente repara n'ellas, parecem ter pequeninas almas humanas. Do que eu gósto do Japão é dos japonezes — o pobre e simples povo do paiz. E' divino. Nada ha n'este mundo que se aproxime do seu natural e ingenuo encanto. Jámais livro impresso o reflectiu. Eu amo os seus deuses, os seus costumes, o seu trajo, as suas cantigas, que lembram gorgeios de passaros, as suas casas, as suas superstições, os seus defeitos. Eu creio que a sua arte está tão longe em avanço da nossa arte, como a antiga arte grega foi superior aos primeiros e timidos ensaios da arte europeia; e creio que ha mais arte em uma estampa de Hokusai ou d'aquelles que lhe succederam, do que n'um dos nossos quadros de 10:000 dollars — (não, de 100:000 dollars). Nós somos os barbaros! Eu não creio méramente n'estas coisas: acredito n'ellas, como acredito na morte. O meu unico desejo é o de reviver em algum pequerrucho japonez, de maneira que possa vir a encarar e sentir o mundo tão lindamente, como só a um cerebro japonez é permittido. Naturalmente, encontro-me estudando o Budhismo com alma e coração. Um joven estudante de certo templo é meu companheiro. Se eu ficar no Japão, havemos de viver juntos. Escreverei ainda, para informar se tudo vai bem. Creia na minha constante e dedicada estima — *Lafcadio Hearn.*»

Assim pensava e escrevia Lafcadio, ha uns dezoito annos, ao chegar ao Japão, ao relancear os primeiros aspectos do paiz. Então e ainda hoje, outro qualquer viajante recemchegado — suppondo-lhe uma alma sensitiva — pensaria e pensará do mesmo modo, guardadas as

devidas proporções entre o espirito subtilissimo de um talento peregrino e as restrictas qualidades emotivas de nós todos, com raras excepções. E' sempre este povo que commove, que encanta, pelos seus graciosissimos trajos, pelos seus delicadissimos costumes; correndo a acção, d'este captivante trecho da comedia humana, n'um dos scenarios mais acariciadores do mundo inteiro.

Ao lado da simples vida do povo, desenrola-se — fallando especialmente dos grandes centros — a vida das classes cultas, formadas pelo alto commercio, pelo funccionalismo official, pelo exercito e pela armada, já bastantemente complicados de costumes e de sentimentos de importação, traduzidos da nossa civilisação occidental. O modernismo alastra-se, como uma grande nodoa de azeite, e chegará um dia a todos. E' uma lastima!... No momento em que a civilisação dos brancos se amesquinha e se achata, em que as suas delicadezas se afogam no positivismo da existencia moderna, é ella que vem ser o crédo de um povo que teve o privilegio, até ha poucos annos, de brilhar pela sua arte incomparavelmente primorosa, pelas suas virtudes civicas, pelos seus costumes delicados...

No entretanto, não poderemos condemnar similhante transformação. Fomos nós, os occidentaes, que a impozemos, obrigando o Japão a sahir do seu mysterio, a abrir as suas portas á invasão dos brancos. Offerecia-se ao paiz do Sol Nascente uma de duas normas de conducta: ou persistir na sua civilisação classica e perecer ás nossas mãos, tornando-se uma colonia a mais de qualquer Estado europeu; ou emancipar-se da tradição, civilisar-se á nossa moda, armar-se até aos dentes, impôr-se ao respeito mundial, manter a sua independencia. Optou pela segunda hypothese. Bem haja. Admiremos a evolu-

ção surprehendente que se operou no seio da nação, impulsionada por um unico sentimento: o patriotismo.

E resta-nos ainda a esperança — a nós, os sonhadores da arte e das graciosidades emotivas — que um dia virá talvez em que o Japão, desassombrado de receios, seguro da sua missão reintegradora, possa votar de novo attenções minuciosas á sua tradição, aos seus impulsos esthetiços ao seu amoroso pantheismo pelos aspectos da natureza.

— Passei, ha alguns dias, longas horas, mui longas horas, em uma modestissima casinha japoneza, minuscula, composta de dois unicos cubiculos, infimos em dimensões, abrindo para um jardim, que occupava em superficie não mais de dois metros quadrados. De joelhos sobre a esteira, só, fumando o cachimbinho japonez, puz-me a olhar para o jardim, esmiuçando-lhe os detalhes. Fechava-o um velho taboado, com essa côr neutra, que quasi não é côr, da madeira escurecida pelo tempo, limitando o plano visual, mas apenas limitando-o, sem nos deixar a impressão de uma barreira, de um plano divisorio. O adorno do jardim consistia n'um *tôrô* (lanterna de pedra) n'uma lasca de rochedo assente sobre o sólo, verde de musgos, n'um monticulo de hervas sem nome, nascidas ao acaso, e n'um unico pinheiro. Nada mais. Tanto tempo levei a mirar e a remirar o simplissimo scenario, que me acudiu uma profunda noção de estima por aquelles poucos e insignificantes objectos; tendo a vaga comprehensão de que podia ser alli feliz, se aquella casa fosse minha e aquelle jardim meu tambem fosse, e se a felicidade, para uma certa quadra da vida, que é a minha, e para um certo estado de alma, que é o meu, se resume, como creio, na paz e na simplicidade ingenua do ambiente.

Para nós todos, a maior parte da existencia, no seu periodo exuberante, passa-se, em regra, no afan de alargar conhecimentos, de multiplicar impressões, de estender a vista para longe. Mas vem após um outro periodo de decadencia; e então, com elle, um anceio de reversão, de restricção, desinteressando-se o espirito das grandes scenas, das grandes coisas, aprazendo-se em concentrar as suas emotividades nos pequeninos pretextos circumdantes. Ora, n'um jardimzito japonez como aquelle a que acabo de alludir, onde ha apenas dois pedaços de pedra, um tufo de herva e uma arvore, e onde, de quando em quando, um insecto cruza o espaço ou uma aranha faz a teia de folha para folha, comprehende-se como a longa convivencia com estes poucos estimulos da attenção, representando para nós a creação inteira, nol-os fará amar intensamente; levando-nos, pela simplificação do espectaculo, a uma condição indescriptivel de tranquillidade espiritual, a uma immensa serenidade que se aproxima do *Nirvana!*...

Nirvana... Referi-me, incidentemente, ao estupendo mysterio das crenças asiaticas. Mas o que é o *Nirvana*, como podemos figural-o?... Segundo o Buddhismo transcendente, o *Nirvana* é um estado de suprema abstracção, succedendo-se ás multiplices peripécias da existencia — ou antes das existencias — e da qual só os eleitos gozarão. A sentimentalidade occidental não concebe a ideia do *Nirvana;* em parte por incompatibilidade de raça, em parte por preconceito religioso, em parte por desdenhosa ignorancia.

No entretanto, e segundo a opinião dos entendidos, o Buddhismo é a philosophia religiosa que menos vai de encontro á sciencia experimental e positiva que hoje cultivamos. Muitos dos seus dogmas são explicaveis por

argumentos da razão. Hei-de um dia, n'este logar, por simples desfastio, referir-me a taes dogmas, incluindo o *Nirvana*. Hoje, porém, por mero passatempo, direi alguma coisa do *Nirvana*, mas de *minha propria casa*, isto é, citando uma maneira comesinha, nada scientifica, nada rigorosa, de pura phantasia, a qual me serve ás vezes para invocar a ideia do *Nirvana*, nas minhas divagações do pensamento.

Para o nosso ligeiro raciocinio, partamos de um casal — marido e mulher — chamemos Antonio ao tal marido; imaginemos que do casal nasceu um filho. Este filho, no respeitante ás qualidades hereditarias de seus paes, herdou por partes iguaes de cada um; assim, o pai (fallando só do pai) desappareceu, morreu, deixando ao filho metade dos seus dotes transmissiveis. O filho casou e teve um filho, que possue metade dos dotes transmissiveis de seu pai e, conseguintemente, a quarta parte dos dotes de seu avô Antonio. Este segundo filho casou e teve um filho, que possue a oitava parte dos dotes transmissiveis de Antonio, o bisavô paterno.

Vemos por este modo que a individualidade não se perde, mas transita, desmerecendo, subtilisando-se. Os olhos azues de Antonio — por exemplo — e a sua preferencia por morangos, e a sua paixão pelo jogo de xadrez, e o seu vicio pelo vinho, e a sua habilidade em versejar vão existindo sempre, de geração para geração, mas perdendo successivamente o seu vigor, as suas caracteristicas. Decorridos mil annos, ou dez mil annos, ou um milhão de annos, ou muito mais ainda, a individualidade de Antonio existirá; antes a sombra do que foi, tão alienada da sua feição inicial, tão esquecida das suas preferencias, das suas energias e dos seus vicios primitivos, tão diluida na immensidade dos tempos e do es-

paço, que podemos imaginal-a n'um estado de suprema abstracção, de paz absoluta, que seja o *Nirvana* do Buddhismo... Não será, mas pareceu-me que este singelo discorrer nos suggere a racional possibilidade do mysterio...

— Ha algumas semanas, os jornaes de Kobe noticiaram o caso de dois japonezes serviçaes n'um hospital haverem sido presos, processados, condemnados, por ultrage a alguns cadaveres, que abriram, sacando-lhes as entranhas. O incidente passou sem grandes commentarios, dando apenas a ideia dos barbaros instinctos dos perpetradores do desacato. No emtanto, é bem possivel que o crime, nas suas repellentes apparencias, envolva algum mysterio de alma, capaz de enternecer; cito a proposito o que conta Lafcadio Hearn, em carta a um dos seus amigos.

Isto aconteceu ha poucos annos, perto da cidade de Kumamoto, não longe de Nagasaki. Certo camponez consultou um curandeiro a respeito de sua pobre mãe, que soffria dos olhos e cahira em cegueira. O curandeiro deu em troco que a velha podia ser curada, se lhe désem a comer um pedaço de figado humano, colhido fresco de pessoa joven. O camponez entrou em casa espavorido e contou tudo a sua esposa. Diz-lhe ella então: "Nós temos um filho unico, lindo como os amores; você póde arranjar outra mulher, tão boa como eu ou ainda melhor, mas não póde arranjar outro filho como este; mate-me, em vez do filho, e restitúa a vista a sua mãe, como é do seu dever." Assim foi decidido. Abraçaram-se os dois; o camponez matou a esposa com um golpe de sabre; e dispunha-se a ultimar a operação, quando lhe entrou em casa a visinhança e a policia

pouco após. O homem foi levado ao tribunal, onde confessou ingenuamente toda a historia aos seus juizes; estes, com lagrimas nos olhos, condemnaram-no a nove annos de prisão, em vez da pena ultima, como os Codigos prescrevem...

— Ha, n'este paiz, taes delicadezas miudinhas dos aspectos, na arte como na natureza, que não se pódem descrever; nem a sentimentalidade occidental facilmente as comprehende por simples referencias, que peccam por força por insipidas.

Vem isto a proposito de um bailado que em Osaka, durante quasi todo o mez de abril, attrahiu os visitantes. E' em tal mez que as cerejeiras florescem; a primavera define-se em todo o seu esplendor, animando de alvoroços toda a gente; e então, nos grandes centros e em theatros especiaes, é costume organisarem-se bailados luxuosos, figurando as *gheishas* mais em voga, e muito frequentados pelo povo.

Em Osaka acabou de construir-se um esplendido theatro para taes dansas, inaugurando as suas festas com o *Naniwa-Odori,* a dansa de Naniwa (*Naniwa* é a denominação classica de Osaka). A gentileza do scenario e das *musumés,* estas vestidas de *kimonos* primorosos, e a graciosidade dos quadros, da mimica e da musica constituem um captivante passatempo.

Mas eu pretendo apenas referir-me a um quadro sobre todos impressivo. Em certa occasião, o scenario transforma-se por encanto, para vir representar o famoso campo de peonias, Kinobé, vasta planicie, esmaltada de florescencias. Não está ninguem em scena; só se vê, lateralmente, a orchestra feminina, ferindo guitarras e tambores e cantando sentidas harmonias. A rastejar pelas

corollas, eis que surge uma borboleta branca, e após outra, e após muitas — borboletas de papel, a que mãos invisiveis habilmente imprimem movimentos. E desenrola-se então, durante dez minutos, durante um quarto de hora, ou mais talvez, a epopeia inteira d'aquelles pequeninos sêres alados, ora voando de flôr para flôr, ora poisando sobre as pétalas, ora encontrando-se no espaço, ora beijando-se, ora esquivando-se, ora perseguindo-se, para beijarem-se de novo... E' o drama mudo, mas completo, mas impressivo extremamente, de um trecho da vida animal, encantando-nos, enfeitiçando-nos, approximando-nos dos miudinhos mysterios da creação; e tambem enchendo-nos de pasmo, pois nunca poderiamos suppôr que taes actores e que tal monotonia seriam capazes de fazer vibrar tão intensamente as nossas fibras emotivas!... Confessamos que só os japonezes saberiam tirar assim partido de alguns pedacitos de papel!...

— Lá vai e para cá vem, pelos mares fóra, a grande armada americana. As ultimas noticias dão-na chegada a S. Francisco, composta, ao todo, de 43 navios.

A grande armada americana, surgindo nos portos toda embandeirada, toda pimpona, dando muito que fallar do seu pomposo aspecto e attrahindo as attenções do mundo inteiro, faz lembrar — mal comparada — uma dama creoula americana, buliçosa, espalhafatosa, com os dedos cheios de anneis e com o chapéu cheio de plumas, fazendo sensação nos hoteis onde apparece. Devemos têl-a no Japão, irá a Manilla, aos portos da China, a toda a parte, a fim de se mostrar, de dar nas vistas, que é o que ella quer, a pretenciosa!...

A principio, attribuiam-se-lhe designios mysteriosos, de certo modo em relação com as questões diplomaticas,

pouco amenas, que se téem debatido entre a grande republica e o Nippon, a proposito de emigração e de outras coisas; mas parece que tudo se passará em plena paz, como convém.

No entretanto, a respeito de tão inesperada ostentação, téem-se feito ouvir severos criticos, mesmo entre americanos, julgando-a inopportuna e temeraria. Razão haveria, talvez, para que os europeus, que tanto se preoccupam com o *Perigo-amarello*, se preoccupassem, mais do que acontece, com o *Perigo-americano*, n'esta occasião. Ora, apregoando a grande republica que a America é para os americanos, parece que seria na America o logar da sua esquadra, como elemento de defeza, emquanto que as actuaes evoluções fazem suppôr que tal esquadra pretende tambem ser um elemento de conquista, o que é mais sério. Mas não sejamos agoirentos. Antes se deve imaginar que não abundam motivos para que nos arreceêmos da America; devendo ella, pelo contrario, arrecear-se de si propria.

Eu me explico. Tem-se dito até agora que — o dinheiro é o rei do mundo. Mas os aphorismos variam com os tempos. Parece que, n'este momento, um outro principio, bem differente, começa definindo-se. O dinheiro, a grande riqueza publica, são factores altamente dissolventes. A vida de uma nação está na energia dos seus nobres ideaes — veja-se o Japão. Pelo contrario, a larga prosperidade arrasta rapidamente os povos á degenerescencia, ao anniquillamento.

Os ricos facilmente se corrompem a si mesmos pelo egoismo baixo, pelo exotismo, pelos interesses mesquinhos em torno, pela lucta de capitaes de visinho para visinho. Pesa sobre muitas nações do Occidente um grande problema social: — o seu pauperismo. Pesa sobre

a grande republica norte-americana um mais tremendo problema social: — a sua riqueza. Cuidado!...

Talvez não seja inteiramente disparatado o raciocinio, se quizermos apontar, nós, portuguezes, duas causas primordiaes, remotas, da nossa decadencia presente: — o fanatismo religioso, que nos prostrou; o oiro e as outras preciosidades que nos vieram das Indias e do Brazil, que nos desmoralisaram. Sirva a lição a outras nações.

XXI

19 de junho de 1908

A evolução da China; o combate contra o vicio do opio; o vicio que ha-de succeder-lhe; o que poderiam os portuguezes fazer no momento presente — Sobre a crise que o Nippon atravessa; a antipathia dos occidentaes pelos japonezes; como se explica essa antipathia — Caso curioso em que entra um estudante conductor de um carro; falla-se a proposito no interesse dos nipponicos pela instrucção; os estudantes pobres — A canção popular cantada pelas «gheishas» e pelo povo; traducção, para portuguez, de duas cantigas japonezas — «Japonisação» do Porto; promessa do auctor d'esta carta para quando os portuenses se «japonisarem» todos.

Vem sendo repetida frequentemente, n'este logar, a phrase — *o acordar da China.* — A insistencia explica-se e desculpa-se, por ser tal phrase a que melhor define o estado actual do immenso imperio, no respeitante á sua evolução. A evolução da China!... Ha quinze ou vinte annos, só por méro gracejo se podéra fallar n'ella. Mas hoje é um facto patente, indiscutivel; dá-se e prosegue com uma precipitação incomparavel, que ninguem podéra imaginar. O que será a China dentro de vinte annos, dentro de cincoenta annos, ninguem póde prevêr; mas já promette offerecer á historia as paginas mais surprehendentes, mais maravilhosas, de transformação e de

regeneração, de que é capaz uma familia humana. E que familia!... Cerca de quinhentos milhões de individuos que acordam, desejosos de pugnar pelos seus direitos e pelos seus deveres!... O mundo do Occidente tem a noção do caso; mas creio que tem uma noção muito imperfeita. Não educou a sua mentalidade para este lance, que deve trazer consequencias tremendas, e abalar e modificar profundissimamente o equilibrio universal.

Um dos capitulos mais interessantes da incipiente regeneração da China é o capitulo do opio. Sabe-se que o vicio de fumar opio nascera entre os chinezes. Sabe-se que a Inglaterra favoreceu-o largamente. Sabe-se que os mandarins tiveram, em um dado momento, a consciencia dos tristissimos resultados futuros d'este flagello nacional, que ia lentamente envenenando a raça; e, um bello dia, prohibiram sem mais rodeios a importação da droga, mandando lançar ao rio — passava-se a scena em Cantão — os ultimos caixotes, que teimosos mercadores da loira Europa queriam á força introduzir e pôr á venda.

A consequencia d'isto foi a guerra, a *guerra do opio*, ficando os chinezes derrotados, cedendo Hong-Kong aos inglezes. E o opio começou desde então a importar-se sem ceremonia, prosperando enormemente a importação, com magno jubilo dos inglezes e dos brancos em geral, que iam ganhando por dois lados: — era a papoila das Indias que fornecia a droga, constituindo uma fonte maravilhosa de receita para os ricos plantadores; e ao mesmo tempo os chinezes iam cahindo em torpida madorra, em degenerescencia, em imbecilidade, quasi indifferentes á conquista e a todas as imposições da sábia Europa.

Pois ha pouco tempo, com o acordar da China, acor-

dou tambem o desejo vehemente da nação de acabar com o uso do opio. São as iniciativas officiais e as iniciativas particulares que felizmente se combinam. Promulgam-se decretos imperiaes em tal sentido; o povo, por seu lado, cuida de desembaraçar-se do vicio. Ainda ha poucos dias se deu o curiosissimo espectaculo de um verdadeiro *auto de fé,* em uma rua de Shanghae, sendo queimados, por ordem dos proprietarios de um salão publico de fumadores de opio, todos os cachimbos — alguns valiosissimos — e mais utensilios requeridos; a chusma assistia alegremente a similhante execução. E note-se que agora já a Inglaterra se não atreve, como atreveu, a impôr á China, pela força das esquadras, a importação da sua droga; a Inglaterra e todo o Occidente téem agora de mostrar-se — por vontade ou sem ella — humanitarios n'este assumpto.

Dentro de poucos annos, os grandes monopolios do fabrico do opio, estabelecidos em varias colonias europeias do extremo Oriente, terão forçosamente de encerrar-se. A coisa interessa-nos bastante, pois floresce tambem em Macau um dos taes monopolios, que terá de acabar, como todos, privando os cofres publicos dos largos proventos que véem auferindo. Deve, pois, pensar-se, pelo que nos respeita, em crear novas receitas, que substituam esta, que não tardará a desapparecer.

O problema offerece ainda uma outra face interessante. Raciocinam já os negociantes do Occidente sobre o que virá a succeder, quando o vicio do opio deixar de ser um habito na China. Emancipados de tal vicio, os chinezes não se transformarão, por certo, em anjos de virtude; nem ao negocio convém que assim succeda. Acabado um vicio, outro nascerá. Condemnado um estimulante, se estimulante é — em todo o caso, um passa-

tempo, um factor de diversão ao triste meditar do pensamento, — outra diversão virá impôr-se; parecendo certo que a pobre humanidade, sem distincção de paizes ou de raças, precisa de ir buscar um simulácro de ventura no esquecimento dos pezares, recorrendo a drogas venenosas que o proroguem.

Offerece-se, pois, naturalmente o alcool á imaginação dos traficantes. O chinez, quando não fume opio, quererá beber espiritos; ou, quando não queira, convém que se lhe eduque o paladar, para que *queira*, abrindo tabernas pela China; importando ao mesmo tempo largas quantidades de whisky, de cognac, e da zurrapa ingleza, allemã e americana, chamada Champagne, *sherry* e *port-wine*. Em uma palavra, a industria do alcool, disfarçado em beberagem tentadora, já prevê vasto mercado no grande imperio asiatico, multiplicando n'este sentido os seus esforços. E nós, portuguezes, por certo com mais honestidade do que os *vinhateiros* de Londres, de Hamburgo ou de Nova-York, poderiamos talvez, no momento presente, tentar alguma coisa, na mesma ordem de ideias apontadas; mas quer-me parecer — desculpem-me a franqueza — que nada tentaremos...

— Nenhuma noticia, de interesse palpitante, merece hoje aqui menção especial. O Nippon prosegue silenciosamente pelo caminho mysterioso dos seus destinos; e, diga-se a verdade, atravessando uma crise bem difficil.

E' a crise financeira, é a crise economica, é a natural paralysação do negocio; soffrendo o paiz do mal proprio, e tambem do mal alheio, representado este ultimo pelas grandes catastrophes monetarias, bem recentes, da America e da Europa, ainda hoje produzindo os seus effeitos. São complicações constantes na Coréa, são com-

plicações constantes na China. Por ultimo, uma crescente antipathia do mundo occidental pelo Japão.

Similhante antipathia, a principio mal definida, vai-se explicando pouco a pouco. Segundo a voz da imprensa melhor cotada do Occidente, o espirito dominador dos japonezes na Coréa, e tambem o seu espirito dominador nas terras da Manchuria, constituem o pômo da discordia. O Occidente applaudia o Japão combatendo heroicamente pela sua independencia; mas revolta-se contra a sua hegemonia na Asia extremo-oriental.

Questão humanitaria? Horror pela oppressão? Ora, temos conversado!...

Recordemos, a proposito, alguns factos interessantes, entre muitos, occorridos durante estes ultimos annos! — a França esmaga uma monarchia africana, em Madagascar, e apossa-se do paiz. A America arranca á Hespanha a flôr das suas colonias. A Inglaterra engole de uma só vez duas republicas. A Allemanha apanha o que póde, pela China e pela Africa... e a lista não acaba por aqui. — Prova isto que o humanitarismo, tratando-se pelo menos da independencia dos Estados enfraquecidos e impotentes, é uma pura ficção.

A obra de tentativa da hegemonia japoneza o que está provocando é invejas; justas invejas, todavia, se considerarmos que este peccado mortal é uma das mais preponderantes caracteristicas do animal bimano, o rei da creação.

— Ha algumas semanas, entrou em processo, no tribunal de Osaka, um caso curioso. Certo ***kurumaya,*** isto, é, conductor do conhecido carrinho japonez que é puxado por um homem, reclama de uma sua cliente do acaso a quantia de 3 *sen,* igual a 15 réis, differença entre

a somma ajustada e a somma paga, com o preço de uma corrida na cidade. Ainda o mais interessante é que o *kurumaya* é um estudante da escola commercial de Osaka, naturalmente sem recursos, ganhando o seu sustento e acudindo ás suas despezas escolares com os magros lucros colhidos, em horas livres, da humillissima profissão a que se dá, de puxar um carro pelas ruas, carregando com o freguez eventual.

O exemplo é de molde a vir fazer notar a estranhos o vivo interesse pela instrucção, embora ao custo de penosissimos sacrificios, de muitos japonezes, habitando em geral os grandes centros do imperio. Isto é de hoje, e assim foi sempre. Quando o Japão começou a manter relações intimas com o Occidente, ha cerca de cincoenta annos, numerosos nipponicos, de boa condição, se sujeitaram gostosamente a servir comõ criados em casas estrangeiras, com o unico fim de aprenderem varias linguas. N'esta ordem de ideias, mas entrando então tambem como factor um outro sentimento — o patriotismo — sabe-se com que facilidade alguns officiaes nipponicos se téem introduzido a bordo dos navios estrangeiros, servindo como cosinheiros, como criados, ou entrando em contacto com certas emprezas do Occidente, empregando-se como mineiros, como carregadores, etc., com o unico intuito de colherem informações uteis á patria estremecida.

Voltando aos estudantes, ainda ha poucos dias, encontrando-me n'um carro electrico, entrou no mesmo carro um moço de physionomia insinuante, vestido pobremente, trazendo comsigo dois paus de bandeirolas e algumas ferramentas, indicando por isso achar-se trabalhando, como servente, em alguma obra de medição de estradas. No largo chapéu de palha, em fórma de alcofa, que enfiava na cabeça, estava escripta a sua historia. Lia-se

no chapéu, com effeito, em caracteres europeus, o nome do mancebo e a phrase que traduzo do inglez — "estudante pobre". — A circumstancia que, em outros paizes, outros individuos cuidariam de occultar, elle, o japonez, estampava-a, com a altivez da miseria laboriosa e da coragem indomavel, mostrando a toda a gente que trabalhava... para comer? não, — para saber.

Na capital, em Tokyo, centro de illustração, onde formigam as escolas, as universidades, quasi todas as familias abastadas, japonezas ou europeias, dão sustento — um pouco de arroz cosido — a um ou mais estudantes pobres, que em troca desempenham o mister de porteiros, de guardas nocturnos, de moços de recados, etc., para mais tarde serem medicos, juizes, advogados, engenheiros, jornalistas, professores...

De gente d'esta tempera muito se deve esperar, não é verdade?...

— Pelo que respeita o mysterio japonez, um dos capitulos até agora menos desvendados á curiosidade dos estranhos é, sem duvida, a canção popular, tal como ella é cantada pelas *gheishas*, tal como ella é cantada pelo povo, nas cidades, nas aldeias e nos campos; e quer-me parecer que é um dos mais interessantes, como documento psychologico da alma nacional. Na canção das turbas — tratando-se de um paiz qualquer — escasseam, com effeito, os artificios eruditos, os requintes da arte complicada, para transparecer principalmente a singeleza sentimental de um certo grupo humano. A canção popular é, de certo modo, um espelho de desejos, um espelho de lamentos, um espelho de ironias, o reflexo, emfim, de tudo que se passa no coração do homem, embebido de sinceridades espontaneas.

No caso do Japão, o assumpto seria dos mais arduos, para um estranho que a elle quizesse dedicar-se. Não serei eu que me metta a tal empreza. Apenas vou aqui apresentar, como amostra, a traducção, pouco cuidada, de duas cantigas japonezas, que ha pouco vi escriptas n'um livrinho. Encanta n'ellas, a meu vêr, um sabor de ingenuidade plebeia, que faz lembrar arrôlos do cancioneiro portuguez. Todos os povos se parecem, se comparados pelas suas emotividades primitivas; e mais ainda se pronuncia a similhança, quando se dão affinidades de clima, brilhos identicos de sol, as mesmas quenturas por mezes estivaes, amenidades communs na paizagem, como o caso para Portugal e o Japão. Seguem as cantigas, precedidas do original japonez, o qual embora incomprehendido, póde, talvez, offerecer agradaveis euphonias aos nossos ouvidos portuguezes.

Diz uma cantiga:

Futatsu karáda
Aru narabá,
Hitotsu wa omae no
Mama niskite
Nokoru hitotsu de
Hatarai te
Tameta ókané wa
Minna yaru

Quer isto dizer:

Se eu dois corpos tivera,
Um junto de ti ficára,
Coisa tua,
Mas o outro mourejára
Pela rua;
P'ra ganhar muito dinheiro,
Que te déra por inteiro...
Podéra!...

Eis a outra cantiga:

Tatami tatalte;
—«Kochi no hito!
Watasha rinki já
Nai keredó,
Hitori de sashi ta
Kasa narebá,
Kata-sode nureyo
Hazu ga nai—»

A traducção é a seguinte:

Batendo co'as mãos na esteira,
Diz ella ao bom do marido:
«—Eu cá não sou ciumenta;
Mas não hei comprehendido

Como, abrindo o guarda chuva
Quando a chuva em força vinha,
Encharcaste uma das mangas,
Ficando a outra enxutinha!...»

—Decididamente, o Porto *japoniza-se*. E' já coisa notoria, que se encontra iniciada na cidade uma corrente de importação de artiguinhos japonezes, sendo facil encontrar-se, em certos estabelecimentos uma chavena ou uma ventarola, vindas directamente do paiz do Sol Nascente. Mas ha mais. Um amigo meu, consta-me, delicia-se actualmente com os perfumes dos incensos, queimados de ordinario em frente dos altares dos Buddhas piedosos. Um outro meu amigo acaba de semear, em sólo portuense, algumas sementes do precioso chá de Uji, o mesmo de que se serve o imperador; e alimenta galhardamente a esperança de um dia colher, não direi o fructo do seu trabalho, mas as folhas com que prepare a perfumada infusão e a saboreie.

Bem. Não deve admirar que as bellas portuenses comecem em breve a usar o *kimono* de sêda, elegante e confortavel: a moda está já em Londres e em Pariz. Ora, quando vós todos estiverdes *japonizados* por completo, será então que eu me resolva a despedir-me d'estas terras; indo, em enfunada caravella, abordar á cidade invicta, para bradar-vos: — Bons dias, *konnichi wa!* ...

XXII

14 de julho de 1908

Ministerio demissionario: crises que o levaram a demittir-se — Ainda os effeitos do caso «Tatsu-Marú» — Repetição de crimes no Japão — A esquadra americana — O célebre bactereologista Koch em Tokyo — Um enforcado; referencias ligeiras como estudo da alma japoneza — Entra em moda no Nippon o sapato feminino; a proposito conta-se a lenda do grande sino de Pekim.

RESUMAMOS as ultimas noticias.

Demissiona-se o ministerio Saionji, annunciando-se para breves dias a sua substituição. O ministerio Saionji havia subido ao poder em dezembro de 1905, após a conclusão da guerra russo-japoneza e o tratado de paz subsequente, tratado que desagradou á grande maioria dos politicos, vendo-se o ministerio Katsura forçado a resignar.

O ministerio Saionji resigna agora, por seu turno, em virtude de multiplices complicações mal conhecidas dos estranhos, mas figurando certamente em primeiro logar o problema financeiro, muito complicado na presente quadra e reclamando, sem duvida, as attenções de outras energias, achando-se as do actual gabinete por demasia fatigadas.

Ao lado da crise financeira, persiste a crise economica

geral manifestada pelo marasmo do commercio e da industria e affectando igualmente os interesses de nacionaes e estrangeiros. Devemos esperar pacientemente que dois ou tres annos decorram, para que as actividades particulares possam de novo proseguir desafogadamente.

— O triste caso do «Tatsu-Marú» ainda está produzindo os seus pessimos effeitos, pois o *boycott* aos artigos japonezes continúa na China, posto que com tendencias a terminar em breve. No entretanto, este triste caso tem tambem o seu lado sympathico e efficiente, quando o consideremos como um estimulo eventual para o desenvolvimento das iniciativas chinezas e por consequencia para a independencia futura do Extremo-Oriente. Está escripto no livro dos destinos que será a influencia do Japão que abra os olhos á China e a faça erguer da modorra em que jazia; o que acontece é que similhante influencia se manifesta por dois modos bem differentes pela sympathia e pela antipathia.

— Ultimamente téem-se dado no Japão repetidos crimes, predominando os roubos e os assassinios. Devemos attribuil-os a duas causas principaes. Uma d'ellas é a carestia crescente da vida, com o consequente augmento de miseria, que arrasta a todos os desmandos. A outra causa reside nas condições climatericas do paiz; na quadra excessivamente quente, que agora atravessamos, dá-se todos os annos uma certa crise no equilibrio mental da população, com graves manifestações de loucura e acrescimo na lista dos casos criminaes. Paciencia; virá depois o frio.

— Em outubro teremos provavelmente em Yokohama parte da grande esquadra americana, agora em evoluções no Pacifico. Não se assustem os timoratos: — haverá festas, luzidas recepções e tudo se passará pela fórma mais amavel. Em novembro, parece, realisar-se-ha em Kobe, na sua rada magnifica, uma grande revista da esquadra japoneza.

— Encontra-se ha alguns dias no Japão, em viagem de recreio, o célebre sabio allemão dr. Koch, acompanhado de sua esposa. O eminente bactereologista teve o prazer de vêr em Tokyo o dr. Kitazato, que foi um dos seus discipulos na Allemanha, hoje universalmente conhecido pelos seus trabalhos scientificos. Recebido em Tokyo e em Yokohama com caloroso acolhimento, enfeitiçado talvez pelo paiz — como succede a tanta gente — parece que o dr. Koch, contrariamente ao seu primitivo programma de viagem, se resolve a residir no Japão por alguns annos, pondo ao serviço do governo japonez a sua alta competencia.

— Ha algumas semanas foi enforcado em Osaka um criminoso, o ex-soldado Tabata Chuichi, de vinte e seis annos de idade. O incidente merece umas ligeiras referencias, como estudo da alma japoneza, embora se trate de um grosseiro malfeitor.

Ha cerca de anno e meio, Tabata Chuichi assassinou um individuo, roubando-lhe o relogio e algum dinheiro. Provado o crime, foi condemnado á pena ultima. Conduzido agora ao logar da execução, o padre buddhista que o acompanhava perguntou-lhe se tinha alguma coisa que transmittir a seus parentes. Tabata respondeu que não, mas que desejava dizer duas palavras aos sol-

dados. Expôz, então, que, durante a guerra russo-japoneza, foi chamado ao serviço, entrando em combates numerosos, sahindo d'elles sem uma arranhadura. Quando voltou em triumpho do campo da batalha, foi-lhe feita na sua aldeia uma calorosa recepção. As honras toldaram-lhe o juizo, tornou-se irascivel, deu-se a habitos viciosos, sendo assim levado ao roubo e ao assassinio e enxovalhando por esta fórma os brios do exercito japonez. Tabata concluiu, pedindo aos camaradas que lhes sirva de exemplo o triste fim a que chegou, que sejam sempre zelozos, que fujam dos caminhos que levam á ruina e á vergonha.

E concluiu o seu discurso, para dentro de alguns instantes desapparecer o corpo pelo alçapão que se lhe abria aos pés, esticando então a corda que lhe fôra amarrada no pescoço...

— Até ha poucos annos, a mulher japoneza nunca conheceu, para uso proprio, o que fosse um sapato. Agora, mercê dos grandes progressos do Nippon, no campo da civilisação occidental, o sapato começa a entrar em moda entre as raparigas das escolas, desairoso, com os tacões tortos; promettendo para breve estragar e deformar por completo o que a japoneza talvez tivesse de mais bello — o seu pé, o seu pé esculptural.

Na China já não acontece a mesma coisa; o sapato foi e é da praxe, embora não de coiro, mas de sêda bordada, por vezes gentilissimo. É certo que mais vale o pé nú da japoneza; mas o sapatinho chinez póde tambem ter o seu valor, vindo por vezes realçar de graça e sentimento um episodio da lenda, como no caso que vou expôr:

O grande sino de Pekim bate as horas; e a cada badalada solta um ruido formidavel — «Ko-Ngai! Ko-Ngai!» — repetindo-se em eccos e terminando por uma nota dôce — «Hiai!» — tal como uma mulher afflicta o poderia pronunciar.

O sino tem a sua historia.

Ha cerca de quinhentos annos, Yong-Lo, o soberano, o «Filho do Céu», da illustre dynastia Ming, ordenou ao nobre mandarim Kouan-Yu que dirigisse a construcção de um enorme sino, para tocar as horas, o qual seria collocado sobre uma alta torre, na capital do imperio. As dimensões seriam taes, que o som devia ouvir-se a muitas leguas em distancia; ao ferro devia juntar-se o cobre, para reforçar a voz, e o oiro, para aprofundal-a, e a prata, para dulcifical-a; e nos bordos deviam ser gravadas sentenças dos livros santos.

Mãos á obra. Centenas de operarios — os melhores da immensa China — labutaram sem descanso, dia e noite, para que se satisfizesse sem demora o capricho do soberano. Emfim, chegou a solemne occasião de vasar nos grandes moldes o liquido metal, ardente, fumegante. Viu-se depois, com extrema mágua, que o ferro, o cobre, o oiro e a prata não se haviam misturado e que o sino offerecia largas fendas. O soberano soube d'isto, tremeu de cólera, mas nada proferiu.

De novo se começou a operação e de novo — oh! fatalidade inconcebivel! — o resultado foi o mesmo. D'esta vez, o soberano dignou-se escrever a Kouan-Yu, informando-o de que, se a terceira tentativa não produzisse bom effeito, a cabeça ser-lhe-hia cortada do pescoço.

Ora, o mandarim Kouan-Yu tinha uma filha, Ko-Ngai, bella como os amores, e ainda mais bello tinha ella o coração. Ko-Ngai, idolo de poetas, requestada por nume-

rosos pretendentes, todos recusára, para não deixar no isolamento o velho pai, que estremecia. Ko-Ngai pôde lêr, ás escondidas, a terrivel missiva que o soberano enviára ao mandarim. Vendeu então, muito em segredo, algumas das suas joias preciosas, arranjando por este modo uma larga somma de dinheiro, com que correu a pagar os serviços do mais famoso nicromante do imperio, consultando-o sobre os processos a seguir na fundição do sino, de maneira que a vida de seu pai fosse poupada.

O sabio meditou profundamente; consultou com a pupilla penetrante o céu e os astros, fixando particularmente a via lactea e as constellações zodiacaes; após folheou tratados mysteriosos de sciencias occultas, compendios de alchimia. Concluiu com este preceito:—"O oiro e o cobre jámais poderão unir-se em estreitos laços, a prata e o ferro nunca se abraçarão intimamente, emquanto as carnes e o sangue de uma virgem não venham misturar-se com os metaes, no caldeirão abrazador.»

Bem. Chega o dia fatal em que, pela terceira vez, se vai tentar o fabrico do grande sino de Pekim. Está prompto o molde, estão as fornalhas esbrazeando, fervilha e crepita o liquido brilhante, alinham-se em espectativa os operarios. Entra o mandarim na officina, solemnemente, acompanhado do seu sequito, da filha e de uma aia d'esta. Já o dedo afilado de Kouan-Yu se agita, trémulo, para se elevar no espaço e assim dar o signal para se vasar o liquido na fôrma, quando rompe o silencio esta phrase, estridentemente proferida:—«Pela vossa salvação, meu pai!...»—É Ko-Ngai que se lançou no caldeiro, que desapparece no abysmo, deixando nas mãos da aia, que procura detel-a, um dos seus minusculos sapatinhos, bordado com sêdas multicôres e cravejado de pérolas preciosas.

O incidente deixa em angustia e em pranto todos os presentes. Mas, mesmo a chorar, é forçoso dar seguimento á operação, em serviço do soberano; e aconteceu que o sino sahiu do molde perfeitissimo, satisfazendo todos os requisitos desejados. Ainda hoje bate as horas na cidade. Os primeiros estrondos – *"Ko-Ngai! Ko-Ngai!"* – deixam a gente muda, apavorada; mas quando perdido o som em eccos repetidos, uma nota vibra dôcemente "Hiai!" – dizem as mães ás creancinhas que levam no regaço: – "Lá está Ko-Ngai a pedir o sapatinho..."

Este conto foi escripto de memoria, após a leitura de um livro de Hearn. O livro, que tem por titulo *Some chinese ghosts,* foi primitivamente dado a publico em 1887, facilmente esgotado e esquecido. A fama, que o seu auctor adquiriu posteriormente, pelas deliciosas paginas que escreveu sobre o Japão, renovou o interesse pelo livro abandonado, que foi ha pouco reimpresso; julguei dever dar aos meus leitores uma amostra das suas paginas mais sentidas.

XXIII

14 de agosto de 1908

O que se está desenvolvendo pelo mundo; considerações a proposito — Um commentario a um artigo sobre Macau, apparecido n'um jornal de Hong-Kong — Uma das manifestações do alto respeito tributado pelo povo japonez ao seu imperador — Historia escolar — A festa dos mortos.

PARA aquelles que seguiram com particular interesse o recente conflicto russo-japonez e o seu altamente significativo desenlace — a victoria dos nipponicos, — attribuindo a similhante desenlace vastas consequencias futuras nos ideaes dos povos exoticos em geral, mais ou menos opprimidos pelos brancos, é sobremaneira emocionante o que se vai desenvolvendo agora pelo mundo.

Emquanto que, a despeito de alguns boatos assustadores — mas apenas simples boatos — a familia da raça branca cuida em viver em pachorrenta paz, tratando ainda em firmal-a por visitas cordeaes dos soberanos entre si e por accordos amigaveis, emanados da alta diplomacia, uma nunca observada effervescencia agita a Asia e a Africa.

Acolá, cerca do Japão, é a immensa China que desperta, que pensa já em Constituição, que condemna o uso do opio, que oppõe resistencia aos ultrages, que manda seus filhos a educar nos grandes centros civili-

sados, para que voltem conhecedores da sciencia nova e preparem a evolução da sua patria.

Nas colonias francezas da Indo-China estão-se dando encontros violentos entre os indigenas e os occupantes, figurando tambem por vezes os chinezes das fronteiras.

Em Sumatra e n'outros pontos da magnifica colonia dos hollandezes reina a revolta.

Na India dos inglezes surge o estupendo espectaculo das associações secretas, agora aggressivas, fazendo explodir a dynamite, destruindo e assassinando, isto entre um povo que parecia irremediavelmente vergado ao jugo do europeu.

Na Persia é o que se sabe: — a lucta intestina, cheia de arruaças, entre dois partidos, o avançado e o reaccionario. E' agora a Turquia que nos deslumbra com uma Constituição, o sultão que implanta um regimen liberal.

Rematemos o quadro com a allusão á crise sangrenta de Marrocos, para não alongar a lista com disturbios de somenos importancia ou ainda latentes no mysterio.

Estas multiplices manifestações de evolução ou de revolução, que venho de citar, differem profundamente umas das outras, já pelos meios, já pelos fins; mas todas offerecem um interessante ponto de contacto — a aspiração dos indigenas á reintegração da raça e a sacudirem de si o jugo do europeu. Desde que se dá oppressão, ha resentimento; de sorte que é certamente bem velha a intima animosidade dos povos exoticos citados contra o dominio effectivo dos brancos ou contra as suas intenções em effectual-o. Mas é agora que rebenta. Não resta duvida de que foi a victoria dos nipponicos que provocou a explosão. A victoria dos nipponicos veio ennobrecer, a seus proprios olhos, a turba enorme dos homens coloridos (em opposição aos homens brancos).

O branco, pugnando ha longos annos em seu proveito, pelas liberdades sociaes, esquecera-se de applicar eguaes doutrinas aos homens coloridos; de sorte que estes ultimos sujeitos iam-se talvez julgando, pelo habito, fóra do direito das gentes, raça de párias, destinada á escravidão. Os nipponicos fizeram-lhes sentir que se enganavam.

Em minha humilde opinião, estão n'isto o enorme alcance e a enorme gloria dos feitos japonezes; não propriamente na victoria das armas em si, que é uma brilhante pagina marcial, mas respeitando apenas um limitado numero de interesses e uma unica familia.

Os japonezes, sem proposito formado, inconscientemente, rasgaram vastissimos horisontes ao ideal dos povos opprimidos, deram nascença a uma moral inteiramente nova, que visa os direitos das raças de côr, até agora desprezados. E, ou as apparencias enganam muito, ou este seculo XX, apenas em começo, vai distinguir-se na historia por uma palpitante evolução dos asiaticos e dos africanos, na conquista do bem e da ventura.

Se assim é, o Japão — homens e sólo — poderia desapparecer n'este momento, pulverisado por qualquer tremenda catastrophe vulcanica: — a sua esplendida missão mundial estava cumprida.

Por certo, estes symptomas que venho registrando não poderão ser conhecidos com agrado pela grande massa dos povos do Occidente. O desenvolvimento, moral e material, da Asia e da Africa, dentro dos limites das suas proprias energias, equivale a um rebaixamento da familia occidental; e a existencia é uma lucta tremenda, em que cada luctador aspira a subir, não a descer. No entretanto, mesmo entre os brancos, algum espirito independente, despido de ambições, impregnado da tristeza das

coisas, reconhecerá acaso a justiça dos destinos, no surprehendente despertar dos homens coloridos, sedentos de alegria, tomando interesse em seus progressos e bradando na intima consciencia: – "A'vante, meus irmãos!..."

– Talvez, a seguir ás ligeiras divagações que apresentei, não venha fóra de proposito um rapido commentario, com ares de profissão de fé, a um artigo sobre Macau, agora apparecido em um jornal de Hong-Kong, o "Hong-Kong Daily Press".

O artigo refere-se á remota importancia da nossa antiga colonia, quando ella era a unica cidade europeia do Extremo-Oriente; refere-se ás suas tradições, aos seus monumentos, ainda hoje de pé, e á sua decadencia dos dias actuaes. Poderá similhante decadencia ser sustada? O articulista põe n'isto muita duvida; avançando que nem um novo governador, especialmente dotado de qualidades de eleição, poderá implantar sensiveis melhorias na caduca colonia de Macau. E conclue que, para que Macau se regenere, ou terá de transitar para mãos estranhas, mais emprehendedoras do que as mãos dos portuguezes, ou então serão os proprios portuguezes que terão de regenerar-se.

Muito bem, seja assim. As mãos mais emprehendedoras do que as nossas serão, na mente de quem traçou aquellas linhas, as mãos dos inglezes ou dos allemães, ou dos francezes, ou de outros quaesquer bimanos das raças do Occidente. Pois eu, do meu obscuro cantinho de observação, faço votos para que os portuguezes se regenerem, e com elles o seu vasto dominio colonial. Quando, porém, pela fatalidade dos destinos, um tal dominio haja de passar a mãos estranhas, passe então Macau ás mãos dos seus donos primitivos, os chinezes; e passe

a nossa India ás mãos dos indianos, e passe a nossa Africa ás mãos dos africanos... mas nunca, nunca á garra adunca dos nossos visinhos do Occidente, evitando-se assim uma flagrante injustiça á harmonia natural e um aviltamento para nós. Bem basta o que já lá vai por agua abaixo...

— E' sabido que uma das manifestações do alto respeito que o povo japonez tributa ao seu imperador é a grande veneração pelo retrato do soberano, geralmente collocado em evidencia nas escolas publicas e em outros edificios do governo. N'uma conflagração qualquer, um incendio, por exemplo, é de praxe correr a salvar antes de tudo o precioso symbolo, embora com grave risco da existencia; cuidando cada qual, seguidamente, se lhe apraz, de pôr a salvo o que particularmente mais lhe interessa.

Cita agora um jornal japonez um curioso exemplo do facto que apontei. Na escola primaria de Higashi-Mizubashi, aldeia do districto de Toyama, o retrato imperial foi encontrado com avaria. Após minucioso inquerito, descobriu-se que um professor da escola, pouco antes reprehendido pelo director, fôra o auctor do desacato. O incidente occasionou graves transtornos. Claramente, embora o jornal não o mencione, o professor foi expulso e o director foi demittido. Mas informa o jornal que o regedor da aldeia pediu a sua demissão, e que o representante do governo consultou o governador geral do districto de Toyama se tambem devia pedil-a para si; esperando-se agora que o governador geral, ao expôr o facto ao ministro do interior, tambem peça a sua demissão.

Similhante procedimento, que ameaça pôr em debandada uma longa fila de funccionarios japonezes, baseia-se

n'um antigo preceito juridico, ainda hoje persistente nos costumes, pelo qual os chefes se consideram responsaveis pelas faltas dos seus subordinados.

— Uma outra historia escolar:

Iam-se dando, ha algum tempo, repetidos comêços de incendio, felizmente extinctos de prompto, no collegio normal da cidade de Nagano; um ultimo incidente do mesmo genero acaba de destruir por completo o edificio. Recahiram suspeitas do crime n'um rapaz estudante, que frequentava a escola, o qual, interrogado, confessou ser o auctor de taes incendios. A causa do seu procedimento, disse elle, foi a affeição que consagrou a uma moça da cidade; e o objecto que tinha em vista, reduzindo a cinzas o collegio, era obter por esta fórma uma temporaria suspensão nos seus estudos e conseguintemente mais léu para frequentar a sua querida.

E passa-se isto no Japão, onde o amor passional, affirma-se, representa de ordinario um papel insignificante na existencia emotiva dos indigenas.

Assim é. Mas é facto tambem que, de quando em quando, terriveis effervescencias sentimentaes se manifestam na psychologia intima d'esta gente; lembrando de certo modo a feição metereologica do sólo, geralmente mergulhado em calmas delicias, sorridentes, mas excepcionalmente acommettido pala furia dos tufões, dos terremotos e de outros cataclysmos.

— Acabou de celebrar-se a usual festa dos mortos, *Bon*, commemorada annualmente de 13 a 16 do setimo mez lunar, datas que corresponderam este anno aos dias 9 e 12 do mez que vai correndo.

Os occidentaes reservam um dia para commemorar

os seus defuntos — o dia de finados. Para nós, ha muito emancipados da religião lendaria, embebidos n'uma moral de tristeza e de egoismo, atormentados pelo *Nada*, o dia dos mortos é de luto e de desgosto. Com os japonezes, porém, o caso é outro: — embala-lhes ainda o sentimento a crença carinhosa dos velhos tempos primitivos; os espiritos dos mortos queridos pairam sobre as campas, nos vastos cemiterios, não desinteressados da terra, nem da casa e da familia que deixaram, antes eternamente protegendo os seus parentes, os seus amigos; e uma vez em cada anno abandonam gostosamente as sepulturas, para virem hospedar-se, por curtas horas, no lar familial. A commemoração dos mortos é, pois, n'este paiz, um incidente de jubilo, de festa, resumindo-se no acto de preparar a recepção e de acolher a visita de velhos paes e avós desapparecidos.

Com a necessaria urgencia, asseiam-se os aposentos, collocam-se junto do altar dos mortos — sempre existente em cada casa — flôres e refeições para seu regalo; accendem-se lanternas, ao longo das estradas ou das praias, segundo as circumstancias, para indicarem o caminho aos espiritos errantes; e na noite de 13 vão as familias em chusma aos cemiterios, a convidarem os mortos a honral-as com a sua benevola visita.

Os dias 14 e 15 passam-se tranquillamente, em dôce ocio, fazendo companhia aos visitantes, cuja presença se adivinha. Os vivos sustentam-se então apenas de magros vegetaes, sendo os manjares offerecidos aos defuntos. No dia 15, levam-se alimentos aos templos, destinando-os, por caridade, a alguma alma em penitencia, que soffra o tormento da fome nos infernos. Em 16, pela tarde, os espiritos abandonam os lares dos seus parentes; a viagem faz-se por vezes pelo mar, em barquinhos minusculos,

feitos de palha e de papel, com seu pharol á prôa e á ré, a bagagem e o incenso; vão lançar-se piedosamente ao curso das ribeiras, levando-os, a corrente até... até ao paraizo.

A festa dos mortos era sempre commemorada com dansas e cantigas caprichosas, variando nos detalhes de provincia para provincia, mas todos com o mesmo intuito de divertirem os defuntos.

O modernismo vai acabando com tal uso, que apenas persiste em algumas aldeias e cidades provincianas, afastadas dos grandes centros do progresso; mas, em breve, as dansas dos mortos, *Bon-odori*, de todo acabarão, porque o progresso, sem excepção para o Nippon, é o pertinaz demolidor das crenças e práticas commoventes, ingenuas, do bom povo...

XXIV

25 de setembro de 1908

A grande armada americana — Falla-se da crueldade chineza e narra-se a proposito uma crueldade na America; considerações varias — Um pouco de historia antiga — Mais uma nota interessante — Invasão de gatos no Japão.

A grande armada americana prosegue na sua derrota triumphante. Noticias recentes davam-na na Australia, em Melbourne, onde recebeu, como em Sydney, calorosas ovações. A visita da esquadra tem servido de estimulo, entre os australianos, para aguçar o seu sentimento de hostilidade contra os japonezes; encontrando muitos adeptos a opinião nascente de uma alliança anglo-americana, sob o principio de que o Pacifico deve ser um Pacifico da raça branca.

Não devemos perder de vista que a viagem da grande armada americana tem por fim principal uma ostentação de força particularmente destinada a impressionar os japonezes; querendo até alguns agitadores que os ultimos discursos do presidente Roosevelt, largamente divulgados pela imprensa, offerecem bem transparente esta tendencia. No entretanto, varios navios da grande armada visitarão dentro em pouco, em outubro, o porto de Yokoama; e, contrariamente a certos boatos agoirentos que correram, tudo se passará pelo melhor, em festas ruidosas, em recepções de jubilo.

Mas não devemos tambem esquecer que o espirito americano é essencialmente prático, utilitario, de negocio; a nação americana é uma nação de mercadores, o que tudo tende a convencer-nos de que a enorme despeza que representa a viagem da grande armada reclama uma prompta compensação qualquer, que represente de certo modo o juro dos largos capitaes sahidos do erario nacional. Resta saber qual será a prompta compensação a que alludo.

Um importantissimo jornal *yankee,* o "New-York-Herald„, acaba de suggerir a ideia de uma alliança entre a America e a China, alliança que garanta a integridade territorial do grande imperio asiatico, que impeça qualquer acção arbitraria do Japão e que—está bem de vêr—promova os interesses americanos no sólo immenso do alliado. A ideia foi recebida a principio com sarcastica ironia pelos proprios americanos; mas vai, ao que parece, conquistando a opinião; e não custa muito a acreditar que um dia, por qualquer fórma, se realise.

A alliança americo-chineza será, quando admittamos a hypothese, um extraordinario disparate, mas não unico na especie, pois a historia registra outros d'este genero, antigos e modernos.

A velha China, ciosa dos progressos do Japão, cheia de invejas como um mau visinho e ainda incapaz de comprehender a sua verdadeira missão na vida mundial; por outro lado, esquecida das suas longas queixas contra a republica americana, no tocante á séria questão da emigração; a velha China póde muito bem cahir na ratoeira.

Em todo o caso, para os progressos futuros e para a cohesão da familia extremo-oriental, a alliança americo-chineza representaria um tremendissimo obstaculo,

embora de effeito apenas transitorio, porque nada ha eterno n'este mundo, e porque a regeneração asiatica annuncia-se como um phenomeno fatal na evolução dos tempos. Aguardemos os acontecimentos.

— É proverbial, entre europeus, a crueldade dos chinezes. Mesmo em exemplos da vida corriqueira, vamos nós descobrir provas innumeras, que justificam esta antipathica caracteristica.

Vem a proposito lembrar que o escriptor inglez Dyer Ball cita, no seu apreciavel livro «Things Chinese», que muitas vezes, quando o chinez apanha um rato, prega-o em vida n'uma tábua, ou imbebe-o de petroleo para depois lançar-lhe fogo. Pobre rato! . . .

Admittamos, pois, sem discussão, que o chinez é cruel para os ratos, tirando do caso as conclusões apropriadas; embora similhante crueldade, nos dias que correm, se offereça de certo modo desculpavel, quando pensamos que os homens não são anjos e que os ratos, propagadores por excellencia da peste, são os inconscientes instrumentos do alastramento da medonha epidemia que ha longos annos vem flagellando a China, prostrando em cada anno muitos milhares de subditos do imperio.

Pois chega-nos agora uma noticia de Dallas, cidade de Texas (um dos Estados da união americana), contando que um negro de 18 annos de idade, accusado de querer alli afrontar uma dama da raça branca, fôra preso; uma chusma de mil brancos conseguiu, porém, arrancal-o das mãos da auctoridade, untando-o em seguida com petroleo e lançando-lhe fogo; assistindo o povo jubiloso, em plena cidade, áquelle horrivel supplicio.

Prova isto que os ratos na China e os negros em Texas estão sujeitos ás mesmas penas. Prova mais:— igualisa os homens nos seus instinctos de ferocidade. O povo rude é cruel em toda a parte; e é assumpto melindroso o querer attribuir a tal paiz, a tal raça, instinctos crueis, particulares.

O que se está passando actualmente em alguns dos Estados da grande republica americana — especialisemos a região do sul, — com respeito ao mau tratamento e ás execuções summarias de que vão sendo victimas os negros, é medonho; tendendo a desprestigiar a raça branca perante a apreciação dos homens de outras raças, como por exemplo a amarella. Mas deixemos este problema a outros, que queiram d'elle occupar-se com a attenção que reclama.

É notavel que quasi todos os grandes crimes dos negros, n'aquellas paragens de existencia rude e pouco culta, e sob a influencia de uma natureza selvatica e desregrada, se resumam a ultrajes contra as mulheres de raça branca. Porque será assim?

Conviria estudar attentamente este phenomeno, sob o ponto de vista humanitario e social. Lembremos apenas n'este logar que os serviçaes negros são arrebanhados pelos agricultores americanos, como quem arrebanha bois para carga ou para lavoura, sem a minima preoccupação pelo seu conforto, pelas suas necessidades de familia, pelo enlêvo de uma companheira.

Acresce ainda a circumstancia dos maus tratamentos que de ordinario recebem.

— Agora, como diversão, um poucochinho de historia antiga, contando em breves traços como se passou uma festa em Kyôto, pelo anno 1176 da nossa éra, ou antes

como ella terminou; incidente que vem pôr bem em relêvo o espirito de requintada cortezia da gente d'aquella época e o seu desapêgo pela vida, caracteristicas — convém acrescentar — que ainda hoje se mantéem com quasi igual intensidade, entre estes japonezes.

Predominava então o despotismo dos Taira, que eram o poderosissimo grupo dirigente, ao qual até o proprio soberano obedecia. Fermentava já o descontentamento e os tumultos eram frequentes em Kyôto, a capital. Uma vez, os soldados de Taira haviam provocado uma desordem com os bonzos dos templos visinhos. Os bonzos exigiam castigo exemplar. Condemnados primeiramente á morte sete dos amotinados, fôra-lhes a pena commutada em simples desterro. Na vespera da partida, alguns amigos offereceram-lhes um banquete de adeus. O vinho e os discursos exaltaram os animos. Um dos convivas cortou os seus cabellos, offerecendo-os como lembrança a Narita, um dos sete que seguiam para o exilio; o outro então cortou as orelhas e offereceu-lh'as, outro cortou o nariz e offereceu-lh'o; outro offereceu-lhe a propria vida, suicidando-se. Narita, não querendo ficar atraz em cortezia, suicidou-se tambem, o que decidiu todos os presentes a suicidarem-se igualmente. O proprietario do estabelecimento, surprezo d'aquelle estranho epilogo, lançou fogo á sua casa, suicidando-se em seguida . . .

E ora aqui está como um festim terminou por um monte de cadaveres, que as chammas em breve consumiram. A brisa soprava fresca; parte da cidade de Kyôto foi devorada pelo incendio.

— Já que fallei no Taira, vá mais uma nota interessante a seu respeito, das muitas que poderia relembrar.

São bem conhecidas na historia as luctas renhidas e tremendas, travadas entre as duas familias rivaes — Taira e Minamoto, — terminando em 1185 da nossa éra, com o exterminio dos primeiros. Junto do rio de Uji, cerca de Kyôto, feriram-se varias batalhas sangrentas entre Taira e Minamoto.

Ora, em taes paragens, abundam os pyrilampos, de duas especies bem distinctas, que se chamam (traduzindo as palavras japonezas) os pyrilampos-Taira e os pyrilampos-Minamoto. Com effeito, se se dér crédito á lenda correntia, os espiritos dos mortos encarnaram se n'aquelles insectos rutilantes; não esquecendo, porém, até hoje, os seus antigos odios, pois uma vez em cada anno, na noite do dia 12 do 4.º mez (calendario lunar), dá-se sobre o rio de Uji um verdadeiro combate entre os enxames dos insectos das duas especies que apontei.

Os japonezes aprazem-se em guardar os pyrilampos em gentilissimas gaiolas, gozando com a luz phosphorescente que derramam; mas na noite do combate impõe-se o dever a toda a gente de dar a liberdade a todos os captivos, para que possam ir reunir-se a seus irmãos e pelejar pela sua causa, como a fatalidade dos destinos eternamente lhes impõe. E assim se cumpre.

— O gato japonez, geralmente sem rabo, esqueletico e lazarento, do qual ninguem cuida, mendigando o repasto ao acaso da fortuna, começa agora a entrar em estimação.

O professor Koch visitou ha pouco o Nippon, como foi dito n'estas cartas; correu mesmo o boato de que residiria aqui por algum tempo, ao serviço do governo japonez, o que não se realisou, pois o eminente microbiologista partiu, ha algumas semanas, para a America.

O famoso sabio allemão, que recebeu calorosas provas de estima n'este imperio, recommendou insistentemente ao governo japonez que promovesse, quanto possivel, que em cada lar houvesse um gato, como o melhor meio preventivo contra a peste; e eis porque o felino domestico despertou de repente as attenções do povo em seu favor.

Segundo as estatisticas da ultima hora, já em Tôkiô, a capital, o numero de gatos é duplo do que ha poucos mezes era.

Em todos os grandes centros, as auctoridades policiaes trabalham activamente no intuito de introduzirem um gato em cada lar.

Ainda hontem um policia bateu á minha porta e perguntou se havia gato em casa; ao que a criadita respondeu, com visivel jubilo do sugeito: — «Tres gatos, meu senhor . . . »

Uma praga de gatos ameaça substituir a praga dos ratos, n'este imperio. No entretanto, a opinião do dr. Koch merece ser estudada, não só aqui, mas em toda a parte.

XXV

13 de outubro de 1903

Uma carta interessante de uma senhora ingleza; confrontos instructivos entre as mulheres occidentaes e as japonezas; commentarios ás phrases da sobredita dama britannica—As mães japonezas; coisas curiosas sobre a amamentação — Dados estatisticos sobre a guerra russo-japoneza.

O correspondente na Europa, naturalmente um japonez, do jornal nipponico "Yorodzu„, envia áquella folha uma carta que recebeu de uma senhora ingleza, onde se fazem referencias á vida de familia e social do povo americano. A carta é devéras interessante; alguns dos seus paragraphos despertarão n'este logar, julgo eu, a curiosidade dos leitores; podendo ainda prestar-se a confrontos instructivos entre as mulheres occidentaes e as japonezas, adaptando-se por esta fórma o assumpto á indole das minhas correspondencias e palestras.

Diz a dama:—"Observo que o gradual esphacelo da vida do lar se pronuncia mais na America do que na Inglaterra. Conheço um casal em Boston que, no proposito de fugir ao enfado de administrar a sua casa, desfez-se do que possuia, passando a alojar-se n'um hotel. Esta classe de *nomadas civilisados* vai accusando um grande augmento. Tambem se tem observado, nos ul-

timos annos, um notavel acrescimo dos divorcios na America, principalmente nas classes superiores e abastadas.»

Commentemos desde já. O japonez adora a *chaya* e a *yadoya,* isto é, o restaurante e o hotel; mas apenas por algumas horas, em excursões pelo campo, acompanhado da familia; ou então pela noite, em convivio de amigos, vindo as *gheishas* deliciar a sociedade com musica e cantares. Mas espectaculo de uma familia nipponica sem lar, vivendo pelas hospedarias, é simplesmente inadmissivel.

Quanto aos divorcios nipponicos, tão acerbamente apontados em muitos trechos de critica occidental sobre este imperio, mostram estatisticas recentes que vão diminuindo em numero de anno para anno, no que se pretende vêr um grau crescente na moralidade da população. Possivel é que o augmento de divorcios americanos seja tambem indicio de um maior grau de moralidade do povo... Effectivamente, o ideal do *nomada civilisado* será a condição de viver só, permittindo-se apenas, como diversão, companhias fortuitas, de momento.

Prosegue a dama:—"A America está-se tornando o verdadeiro mundo das mulheres. A antecipada decadencia e a prematura morte dos homens na America deve largamente attribuir-se ao excesso de trabalho, no intuito de arranjarem dinheiro para as suas mulheres. De facto, dir-se-hia que os americanos moirejam exclusivamente para agradar ás mulheres. Estas, por seu lado, pódem adquirir fartas pensões em caso de divorcio, e obtéem legalmente a inteira propriedade dos maridos por fallecimento d'estes. E' conhecida a historia do millionario americano que, informado de que uma sua filha se encontrava gravemente enferma na Europa, transmittiu ins-

trucções aos medicos para a fazerem recolher immediatamente á sua patria; e quando lhe apontaram o sério risco de uma viagem pelo mar, de um lado ao outro do Atlantico, o millionario respondeu altivamente que a sua fortuna dava bem para comprar todo o azeite que fosse preciso para lançar ao Oceano e supprimir as vagas, de modo a eliminar o balanço do paquete...»

Sorrindo á ingenua hypothese (e por demasia gordurenta) de um mar de azeite que unisse Nova-York a Liverpool, vamos ainda commentar, e agora mais de espaço, as phrases da ingleza. Não se sabe o seu nome, ignorando-se, por consequencia, o seu grau de auctoridade na materia. Todavia, embora admittamos exaggêro na exposição dos factos, devemos confessar, guiados pelos conhecimentos geraes do assumpto, que todos possuimos, que ha muita verdade na missiva. Por uma curiosissima coincidencia, que poderá, á primeira vista, parecer paradoxal, é agora, quando o feminismo tanto faz fallar de si, quando a mulher clama por toda a parte contra os grilhões da sua escravidão, que a mulher americana... generalisemos: que a mulher occidental (especialisemol-a nas classes superiores), se abraza em chimericos desejos, n'uma infinidade de caprichos, tornando-se o verdugo do homem, exigindo-lhe um enorme excesso de trabalho, que se transforme em excesso de dinheiro e venha acudir ás exaggeradas despezas consequentes.

Ficou definida, em traços mui por alto, a mulher contemporanea, tal como a encontramos nos grandes centros faustosos da Europa e da America: a mulher ataviada como um idolo, que vêmos nos camarotes dos theatros, nos campos das corridas, nas festas chamadas de caridade, nas estações balneares, nos poisos alpestres mais em voga e em outros varios sitios.

Se quizermos agora colher a noção simples do que seja a mulher do paiz onde me encontro — a japoneza — basta sabermos que é ella a antithese da sua irmã occidental. E' ella que se sacrifica pela familia, pelo homem — pai, irmãos, esposo ou filhos. Poderemos admittir, talvez, de parceria com muita gente boa, que o phenomeno psychico da affeição, do amor, se resume n'um acto de pura idolatria, dando-se sacrificio de uma parte e orgulho complacente de outra parte. Devemos então concluir que o machinismo moral da familia japoneza não destôa do da familia occidental, manifestando-se apenas uma troca de papeis no drama intimo. No Occidente, é o homem o escravo e a mulher é soberana; no Japão, é a mulher a escrava e o homem é o despota.

Mas ha uma differença capital a considerar nos resultados. No Occidente, os sacrificios do homem implicam um gasto ultra-normal das suas forças, por vezes a caducidade precoce, uma febre de labuta e de dinheiro, que descamba frequentemente n'um enfraquecimento de escrupulos, conduzindo a todos os desmandos. No Japão, os sacrificios da mulher limitam-se á pequenina rotina do seu lar, sem consequencias funestas a temer; resumem-se no sorriso perenne dos seus labios, embora contrafeito, mas que espalha em torno a confiança e a alegria; resumem-se nos escrupulos de asseio, de mimo, dados ao arranjo dos aposentos; resumem-se na graciosa condescendencia á vontade do marido.

Ora, eu não vou agora aconselhar ás damas europeias a norma de costumes da filha do Nippon; a pretenção, se a tivesse, seria ridicula e infructifera. Devemos admittir as coisas como são: — as civilisações offerecem as suas fatalidades de evolução, com as quaes nos cumpre conformarmo-nos.

No entretanto, forçoso é admittir, que o papel modesto que até agora a mulher japoneza tem desempenhado na familia representa uma das grandes causas da energia máscula que a historia do paiz vai accusando; energia sem parallelo, havendo produzido enormes transformações, sendo a de nossos dias uma das mais maravilhosas que possamos invocar.

E ainda um poucochinho de moral, em remate d'este artigo. Diz-se — e com verdade — que os povos téem os governos que merecem. Poderemos aqui acrescentar que os homens téem as mulheres que merecem. Se, pois, chegamos ao tempo das *suffragistas* e cumpre haver cuidado com as costellas ao passar ao alcance da bengala de qualquer dama avançada em theorias ... que nos preste! ...

— Já que estamos com a mão na massa, isto é, já que comparamos as occidentaes com as japonezas, vem a talho de foice apresentar n'este logar um curioso exemplo, que offerece traços de similhança, no respeitante a manifestações intellectuaes, entre a filha de Nippon e a mulher americana; não a japoneza de hoje, mas a das épocas remotas, começando no século VIII da nossa éra até ao seculo XII.

N'aquelles velhos tempos, o sexo feminino, de preferencia ao outro sexo, cultivou amorosamente as lettras japonezas. Uma grande e importante parte das melhores obras da litteratura classica do imperio deve-se ás mulheres; e as duas mais notaveis producções que se conhecem do periodo de Heian (800-1186) foram escriptas por Murasaki Shikibu e Sei Sônagon, duas damas da côrte do mikado.

Ora, como é sabido — e aqui se revela a similhança — tambem as damas americanas dos nossos dias se dão

muito á litteratura, não sendo raro encontrar, nos catalogos dos livros apparecidos, os nomes dos auctores femininos excedendo os nomes masculinos.

Para o caso do Japão, o phenomeno explica-se pelo facto de se irem dando então os homens ao arduo estudo dos livros classicos chinezes e ás enredadas philosophias a que esses livros lhes iam levando o pensamento; juntando-se a isto o interesse que as coisas da guerra foram gradualmente despertando. Em todo o caso, o mister das bellas-lettras foi julgado pueril e incompativel com as energias varonis; passando, pois, a ser um passatempo essencialmente feminino, que as japonezas cultivaram com agrado e com essa adoravel liberdade de expressão, derivada da sua independencia relativa na vida social, mais tarde reprimida pela vulgarisação dos principios do buddhismo.

Com as americanas contemporaneas dá-se um phenomeno parecido. Os seus paes, os seus irmãos, os seus maridos vivem na lucta quotidiana, na labuta febril dos escriptorios, rabiscando notas mercantis, addicionando milhões com milhões, redigindo e recebendo telegrammas, berrando e escutando ao telephone, ou devorando os espaços nos comboios. Tambem para elles, em regra, a litteratura é um simples jogo chimerico, incompativel com as suas manifestações de pensamento; e por isso as loiras damas, compatricias, ás quaes não faltam nem independencia nem vagares, empunham de preferencia a penna, fazendo-se escriptoras.

Os generos litterarios é que se offerecem bem distinctos. A japoneza, em poesia, nunca ultrapassou os limites da *uta*, a pequenina estrophe de trinta e uma syllabas, embebida de ingenuidade e gentileza; e creou na prosa o genero chamado "Ao correr da penna", especie

de diario de impressões, sem programma, sem methodo, sem preceitos, onde o pensamento esvoaça sobre todos os assumptos, como uma borboleta sobre todas as flôres. A americana, pelo contrario, pratica todas as fórmas litterarias; escreve o romance de costumes, investe com estudos psychologicos, afoita-se na historia, na sciencia, na alta philosophia; em verso, eleva-se, creio, aos mais abruptos pincaros da poesia. Pois faz mal. Na minha muito humilde opinião, a fórma litteraria da japoneza é a unica apropriada á capacidade de auctora, d'ella como de todas as mulheres. A mulher — seja de que paiz fôr — deliciosamente dotada de delicadezas de sentir, de subtilidades de observação, póde offerecer-nos um livro encantador de pensamentos destacados, no genero que apontei; a pequenina nota solta, despida de luxos pedantescos de rhetorica, mas resumando de graça e de humorismo, e tambem de intensa emotividade sensitiva, póde sahir da sua penna com refulgencias diamantinas. Admittamos ainda incluidos no campo azado ás suas producções os assumptos destinados ás creanças, contos de avós — anecdotas, historietas, — apontamentos rapidos de viagem e acaso a biografia de um ente amado, estremecido. Todos os outros generos, porém, deveriam ser campos defesos á litteratura das mulheres; deixando-os ellas prudentemente á iniciativa varonil, que possue o privilegio das rudes energias da palavra e da dura experiencia dos homens e das coisas, indispensavel na materia.

Digamos tudo: o talento tem sexo; um livro de mulher, quando ultrapasse os limites que indiquei, ou é banal (felizmente o caso mais vulgar), ou então a mulher não é mulher... o seu temperamento ou condições excepcionaes da vida atormentada approximaram-na — as

saias nada valem para o caso — do homem, impetuoso, experimentado e sapiente.

— As mães japonezas ammamentam os seus filhos por muito mais tempo do que as nossas. Não discutamos este habito, que encontra provavelmente explicação n'um excesso de mimo e no prazer do sacrificio, por parte da mãe, em prolongar quanto possivel uma satisfação da creancita. Seja como fôr, é vulgarissimo o espectaculo de encontrarmos nos logares publicos — theatros, carruagens de caminhos de ferro, etc. — pequerruchos de tres e quatro annos a regalarem-se com bolos ou com fructos, indo depois pedir ás mães, por desfastio, o seio uberrimo.

Mas o habito vai mais longe: — as velhas, na quadra pathetica dos ultimos affectos, offerecem os peitos sêccos aos netos, com manifesto aprazimento de quem dá e quem recebe.

Tenho agora o exemplo cerca. Uma das minhas criaditas lembrou-se ha pouco de mandar vir da sua terra a mãe, com mais de 60 annos, e a filhita de um irmão, com cinco annos. Aqui se pespegam as duas, em casa, em visita demorada; e não ha nada que dizer-lhes, porque a coisa é trivial entre esta gente.

Mas vamos ao caso. Pela noite, a creança (Aça se chama, a "Manhã„ — que lindo nome de creança! ... —) conchega-se ao collo da velhota, suga-lhe o seio chôcho, fecha os olhos e assim se deixa adormecer... A principio, pareceu-me a scena quisilenta, repugnante; hoje, porém, enternece-me, dá-me vontade de chorar. Pois não é commovedor o espectaculo d'esta velha, vergada ao peso dos invernos, com as guedelhas grisalhas cahidas sobre a testa, perpetuando as impressões da maternidade extincta com ir fingindo que ammamenta a sua neta?... E não

é emocionante a dôce teimosia da creança em querer ser sempre creança, pedindo calor e vida a um seio amigo... embora frio como uma pedra e resequido como a raiz de uma arvore morta?...

A historia e a lenda dão-nos alguns raros exemplos de netas que ammamentaram seus avós. O Japão — farto em surprezas — offerece-nos o quadro das avós ammamentarem os seus netos... embora em estylo figurado.

— Deixando fallar apenas a eloquencia dos numeros, eis alguns dados estatisticos, parece que os mais accurados, com referencia ás casualidades dos japonezes na guerra russo-japoneza.

Mortos 85:646, dos quaes 49:428 cahidos no campo da batalha e os restantes 37:218 victimados por doenças ou ferimentos; invalidos 210:688; feridos 142:108. Accusa-se, pois, um total de 438:442 casualidades.

XXVI

1 de novembro de 1908

A questão do Oriente; considerações sobre a situação da Turquia; a proposito falla-se do Japão — Exemplo de avançado progresso e exemplos archaicos — A esquadra americana; comparação do que se passa agora com o que occorreu em 1853.

ORA, meus senhores: — uma carta do Japão, por estes dias que correm, affigura-se-me, para mal dos meus peccados, peça indigesta e semsabor.

O interesse dos leitores — se é que elles se interessam na alta politica mundial — não vai agora tão distante, não alcança o Extremo-Oriente; fixa-se apenas no Oriente, onde emocionantes surprezas se desdobram, onde os horisontes se turvam de nuvens carregadas, prognosticando possiveis tempestades e as suas terriveis consequencias.

Agora, é a Turquia que attrahe as attenções de toda a gente; a Turquia, n'um inicio de regeneração, da qual a Bulgaria se emancipa, á qual a Austria arranca territorios, a Grecia quer para si a ilha de Creta, outros querem outras coisas... Emfim, a situação é das mais graves.

Respeitemos, em principio, quaesquer esforços tenazes dos Estados, cuidando de engrandecer-se... uns á custa dos outros, claramente; visto que a vida das nações, como a dos homens, é de lucta, nada mais. No entretanto, forçoso é confessar que o momento escolhido para tantas

nações da Europa cahirem sobre os turcos, se é azado em perspectivas de bom exito, é por outro lado infeliz, pouco proprio, quando julgado por um espectador independente.

Perante a Turquia autocratica, fanatica e caduca, todas as cobiças se reprimem. Agora, quando um sôpro de rejuvenescimento ia transformal-a, dulcificar-lhe as instituições, identifical-a com a civilisação moderna e mui provavelmente reintegrar as suas energias dispersas, de Estado livre, até hoje tanto ao desbarato, é quando alguns Estados europeus se lembram de cahir sobre ella, aproveitando-lhe a fraqueza emquanto é tempo, pois mais tarde seria difficil a tarefa.

Por outras palavras: — um bando de avarentos espera, paciente, o proximo fim do moribundo, para depois dividir entre si o espolio que deixar; mas como, contra a geral espectativa, o enfermo accusa indicios de melhoras, saltam-lhe logo em cima, arrancam-lhe das mãos trémulas o que pódem, antes que as forças voltem, tornando perigosa a tentativa... Pois que lhes preste.

Assim é. Não resta duvida de que a acção europeia, com relação ao imperio turco, acção que quer apparentar por vezes solicitudes de uma benevolente tutoria, não tem sido senão mesquinha, egoista, jámais visando ao levantamento moral e material dos turcos.

A paz do Oriente, que as potencias se téem esforçado ultimamente por manter, visa unicamente os seus proprios interesses, não os dos turcos; ganha-se tempo, empalha-se, pelos receios que umas potencias téem das outras; contando-se em todo o caso com o fatal esphacelo do imperio mahometano e com as consequencias propicias, resultantes.

O apparecimento auspicioso — para os turcos — de uma

Turquia moderna, esclarecida, animada de ideias progressistas e de brios nacionaes, nada deve aos seus amaveis protectores; nasceu espontaneo, servindo-lhe de estimulo, por ultimo, as glorias nipponicas. E similhante apparecimento — concluamos — veio de surpreza contrariar profundamente as intenções e os programmas dos Estados europeus; não havia tempo a perder; alguns Estados déram então signal de alarme, outros acudiram de prompto e outros mais acudirão em breve, cuidando todos de apressarem o rateio dos bens alheios, em proveito proprio, emquanto que a ideia reformadora dos *jovens turcos* pouco mais vai além de aspiração.

Direi agora que o assumpto em que temos vindo palestrando — supponho que o leitor me acompanhou — parecerá, á primeira vista, bem mal cabido n'estas cartas, votadas ao Japão; mas, pensando bem, parece-me ter aqui o seu logar, prestando-se a elucidar-nos sobre a linha de conducta, já desde remotos tempos, dos nipponicos, explicando-a, justificando-a a nossos olhos.

Quando procuremos indagar quaes as causas principaes que téem influido na complicada questão do Oriente, no desmembramento successivo do territorio turco e na acção pouco leal das potencias, arvoradas protectoras da Turquia, encontramol-as na infiltração das differentes raças europeias e das differentes crenças europeias no mesmo sólo da Turquia. Mas isto não deve causar espanto: — mostrando-nos exuberantemente a Historia que a expansão das raças e das religiões occidentaes em sólo exotico, onde medrem outras raças e outras crenças, é sempre dissolvente, aggressiva e de conquista.

Pois o Japão teve a intuição nitida de tal perigo; resistiu sempre á invasão dos crédos do Occidente, e quanto possivel, á expansão occidental. N'isto está o seu grande

merito. Se imaginassemos um Nippon condescendente á palavra dos missionarios portuguezes e hespanhoes, isto nos tempos em que a Inquisição e a intolerancia religiosa imperava na Europa; ou se imaginassemos um Nippon que, mais tarde, se mostrasse humilde e fatalista aos europeus e aos americanos que altivamente o abordavam de surpreza; em qualquer das duas hypotheses, seriam fataes a desintegração, a degenerescencia e a escravidão dos nipponicos, perante os astutos invasores. A nossa ambição, de homens loiros, póde lamentar que taes hypotheses se não déssem; mas, acima da ambição de um grupo de homens, existe a consciencia intima da humanidade em peso; e essa deve applaudir incondicionalmente os brios patrioticos de um povo, que tanto soube manter a sua integridade nacional, a sua independencia e, até hoje, as suas caracteristicas de raça, a despeito de tantos perigos e de tantas ameaças.

— O Japão offerece, em muitos ramos da civilisação moderna das nações, exemplos do mais requintado avanço no progresso; e offerece tambem, em contraste, exemplos de civilisação archaica, já ha muito fóra de moda nos outros centros mundiaes.

Vem a proposito citar as relações entre o soberano e o seu povo; a vida ainda é patriarchal; o imperador ainda é o pai e os subditos são seus filhos; o pai falla por vezes, cuidando de encaminhar o rebanho filial pelo bom caminho; e é certo que a palavra prestigiosa do Mikado ainda exerce mais influencia nas massas do que todas as leis repressivas dos governos.

Já n'estas cartas, ha alguns mezes, foi publicado o rescripto imperial sobre a educação, cuja influencia na juventude tem sido de effeitos manifestos.

Ha poucas semanas appareceu um outro rescripto imperial exhortando o povo japonez á honestidade, á vida simples e ao trabalho. O seu teor é pouco mais ou menos como segue:

"N'estes tempos que correm, quando a civilisação avança de mez para mez, de dia para dia, o Oriente e o Occidente gozam em commum, por mutua assistencia, de bem-estar e de prosperidade.

É nosso desejo animar as relações internacionaes com o nosso imperio e promover a amisade com os paizes estrangeiros, partilhando o nosso bem e as nossas venturas com todas as nações do mundo.

O desenvolvimento da prosperidade do imperio só poderá ser attingido quando elle siga, passo a passo, o avanço diario do progresso.

Apenas um curto periodo tem decorrido depois que a guerra terminou, e a situação do imperio exige que todos os ramos de administração soffram accrescimo. Todos os nossos subditos, nobres e humildes, são advertidos para que unam seus esforços n'um unico pensamento, cuidando de seus negocios perseverantemente e honestamente, accomodando-se aos principios de uma existencia frugal, actuando conforme as regras da justiça e da lealdade, mostrando simplicidade e lisura nas acções da vida quotidiana, odiando a indolencia, trabalhando com energia e intelligencia.

As sagradas lições deixadas pelos nossos imperiaes antepassados, e as obras dos nossos subditos, que tanto illustram os annaes do imperio, brilham tão deslumbrantemente como o sol e a lua. Se os nossos subditos trabalharem em harmonia com estas lições, persistindo corajosamente, honestamente em seus intuitos, terão assegurado impulsos novos á prosperidade do imperio.

Nós desejamos levar por diante a politica imperial da restauração e proclamar a gloria e a virtude dos nossos imperiaes antepassados, com a assistencia dos nossos bons e leaes subditos».

Commenta-se agora calorosamente este rescripto — não só no Japão, mas no Occidente, — parecendo que uma das razões que o provocou foi um certo desmando de conducta, que o povo ia mostrando, como aconteceu recentemente, especulando com acções das Companhias e jogando em apostas nos campos de corridas de cavallos; outros attribuem-lhe outras causas. Um jornal, «The Japan Chronicle», cita a seguinte curiosa circumstancia: ha pouco o ministro da casa imperial recommendou que, no novo orçamento, agora em estudo, a lista civil fosse augmentada, pois montando a uma totalidade de tres milhões de yens annuaes (cerca de 310 mil libras esterlinas), sem ter sofrido modificação ha vinte annos, actualmente as despezas são maiores; porém, quando isto chegou ao conhecimento do soberano, recusou-se terminantemente a dar o seu consentimento a tal medida, que classificou de duro aggravo, feito ao povo, ordenando que se reduzissem as despezas, de modo a tornar sufficiente a dotação.

— Na manhã de 18 de outubro deu entrada nas aguas de Yokohama a esquadra americana, composta de 16 vasos de guerra, sob o commando superior do almirante Sperry, que içava o seu distinctivo a bordo do «Connecticut». A visita foi curta, pois durou apenas uma semana, largando a esquadra no dia 25, com destino á China.

Estão bem na memoria de todos nós os boatos sensacionaes que vieram merecendo da imprensa mundial a

ideia arrojada da organisação da grande armada e a sua derrota através do Pacifico. Não se póde assegurar se o futuro nos reserva, ou não, alguma surpreza em tal materia; o que me apresso em registrar é o facto de uma calorosa e enthusiastica recepção feita pelos japonezes aos navios americanos, que em dez mezes de navegação acabam de percorrer cerca de 40.000 milhas em distancia, sem incidente notavel, o que constitue caso virgem em materia de cruzeiros, nos fastos maritimos da historia. As festas dadas em honra dos officiaes e marinheiros americanos e o alvoroço espontaneo dos nipponicos em saudar os visitantes tiveram um brilho indescriptivel, que por certo deve ter profundamente impressionado o espirito dos *yankees*.

Acode agora comparar o que se passou, ha poucos dias, com a armada do almirante Sperry, e o que se passou ha pouco mais de 55 annos com a esquadra do commodoro Perry... *S* a mais ou *S* a menos; mas as circumstancias é que foram bem differentes.

Achava-se o Japão recluso, fechado ao mundo occidental. No dia 8 de julho de 1853, uma esquadra americana surgiu no Porto de Uraga, não longe de Yokohama; e o seu commandante, o commodoro Perry, exigiu, em nome do governo da republica, que o imperio entrasse em relações immediatas, de convivio e de commercio, com os Estados Unidos. O *shogun* (generalissimo) cedeu, tomado de surpreza e de terror. Assignou-se um tratado de amisade. Outras nações appareceram, reclamando igual favor. Deu-se então a extraordinaria revolução interna, de todos conhecida; revolução dirigida, a principio contra os estrangeiros invasores, depois contra o *shogun*, cahindo este, dando-se o estupendo phenomeno politico da restauração imperial, que foi o

primeiro passo de gigante na nova estrada que encaminhou o paiz para o enorme desenvolvimento a que chegou.

Caprichos dos destinos! Perry exigia do Japão que abrisse as suas portas ao povo americano. Sperry limitou-se, claramente, a agradecer a hospitalidade recebida. Mas, se a sua presença em terras do Nippon recorda alguma coisa, recorda que é agora a America que fecha as suas portas ao povo japonez, erguendo barreiras á onda da emigração d'esta gente, desejosa de expandir no livre sólo *yankee* a sua actividade . . . *Livre?* . . .

XXVII

26 de novembro de 1908

Divagações sobre as relações entre a raça branca e a amarella; o effeito das victorias nipponicas; o perigo amarello — Ainda divagações ácerca de uma entrevista do embaixador da Austria em Paris; a proposito falla-se da subtilissima previdencia do povo japonez — Revista naval da frota do Japão; o que esta revista representa — Noticias sensacionaes do imperio chinez — Desmentido a uma noticia espalhada na imprensa portugueza; pormenores a este respeito.

A distante Europa continúa fornecendo á curiosidade publica farta materia emocionante; e a mim, graças á tagarelice dos telegrammas que aqui chegam, pretextos para divagações, que poderão cançar a paciencia dos leitores, mas que, acaso, de certo modo irão lançando alguma luz, embora frouxa, sobre o misterio extremo-oriental e sobre o que respeita ás relações — passadas, presentes e futuras — entre a raça branca e amarella.

Deixando agora sem commento o problema de Marrocos, do qual muitas surprezas pódem esperar-se, fixemos a attenção na noticia, surgindo como uma inesperada peça de fogo de artificio, das considerações feitas pelo kaiser a um inglez, com quem desabafou. Prodigioso!...

O imperador Guilherme allude aos boers, ao projecto de campanha que elle contra elles planeou, seguido pela

Inglaterra apenas com variantes, etc... mas tudo isso deve ser já bem conhecido dos leitores. E conclue defendendo a necessidade de uma esquadra allemã de grande força prompta para as contingencias que pódem dar-se no Extremo-Oriente, em dias menos distantes do que muita gente cuida; avançando ainda que, quando chegar o tempo de decidir-se do futuro do Pacifico, só serão respeitadas as potencias que disponham de forças navaes de alta valia; regozijando-se então a Inglaterra por ter a Allemanha a sua esquadra, dando-se mãos os dois Estados nos grandes debates do porvir.

A indole modesta d'estas cartas não permitte a quem as traça pôr-se agora a discutir as palestras do soberano da Allemanha. Emocionou-se o mundo inteiro, mas o mundo procederá como entender. No emtanto, taes palestras não traduzem apenas uma opinião individual; resumem os sentimentos de uma grande facção, talvez em maioria, do mundo do Occidente; e é sob este aspecto que merecem ser commentadas n'estas linhas, embora de relance.

As victorias do Nippon, no recente conflicto russo-japonez feriram, como uma picada de estylete, não só as susceptibilidades russas, mas tambem as de toda a raça branca; na verdade, o homem do Occidente nunca julgou possivel que um povo exotico havia de derrubal-o no campo da batalha. Após um involuntario grito de applauso, o Occidente reconsidera, nascendo o resentimento. Crê adivinhar no futuro a possibilidade de uma exuberante expansão d'este povo de heroes; e a Europa e a America não a querem. Contra tal exuberancia hão-de esgrimir os loiros, por todos os meios de que poderem lançar mão; sem cuidarem de ser justos, negando-se a admittir que a terra é de todos, sem distincção de côr, e que aos que

mais porfiam cumpre colher o premio da sua tenacidade meritoria.

Ora, os japonezes, — finissimos observadores — bem conhecem o germen de animosidade de que são alvo e a que alludi. Precavêem-se. E toda a sua politica de prevenção, de desconfiança, contra nós, tem facil explicação, quando attentarmos nos nossos proprios sentimentos, embebidos de orgulho e de exclusivismo, que nem sequer sabemos occultar.

O *perigo amarello,* no sentido pavoroso que muitos lhe attribuem, é hoje quasi uma chimera, e sêl-o-ha por muitos annos, e talvez por muitos seculos. Mas o encontro calamitoso das duas raças — branca e amarella — apresenta-se como uma fatalidade dos destinos, para a qual, confessemos, os brancos téem concorrido com a maior somma de fermentos irritantes.

— Continuando a divagar, occorre-me dizer que encontro agora nos jornaes a resenha, de profundo ensinamento, de uma entrevista que o embaixador austriaco em Pariz teve com o representante do «Gaulois».

O diplomata, na sua exposição, cuida de defender com logica vehemente o procedimento do paiz que representa, no assumpto da anexação da Bosnia e da Herzegovina, as duas provincias que iamos ainda considerando, até agora, como propriedade da Turquia; julgando, com argumentos de valor, que similhante annexação não irá modificar a dôce paz com que a Europa por estes tempos se regala. E acrescenta: «E além d'isto no momento presente da renascença da Turquia, encontra-se ella em bem difficeis condições para permittir-se quaesquer emprezas bellicosas. O seu governo fará todo o possivel para manter a paz. Por ultimo, onde é que iria a Turquia

buscar dinheiro para a guerra? E que ganharia ella com isso? Ignora ella o dogma, mantido em toda a Europa, de que uma simples pollegada de terreno arrancada á Turquia em beneficio de um povo de christãos, jámais deverá ser restituida ao imperio do sultão?...»

Como o ultimo argumento é digno de pasmo, para mim e para outros ingenuos como eu!... Prestando inteiro credito ao rigor dos conceitos do illustre diplomata, devemos então concluir que a familia christã foi transformando a sua religião de uma maneira curiosissima, em seu proveito exclusivo. Christo nunca prégara tal doutrina. O doce Nazareno ensinava a dar a Cesar o que a Cesar pertencia; a expoliação era julgada por elle um acto criminoso...

O assumpto leva-me naturalmente a admirar mais uma vez a subtilissima previdencia do povo japonez, expulsando do seu sólo os missionarios portuguezes e hespanhoes — isto nos velhos tempos, — e aproveitando quánto possivel as condições geographicas do imperio para manter um desconfiado isolamento, até aos dias de hoje, com referencia aos povos do Occidente. Imaginemos, por um instante, que as doutrinas christãs haviam sido abraçadas, por um modo persistente, no Japão; seguindo-se, em boa logica, a invasão do paiz pelos estrangeiros, adquirindo influencias, intrigando, dominando onde podessem. Algum retalho do Nippon cahiria nas mãos da gente occidental. Os nipponicos reclamariam. E então, com garbo e sorridente placidez, murmurariam os nossos diplomatas: — «Ignora o Japão o dogma, mantido em toda a Europa, de que uma simples pollegada de terreno, arrancada do seu sólo em beneficio de um povo de christãos, jamais deverá ser restituida ao imperio do Mikado?...»

Quero eu crêr que estas linhas, escriptas em prol de um

povo pagão, merecerão apoiò de muitos espiritos independentes e tolerantes, que hoje contemplam com dó a Turquia, victimada pela intriga das potencias que se dizem suas protectoras, e que ao mesmo tempo prestam culto — taes espiritos independentes e tolerantes — ao sublimado patriotismo da familia do paiz do Sol Nascente.

— No dia 18 do corrente, após as costumadas manobras de outomno do exercito e da esquadra, realisou-se na vasta rada de Kobe uma imponentissima revista naval da frota japoneza, passada pelo imperador.

Figurou na revista um total de 123 navios de guerra, contando-se entre elles 10 couraçados, 26 cruzadores de diversas classes, 4 guarda costas, 7 avisos, 53 *destroyers*, 7 barcos submarinos, 12 barcos torpedeiros e mais 4 navios de varias categorias.

A festa, que foi extremamente impressiva a todos os respeitos, terminou com um almoço offerecido pelo imperador a 2.500 convidados, entre os quaes se encontravam alguns europeus, de mistura com os grandes vultos nipponicos, como os almirantes Togo e Kamimura, os marechaes Yamagata e Oyama, o principe Ito, os generaes Noghi, Kuroki, Oku e muitos outros.

A revista da esquadra representa um interessantissimo documento material dos grandes progressos da marinha nipponica, considerada hoje uma das mais temiveis das potencias mundiaes. Quando se considera que o Japão tem accusado o seu desenvolvimento, não só na marinha, mas em todos os outros ramos das actividades humanas, fica a gente assombrada de tamanha exuberancia da vida e da energia de um povo que, ainda ha pouco mais de meio seculo, medrava no mysterio, alheio a todos os progressos da civilisação occidental.

Como detalhe interessante, deve aqui mencionar-se que muitos dos navios de guerra, presentes na revista, representavam trophéus das glorias passadas, mas ainda intensamente impressas na memoria de nós todos; contando-se 1 guarda-costas tomado aos chinezes, e 4 couraçados, 2 cruzadores, 3 guarda-costas, 1 aviso e 4 *destroyers* tomados aos russos.

— Chegaram-nos aqui, ha poucos dias, noticias extremamente sensacionaes do imperio chinez.

Annuncia-se a morte do imperador da China e da imperatriz viuva; esta havendo-se suicidado após o fallecimento do imperador, acabrunhada de desgosto e julgando-se sem forças para as grandes responsabilidades futuras que se lhe impunham.

O imperador, ainda relativamente joven, parece ter sido sempre um doente, um fraco, desprovido de energias para o supremo cargo que exercia; n'estes ultimos annos mostrára largas tendencias reformadoras, talvez precoces, no sentido de encaminharem o imperio pela senda da civilisação occidental.

O vulto da imperatriz, sua tia e quem de facto dirigia, com mão de ferro, os negocios do Estado, apresenta-se como uma das mulheres mais eminentes da historia moderna, pela energia do seu caracter, pela sua habilidade administrativa, pela sua vontade inquebrantavel.

Pela morte do imperador Kwang-Hsu, succede no throno o principe Pu Yi, uma creança em tenros annos, exercendo seu pai, o principe Chun, a regencia temporaria. Digamos ainda que a estranha circumstancia do fallecimento, quasi simultaneo, dos dois primeiros personagens do imperio se presta a varias supposições, que o mysterio tenebroso da côrte de Pekim nunca permit-

tirá por certo aclarar; aventando-se até a opinião de que possivelmente a imperatriz, cuja idade já rastejava pelos 74 annos, terá fallecido primeiramente, de morte natural, sendo seguidamente envenenado o imperador, por iniciativa criminosa de algum grupo conservador. Quem o poderá affirmar ao certo? . . .

Seja como fôr, o emocionante acontecimento inspira gravissimas apprehensões, podendo esperar-se, de um momento para outro, em resultado das efervescencias politicas, uma intervenção interna, no immenso paiz que é a China, onde medram, latentes, variadissimas aspirações.

O imperio póde encontrar-se em breve a braços com alguma medonha crise, que o prejudique e que tambem prejudique a acção progressiva do Japão, espalhando igualmente a sua influencia perniciosa em todo o Extremo-Oriente até ao mundo occidental. Aguardemos os factos.

Em verdade, a região asiatica mais a léste está reclamando para si a maior somma de interesse, no respeitante á evolução dos povos . . . evolução e revolução.

— Não é, infelizmente, verdadeira a noticia, espalhada pela imprensa portugueza, de que o estudo da nossa lingua acabe de ser ordenado, pelo governo japonez, nas principaes escolas do imperio. Informando-me do caso, com natural interesse, nada me constou a tal respeito. Nem isto deve admirar, sendo certo que as nossas relações commerciaes e outras, com o imperio do Japão, se encontram apenas em inicio . . . por signal, um inicio bem longamente prolongado.

Mas ha o Brazil; e era justamente elle que se invocava na noticia, como causa da medida governamental a que

alludi. No entretanto, as relações commerciaes do Brazil com o Nippon pouco mais em avanço se encontram do que as nossas.

É bem certo que, quando ha pouco surgiram graves complicações entre o Japão e os Estados-Unidos, motivadas pela larga emigração japoneza para a America, os japonezes, que precisam de emigrar, lançaram as suas vistas para as republicas sul-americanas, emigrando bastantes para algumas d'ellas, activando com ellas o trafego mercantil e estabelecendo ainda, com algumas, communicações directas de vapores; o Perú e o Chili estão n'este caso.

Com o Brazil, porém, as relações continuam infimas, indecisas. O Estado de S. Paulo recebeu ha pouco tempo uns 700 emigrantes japonezes, destinados ao trabalho da cultura do café, constando-me que a experiencia não deu bom resultado, não se pensando, por agora, em repetil-a. Raros negociantes japonezes se encontram no Brazil. Emfim, tarde surgirá a necessidade, no Japão, de ser util o estudo da lingua portugueza.

A proposito, uns rapidos detalhes sobre o desenvolvimento das linguas estrangeiras n'este imperio. O chinez e o coreano foram desde remotas éras cultivados. No seculo XVI, estudou-se o portuguez, adoptando-se sobretudo muitos dos seus termos no vocabulario nacional. Seguiu-se depois o hollandez, que derramou no imperio vastos conhecimentos scientificos. Com a restauração imperial, teve o francez a sua voga, curta. Hoje, encontram-se muitos japonezes illustrados, fallando o inglez, ou o francez, ou o allemão. Mas é a lingua ingleza, obrigatoria desde as escolas elementares de ambos os sexos, que tende a propagar-se pasmosamente, mesmo entre o povo; sendo provavel que,

dentro de poucos annos, toda a gente das cidades falle e escreva o inglez; os nipponicos, movidos por um sentimento de interesse prático, preferiram dedicar-se á lingua estrangeira que mais opposta á sua se apresenta.

Nas escolas de linguas estrangeiras, em Tokio, ha actualmente oito cursos: — inglez, francez, allemão, russo, hespanhol, italiano, chinez e coreano. Nas escolas superiores do commercio, além do inglez, obrigatorio, estuda-se, á escolha do alumno, uma das cinco linguas: chineza, franceza, allemã, russa ou hespanhola.

XXVIII

15 de dezembro de 1908

Ainda a proposito da armada americana; a fallada alliança americo-chineza; o accordo americo-japonez; a evolução da Asia — A proposito do desenvolvimento do Japão; uma pagina de um livro de Hakuseki, notavel escriptor, nascido em 1657; o que transpira da leitura d'esta pagina — Passeio n'um cemiterio de Kobe com um compatriota; a cremação; esclarecimento sobre certa materia — O marechal Nodzu, recentemente fallecido; um sargento da sua estima.

Disse-se n'estas cartas, com referencia á grande armada americana e á sua larga derrota através do Pacifico, que o fim principal que havia em vista era uma demonstração de força, destinada especialmente a ir impressionar os japonezes; e, a proposito do enorme dispendio que forçosamente acarretava tal viagem, tratando-se de mais a mais de um povo prático e de negocio, não se julgou muito improvavel que o governo americano cuidasse de tirar compensações de certo modo equivalendo aos juros do capital que era requerido. A fallada alliança americo-chineza ficou por emquanto apenas em boato e, parece, não irá mais além. Mas uma compensação já obtida é o accordo americo-japonez, pelo qual os dois Estados se compromettem mutuamente a respeitar os seus direitos no Pacifico, a integridade das suas colonias e a integri-

dade territorial da China; este accordo foi agora publicado, e, possivelmente, um outro accordo se realisará em breve, o accordo americo-chinez, redigido em termos parecidos.

Além da alliança anglo-japoneza, já havia o accordo russo-japonez, já havia o accordo franco-japonez; ha mais a registrar n'este momento: o accordo americo-japonez, correndo boatos de que virá após o accordo germano-japonez.

Temos, pois, uma chuva de accordos, meus senhores. A' falta de melhor, as nações occidentaes comprazem-se por esta fórma em manter em equilibrio a politica asiatica, antes a sua, conservando inalteraveis as condições do Extremo-Oriente.

Congratulemo-nos por esta solução do problema: mas não lhe queiramos dar mais importancia do que ella realmente póde ter, nem tão pouco a desejemos. A evolução da Asia está decretada nos destinos mundiaes; a Asia tem de surgir da sua insignificancia, para vir desempenhar no mundo um papel de enorme alcance; e não serão por certo os accordos — um milhão de accordos se quizerem — que virão perpetuar a estagnação de uma tão larga parte da humanidade inteira. Dizia ha pouco um escriptor russo que os historiadores futuros dividirão a historia universal em dois capitulos: — antes da guerra russo-japoneza, depois da guerra russo-japoneza. Assim o crê tambem o obscuro auctor d'estas correspondencias.

— Quando se observa a paizagem nipponica, quando se estuda a arte dos japonezes ou a sua litteratura, ou mesmo a sua lingua, ou mesmo os seus costumes, o que mais impressiona, talvez, é a novidade, a surpreza das descobertas, esse não sei quê, que vem impregnado de

exotismo e nos dá a noção clara de que nos achamos em contacto com um povo muito differente de nós mesmos, tendo desenvolvido a sua intelligencia, havendo ganho a sua civilisação, por caminhos estranhos, que os europeus nunca trilharam. Claro está que de tal observação ou de tal estudo, quando não limitados a poucos, antes por muitos divulgados, resultaria um bem real, uma expansão de ideias em campo que nos foi defeso longamente; seria uma verdadeira conquista do pensamento, a qual vale bem mais, se não me engano, do que a conquista territorial.

Estas considerações véem a proposito da leitura recente, a que me dei, em traducções embora desmerecidas, de trechos da litteratura japoneza. Como especimen, offereço aos meus leitores uma pagina de um livro de Hakuseki, notavel escriptor, nascido em 1657; trata-se de Itakura Shigédé, que foi juiz n'um tribunal do imperio. Diz assim, pouco mais ou menos, a pagina citada:

«Seria impossivel descrever aqui miudamente tudo que fez este homem emquanto exerceu suas funcções e dizer tudo da fama que mereceu. Escolherei apenas um incidente caracteristico.

«Logo que tomou conta do emprego, começou seguindo o habito, ao chegar ao tribunal e antes de dar principio á audiencia, de dar-se a adorações em um corredor voltado para oéste. Alli se achava um almofariz para moer chá; e Itakura, havendo cerrado as corrediças de papel e occultando-se assim das vistas, sentava-se no chão e começava ouvindo as queixas, pulverisando ao mesmo tempo por si proprio o chá para seu uso. Toda a gente se admirava de tal procedimento, mas ninguem se atrevia a questionar o magistrado; até que finalmente, annos depois, quando se lhe pediu explicação do facto,

respondeu: — A razão das minhas adorações em um corredor voltado a céste, antes de ir presidir ao tribunal, era porque me punha a adorar os deuses de Atago, que me disseram ser os mais efficazes de todos os deuses que adoramos; e pedia-lhes a graça da imparcialidade, em todos os processos em que eu ia ser juiz. Rogava-lhes mais que, se eu me enganasse, ou se estimulos egoistas tendessem a influenciar o meu criterio, em tal momento a vida me tirassem. E durante longos annos repeti esta prece em cada dia, cheio de fé, certo de que a existencia me fugiria, se um interesse pessoal viesse dominar-me a consciencia.

«Uma outra coisa, que eu julguei incompativel com a nitidez do julgamento, foi a emoção do coração; um homem bom nunca deve permittir ao coração que se commova. Por mim, nunca pude attingir esta firmeza, recorrendo então a um expediente, o de moer o chá para meu uso. Quando o meu coração estava tranquillo, estava-o a mão tambem, e o chá sahia em pulverisação finissima; isto me assegurava da serenidade do meu espirito; e jámais, antes de proferir uma sentença, deixei de examinar o meu trabalho e convencer-me da sua perfeição.

«Agora, o motivo que me levava a ouvir as queixas, sempre encoberto por um biombo de papel, era o seguinte: Em geral, relanceando os homens, descobrimos umas physionomias antipathicas e outras captivantes. Uns téem ar de honestos, outros de impostores. São mil as variedades, impossiveis de apontar. Fixando-os, somos levados a suppôr que os homens de rosto honesto são os que dizem a verdade, e que é falso o testemunho dos que téem cara de intrujão. Podemos assim pensar que a queixa do homem sympathico prova que alguma offensa

lhe fizeram, e que é fingida a reclamação do antipathico; sendo o coração, em ambos os casos, influenciado pelos olhos. Mas, durante a marcha dos processos, salta á vista, por vezes, que as apparencias captivantes pertencem a individuos realmente detestaveis, emquanto que, de entre os homens antipathicos, alguns merecem sympathia. Ha canalhas com aspectos agradaveis, ha justos com aspectos antipathicos. E' difficil conhecer os corações dos homens; e o methodo que consiste em julgal-os segundo as apparencias não offerece nenhuma garantia. Mesmo para aquelles individuos que se encontram sem culpa, deve ser coisa terrivel o comparecer n'um tribunal; alguns, quando se véem em presença do homem em cujas mãos estão a vida e a morte, sentem-se confusos e abatidos, a ponto de nem saberem defender-se. Quando eu me puz a pensar em tudo isto, comprehendi, no fim de contas, que era melhor que o juiz e o criminoso nunca se encontrassem face a face. Eis a razão porque me occultava com as paredes de um biombo.»

Lida esta pagina de litteratura japoneza, transpira d'ella, embora a imperfeição da traducção, um sentimento de coisa estranha, uma elaboração do pensamento que bem mostra vir de um cerebro differente dos nossos cerebros do Occidente. A moral, por seu lado, é palpitante. O japonez moe o seu chá, o europeu o seu café; ora, não quereremos, por certo, que um juiz de um tribunal da nossa terra se ponha a moer o seu café quando em funcções, nem que se occulte á vista do auditorio; mas nem por isto nos será improductiva a philosophia do bem, exposta, com adoravel singeleza, por um japonez dos velhos tempos.

Continuarei, em cartas subsequentes, dando alguns trechos da caracterisca litteratura do Japão.

— Ha alguns mezes, passeava eu em Kobe com um compatriota, que aqui se encontrava com licença, vindo de Macau, onde exercia um cargo official. Vem a proposito dizer que os nossos funccionarios de serviço em Macau, ou os que de lá regressam para o reino, deveriam aproveitar, mais frequentemente do que fazem e sempre que o ensejo se offerecesse, a occasião de visitarem o Japão, a troco do sacrificio de algumas poucas libras; sendo certo que este paiz, pelos seus aspectos interessantes e pela sua importancia mundial, bem merece um estudo e uma visita.

Mas vamos adiante. Passavamos junto de um cemiterio japonez, onde repousam os cinzas dos defunctos; *cinzas,* no sentido rigoroso da palavra, pois é de uso a cremação. Disse-me então o meu amavel companheiro que, provindo a civilisação nipponica da adaptação, em grande parte, da velha civilisação chineza, e tendo sido igualmente importada da China para aqui a religião buddhista, não comprehendia porque os japonezes queimam os seus mortos em geral, emquanto que na China a cremação não é seguida. Ao commento, que equivalia quasi a uma pergunta, respondi com um encolher vago dos hombros, de quem não sabe elucidar — como de facto não sabia — e proseguimos no passeio, sem mais pensarmos no incidente.

Posso hoje esclarecer um tanto esta materia.

A religião primitiva da China, impregnada do culto dos mortos, condemnava a cremação.

A religião primitiva do Nippon, impregnada do culto dos mortos e de crenças shintoistas, condemnava igualmente a cremação. Tendo a China importado da India a religião de Buddha, isto pelo anno 61 da nossa éra, durante longos annos de fervorosa fé a cremação foi adoptada; a ella Marco Polo se refere.

A cremação é, por excellencia, uma ceremonia buddhista; o buddhismo prégа a inconsistencia da individualidade, o nada das coisas d'este mundo, a transformação contínua; o corpo do defuncto, reduzido a cinzas, a pó, é pois um exemplo frisante da doutrina.

Depois, desmerecida a fé, os chinezes voltaram ao costume de enterrarem os seus mortos, continuando a cremação apenas para os bonzos; quem haja visitado a cidade de Cantão, recorda-se por certo do templo buddhista de Honam, onde os bonzos não se esquecem de mostrar aos visitantes um armazem contendo avultado numero de boiões, os quaes encerram as cinzas dos bonzos fallecidos no convento.

Mas, para a população em geral, a cremação passou de estylo, é mesmo criminosa; persiste a ideia de que o corpo não deve soffrer mutilação; do corpo mutilado, evola-se mutilado o espirito do defunto.

N'esta ordem de crenças, a pena capital por degolação é a mais infamante e a mais terrivel; pois que o espirito do condemnado irá pairar nos espaços, por toda a eternidade... sem cabeça!...

O Japão, havendo importado da China, pelo anno 700, a religião buddhista, foi-lhe mais fiel, em seus ritos, do que foi a propria China.

A cremação é seguida, desde então até hoje, com raras excepções.

Nos vastos cemiterios, cada tumulo guarda apenas um punhado de cinzas do defunto.

Como disse, ha excepções. Os cadaveres dos soberanos, por exemplo, deixaram de ser cremados; isto ha cerca de dois seculos e meio. Para este caso especial, deve talvez suppôr-se que, sendo o Mikado de uma essencia divina segundo as crenças shintoistas, encontra-se fóra dos pre-

ceitos do buddhismo, a elles superior; morre e desce o corpo á terra, á santa terra do Nippon, como o corpo de um digno descendente dos deuses que fizeram surgir do nada o imperio abençoado.

O Mikado deve ser superior até ao proprio Buddha, por muitas razões, sendo a primeira o orgulho nacional!...

— Falleceu ha poucas semanas, em Tôkyô, o marechal marquez Nodzu, um dos vultos preeminentes dos ultimos conflictos em que este imperio figurou.

Na recente guerra russo-japoneza, onde o marechal commandava o 4.º corpo de exercito, mostrou elle particular estima por um simples sargento.

O sargento era eximio tocador de *fué*, a flauta indigena; e o marechal Nodzu, nas raras horas vagas da sua dura existencia de campanha, costumava mandar chamal-o, deliciando-se então com as melodias do instrumento do seu modesto subordinado.

Conta-se agora que o sargento frequenta o cemiterio onde repousam as cinzas do heroe; e, junto do tumulo, no amoroso intuito de amenisar as eternas monotonias do espirito errante do seu chefe... toca flauta.

FIM DO 1.º VOLUME

INDICE

I

16 DE JANEIRO DE 1907

A proposito do anno findo; uma impressão do anno novo — O inglez Lafcadio Hearn e os seus escriptos — Referencia a uma correspondencia anterior; a proposito de rolhas; considerações despertadas pelo assumpto..... 7

II

30 DE JANEIRO DE 1907

Não ha noticias sensacionaes a relatar de cá — Calmaria na politica — O desenvolvimento das forças internas do paiz prosegue em silencio e na sombra, quasi despercebido de estranhos, lembrando de certo modo o trabalho paciente da formiga, sem apparatos externos que venham despertar a nossa attenção, occupada curiosamente na grande comedia mundial, em scenas onde o espectador tem franca entrada..... 20

III

26 DE FEVEREIRO DE 1907

Negociações para o novo tratado russo-japonez — O incidente americano — Lembranças de boas-festas — Impressões de uma excursão; casos curiosos — Interessante para os que tiverem lido os livros de Hearn..... 32

IV

19 DE MARÇO DE 1907

Recorda-se um caso de ha quarenta e tantos annos; a grammatica japonesa; curiosidades da mesma e divagações a proposito — A palavra «ingra»; narrativa curiosa — Um punhado de noticias..... 42

V

16 DE ABRIL DE 1907

Um ensaio de estudo psychologico — Uma visita á eschola superior feminina de Osaka; as recordações que ficaram d'essa visita — A historia de Kinumê — Commemoração dos esplendores primaveraes do Japão — Os vapores allemães entre Portugal e o Extremo-Oriente..... 55

VI

14 DE MAIO DE 1907

Ultima glorificação da campanha russo-japoneza: um livro de Kuropatkine apprehendido; as revelações do conhecido general russo sobre o seu paiz — Homenagem a tres estrangeiros heroicos; recordação de um acontecimento tragico; o templo de Yasukini — Reminiscencia triste — Representação turca no Japão — Uma exposição industrial em Tokio..... 68

VII

9 DE JULHO DE 1907

Falta de novidades e, consequentemente, aproveitamento de incidentes minusculos; «invasão armada» no Japão; as manobras do Exercito de Salvação; a visita do seu general; o que elle fez n'essa visita; considerações e a conclusão dos factos que se apontam; o Christianismo, o Mahometanismo e o Buddhismo; entrada nas generalidades do assumpto — Uma reminiscencia interessante — O com-

mercio directo de Portugal com o Japão — Convenção franco-japoneza — A' ultima hora: o pedido de protecção contra o despotismo japonez na Coréa..... 78

VIII

6 DE AGOSTO DE 1907

Cavallos que fallam; a phrase de um d'elles — Accordo franco-japonez; apreciação do mesmo — A proposito da integração asiatica — Cousas americanas relativamente ao imperio nipponico — Commentarios — O mundo dos espiritos no Japão — A revista portugueza «Os Serões» e os seus artigos sobre cousas japonezas — O assumpto palpitante da occasião: a Coréa..... 90

IX

2 DE SETEMBRO DE 1907

O accordo russo-japonez — Entre americanos e nipponicos — Na Coréa — Um telegramma agradavel — Palestra com um hollandez; o que este pensa dos japonezes; considerações a proposito — Uma impressão da actualidade: parasitas interessantes e divagações a seu respeito — N'uma carruagem de 2.ª classe de caminho ferro-viario; tres exemplares de tres grandes raças: a branca, a amarella, a negra — Um bom livro..... 101

X

30 DE SETEMBRO DE 1907

A conferencia da Haya; divagações a proposito da mesma — Os acontecimentos de Vancouver — Curiosidades dos funeraes dos nipponicos — O crematorio de Kobe; a sua demolição e substituição por outro; uma guardiã do antigo — Taiko-Sama: o seu castello monumental — Inauguração dos trabalhos do porto de Kobe; cerimonial d'essa inauguração..... 113

XI

28 DE OUTUBRO DE 1907

Um rescripto do mikado; a attenção por elle despertada no mundo occidental; a sua traducção em portuguez — O problema extremo-oriental: um livro interessante sobre o assumpto; algumas das prophecias que contém; considerações a proposito — Outra obra, de que já se fallou, sobre a bibliographia do Japão; nomes portuguezes que na mesma se encontram — Uma curiosidade exotica do Japão para olhos e narizes da Europa; o incenso; do que elle é feito; os seus usos profanos; as suas virtudes — Mais uma aggressão em S. Francisco; inicio de uma lucta de raças; manobras de uma esquadra americana no Pacifico 124

XII

6 DE NOVEMBRO DE 1907

Carta extraordinaria — Confucius e o confucianismo..... 136

XIII

29 DE NOVEMBRO DE 1907

Motim sangrento em Vladivostok — O sentimento anti-nipponico nos Estados-Unidos; algumas considerações a tal respeito — Quem é o conde Okuma; assumpto interessante que se prende com essa personagem — O que ha cinco seculos e meio um escriptor da época dizia sobre a mulher e seus feitiços — O estreito de Shimonoski; batalha sangrenta ahi travada; uma historia commovente a proposito. 148

XIV

30 DE DEZEMBRO DE 1907

Resumo dos ultimos factos — O amor pela symetria e o amor pela assymetria; comparações — O 96.º imperador do Japão; a morte de uma sua filha no exilio; monumento em memoria d'esse successo triste; a historia de um cas-

tanheiro que lhe fica ao lado — A insignificancia individual do povo japonez — Transportes da mulher do Japão — Um gracioso exemplo do culto da limpeza no lar japonez — Ligeiras notas sobre duas divindades — Um livro portuguez sobre o Japão..... 159

XV

29 DE JANEIRO DE 1908

Modificação ministerial; grave crise economica; a sua causa; considerações varias — Trabalho litterario sobre o Japão; observações que contém; reparos por ellas suggeridos — Commercio exterior do Japão; phenomeno economico; as suas causas — Exemplos da sentimentalidade japoneza — Um assumpto ameno: desconhecimento do beijo no Japão..... 170

XVI

12 DE FEVEREIRO DE 1908

Relembra-se a guerra russo-japoneza; um livrinho escripto por um tenente de infanteria japoneza; curiosidades que contém — Um episodio commovente do feudalismo japonez; transcripção de um documento para remate d'essa narrativa tragica — Visita do almirante Kamimura a Macau. 183

XVII

19 DE FEVEREIRO DE 1908

A proposito do Confucionismo; outros systemas philosophicos; o marquez de La Mazelière; o Laoismo e o Taoismo; aphorismos chinezes; extravagancias litterarias da familia japoneza..... 195

XVIII

11 DE MARÇO DE 1908

Sobre o assumpto repetido d'estas cartas; as ideias pacifistas; referencia particular ao imperio japonez — S. exc.ª

Wu Fing Fan; o seu espirito; divagação sobre a deusa Liberdade — A proposito da condemnação de Stoessel — Uma lucta tremenda do seculo XVI; confidencias de uma interessante velhinha—O incidente desagradavel de Macau. 208

XIX

15 DE ABRIL DE 1908

O incidente do «Tatsu-Maru»; consequencias graves d'elle resultantes — As figuras que os pingos de tinta produzem no papel; a proposito dos borrões; as pinceladas que a arte japoneza aproveita; a habilidade nipponica — Ao excursionista que se disponha a visitar os grandes scenarios do Japão; divagação — O dedo sem nome na China e no Japão..... 219

XX

15 DE MAIO DE 1908

Uma carta de Lafcadio Hearn; considerações a proposito da mesma — Uma casinha minuscula; o seu jardim; as impressões recebidas; o «Nirvana»; o que este é — Dois serviçaes de barbaros instinctos: caso a proposito, contado por Lafcadio Hearn — Delicadezas miudinhas dos aspectos no Japão — A armada americana; commentarios a respeito da mesma..... 230

XXI

19 DE JUNHO DE 1908

A evolução da China; o combate contra o vicio do opio; o vicio que ha-de succeder-lhe; o que poderiam os portuguezes fazer no momento presente — Sobre a crise que o Nippon atravessa; a antipathia dos occidentaes pelos japonezes; como se explica essa antipathia — Caso curioso em que entra um estudante conductor de um carro; falla-se a proposito no interesse dos nipponicos pela instrucção; os estudantes pobres — A canção popular cantada pelas «gheishas» e pelo povo; traducção, para portuguez, de duas cantigas japonezas—«Japonisação» do Porto; promessa do auctor d'esta carta para quando os portuenses se «japonisarem» todos..... 241

XXII

14 DE JULHO DE 1908

Ministerio demissionario: crises que o levaram a demittir-se — Ainda os effeitos do caso «Tatsu-Marú» — Repetição de crimes no Japão — A esquadra americana — O célebre bactereologista Koch em Tokyo — Um enforcado; referencias ligeiras como estudo da alma japoneza — Entra em moda no Nippon o sapato feminino; a proposito conta-se a lenda do grande sino de Pekim 251

XXIII

14 DE AGOSTO DE 1908

O que se está desenvolvendo pelo mundo; considerações a proposito — Um commentario a um artigo sobre Macau, apparecido n'um jornal de Hong-Kong — Uma das manifestações do alto respeito tributado pelo povo japonez ao seu imperador — Historia escolar — A festa dos mortos .. 258

XXIV

25 DE SETEMBRO DE 1908

A grande armada americana — Falla-se da crueldade chineza e narra-se a proposito uma crueldade na America; considerações varias — Um pouco de historia antiga — Mais uma nota interessante — Invasão de gatos no Japão..... 266

XXV

13 DE OUTUBRO DE 1908

Uma carta interessante de uma senhora ingleza; confrontos instructivos entre as mulheres occidentaes e as japonezas; commentarios ás phrases da sobredita dama britannica — As mães japonezas; coisas curiosas sobre a amamentação — Dados estatisticos sobre a guerra russo-japoneza..... 273

XXVI

1 DE NOVEMBRO DE 1908

A questão do Oriente; considerações sobre a situação da Turquia; a proposito falla-se do Japão — Exemplo de avançado progresso e exemplos archaicos — A esquadra americana; comparação do que se passa agora com o que occorreu em 1853..... 282

XXVII

26 DE NOVEMBRO DE 1908

Divagações sobre as relações entre a raça branca e amarella; o effeito das victorias nipponicas; o perigo amarello — Ainda divagações ácerca de uma entrevista do embaixador da Austria em Paris; a proposito falla-se da subtilissima previdencia do povo japonez — Revista naval da frota do Japão; o que esta revista representa — Noticias sensacionaes do imperio chinez — Desmentido a uma noticia espalhada na imprensa portugueza; pormenores a este respeito..... 290

XXVIII

15 DE DEZEMBRO DE 1908

Ainda a proposito da armada americana; a fallada alliança americo-chineza; o accordo americo-japonez. — A evolução da Asia — A proposito do desenvolvimento do Japão; uma pagina de um livro de Hakuseki, notavel escriptor, nascido em 1657; o que transpira da leitura d'esta pagina — Passeio n'um cemiterio de Kobe com um compatriota; a cremação, esclarecimento sobre certa materia — O marechal Nodzu, recentemente falecido; um sargento da sua estima..... 299

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

Rua da Condessa, 80—LISBOA

AFFONSO LOPES VIEIRA

O Romance de Amadis (2.ª ed.)	15$00
País Lilás, desterro azul.....	7$00
Diana	10$00
Auto da barca do inferno....	4$00
Bartholomeu Marinheiro	10$00
Canto (O) coral	2$00
Gil Vicente	4$00
Versos	15$00
Povo (O) e os poetas portugueses.	3$00

CARLOS MALHEIRO DIAS

A esperança e a morte (2.ª ed.)	8$00
A Verdade Nua (2.ª ed.).....	9$00
Carta aos Estudantes.....	2$00
Exortação à Mocidade.....	8$00
O «Piedoso» e o «Desejado»..	8$00
Paixão de Maria do Céu (2.ª ed.)	10$00

EDUARDO SCHWALBACH

A Historia da Carochinha...	4$00

H. LOPES DE MENDONÇA

Sangue Português (3.ª ed.)...	8$00
Gente Namorada (2.ª ed.)....	8$00
Lanças n'Africa (2.ª ed.).....	8$00
Capa e espada (2.ª ed.)	8$00
Fumos da Índia (2.ª ed.).....	8$00
Santos de casa	8$00
Almas penadas.....	8$00
Argueiros e cavaleiros.....	8$00
O Crime de Arronches (teatro)	4$00
Vasco da Gama na Historia Universal	2$00
Epopeia de hoje.....	2$00
Lux perpetua	3$00
Orphãos de Calecut.....	15$00
Trovas de Portugal.....	1$00
A Morta (2.ª ed.) (teatro)....	8$00

JOÃO DE DEUS

Campo de Flores, 2 vols.....	25$00

JOÃO DO RIO

A Mulher e os Espelhos.....	8$00
Rosario da Illusão.....	8$00
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.).....	7$00
Eva, 3 actos.....	7$00
Bella Madame Vargas, 3 actos.	7$00
Que pena ser só ladrão.....	7$00
Na conferencia da paz, 2 vols.	10$00

WENCESLAU DE MORAES

Serões no Japão, 1 vol.....	12$00
Relance da alma japoneza, 1»	12$00
Edições especiaes em papel couché.....	25$00
Cartas do Japão, 3 vols.....	30$00
Ed. esp. em papel couché ..	60$00

JÚLIO DANTAS

Cartas de Londres	8$
Como elas amam (3.ª ed.)....	8$
Espadas e rosas (5.ª ed.).....	8$
Mulheres (6.ª ed.).....	9$
Sonetos (5.ª ed.).....	4$
Abelhas doiradas (2.ª ed.)....	8$
Ao ouvido de M.me X (5.ª ed.).	9$
Os galos de Apollo (2.ª ed.) .	8$
Êles e Elas (4.ª ed.).....	8$
Arte de Amar (2.ª ed.).....	8$
O Heroísmo, a eleg.ª, o amor..	6$
Outros tempos (3.ª ed.).....	8$
Figuras de ontem e de hoje..	8$
Patria Portuguesa (4.ª ed.)..	10$
O amor em Portugal no século XVIII (3.ª ed.).....	12$
Eva.....	10$

TEATRO:

A Severa.....	8$
D. João Tenorio, 6 actos.....	8$
Rosas de todo o anno.....	2$
1023, episodio em verso.....	2$
Auto de El-Rei Seleuco.....	3$
Um serão nas Laranjeiras...	8$
A Castro.....	3$
Sôror Mariana.....	3$
D. Beltrão de Figueirôa.....	3$
Primeiro beijo	2$
Mater Dolorosa.....	3$
D. Ramon de Capichuela....	2$
Paço de Veiros.....	4$
Carlota Joaquina.....	3$
Rei Lear.....	9$
Santa Inquisição	6$

L. A. REBELO DA SILVA

Contos e Lendas	6$
Casa dos phantasmas	7$
Lagrimas e thesouros.....	7$
Odio velho não cansa	7$
A Mocidade de D. João V (2 vols.)	15$

PEDRO IVO

Sello (O) da Roda	6$
Contos (no prélo)	
Serões de inverno.....	6$

SAMUEL MAIA

Sexo forte	8$
Entre a vida e a morte	7$
Luz Perpétua	7$
Mudança d'ares.....	10$
Por terras estranhas.....	4$
Manual de medicina.....	15$
Meu (O) menino	10$

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00027413175